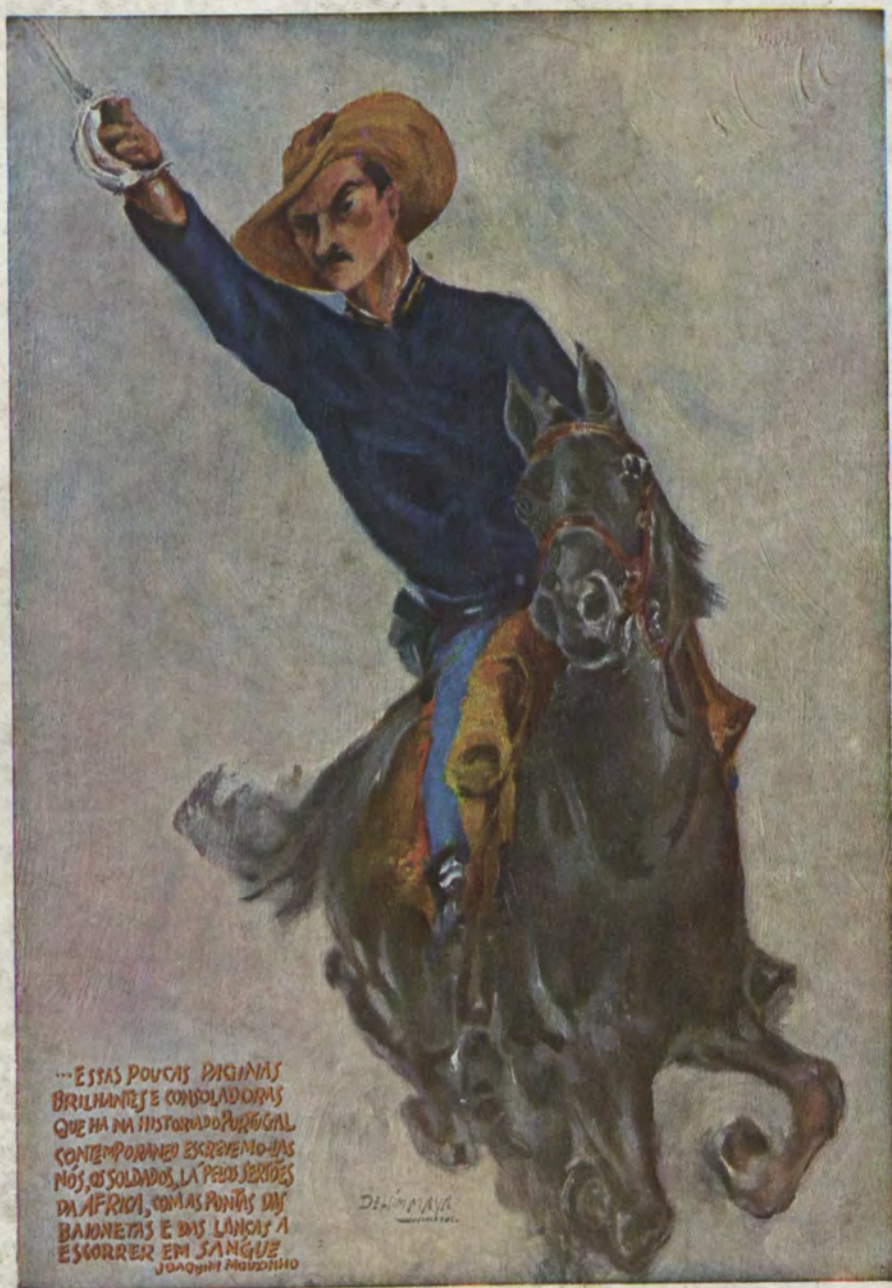


Revista da Cavalaria

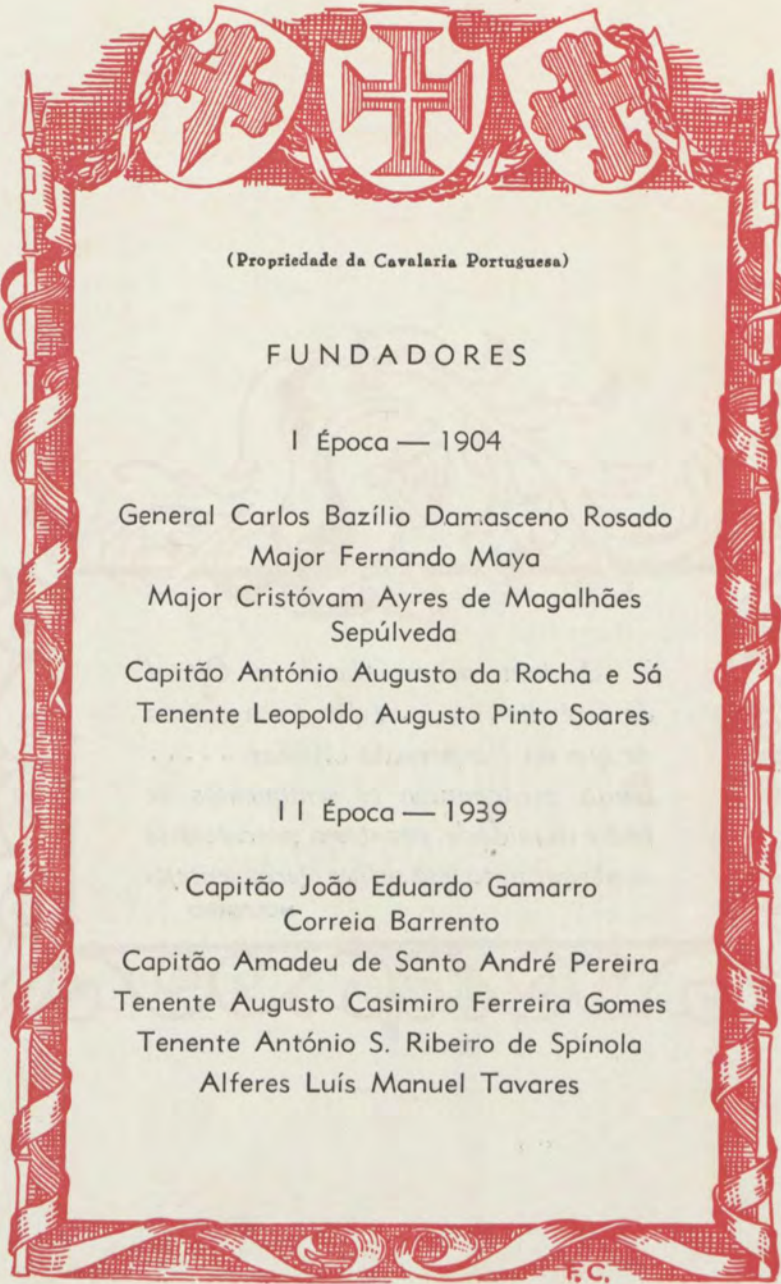


ANO DE 1971



*Se tanto me orgulho de ser Oficial
do Exército é por ter a certeza
de que na Corporação Militar
ainda predominam os sentimentos de
brio e dignidade, prontos a patentear-se
desde que para isso se lhes ofereça ensejo.*

MOUSINHO



(Propriedade da Cavalaria Portuguesa)

FUNDADORES

I Época — 1904

General Carlos Bazílio Damasceno Rosado

Major Fernando Maya

Major Cristóvam Ayres de Magalhães
Sepúlveda

Capitão António Augusto da Rocha e Sá

Tenente Leopoldo Augusto Pinto Soares

II Época — 1939

Capitão João Eduardo Gamarro
Correia Barrento

Capitão Amadeu de Santo André Pereira

Tenente Augusto Casimiro Ferreira Gomes

Tenente António S. Ribeiro de Spínola

Alferes Luís Manuel Tavares

F.C.



(Propriedade da Cavalaria Portuguesa)

DIRECTOR

General Manuel Ferreira Peixoto da Silva

COMISSÃO DE REDACÇÃO

Coronel-Tir.º António Ferreira de Carvalho
Freire Damião

Coronel António Vaz de Carvalho
Viana Crespo

Coronel Fernando Rodrigues de Sousa Costa

SECRETÁRIO

Tenente Mil.º José Correia de Jesus Tavares

TESOUREIRO

Tenente José Augusto Inácio

SEDE

DIRECÇÃO DA ARMA DE CAVALARIA
Calçada da Ajuda — LISBOA

Comp. e imp. nos Serviços Gráficos da Liga dos Combatentes

Preço: 45\$00

F. C.

SUMÁRIO

— *General Peixoto da Silva* — Doze Anos Depois 7

Historial, Tradição e Culto da Arma:

— Missão Cumprida 14
— General Manuel Ferreira Peixoto da Silva 17
— General António Maria Meira e Cruz 21

— *Dia da Cavalaria em 1971:*

Relato das Cerimónias 25
Saudação do General Director da Arma 26
Na Escola Prática de Cavalaria 26
No Regimento de Lanceiros n.º 1 36
No Regimento de Lanceiros n.º 2 38
No Regimento de Cavalaria n.º 3 40
No Regimento de Cavalaria n.º 4 42
No Regimento de Cavalaria n.º 6 46
No Regimento de Cavalaria n.º 7 50
No Regimento de Cavalaria n.º 8 50
Em Cabo Verde 52
No Centro Militar de Instrução do Cumeré 54



Em Bafatá	56
Em S. Tomé	57
Em Silva Porto	58
Placa Mousinho	63
— <i>Quadro de Honra</i>	66
— <i>Tributo de Sangue:</i>	
Rol dos Cavaleiros Mortos em Campanha	67
Rol dos Cavaleiros Feridos em Combate	74
— <i>Homenagem:</i>	
Cruz de Guerra	81
Serviços Distintos com Palma	99
Prémios Governador	114
Louvres Colectivos e Citações	115
— Resumo da Acção em Campanha das Unidades Regressadas em 1971	135
Noticiário da Escola Prática de Cavalaria:	
— Tirocínio para Oficiais do Quadro Permanente	158
— Actividades da EPC em 1971	159
Doutrina e Cultura Militares:	
— <i>Ten.-Cor. Duarte Silva</i> — Um Artigo	167
— <i>Ten.-Cor. Vicente da Silva</i> — Uma Cavalaria em Agonia?	174
— <i>Major Almeida e Brito</i> — Conversando sobre Segurança Militar	182
— <i>Ten.-Cor. Fonseca Lage</i> — Alguns Conceitos sobre a Conduta de Guerra Subversiva no Leste de Angola	189
— <i>Capitão Fernandes Faia</i> — Polícia Militar — Uma Opinião	197



— <i>Coronel Pimenta de Castro</i> — Emprego da Cavalaria Clássica na Luta contra a Subversão	204
— <i>Ten.-Cor. Oliveira Guimarães</i> — Breves e Soltas Impressões da Guiné 71	221
— <i>Alferes Mil.º Gabriel Caires</i> — Acção «Leonardo»	225

Hipismo:

— <i>Coronel Viana Crespo</i> — Ronda do Ano Hípico de 1971	233
— Galeria dos Vencedores	247

Jornais, Revistas, Livros:

— A Cavalaria Ligeira Blindada	254
— As Unidades de Reconhecimento em França e nos Países Estrangeiros	260
— Míssil Guiado «Redeye»	271
— Aspectos Inesperados da Guerra no Deserto	273

Estátua de D. Nuno Álvares Pereira	275
---	-----



Revista da Cavalaria

ANAIS DA CAVALARIA PORTUGUESA

Ano de 1971

DOZE ANOS DEPOIS



Decano dos Generais oriundos da Arma de Cavalaria no activo, assumi as funções de seu Director com muito agrado e com o maior orgulho. Com muito agrado, porque entendo que um Oficial que escolheu uma Arma por amor da arte, nunca se pode cansar dela e muito menos desperdiçar uma oportunidade que se lhe ofereça de lhe poder ser útil.

Com o maior orgulho, porque ser Director duma Arma que tão boas provas tem dado de si em Campanha, é uma grande honra.

Estávamos em 1960, quando deixei de exercer o último cargo dentro da Arma, para ir frequentar o C. A. C.. Tomo, portanto, de novo, o contacto com ela, doze anos depois.

Para as missões específicas da Arma, não haveria, ao tempo, muitas Unidades — de Reconhecimento e Carros —, mas

Revista da Cavalaria

as que havia tinham a constituição e o material adequado, podendo mesmo afirmar-se que todos os Subalternos, mesmo os Alferes após o Tirocínio, se encontravam habilitados a ministrar a Tática da Cavalaria.

Os Alferes de então são hoje Majores e, como tal, além de poucos, não estão já em posição de desempenhar funções de Instrutores.

Por outro lado, por razões imperiosas de uma guerra que temos de sustentar, todo o esforço da Instrução foi orientado no sentido da preparação dos Quadros para essa guerra. Assim, como consequência da deformação didáctica que se operou, verifica-se, não só uma tremenda confusão na aplicação dos princípios da Tática, como uma dificuldade cada vez maior dos Capitães e Subalternos de Cavalaria disporem de tempo para se dedicarem mais atentamente à Tática da sua Arma.

Chegam-me aos ouvidos os clamores da Cavalaria para que a Arma não seja destituída das suas missões específicas.

Já lá vai o tempo em que o Director de uma Arma tinha influência nos destinos da sua Arma.

Presentemente, o seu campo de acção encontra-se muito limitado, mas por ser o da Instrução aquele que, praticamente, está todo à sua responsabilidade, desde já prometo que enviarei todos os meus esforços no sentido da Arma de Cavalaria não deixar de ser o que deve ser.

Todos sabem que o País teve que lançar mão do Exército para remediar a falta de efectivos de Polícia que eram, e ainda são insuficientes para o estabelecimento da rede de Segurança Pública necessária nas Províncias Ultramarinas, para a manutenção da ordem. Como tal, teve o Exército que passar a desempenhar operações mais próprias das Forças de Polícia do que das Forças Militares, operações essas que não se coadunam, nem com a natureza, nem com a orgânica das Unidades das Armas, especialmente de Artilharia e Cavalaria, com certo grau de especialização. Houve, portanto, necessidade de «stan-

Revista da Cavalaria



General Manuel Ferreira Peixoto da Silva

Revista da Cavalaria

dardizar», de certo modo, as Armas para aquele fim. Sem dúvida que neste tipo de guerra também há lugar para o emprego daquelas duas Armas nalgumas das suas missões específicas, mas ainda bem para todos nós que não é em grande escala, pois então a guerra que estaríamos enfrentando seria outra, com preponderância, não de operações de polícia, mas sim de operações puramente militares.

Neste particular, se ponderarmos que são os países comunistas que fomentam a desordem nas nossas Províncias Ultramarinas, e que está dentro dos seus princípios o uso da força, se não conseguirem os seus objectivos pelos processos indirectos com que iniciam o ataque da sua presa, temos que concluir que o recurso à «standardização» das Armas a que aludi, não pode deixar de ser transitório.

Será de facto ingenuidade da nossa parte não acreditar que, dentro de pouco tempo, Russos e Chineses estarão já instalados em África, em número e em força.

Haverá então necessidade, em escala da importância da área das nossas Províncias Ultramarinas, de organizar Forças Convencionais adequadas para a sua defesa.

A Cavalaria não faltarão também espaço, terreno propício e oportunidade para o emprego das suas Unidades de Reconhecimento e Blindadas, desde a tomada de contacto, até à exploração do sucesso, afigurando-se mesmo que, perante tão grande extensão de fronteiras e linhas de comunicações, as Unidades de Reconhecimento, muito aptas para economizar forças importantes (G. U. para outras missões), venham a ter um grande papel a desempenhar.

Não é portanto caso para desânimos. Face à doutrina que temos que respeitar, todas as Armas continuam a ser necessárias, e com as Unidades e materiais adequados, tanto mais que o doseamento de potencial de combate das Unidades para os diferentes fins, em guerra convencional, é sagrado, e não se pode estar a modificar a nosso belo prazer.

Revista da Cavalaria

Até os próprios cavalos, se não tivessem sido banidos da Cavalaria, teriam prestado inestimáveis serviços no Ultramar.

Como em 1961, em Angola, tinha já sentido a sua falta, não é por facciosismo que apoio inteiramente a ideia, que vim encontrar, de criar de novo algumas Unidades a Cavalos.

Na verdade, o cavalo é o único meio susceptível de reunir em si as três características indispensáveis a uma operação de combate completa, isto é, com princípio e fim, e, portanto, de efeitos positivos, pois permite:

- aproximar-se do IN sem ser pressentido;
- manter o contacto físico com o IN durante toda a acção;
- uma capacidade de resistência superior à do IN na perseguição;
- e, consequentemente,
- executar uma exploração do êxito eficaz.

Exactamente porque o IN sabe que o cavalo permite ao homem fazer tudo isto, o cavalo tem ainda sobre o IN um efeito psicológico decisivo para a sua completa desmoralização.

Lembremo-nos, contudo, que esta guerra, apesar de ser feita com toda a simplicidade e parcimónia, implica o dispêndio de verbas que não podem deixar de ter os seus reflexos na economia da Nação, e que sem tempo não se pode recuperar o desfogo indispensável para resolver todos os problemas.

Tenhamos pois confiança.

Porém, se é certo que sofrendo pacientemente com a Arma todas as suas vicissitudes nos valorizamos moralmente, seria falta imperdoável não cuidarmos de valorizar também os nossos conhecimentos. Não podemos esquecer que a Vitória pertence geralmente ao Comandante com maior competência profissional.

Revista da Cavalaria

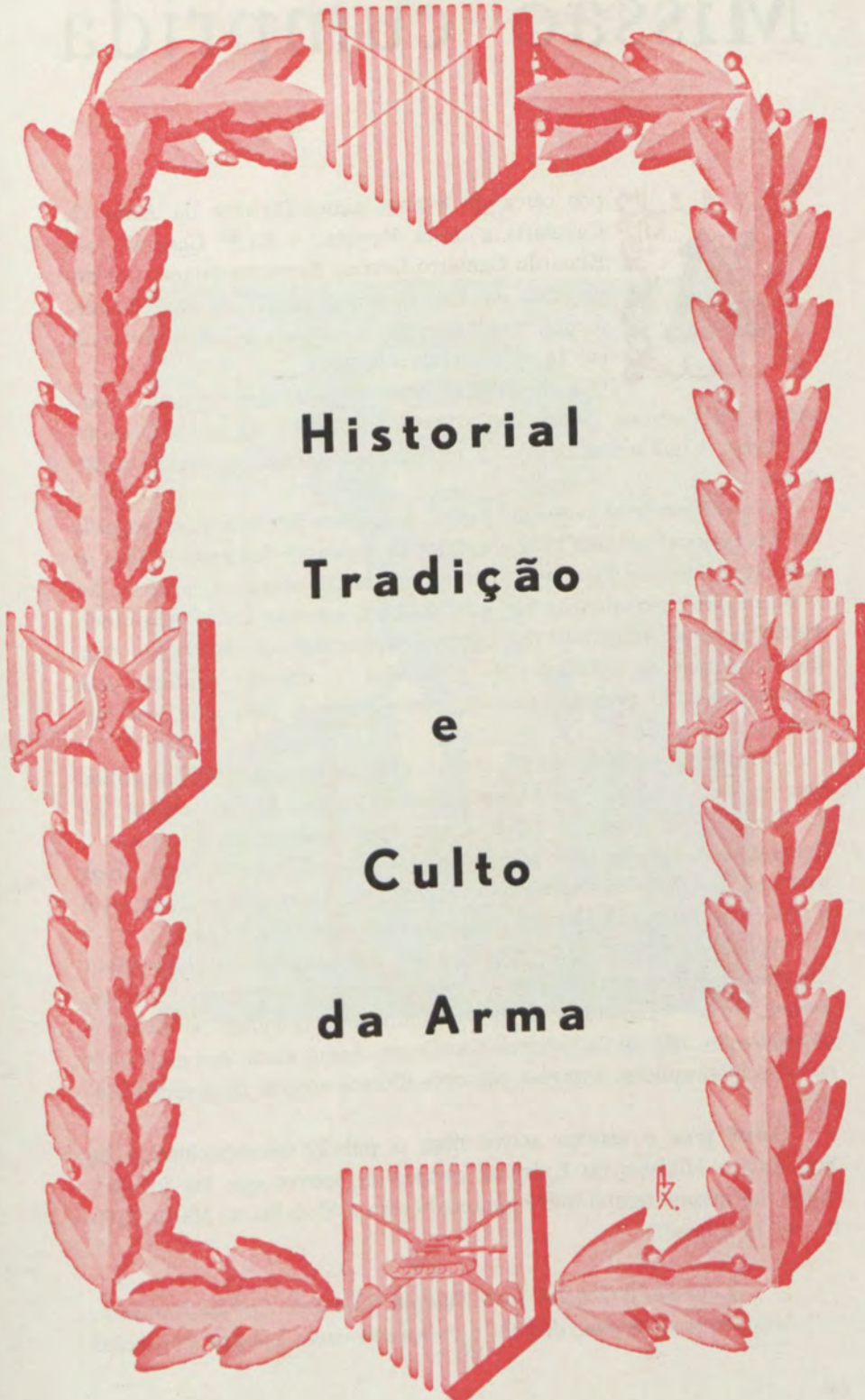
Residindo neste princípio o espírito forte da Cavalaria, é portanto forçoso que, com meios adequados ou sem eles, continuemos a cuidar da nossa verdadeira preparação profissional, custe o que custar.

De contrário, a Cavalaria jamais será aquela Arma que todos os Chefes desejam ter junto deles, nas situações difíceis.

Através da «Revista da Cavalaria», saúdo todos os Cavaleiros com a maior admiração.

General PEIXOTO DA SILVA





Historial

Tradição

e

Culto

da Arma

Missão cumprida



pós cerca de 3 anos como Director da Arma de Cavalaria e desta Revista, o Ex.^{mo} General João Eduardo Gamarro Correia Barrento deixou, por imperativo da Lei, o serviço activo e, consequentemente, estas funções, ao atingir o limite de idade em 14 de Novembro de 1971.

Oficial distinto, inteligente e extremamente dedicado à sua carreira, evidenciou, através de toda ela, as suas qualidades de chefia, e que o distinguiram à medida que ascendia na escala hierárquica.

Notabilizando-se também, mesmo ainda nos postos superiores, pela sua excepcional aptidão para a prática de qualquer das modalidades de Equitação, de que foi um brilhante executante, alcançou, através dos inúmeros troféus conquistados, quer no País, quer no Estrangeiro, individualmente ou integrado nas equipas representativas da Nação, uma posição ímpar na equitação de obstáculos, o que lhe conferiu, não somente elevado prestígio pessoal, como também para as Cores Nacionais.

Depois da ascensão ao Quadro de Oficiais Generais, desempenhou uma comissão militar em Angola como Comandante de Sector; foi 2.º Comandante Geral da GNR e, em 1966, após a sua promoção a General, é designado para comandar a Região Militar de Évora, onde permaneceu até lhe ser entregue a Direcção da Arma de Cavalaria, com o que culminou a sua carreira militar no activo.

Após uma vida de consagração à sua Arma, mercê das suas elevadas qualidades pessoais, às quais não é estranha a lhanza de trato, deixou o Ex.^{mo} General Correia Barrento bem vinculada a estima e consideração, não só de todos os Cavaleiros, como ainda dos mais altos escalões hierárquicos, expressa por estes últimos através de diversos louvores.

Deixa pois o serviço activo com o público reconhecimento de Sua Ex.^a o Ministro do Exército, através do louvor que lhe foi atribuído, ao mesmo tempo que é agraciado com a Medalha de Mérito Militar de 1.^a Classe:

«Louvado o General João Eduardo Gamarro Correia Barrento, pela forma dedicada, distinta e entusiasta como exerceu as funções

Revista da Cavalaria



General João Eduardo Gamarro Correia Barrento

Revista da Cavalaria

de Director da Arma de Cavalaria durante quase três anos, e que agora deixou por ter passado à situação de reserva.

Oficial sempre inteiramente devotado à sua Arma, que honrou tanto no País como no Estrangeiro, o General Correia Barrento constitui um notável exemplo para os jovens militares, pela sua correcção inexcedível, aprumo militar, e zelo pelo serviço. Mesmo na situação de reserva, muito pode ainda o Exército esperar da sua dinâmica acção.»

Ao prestar-lhe a homenagem de gratidão a que tem direito pelos serviços prestados à Arma de Cavalaria, desejam-lhe os Cavaleiros as maiores felicidades nos cargos para que, por certo, virá a ser designado, e onde terá oportunidade de evidenciar a vasta gama das suas faculdades.



Manuel Ferreira Peixoto da Silva



listou-se como voluntário em 25 de Novembro de 1925, data em que ingressou na Escola Militar, onde, mercê das suas aptidões, foi seleccionado para a Arma de Cavalaria, cujo curso terminou em 1928.

Promovido a Alferes e colocado no Regimento de Cavalaria N.º 7 em 1 de Novembro do mesmo ano, iniciou, logo em seguida, o Tirocínio na Escola Prática de Cavalaria, então aquartelada em Torres Novas, sua terra natal, onde, desde sempre, se fora familiarizando com o contínuo e activo tropear das forças a cavalo, que se processava nas imediações do aquartelamento, e identificando com o notável Espírito da Arma, tão recheado de alegre e sadio pundonor e desportivismo, de que veio a ser um elevado exemplo, e que caracterizava todos os que, no decorrer dos anos, se iam rendendo na labuta diligente da *Casa da Cavalaria*.

Convidado para ficar na referida Escola de Cavalaria, nela foi colocado em 10 de Agosto de 1929 e aí permaneceu até 10 de Setembro de 1942. A sua aptidão e gosto pela equitação e pelo desporto hípico levaram-no a uma intensa actividade equestre. De facto, convidado para a frequência do Curso de Aperfeiçoamento, do qual saiu com a classificação de Mestre de Equitação, disputou numerosos Campeonatos de de Cavalo de Guerra — então a prova hípica militar por excelência —, em que obteve vários 1.ª lugares, e frequentou, durante largos anos, os concursos hípicos, nos quais chegou a representar o País, tanto aquém como além fronteiras.

Muito estudioso e dedicado à sua Arma, não se deixou, no entanto, absorver totalmente pela equitação. Na realidade, desde cedo se evidenciou como um excelente Instrutor, muito desembaraçado e competente, possuidor de elevados conhecimentos, íntegro de carácter e de destacada personalidade.

Frequentou vários cursos e estágios de especialização da Arma e de interesse militar, entre os quais se salientam o Curso de Autometralha-

Revista da Cavalaria

doras em Melin, o estágio no «5ème Dragon Portée», em Lion, o Curso de Carros de Combate, no Centro de Instrução de Blindados, e os Cursos de Topografia Militar Aplicada e Fotogrametria.

Em 1945, tomou parte na expedição militar a Timor, onde teve um comportamento relevante.

Prestou serviço no Estado-Maior do Exército, onde colaborou intensamente no levantamento da Carta Militar de Portugal, como Chefe de Equipa, de Brigada Topográfica, Adjunto e Chefe da Divisão de Fotogrametria e no Rearmamento do Exército, tendo-se deslocado, dentro destas últimas actividades, várias vezes ao estrangeiro, nomeadamente a Inglaterra.

Frequentou o Curso de Promoção a Oficial Superior da Arma, no Instituto dos Altos Estudos Militares, em 1948, o qual terminou com a classificação de *Muito Apto*, e para o qual foi nomeado Professor, depois de ter sido promovido ao posto de Major, em 17 de Novembro de 1950. Cumulativamente com estas funções, que exerceu durante cerca de 6 anos, tomou parte em quase todas as Manobras da Divisão SHAPE, no Campo de Instrução Militar de Santa Margarida, quer no Serviço de Arbitragem, quer como Comandante de Unidade em manobras, nomeadamente de Carros de Combate. Foi 2.º Comandante do Regimento de Cavalaria N.º 3 e fez também parte, durante vários anos, da Comissão Internacional de Limites de Fronteiras entre Portugal e Espanha.

Em todas estas funções se evidenciou pelas suas qualidades pessoais e profissionais, merecendo as melhores referências, elevada estima e consideração de todos os que com ele contactaram.

Em 1958, voltou à Escola Prática de Cavalaria, agora já em Santarém, e já nas funções de Comandante, onde se manteve até ser chamado, em 1960, para o Curso de Altos Comandos, período em que também fez parte da Comissão de Estudos e Regulamentos da Arma.

Em Junho de 1961, terminado o Curso de Altos Comandos, e ainda Coronel Tirocinado, é nomeado, por escolha, para o Comando de um Agrupamento em Angola. E é nesses conturbados dias do início da subversão, perante a forte interrogação que a todos os espíritos se apresenta sobre o volume, a amplitude, as formas de actuação e a evolução dos movimentos subversivos, bem diferentes dos habituais problemas da guerra clássica, que, nitidamente, se evidenciam as suas qualidades de trabalho, a segurança do seu raciocínio, o método de planeamento e estruturação do dispositivo, a firmeza no Comando e na utilização dos poucos meios de que lhe é possível dispor, e que permitiram as nume-

Revista da Cavalaria

rosas e vitoriosas operações que se realizaram nos Sectores 3 e A, e, mais tarde, na Zona Leste, nomeadamente as acções iniciais de Namuangongo e Pedra Verde.

Da forma como se desempenhou desta espinhosa missão, fala-nos, por forma bem explícita, o louvor que lhe foi concedido:

«Louvado, pelas notáveis qualidades evidenciadas no Comando do Agrupamento N.º 3 no decurso da sua actividade na Região Militar de Angola. Tendo-lhe sido confiado inicialmente o difícil Sector dos Dembos, ali planeou, orientou e conduziu operações de grande influência na evolução da situação no Norte da Província. Assumindo, depois, a responsabilidade do Sector Litoral Norte, com características bastante diversas do anterior, rapidamente se apercebeu o Brigadeiro Peixoto da Silva dos aspectos mais relevantes da actividade a desenvolver, promovendo inteligentes e bem concebidas medidas tendentes à captação e controle das populações e fixando e desenvolvendo um esquema de acção que lhe permitiu coordenar perfeitamente as operações de repressão com os processos de recuperação das populações transviadas. Designado, finalmente, para o Comando da Zona Leste da Província, soube tirar partido da organização já existente, mantendo-lhe o impulso inicial, revigorando-a e aperfeiçoando o que nela se mostrava ainda susceptível de ser melhorado, por forma a extrair dos meios ao seu dispor todo o rendimento possível. Continuou, assim, o Brigadeiro Peixoto da Silva a dar plena confirmação da sua flexibilidade intelectual, que, aliada à sua competência, carácter e espírito de missão, lhe mereceu a confiança do Comando da Região de Angola e conduziu a que os serviços prestados ao Exército e à Nação sejam, muito justamente, considerados extraordinários, relevantes e distintos.»

De regresso do Ultramar, em Setembro de 1963, voltou, novamente, ao Instituto de Altos Estudos Militares, como Professor do Curso de Altos Comandos.

Em 1966, acompanhou os Ministros da Defesa de Portugal e de França na visita que fizeram aos Açores.

Em 23 de Fevereiro de 1967 foi promovido a General, e em 1969, por ter excedido o período que por lei é dado para o exercício das funções de Professor do I. A. E. M., deixou de exercer este cargo para ir assumir as funções de Governador Militar dos Açores, situação em que se manteve durante dois anos, tendo-lhe, aquando da sua saída do

Revista da Cavalaria

Instituto, sido concedido, por Sua Ex.^a o Ministro do Exército, o louvor que a seguir se transcreve:

«Louvado, por, durante os seis anos em que foi Professor de Tática do Curso de Altos Comandos, e em que confirmou os seus vastos conhecimentos militares e um elevado grau de sentido tático, que continuamente aperfeiçoou, ter transmitido esses conhecimentos, pela melhor forma, a todos os Oficiais que frequentaram os Cursos de Altos Comandos. Oficial dotado de excelentes qualidades de carácter, muita lealdade, grande correcção e exemplar modéstia, em tudo demonstrou o seu real valor profissional, contribuindo, assim, notavelmente, para a actualização e eficiência do ensino da Tática, prestando à preparação dos Cursos de Altos Comandos serviços que, com toda a justiça, devem ser considerados de muito mérito.»

Além dos numerosos louvores que lhe foram conferidos, possui as seguintes condecorações:

- Medalha Militar de Prata de Comportamento Exemplar;
- Medalhas de Mérito Militar de 3.^a, 2.^a e 1.^a Classes;
- Grau de Oficial e Comendador da Ordem de Aviz;
- Medalha de Prata de Serviços Distintos com Palma;
- Medalha de Ouro de Comportamento Exemplar;
- Medalhas das Campanhas de Angola e da Expedição a Timor.

Em Novembro de 1971, após o desempenho do cargo de Governador Militar dos Açores, regressou o General Peixoto da Silva ao Continente, e à Direcção da Arma de Cavalaria, onde, depois de doze anos de ausência, lhe foram cometidas as funções de Director.

Antônio Maria Meira e Cruz



o dia 30 de Maio de 1971, faleceu o General Antônio Maria Meira e Cruz que, além de oriundo da Arma de Cavalaria, antes de ingressar no Corpo do Estado-Maior, esteve, por várias vezes, ligado directamente aos assuntos da nossa Arma, particularmente quando atingiu os mais altos postos da sua Carreira Militar.

Se outras razões não houvesse, essa seria bastante para ser recordado nas páginas desta Revista.

A sua formação militar teve origem nos bancos do Colégio Militar, com a frequência do respectivo curso, ingressando, em seguida, na então Escola Militar, onde concluiu o Curso de Cavalaria, em 1924.

A sua primeira colocação foi no R. C. 1 e, pouco tempo depois, era transferido para a Escola de Equitação (mais tarde Escola Prática de Cavalaria), onde se dedicou aos assuntos de maior tecnicismo da Arma, frequentando os Cursos de Metralhadoras de Cavalaria e Sinais (1926), Transmissões (1930/31), e Informação e Observação (1935), e ali vindo a desempenhar, com a maior proficiência e durante vários anos, as funções de Instrutor.

No ano lectivo de 1937/38 frequenta o Curso de Estado-Maior, que conclui com a classificação final de **DISTINTO**, ingressando no Quadro de Oficiais do Corpo de Estado-Maior em 1940.

Paralelamente às suas actividades técnicas, dedica-se também às desportivas, não só através do Hipismo, em que obteve vários prémios nas Provas Hípicas Regimentais, mas muito particularmente na Esgrima, sendo de assinalar o Campeonato Militar de Espada para Oficiais em 1938, onde se classificou em 2.º lugar, e o Torneio de Esgrima na África do Sul (1942), em que tomou parte.

Designado para missões especiais ao Estrangeiro — União Sul Africana (1942), França (1952/53) e Alemanha (1959) —, completa a sua preparação militar com a frequência do 4.º Curso do Colégio de Defesa da OTAN, em Paris (1953/54).

Além das funções já referidas anteriormente, no início da sua carreira militar, destacam-se entre outras as de Instrutor da 12.ª Cadeira (Táctica Geral) da Escola do Exército (1938 e 1939/40), as de Sub-

Revista da Cavalaria

-Chefe do Estado-Maior do Quartel General da Província de Moçambique (1940/44), Vogal da Comissão para elaborar o projecto do novo Regulamento de Continências e Honras Militares (1947), Sub-Chefe e Chefe do Estado-Maior do Quartel General do Governo Militar de Lisboa (1947 e 1948) e Chefe do Estado-Maior do Quartel General da 3.^a Região Militar (1948 a 1954).

Frequentando o Curso de Altos Comandos no ano lectivo de 1954/55, é promovido, por escolha entre os Coronéis Tirocinados da Arma de Cavalaria, a Brigadeiro, em Agosto deste último ano, indo assumir as funções de Inspector da 2.^a Inspecção de Cavalaria, que veio a desempenhar desde 10 de Outubro de 1955 a 13 de Maio de 1957.

Do alto apreço em que sempre foi tido, quer pela integridade do seu carácter, quer pela sua competência técnica, excelentes qualidades de trabalho, verdadeira dedicação, exemplo de delicadeza e dignidade nas relações com camaradas e o Comando, notável espírito de organização, quer ainda pelo culto que sempre manifestou pela dignidade das Instituições Militares, são testemunho os muitos e expressivos louvores que lhe foram concedidos pelos mais diversos Comandos, inclusivé dos mais altos escalões, fazendo-se extratos do que lhe foi concedido pelo então Director da Arma de Cavalaria, por ter directa ligação com a Arma quando, ao tempo, o Brigadeiro Meira e Cruz era Inspector:

(...) conhecimentos profundos de todos os problemas que interessam à Arma de Cavalaria (...)

(...) ponderação e esplêndida formação pedagógica, revelada não só na forma como tem sabido orientar e coordenar a instrução dos Regimentos da sua Inspecção, como também no estudo de problemas doutrinários (...)

(...) o tornam especialmente qualificado para altos cargos militares e me levam a considerá-lo um distinto Oficial General (...).

Nomeado Comandante da Divisão Sul (F. IN), nas Manobras Anuais de Setembro/Outubro de 1956, é ainda como Brigadeiro que assume as funções de Director Interino da Arma de Cavalaria, em 8 de Novembro de 1956, funções que, efectivamente, continuou a desempenhar depois de promovido a General, em Maio de 1957, e até 16 de Dezembro de 1958.

Além destas missões, é designado para o desempenho das funções de Oficial às Ordens dos Governador Geral da União Sul Africana e

Revista da Cavalaria



General António Maria Meira e Cruz

Revista da Cavalaria

Presidente da República do Paquistão, que visitam o nosso País no ano de 1957.

Cumulativamente, desempenha as funções de Vogal do Conselho Superior do Exército (1957 a 1960) e em 1958 é escolhido para os elevados cargos de Comandante da 3.^a Região Militar e, simultaneamente, da 3.^a Divisão (SHAPE).

Toma então parte nas Manobras Anuais de Agosto de 1959 e no Exercício «Side-Step», na Alemanha, em Setembro do mesmo ano, como Comandante da 3.^a Divisão.

Com a reorganização militar territorial, assume o Comando da 2.^a Região Militar até 13 de Abril de 1961.

Nomeado Vogal do Conselho Superior de Disciplina do Exército em 1962, é, em 1963, designado para o alto cargo de Governador Militar dos Açores, cargo onde se manteve até Outubro de 1965, e de onde regressou com a sua saúde profundamente abalada, vindo ainda a desempenhar as funções de Vogal do Supremo Tribunal Militar em 1968.

Depois de 50 anos de serviço activo, transitou para a situação de reserva em 15 de Dezembro de 1969, e, à data do seu falecimento, estava investido nas funções de Vogal do Supremo Tribunal Militar.

Da forma como se desempenhou de todas estas elevadas funções, são significativos os louvores que foram atribuídos ao General Meira e Cruz pelos General Comandante do Corpo do Exército em Manobras e Ministro do Exército. Além de muitos outros que constam da sua folha e que atestam a personalidade do Militar extinto, grangeou ainda este Oficial General, pelos seus elevados méritos, as seguintes condecorações nacionais e estrangeiras:

Medalha Militar de Prata da Classe de Comportamento Exemplar (1932), Cavaleiro da Ordem Militar de Avis (1933), Cruz de Mérito Militar com distintivo branco de 1.^a Classe do Governo Espanhol (1941), Oficial da Ordem Militar de Avis (1942), Comendador da Ordem Militar de Avis (1945), Medalha de Mérito Militar de 2.^a Classe (1950), Grande Oficial da Ordem Militar de Avis (1955), Medalha de Ouro da Classe de Comportamento Exemplar (1958), Medalha de Mérito Militar de 1.^a Classe (1959) e Medalha de Ouro Comemorativa do 5.^o Centenário da Morte do Infante D. Henrique (1961).

Ao Ex.^{mo} General Meira e Cruz, a Cavalaria, através desta publicação, presta a última homenagem.

Dia da Cavalaria em 1971

RELATO DAS CERIMÓNIAS



Como já é tradicional, e através dum sentimento que, em cada ano que decorre, mais se vai radicando, nas Unidades de Cavalaria, quer da Metrópole, quer do Ultramar, e, destas últimas, não só nas aquarteladas em zonas pacíficas, como também nas situadas em zonas operacionais, foi comemorado o Dia da Cavalaria, no ano de 1971.

Se é certo que, sobretudo algumas Unidades, em longínquas regiões, por estarem envolvidas em operações de combate, não puderam dar às cerimónias aquele brilho que os Cavaleiros responsáveis desejariam, não deixam as mesmas de ter jus, como todas as outras, ao maior apreço por, de uma ou de outra forma, terem assinalado o Dia da sua Arma e prestado homenagem ao seu Patrono — MOUSINHO DE ALBUQUERQUE.

A semelhança dos anos anteriores, as solenidades em diversas Unidades foram presididas por altas entidades.

Não sendo possível dar, através das páginas desta Revista, a devida divulgação a todas elas, apenas se faz menção da essência das cerimónias em algumas.

Na Metrópole, em sequência do critério anteriormente adoptado, a Unidade escolhida para a realização das solenidades de maior projecção foi a Escola Prática de Cavalaria, e a elas presidiu o Ministro da Defesa Nacional e do Exército, estando presentes outras altas entidades militares, entre as quais o Director da Arma de Cavalaria.

Revista da Cavalaria

Saudação do General Director da Arma

«Mais um aniversário da Arma de Cavalaria em que se presta homenagem aos Cavaleiros que, desde os tempos remotos, têm dignificado a nossa Arma, na defesa de Portugal.

Tomamos como símbolo o nosso Patrono Mousinho, Cavaleiro de incontestável ténpera, que nunca se poupou em procurar os inimigos da Pátria, para lhes impor a nossa soberania, transformando-os, sempre que recuperáveis, em Portugueses dignos desse nome.

Nesta homenagem lembramos com muita admiração todos aqueles que nos últimos dez anos, integrados nas Forças Armadas, têm contribuído com o melhor do seu esforço para mantermos todos os territórios, espalhados pelo Mundo, que herdámos dos nossos antepassados e legalmente nos pertencem.

Analizando a nossa actuação sentimo-nos orgulhosos e confiantes:

Orgulhosos porque a Cavalaria, mesmo fora das suas missões específicas, tem mantido o seu verdadeiro Espírito e demonstrado forte determinação seguindo o exemplo de Mousinho. Confiantes porque à Cavalaria vão sendo sempre atribuídas cada vez mais as suas missões próprias e por ter sido criada a Cavalaria a Cavalos em Angola que mantém o seu valor como nos tempos de Mousinho, e tem demonstrado a sua oportunidade e eficácia na guerra que estamos enfrentando no Ultramar.

A Cavalaria sempre presente, em todas as circunstâncias e com quaisquer meios, tem respondido com dignidade aos sacrifícios que lhe têm sido pedidos e honrado os Cavaleiros que à Pátria sacrificaram as suas vidas ou condições físicas.

O General Director da Arma saúda hoje todos os Cavaleiros (Oficiais, Sargentos e Praças) que em quaisquer locais onde flutua a Bandeira Verde-Rubra, defendem a nossa soberania e com especial relevo para aqueles que lutam pelos direitos dos Portugueses de qualquer cor ou credo, nas nossas Províncias Ultramarinas, traiçoeiramente atacadas do exterior.»

Na Escola Prática de Cavalaria

Iniciaram-se as cerimónias com a chegada, na manhã do dia 21 de Julho, ao Largo Infante da Câmara, dos Ministros da Defesa Nacional e do Exército, Secretário de Estado do Exército, Chefe e Vice-Chefe do E. M. E., General Comandante da Região Militar de Tomar, General

Revista da Cavalaria

Director da Arma de Transmissões, 2.º Comandante-Geral da GNR, Governador Civil do Distrito e Presidente da Câmara Municipal de Santarém. Presentes ainda todos os Comandantes das Unidades de Cavalaria da Metrópole, antigos Comandantes da EPC e várias outras entidades civis e militares.

Apresentaram cumprimentos às individualidades visitantes os Director da Arma e Comandante da EPC, tendo as mesmas em seguida tomado lugar na tribuna.

A Guarda de Honra, que integrava a fanfarra do R. I. 15, foi prestada por Forças da Escola, sob o comando do Major Picciochi, procedendo o Tenente Morgado à leitura da «Saudação» do Director da Arma.

Usou em seguida da palavra o Comandante da EPC, Coronel Alexandre Mendes Leite de Almeida, cuja alocução se transcreve:

«Devo, antes de mais, apresentar a V. Ex.^{as}, Senhor Ministro e Senhor Secretário de Estado, as mais respeitosas saudações e os protestos da mais profunda veneração de todos os que servem na Escola



Aspecto parcial da Tribuna

Revista da Cavalaria

Prática de Cavalaria, e de, em nome de todos, manifestar a V. Ex.^{as} o mais vivo e indelével reconhecimento pela honra insigne que nos concedem, dignando-se presidir a esta cerimónia e emprestar-lhe o alto significado que essa circunstância envolve.

Coube à EPC a honrosa missão de organizar, no corrente ano, a comemoração do Dia da Cavalaria. Implicitamente, cabe a mim, seu Comandante — que muito me orgulho de o ser — a pesada mas grata incumbência de proferir algumas palavras alusivas a este acto.

Solenizando hoje o Dia da Cavalaria, mais uma vez se relembra a data da Batalha de Macontene, em que Mousinho de Albuquerque obteve uma estrondosa vitória sobre os guerreiros de Maguiguana, que seria o início da queda do Império Vátua, consumada em 10 de Agosto imediato, em Mapulanguene. Assim se concluíam as campanhas de pacificação em Moçambique.

Não só pela extraordinária importância do feito, mas ainda porque ele resultou duma acção tipicamente Cavaleira — aproveitamento duma ligeira hesitação do Inimigo, para sobre ele lançar um ataque fulminante, jogando o todo pelo todo —, justifica-se plenamente a escolha do seu aniversário para Dia da Cavalaria.

Desta forma, homenageamos também a memória dessa figura de epopeia, que é o Patrono da nossa Arma.

Alferes em 1876, só passados precisamente dez anos as circunstâncias haviam de mostrar-se propícias ao fascínio que sobre ele vinha exercendo o nosso Ultramar.

Desgostavam-no a monotonia, as perspectivas acanhadas, a falta de um sentido superior, características da vida que sentia arrastar inutilmente na Metrópole. Aspirava a horizontes largos, a trabalhos duros, a campos de actividade em que a sua ânsia de servir pudesse encontrar plena realização. A isto aspirava o seu espírito heróico.

Em vão: diversas tentativas feitas para alcançar o nobre objectivo, tinham ficado sem êxito.

Mesmo agora, o seu veemente desejo só viria a encontrar parcial e deficiente satisfação. Em vez de África, era-lhe dada a Índia. E aí, em vez de acção forte e decidida, esperavam-no apenas tarefas burocráticas.

De regresso à Metrópole, a sequência dos acontecimentos desencadeados pelo brutal Ultimatum de 1890 ia levá-lo, nesse ano, pela primeira vez a Moçambique.

Nas horas escaldantes vividas após a afronta inglesa, por sugestão de Caldas Xavier, Mousinho é nomeado Governador do Distrito de

Revista da Cavalaria

Lourenço Marques. Mas não conseguindo ver aprovados os seus planos, pede a exoneração, antes de decorridos dois anos de exercício do cargo.

Em 1894, a situação em Moçambique tornara-se verdadeiramente crítica. Estalara a rebelião e o gentio assaltava Lourenço Marques.



O Ministro da Defesa e do Exército, impondo uma condecoração

O Governo resolve nomear de novo Comissário-Régio António Enes, grande figura que, já anteriormente investido do mesmo cargo, dera excelentes provas.

Precisamente nessa altura, anota um biógrafo de Mousinho, que este, no «Novidades», sustentava uma «campanha a favor do emprego da sua Arma em operações africanas.

Revista da Cavalaria

«Entretanto, a Secretaria do Ultramar relutava. Com ela, alguns elementos do Exército. O próprio Comissário-Régio parecia relutante. A sua requisição de tropas não mencionava senão Infantaria, Engenharia e Artilharia. Não pedia Cavalaria, por entender que o mato lhe empeceria os movimentos e que os irregulares indígenas podiam até, em certa medida, supri-la em serviços de exploração e vigilância.

«Na sustentação da tese, Mousinho abonava-se sobretudo do exemplo britânico. Compreendendo que as guerras em África exigem acima de tudo prontidão, os ingleses empregavam em larga escala forças montadas. Na batida ao Zulu, os pelotões de Barrow e Wealhesley tinham demonstrado o valor e a eficácia da cavalaria no sertão. Pimentel Pinto, que era também da Arma, tinha-o convidado a passar à forma de de plano as ideias expendidas. Fê-lo Mousinho e, assim, das próprias mãos do Ministro da Guerra, Enes recebeu o escrito». (Transcrevendo para aqui esta nota, não resisto a assinalar a confirmação da tese de Mousinho pelo emprego que o cavalo vai tendo de novo na actual guerra de África).

Em Abril de 1895, Mousinho embarca com um Esquadrão de Cavalaria para a Província de Moçambique, que vai ser teatro das suas épicas façanhas e campo da sua notabilíssima acção administrativa, ficando assim indissolúvelmente vinculada a glória do seu nome.

Inicia-se então a série de combates que levaram esse intrépido Cavaleiro a transpor os umbrais da História e a merecer a admiração e o respeito que todos nós temos pela sua memória.

Mas Mousinho não foi só a magnífica figura de militar que concluiu a pacificação de Moçambique.

Se mais conhecidos são os seus feitos de armas, em que a Cavalaria Portuguesa tantas vezes resplandeceu, escrevendo das mais belas páginas da nossa História — os combates de Coolela e Manjacaze, a marcha sobre Languene, a prisão do Gungunhana em Chaimite (que lhe valeu a promoção a Major por distinção), a pacificação do Maputo, a campanha contra os Namarrais, batidos definitivamente em Naguema e Ibrahim, até à derrocada do Império Vátua, em Macontene e Mapulanguene —, se estes feitos são mais conhecidos, dizia, nem por isso se devem relegar para segundo plano as altíssimas qualidades do grande administrador que foi Mousinho.

Uma vez pacificada a vasta Província de Moçambique, dedicou-se ele inteiramente às suas tarefas de Governador da Província, às suas funções de Comissário-Régio. E fê-lo com saber e tacto insuperáveis,



A abrir o desfile, os Estandares das Unidades da Arma

dando início a uma obra a todos os títulos admirável, mas que, infelizmente, não teve a ventura de ver ultimada.

É que Mousinho, com todos os predicados que faziam dele um Governador de excepção, viu o seu sonho desfeito, e a sua obra, que quisesse fosse vastíssima, quedar nos alicerces.

Cerceados os poderes e a iniciativa de Comissário-Régio através de um Decreto do Governo de Lisboa, Mousinho renuncia às suas funções e apresenta o pedido de exoneração.

Se a gesta heróica, a que muito sucintamente aludimos, tem mais de setenta anos, nem por isso se poderá considerar destituída de forte actualidade, já que, nos nossos dias, neste mesmo momento, outros Cavaleiros se batem também heróicamente em Moçambique, em Angola e na Guiné, com idêntica missão: manter a integridade do nosso Território e garantir dentro dele uma paz que, em perfeita integração racial, permita estimular a elevação moral, difundir a cultura e fomentar o progresso material.

Portugal, através dos séculos, tem sofrido um acérrimo ataque nos seus territórios ultramarinos. Hoje, como sucedeu noutras épocas, em volta das terras portuguesas de África, que temos conservado e valorizado à custa de tantos sacrifícios, de tantos trabalhos, tantas lutas,

Revista da Cavalaria

em volta dessas terras sagradas por obra de fé e de amor e do sangue de tantas gerações, mantém-se um tremendo círculo de ódio, de invejas e de cobiças. Hoje, como noutras épocas, a guerra é-nos imposta de fora. Mudaram os inimigos, mas persistiram, implacáveis, os ruins propósitos.

No tempo de Mousinho, os perigos eram dois: um vinha dos Boers amparados pelos alemães, outro do Cabo, dirigido por Cecil Rhodes, discretamente apoiado pelos ingleses, a despeito das negociações que tinham encerrado o incidente do Ultimatum.

Era o tempo em que a expansão alemã estava dominada pela doutrina do Dr. Kayser, que afirmava só terem lugar na África três potências: a Inglaterra, a Alemanha e a França, devendo duas delas unir-se para baterem a terceira...

Hoje em dia, outros inimigos, através de propagandas caluniosas e de sujas mentiras, através de mercenários pagos e treinados em territórios vizinhos, através de violências exercidas sobre as nossas populações, procuram levar-nos a abandonar o património que nos legaram os nossos antepassados e temos de transmitir íntegro aos vindouros.

Mas, graças a Deus, ainda não acabaram em Portugal a Infantaria, a Artilharia, as Tropas de Marinha do quadrado de Macontene. Não



Um pormenor do desfile na Av. Sá da Bandeira

Revista da Cavalaria

acabaram ainda os Cavaleiros que, num feito heróico — 50 contra 5000 —, levaram o terror e a derrota ao campo do Inimigo, que foge espavorido perante tamanha temeridade.

Dizia Mousinho de Albuquerque numa carta a S. A. Real o Príncipe D. Luís: «Olhe V. A. para o soldado em campanha. Porventura vê-o só marchar e combater? Cava trincheiras, levanta parapeitos, barracas, quartéis, atrela-se às viaturas, remenda a farda, cozinha o rancho, e o que tem de seu trá-lo às costas na mochila. Desde os mis-



A encerrar o desfile, os Carros de Combate

teres mais humildes até ao mais sublime — avançar de cara alegre, direito à morte —, tudo faz, porque todo o trabalho, despido de interesse pessoal, entra nos deveres da sua profissão».

Todos aqueles que como eu, e tantos estão aqui presentes, puderam verificar que o Soldado Português de hoje conserva o mesmo valor, a mesma valentia, o mesmo entranhado amor à Pátria e sofre por ela estôicamente as maiores privações, canseiras e sacrifícios, até o da própria vida, sabem que devemos contar com a Vitória.

Que me perdoem as outras Armas, que muito considero e admiro, o fazer aqui, neste dia, uma referência especial à Cavalaria.

Revista da Cavalaria

A sua acção, o seu comportamento em campanha, quer combatendo a pé, quer a cavalo — Cavalaria de Mousinho, que renasce! —, tem sido de molde a merecer os maiores louvores.

Militares da EPC, que tenho a honra de comandar: continuemos, depois de terminada esta cerimónia, a celebração do aniversário que hoje passa. E logo, em profundo recolhimento, fazendo passar pela mente de cada um de vós, numa visão clara, a imagem dos vossos antepassados e dos vossos camaradas que hoje se batem em terras distantes, e recordando o que, para honra da nossa Pátria, representa a necessidade de uma vitória sobre os nossos inimigos, que a infamam e que a querem esbulhar daquilo que, por direito, lhe pertence, jurai solenemente que envidareis todos os esforços para enfileirar ao lado daqueles que, por suas acções, se dignificaram; jurai que o vosso procedimento como militares vos há-de tornar dignos continuadores daqueles que, pelas suas obras, se foram da LEI DA MORTE LIBERTANDO!».

Seguiu-se a entrega, da qual se encarregaram as mais destacadas entidades militares e civis, de condecorações e placas de distinção aos Cavaleiros que, pelos seus feitos e comportamento, a elas fizeram jus.

Assim, foram impostas Medalhas, de Mérito Militar de 3.^a Classe, aos Alferes Rui Abrantes e José Jaguíté; de 4.^a Classe, ao 1.^o Sargento Francisco Tapadas; de Comendador da Ordem Militar de Aviz, ao Coronel Alexandre Leite de Almeida; do Grau de Cavaleiro da mesma Ordem, ao Major Eduardo Picciochi; de Comportamento Exemplar (ouro), ao Sargento-Ajudante António Soeiro; de Comportamento Exemplar (prata), aos 1.^{os} Sargentos Armindo Pires, Armindo Monteiro e Manuel Simões; e ainda Medalhas das Campanhas do Ultramar, aos Capitães António Pereira, Luís Goulão, António Caetano, aos Tenentes Ponceano Pereira, Ernesto Cacela e Rui Carneiro, aos Alferes Manuel Miguéis, Jerónimo Ferreira, Eduardo Agostinho Pereira Leite e aos 1.^{os} Sargentos José Lourenço, Manuel Lopes e Norberto Zacarias.

Terminado este significativo acto, o Ministro da Defesa Nacional e do Exército, acompanhado das restantes individualidades, dirigiu-se para a avenida central do Campo de Sá da Bandeira, a qual se encontrava emoldurada por numeroso público. Aí, assistiu ao desfile das Forças em Parada, comandadas pelo Major Picciochi. A abrir, os estandartes de todas as Unidades de Cavalaria, seguindo-se a tropa a cavalo e, a fechar, os carros de combate.

Revista da Cavalaria

Já no edifício da EPC, o General Sá Viana Rebelo inaugurou a sala-piloto, destinada à instrução militar em circuito fechado de televisão, instalação de notável alcance pedagógico, que a EPC foi a primeira a preconizar. Dirigiram-se depois as entidades presentes ao Ginásio da Escola, onde foi inaugurada a Exposição Evocativa da Cavalaria. Visivelmente interessados, os convidados detiveram-se por largos minutos na apreciação das várias secções — ACTIVIDADES DA EPC E OUTRAS UNIDADES DE CAVALARIA, EVOCAÇÃO HISTÓRICA DA CAVALARIA NO ULTRAMAR e TRABALHOS DE ARTESANATO (executados por militares da EPC).



Visita à Exposição de Trabalhos Artesanais

Mais tarde, durante o almoço na Messe de Oficiais, no qual também tomaram parte, como convidados, representantes dos Órgãos de Informação, o Ministro Sá Viana Rebelo, em resposta ao brinde que o General Director da Arma lhe dirigiu, proferiu, num breve improviso, importantes afirmações.

Começando por agradecer o convite para presidir às celebrações do Dia da Cavalaria «na Escola Prática da Arma, tão cheia de tradições militares (...) que tem dentro de si e bem reflete o Espírito de Corpo da Cavalaria», afirmou noutro passo: «foi feita aqui uma refe-

Revista da Cavalaria

rência ao estabelecimento no nosso Exército das Unidades a Cavalo, dado o seu emprego, presentemente, no Ultramar. Isto não será voltar atrás, mas sim caminhar conforme as necessidades dos tempos actuais».

Durante a tarde, realizaram-se diversas provas desportivas, as quais constituíram mais um pretexto para confraternização de todos os militares que nelas participaram.

A noite, no Círculo Cultural Scalabitano, realizou-se um sarau cultural, dedicado a todos os militares da EPC, ao qual presidiu o Comandante da Escola.

No Regimento de Lanceiros n.º 1

O Regimento de Lanceiros n.º 1, em Elvas, esteve em festa, comemorando o Dia da Cavalaria.

Presidiu, em representação do General Comandante da Região Militar, o Chefe do Estado-Maior do Quartel General da mesma Região, Coronel António Patoilo Teles.



Monumento a Mousinho, na Parada do mesmo nome

Revista da Cavalaria

As Forças formaram na Parada Mousinho de Albuquerque, com bandeira, guião e fanfarra sob o comando do Capitão Lopes Saraiva.

Prestada continência à bandeira, o Capitão Dias de Almeida fez uma alocução alusiva, citando a carreira heróica de Mousinho, que daquela Unidade partiu para as campanhas de África.

No medalhão ao distinto Oficial, colocado na Parada que tem o seu nome, o Coronel Patoilo Teles, acompanhado do Comandante do



Entrega de «Placas Mousinho»

Regimento, Tenente-Coronel Santos Oliveira, depositou um ramo de flores. Foram em seguida entregues, a militares que se distinguiram pela dedicação à sua Unidade, «Placas Mousinho», após o que se seguiu o desfile das Forças em Parada.

Foi depois inaugurada uma exposição de fotografias focando vários aspectos da vida do Regimento, e que continuou patente durante os dias 20 e 21. Os trabalhos expostos, da autoria do Aspirante João Carpinteiro, prenderam a atenção tanto dos civis como dos militares, designadamente das Praças.

Revista da Cavalaria

Ao fim da tarde, realizou-se uma prova de perícia automóvel que, embora concebida e realizada em moldes simples, foi seguida com entusiasmo e teve a participação de 32 concorrentes, todos eles militares da Unidade. Finda a competição, procedeu-se à distribuição dos respectivos prémios.

As cerimónias do Dia da Cavalaria terminaram com um lanche oferecido aos convidados, servido nos jardim e salão da Messe de Oficiais.

No Regimento de Lanceiros n.º 2

O Dia da Cavalaria foi solenemente comemorado no Regimento de Lanceiros n.º 2, tendo assistido o General Moura dos Santos, Governador Militar de Lisboa, e o Coronel Mamede de Brito, Chefe do Serviço de Preboste, que tomaram lugar na tribuna, bem como o Coronel Carlos Emiliano Fernandes, Comandante da Unidade.

Presentes ainda, o Comandante do Regimento de Cavalaria da GNR, Coronel Joviano Ramos, o Comandante do Depósito Geral de



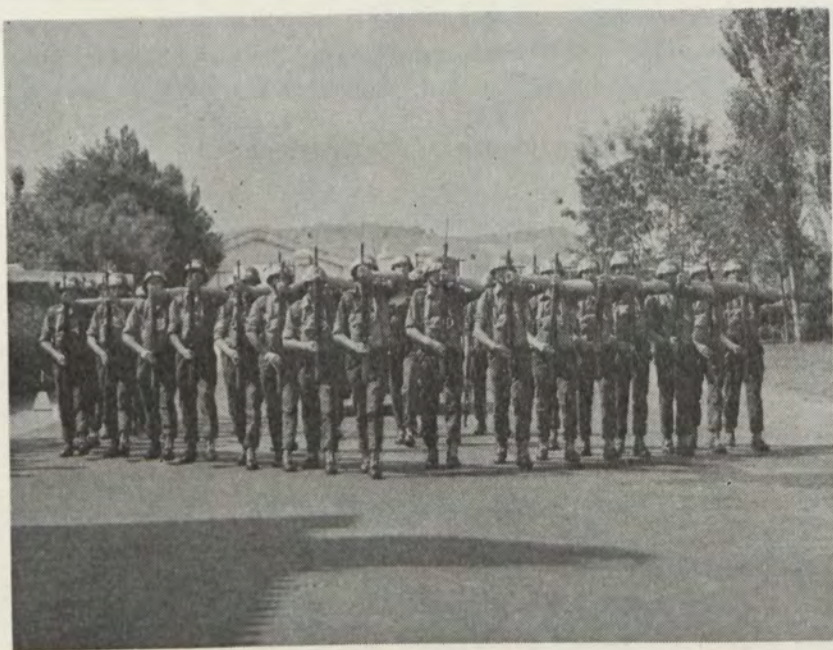
O Comandante da Região Militar de Lisboa, preside às Cerimónias

Revista da Cavalaria

Adidos, Coronel Teixeira Telo, e antigos Comandantes do Regimento. Como convidado de honra, assistiu também às cerimónias o General Raul Martinho.

O Major Martins Ferreira, 2.º Comandante-Interino da Unidade, tomou o comando das Forças em Parada, as quais eram constituídas por um Grupo a 4 Esquadrões — 2 apeados e 2 motorizados.

Após o Aspirante Nuno Távora ter lido a «Saudação» do General Director da Arma, o Capitão Ramos pronunciou uma patriótica alo-



Dispersão de motins

cução, tendo citado a figura heróica de Mousinho de Albuquerque e a sua acção no Ultramar, nomeadamente em Moçambique.

Seguiu-se a imposição de condecorações e a entrega de diplomas de louvor e de «Placas Mousinho». O Capitão António Faia recebeu a Medalha Militar de 3.ª Classe; o Major Martins Ferreira, o Grau de Cavaleiro da Ordem Militar de Aviz; e os 1.ºs Sargentos Rendeiro de Oliveira, Aníbal Raminhas e Lopes Barbosa, a Medalha de Cobre de Comportamento Exemplar.

Revista da Cavalaria

Teve lugar, em seguida, o desfile das Forças em Parada, após o que os 1.º e 2.º Esquadrões realizaram evoluções em carrocel, num número de magnífico efeito, em que foram evidenciadas as qualidades e a óptima preparação dos condutores. O 3.º Esquadrão fez, ainda, uma demonstração de dispersão de motins.

Na piscina do quartel, realizou-se, pouco depois, um festival de natação, apresentado pelo mestre Yokoshi.

Após o almoço, em que participaram todas as entidades convidadas, efectuou-se uma poule hípica entre Oficiais do 4.º Esquadrão do Regimento de Cavalaria da GNR e dos Regimentos de Cavalaria n.º 7 e de Lanceiros n.º 2.

No Regimento de Cavalaria n.º 3

Também no Regimento de Cavalaria n.º 3, em Estremoz, foi comemorado o Dia da Cavalaria.

As cerimónias iniciaram-se pelas 11 horas, com formatura geral da Unidade — dois Esquadrões Orgânicos do RC 3 e um G. I.. Pouco depois, em representação do General Comandante da Região Militar de Évora, chegava o Brigadeiro 2.º Comandante daquela R. M..

Seguiu-se a leitura da «Saudação» do Director da Arma, após a qual o Aspirante Mil.º Amaral Dias proferiu uma alocução alusiva, que transcrevemos:

«Comemora-se hoje o Dia da Cavalaria.

Incubidos de fazer uma alocução alusiva às solenidades, não tivemos, porém, em vista a preocupação das roupagens literárias, nem, tão-pouco, fazer um memorial histórico completo, pois não é o que se pretende, e, por outro lado, isso transcende o âmbito do nosso próprio saber.

Não pode ficar numa atitude passiva este Regimento, perante as Celebrações do Dia da Cavalaria; quis, pois, associar-se com uma cerimónia breve e simples, mas entusiasta e significativa.

São decorridos dez anos sobre a data em que Sua Ex.^a o Ministro do Exército de então, considerou, em documento oficial, como Patrono da Cavalaria, Joaquim Mousinho de Albuquerque glorioso Cavaleiro. Para o Dia da Arma, consagrou aquela entidade o dia do aniversário do combate de Macontene.

Revista da Cavalaria

Como Patrono da Cavalaria Portuguesa, Mousinho foi, sem dúvida, um Cavaleiro que teve a paixão da sua Arma e que reuniu em si as principais virtudes que caracterizam e enobrecem a Cavalaria: coragem, sabedoria, decisão, audácia e sangue-frio.

Ao voltarmos as páginas da nossa História, em todas as épocas, encontramos muitas delas escritas a ouro pelos patrióticos feitos da Cavalaria. Sempre os briosos Cavaleiros honraram a memória dos seus antepassados!

Foi ainda no século passado que o Espírito Cavaleiro, integrado na plêiade de heróis, constituiu muralha indeclinável contra a cobiça e as ameaças sobre as Províncias da África Portuguesa por parte de potências estrangeiras, respondendo a esses ataques com golpes de audácia e bravura insuperáveis, embora à custa de minguados recursos e desfavorável ambiente.

Tal como em 1895, aquando da derrota dos Vátuas e sempre com o mesmo exemplo de coragem e abnegação, bate-se hoje a Cavalaria pela integridade do Solo Pátrio em Terras da Guiné, de Angola e de Moçambique.

Todavia, fazendo face à guerra subversiva, apeou-se a Cavalaria para actuar ao lado da Infantaria. Não pensemos, contudo, que abdicou do seu Ideal Cavaleiro. Não. Como disse uma alta individualidade militar, «a Cavalaria foi sempre, de facto, a Arma do nobre sacrifício, seja qual for a forma por que tenha de ser prestado, mas hoje essa característica, que lhe é intrínseca, tem de ser conjugada com qualidades impostas pelo progresso da ciência militar para que esse sacrifício seja útil».

Permitimo-nos acrescentar que a Cavalaria Portuguesa transigiu dos seus específicos meios de combate... é certo, mas para servir um ideal ainda mais nobre: a defesa da Pátria, em quaisquer circunstâncias. Modificada a velha táctica, mas actuando ainda com acções de oportunidade, de rapidez e de audácia. Afinal... sendo sempre Cavalaria...

Antes de terminar, temos uma palavra de apoio e de encarecimento para com as mais diversas gerações de jovens, de qualquer idade, que têm passado e continuarão a passar por esta Casa, incorporados nas Sub-Unidades aqui mobilizadas, honrando, com os seus rasgos de inigualável bravura e elevado espírito de sacrifício, as tradições dignas e imortais dos Nossos Maiores.

«Com as pontas das baionetas e das lanças a escorrer sangue», os Soldados de Portugal impuseram-se e hão-de impor-se sempre, graças à sua firmeza de carácter e à sua inexcedível vontade de servir!...

Revista da Cavalaria

Cerca das 11,30 horas, ocorreu a distribuição de «Placas Mousinho», às Praças que mais se distinguiram no ano anterior, cerimónia que antecipou o desfile pelas ruas da cidade de uma Companhia com guião e terno de clarins.

As celebrações do Dia da Cavalaria no RC 3 encerraram-se com um rancho melhorado para as Praças e um almoço de festa nas Messes de Oficiais e Sargentos.

No Regimento de Cavalaria n.º 4

Decorreram no Regimento de Cavalaria n.º 4, em Santa Margarida, as tradicionais celebrações do Dia da Cavalaria, bem como as do Dia da Unidade. Simultaneamente, efectuou-se a cerimónia da bênção e entrega de guiões a duas Companhias mobilizadas para servir no Ultramar.

De manhã, houve formatura geral sob o comando do Tenente-Coronel Pereira da Silva, 2.º Comandante da Unidade, estando presentes o Chefe do Estado-Maior do Exército, General Augusto dos Santos, e os Comandantes, da Região Militar de Tomar, General Basto Machado; da Academia Militar, General Amaro Romão; e do Regimento, Coronel Baía dos Santos; bem como outras individualidades civis e militares.

O Comandante da Unidade proferiu uma alocução às Companhias mobilizadas, tendo, em representação das aludidas Companhias, agradecido o Capitão Valadas.

Seguiu-se a imposição de condecorações e a entrega de diplomas de louvor, após o que o Capitão Seabra de Albuquerque leu a «Saudação» do General Director da Arma, e, sobre o significado da efeméride, disse:

«Mais uma vez se encontram reunidos os Cavaleiros do 4, para festivamente celebrarem o Dia da sua Arma e da sua Unidade, pois, em virtude da proximidade de datas, e ainda dos vários factos que ligam o Regimento de Cavalaria n.º 4 com a Batalha de Macontene, não se justificaria que doutra forma se procedesse.»

A origem da nossa Unidade remonta ao reinado de D. José I, que, por Decreto Real de 26 de Julho de 1762, cria o REGIMENTO DE CAVALARIA DE MECKLEMBOURG, em homenagem, conforme as

Revista da Cavalaria

tradições da época, ao seu primeiro Comandante, General Duque de Mecklembourg, com sede na Feitoria de S. Julião da Barra.

Por Decreto de 19 de Maio de 1806, o Regimento de Cavalaria de Mecklembourg toma a designação de Regimento de Cavalaria n.º 4, com quartel em Lisboa, mais tarde em Vila Franca, Carregado e Azambuja, volta de novo a estar aquartelado em Lisboa, com a designação de 2.º Regimento de Cavalaria de Lisboa, passando, em 20 de Fevereiro de 1834, à antiga designação de Regimento de Cavalaria n.º 4, com



*O General Chefe do Estado-Maior do Exército,
passando revista à Guarda de Honra*

sede em Belém. É extinto pela convenção de Évora-Monte, em 26 de Maio de 1834.

Não podia morrer assim um Regimento que, tendo contado nas suas fileiras nomes como os do Coronel João Campbell, do Tenente-Coronel Conde de Penafiel, do Tenente Bernardo de Sá Nogueira, mais tarde Marquês de Sá da Bandeira, e de tantos outros que, embora desconhecidos, não foram menos heróis, viria a receber o seguinte comentário do Marechal Comandante Chefe do Exército, quando da Guerra Peninsular: «Todos cumpriram como deviam, e o Inimigo pode dizer pelo que experimentou».

Revista da Cavalaria

E como não podia morrer, passados um escasso mês e vinte e três dias, por Decreto de 18 de Julho de 1834, Dia da Unidade, ressurgiu o Regimento de Cavalaria n.º 4, designação que é dada a partir desta data ao Regimento de Cavalaria n.º 11.

Não vou falar-vos das glórias que os nossos Soldados conquistaram, tanto na Guerra Peninsular, contra a França, como nas lutas liberais, que opuseram D. Miguel a D. Pedro IV, pois de todos vós são conhecidas. Permitti-me, portanto, que salte para o ano de 1871.

23 de Novembro de 1871: Há portanto praticamente um século, assenta praça, como voluntário, no Regimento de Cavalaria n.º 4, apenas com dezasseis anos de idade, JOAQUIM MOUSINHO DE ALBUQUERQUE. Se é certo que, muito jovem, sentia bem a responsabilidade que lhe legara uma ascendência já notável, nas armas e nas letras, é a ele que sua avó, Sr.^a D. Ana Mascarenhas de Ataíde, viúva de Luís Mousinho, entrega, pouco antes de morrer, as insígnias da «Torre e Espada», que haviam pertencido a seu marido, dizendo-lhe: «Faze por ganhá-la! ... És Mousinho e és Soldado.».

Foi pois no nosso Regimento que iniciou a sua vida militar o homem que, mais tarde conhecido pelo Herói de Chaimite, é hoje o Patrono da nossa Arma.

Mas se Chaimite foi um episódio de grande importância para a nossa História, muito mais importante é Macontene, que, embora tivesse ocorrido em 21 de Julho de 1897, é hoje comemorado na nossa Unidade, assim como nas restantes Unidades do Continente.

Há quase três quartos de século que um punhado de bravos, comandados pelo então Comissário-Régio de Moçambique, Major Mousinho de Albuquerque, leva de vencida as mangas guerreiras do temível chefe Maguiguana. A desproporção era enorme, mas Mousinho podia contar com 50 Cavaleiros, alguns dos quais de Cavalaria 4, que, carregando decisivamente sob o comando do próprio Comissário-Régio, põem em fuga cerca de 5000 vátuas, matando o seu Chefe ao fim de pertinaz perseguição. A morte de Maguiguana põe fim à segunda campanha de Gaza.

Por muito tempo, foi esta considerada a mais bela carga da Cavalaria Portuguesa. Contudo, os tempos evoluíram e de novo o nosso País se vê empenhado em campanhas militares em África. Em Moçambique, em Angola e na Guiné, continuam a efectuar-se maravilhosas cargas de Cavalaria, pois, embora feitas quase sempre a pé, o Espírito que nos conduz é exactamente o mesmo de outrora.

Revista da Cavalaria



Um dos exercícios de aplicação militar, no Estádio da Unidade

Parafraseando Mousinho, poderemos dizer, de cabeça bem erguida:
«Essas poucas páginas brilhantes e consoladoras da História do Portugal contemporâneo, continuamos a escrevê-las, muito especialmente nós, os Soldados, lá pelos sertões de África, não só com as nossas armas cuspidando fogo sobre um Inimigo traiçoeiro, mas também civilizando e construindo.

Alguma coisa sofremos, é certo, corremos perigos, passamos fome e sede e não poucos prostraram para sempre em terra as fadigas e as doenças. Tudo suportámos de boa mente, porque servíamos a Pátria. E para outra coisa não anda neste mundo quem tem a honra de vestir uma farda. Por isso, nós também merecemos o nome de Soldados, é esse o nosso maior orgulho.».

Camaradas do Regimento de Cavalaria n.º 4. Que um dia também nós possamos responder:

PERGUNTAI AO INIMIGO QUEM SOMOS!

Desfilaram, então, as Forças em Parada, sob o comando do Major Minas da Piedade.

Depois do almoço, as entidades atrás citadas percorreram a Unidade, inaugurando diversos melhoramentos. Houve, ainda, uma tarde desportiva, com exercícios de aplicação militar e uma gincana autómovel.

Revista da Cavalaria

No Regimento de Cavalaria n.º 6

Mereceram nota alta as comemorações do Dia da Cavalaria no Regimento de Cavalaria n.º 6, herdeiro de gloriosas tradições, não apenas dos seus Oficiais, Sargentos e Praças, mas, ainda, dos feitos dos militares que pertenceram aos extintos Regimentos de Cavalaria n.ºs 9 e 11, de que o RC 6 é continuador.

As duas páginas mais belas da Unidade, cujo estandarte é o mais condecorado do Exército Português, distam entre si 60 anos: a primeira registou-se em 1837, com a carga do Esquadrão comandado pelo Coronel Costa Pessoa na Batalha de Armiñon, e a segunda diz respeito à arrancada de Mousinho de Albuquerque, em Macontene.

As celebrações do Dia da Cavalaria iniciaram-se com o Regimento em Parada, sob o comando do Tenente-Coronel Arriscado Nunes, 2.º Comandante da Unidade.

Na tribuna colocada no topo norte da parada Mousinho de Albuquerque, distinguia-se a presença do General Martins Soares e do Brigadeiro Oliveira Barreto, Comandante e 2.º Comandante da Região Mi-



O Comandante da Unidade, proferindo a sua alocução

Revista da Cavalaria

litar do Porto. Presentes, também, o Coronel Gonçalves Vaz, Chefe do Estado-Maior daquela R. M., e Comandantes de Unidades e estabelecimentos militares da Guarnição, entidades que, pouco antes, tinham sido recebidas à entrada do RC 6 pelo seu Comandante, Coronel Ramos de Freitas.

Este, no uso da palavra, começou por saudar o General Comandante da Região, a quem demonstrou o inteiro espírito de subordinação da sua Unidade, onde, sublinhou, o General Martins Soares iniciara a sua carreira militar, vindo, mais tarde, a comandá-la.

Teceu depois algumas considerações sobre o historial do Regimento, tendo, em seguida, agradecido a presença às cerimónias dos representantes, não só da Arma e da Força Aérea, como, ainda, das forças militarizadas, com as quais, afirmou, o RC 6 tem mantido a mais frutuosa, amiga e estreita colaboração.

Dirigiu ainda, aos representantes dos Órgãos de Informação, uma palavra de muito apreço e reconhecimento pela sua pronta, leal e interessada colaboração.

A terminar, e antes de proceder à leitura da «Saudação» do General Director da Arma, a quem, em nome do Regimento, prestou homenagem, o Coronel Ramos de Freitas exortou os seus Oficiais, Sargentos e Praças, a que «com os olhos postos na bandeira e nas brilhantes tradições da sua Unidade, com o estímulo da certeza, da acção que hoje desenvolvemos no Ultramar, sejam o garante seguro de que a história do RC6 e da Cavalaria Portuguesa continuará a escrever-se com brio, dignidade, com audácia e tenacidade, a bem de Portugal e do Exército.».

A alocução alusiva ao Dia da Cavalaria este a cargo do Alferes Mil.º Espírito Santo Silva, da qual se transcrevem breves passos:

«Prestamos homenagem a todos aqueles que, embora de modo anónimo, se notabilizaram na defesa do Solo Pátrio, continuando os feitos de Mousinho de Albuquerque, que, dando provas excelsas de qualidades de chefia, vontade de vencer, fé, coragem e abnegação, conseguiu conduzir os seus valorosos Soldados, levando de vencida, por várias vezes, um perigoso Inimigo.

Que melhor Patrono poderíamos nós, Cavaleiros, escolher, e que data mais significativa?».

«Nós, continuaremos a manter aquele Espírito vincado de Cavaleiros, em todas as frentes de combate, garantindo o interesse nacional e que as nossas Províncias sejam e continuem sempre Portugal.».

Revista da Cavalaria

«Soldados!

Que os nossos vindouros nos recordem, com aquele carinho, aquela admiração e respeito com que nós veneramos os que nos antecederam, mantendo ou elevando, ainda mais, o nome glorioso do Exército Português e de PORTUGAL ».



Distribuição de «Placas Mousinho», pelo General Comandante da Região Militar do Porto

Seguiu-se a entrega de condecorações e louvores, por feitos em campanha e serviços distintos, e, aos militares da Unidade que mais se distinguiram em 1970, de «Placas Mousinho».

Procedeu-se, então, à homenagem aos militares do Regimento que morreram em combate na defesa da Pátria. Quando a fanfarra executou o toque de chamada dos mortos à formatura geral, as Forças em Parada tomaram a posição de sentido. Houve depois um instante de silêncio, logo seguido pela marcha de continência. Por fim, a alvorada, consagrando «aqueles que por obras valorosas, se vão da lei da morte libertando».

Revista da Cavalaria

Teve lugar, então, o desfile das tropas apeadas, ao qual se seguiu o de uma coluna motorizada de cerca de 80 viaturas — jeeps, viaturas de transportes gerais e autometralhadoras.

Depois, o General Martins Soares, acompanhado pelo Coronel Ramos de Freitas, Comandante da Unidade, percorreu o aquartelamento, apreciando os melhoramentos introduzidos nas diversas instalações e ainda as obras em curso. A reforma dos pisos dos pavimentos e as modificações na Sala de Oficiais e na Biblioteca, mereceram especial atenção do Comandante da Região Militar do Porto.



Aspecto parcial das Forças Motorizadas

Ao princípio da tarde, houve, na Messe dos Oficiais, um almoço de confraternização, em que participaram todos os convidados. Duas breves saudações, uma do Coronel Ramos de Freitas, outra do General Martins Soares, vincaram o ambiente amistoso do convívio.

Encerrando este relato das celebrações do Dia da Cavalaria no Regimento de Cavalaria n.º 6, que coincidiram com as do Dia da Unidade, não queremos deixar de referir que, no decorrer da cerimónia militar, o Coronel Gonçalves Vaz, Chefe do Estado-Maior da Região Militar do Porto, transmitiu uma Citação publicada na véspera em Ordem de Serviço, na qual o General Martins Soares testemunhava o seu apreço pelas

Revista da Cavalaria

actividades de Comando e do Corpo de Officiais, Sargentos e Praças do RC 6, em especial pelo desenvolvimento da instrução e formação dos Soldados, funções que lhes estão cometidas.

No Regimento de Cavalaria n.º 7

No âmbito das comemorações do Dia da Cavalaria, tiveram lugar no Regimento de Cavalaria n.º 7 diversas cerimónias, às quais presidiu o Comandante da Unidade, Coronel Correia de Freitas.

Pela manhã, na Parada Môngua, houve formatura geral, à qual o Alferes Miliciano Moniz leu uma alocução alusiva, na qual enalteceu os feitos da Cavalaria Portuguesa, de uma maneira geral, e, de um modo particular, os do Patrono da Arma, Mousinho de Albuquerque.

Ainda de manhã, agora no campo de jogos, efectuou-se a final do Torneio de Voleibol Inter-Esquadrões, que pôs frente a frente as equipas do Esquadrão de Instrução e do 2.º Esquadrão de Reconhecimento, que este último venceu. Foi entregue ao capitão da equipa vencedora uma taça para o Esquadrão e distribuídas medalhas comemorativas a todos os finalistas.

De tarde, ainda em complemento da parte desportiva, disputou-se uma estafeta entre Esquadrões, com percurso nas imediações da Unidade, e da qual saiu vencedora a equipa do 1.º Esquadrão de Reconhecimento.

Disputou-se ainda a final do Torneio de Ping-Pong, da qual se sagrou vencedor o Soldado Ferreira, do 1.º Esquadrão de Reconhecimento.

No ginásio, a finalizar as cerimónias, teve lugar a projecção de um filme.

No Regimento de Cavalaria n.º 8

Iniciaram-se as comemorações do Dia da Cavalaria no Regimento de Cavalaria n.º 8, aquartelado em Castelo Branco, com a formatura geral do Regimento na parada que tem por nome o do Patrono da nossa Arma, à qual se seguiu uma missa campal, por intenção dos militares da Unidade mortos ao serviço da Pátria.

Presentes, os Comandantes Militar e Distrital da Legião Portuguesa.

Revista da Cavalaria

Procedeu o Alferes Mil.^o Aragão à leitura da «Saudação» do General Director da Arma, tendo o mesmo Oficial proferido uma alocução alusiva, na qual evocou a figura e os feitos gloriosos de Joaquim Mou-sinho de Albuquerque.

Teve então lugar a imposição de medalhas a Officiais e Sargentos, e a entrega de «Placas Mousinho» a Praças, cerimónia após a qual usou da palavra o Comandante do Regimento, Coronel Sirgado Maia:

«Cada dia que passa, é mais evidente a necessidade de tornar mais portugueses os portugueses. Como consegui-lo? Procurando, na nossa História de tantos séculos, alguns dos inúmeros exemplos naqueles que deram novos mundos ao mundo, naqueles que dilataram a Fé e o Im-pério e depois o conservaram.

Esta formatura geral teve por principal objectivo, como disse o nosso Alferes, a evocação do mais extraordinário homem da época contemporânea, o Patrono da nossa Arma — um exemplo a seguir. O feito de Macontene, quando apreciado em pormenor, leva-nos a concluir que o mesmo ultrapassou o somatório das possibilidades humanas dos seus intervenientes.

Jovens de Portugal, o momento que a História Pátria atravessa é bem grave. Quase todo o pensamento do mundo está contra nós. Mas nós, que conseguimos vencer em remotas épocas o mundo físico lutando contra os seus elementos mais fortes — a força do mar desconhecido e a fúria do vento —, vamos fraquejar? Pelo contrário, reuniremos todas as nossas forças, espirituais e físicas, para a luta, repudiando os vergonhosos exemplos de capitulação.

Temos de eliminar esta situação inquietante, através do moral e entusiasmo. A geração de hoje procura demasiado o conforto e deixa-se arrastar por crenças políticas e sociais sem primeiro nelas meditar, a fim de ver se as mesmas se adaptam ao nosso meio, à nossa sensibilidade, ao nosso temperamento, à nossa herança histórica. Pela ignorância das realidades, muitos vestem a máscara da intolerância.

O jovem de hoje, cheio de liberdades que a sociedade e a própria família lhe conferiram, é influenciado por muitos factores, e assim:

— Contesta a autoridade, por vir de cima, e, quando tem de a exercer, geralmente procede sem caridade;

— Discute a validade da guerra e a necessidade de manter improdutivas as Forças Armadas;

— Pensa naquilo que lhe pode dar comodidade e bem-estar, sem verificar primeiro se afecta a sua própria dignidade;

Revista da Cavalaria

— A tantos, falta o espírito combativo por ausência de trabalho físico árduo;

— Exigências recreativas sempre em progressão; permanentemente insatisfeito, ele encontra sempre algo que não tem;

— Possui enfim aversão em saber as lições da História, grande mestra para uma conduta digna.

Soldados de Portugal, a nossa História está cheia de magníficos exemplos; bastará, portanto, segui-los. Porquê copiar procedimentos indignos que, infelizmente, se passam no mundo de hoje, em que a cobardia, a renúncia, a abdicação desonrosa são tão evidentes, necessariamente conduzindo à escravidão?

Nós, que acabámos com a escravidão, desejaremos ser escravos?

Perante a situação que nos foi imposta, temos de nos apresentar dotados de audácia e arrojo; dispostos a enfrentar os perigos e imbuídos de espírito de patriotismo e lealdade; livres de inaceitáveis filiações políticas e perigosos vícios sociais; com verdadeiro respeito pela autoridade e disciplina. Só deste modo, penso, será possível encontrar a força moral para enfrentar a situação, tal como o fizeram em idênticas circunstâncias os nossos antepassados. Legaram-nos uma Pátria, temos de a defender.

Propositadamente, foi incluída no programa das cerimónias uma missa de sufrágio pelos militares mortos desta Unidade. É mais uma evocação e preito de homenagem.

«Morreram pela Pátria, nasceram duas vezes.»

As cerimónias comemorativas do Dia da Cavalaria terminaram, no Regimento de Cavalaria n.º 8, com uma sessão de cinema, no Cine-Teatro Avenida da cidade, para as Praças do Regimento.

EM CABO VERDE

Com a alvorada, pelas 6 horas, iniciou o Pelotão de Polícia Militar n.º 2276, aquartelado na Praia, as comemorações do Dia da Cavalaria.

Cerca das 8,30 horas, teve lugar a formatura geral, tendo o Comandante do Pelotão, Alferes Mil.º Correia da Costa, proferido uma alocução, no fim da qual, e evocando a figura de Mousinho de Albuquerque, afirmou:

«Ao finalizarmos estas considerações em volta do perfil daquele que foi um Cavaleiro extraordinário e bem o símbolo de todos quantos

Revista da Cavalaria

abraçam a Arma, gostaríamos de referir umas palavras da sua autoria, até pela actualidade que nelas desvendamos, pois é sabido que a Cavalaria a Cavalo em Angola, nomeadamente em Silva Porto, é um facto.

Dizia então ele: *«Utopia era para a maioria dos meus camaradas o emprego da Cavalaria em Africa, mesmo depois das campanhas do*



O Pelotão de Polícia Militar n.º 2276

Sul, e ela aqui tem feito razias, fez o serviço de segurança em marcha debaixo de fogo, deu cargas, enfim, fez tudo quanto àquela Arma compete fazer».

Desfilaram depois as Forças em Parada, não sem que antes lhes fosse lida a «Saudação» do General Director da Arma. Pelas 10 horas, houve missa por alma dos Cavaleiros imolados no altar da Pátria.

À tarde, cerca das 16 horas, teve lugar um desafio de futebol, e às 19,30 horas, encerrando as comemorações, um jantar de confraternização.

NO CENTRO MILITAR DE INSTRUÇÃO DO CUMERÉ

As principais cerimónias do Dia da Cavalaria na Guiné, realizadas no Centro Militar de Instrução do Cumeré, presidiu o General António de Spínola, Governador e Comandante-Chefe das Forças Armadas da Província.

Na vasta parada do CMI, situado a algumas dezenas de quilómetros de Bissau, formaram, sob o comando do Major Marques Pereira, as forças militares constituídas pelo Batalhão de Cavalaria n.º 3854 e por representações de outras Unidades da Arma, cuja deslocação permitiu a sua comparência.

As cerimónias decorreram com todo o brilho sob a presidência do General António de Spínola, estando presentes, ainda, o Brigadeiro Luís de Figueiredo, na altura desempenhando as funções de Comandante Militar; o Coronel Sousa Costa, Comandante do Agrupamento de Bissau; o Coronel Saldanha Gouveia e o Tenente-Coronel Campeão Gouveia, respectivamente, Presidente e Promotor de Justiça do Tribunal Militar; e muitos outros Oficiais da Arma de Cavalaria ou dela oriundos.

Passada revista às Forças em Parada, pelo General António de Spínola, foi lida, pelo Major Viriato Castel-Branco, a «Saudação» do Director da Arma, após o que, o Tenente-Coronel Leuschner Fernandes pronunciou uma alocução.

Começou por agradecer a presença do Governador e Comandante-Chefe e todo o apoio e colaboração dados pelo Tenente-Coronel Cirne Pacheco, Comandante do referido Centro de Instrução, no sentido do Dia da Cavalaria atingir o brilho e o nível desejados.

Falando, a seguir, da figura de Mousinho, terminou com as seguintes palavras:

«Soldados!

Hoje, como então, estamos também empenhados em conservar portuguesas as nossas Províncias Ultramarinas, nas quais há já mais de dez anos tem sido derramado sangue dos nossos camaradas, Cavaleiros como nós! A nós, militares das diversas Unidades de Cavalaria espalhadas por esta Província, também compete uma quota parte do esforço e sacrifício necessários para que nestas terras da Guiné continue a fluir a bandeira verde-rubra, sem esquecer, todavia, a nossa missão de paz, cujo objectivo é ajudarmos a construir uma Guiné melhor, para bem de todos os portugueses que aqui vivem, sem distinção da cor, etnia ou religião.

Revista da Cavalaria

Que nós, os Cavaleiros de hoje, saibamos ser dignos sucessores daqueles cujos feitos hoje comemoramos, para que os Cavaleiros de amanhã se orgulhem também de nós.

Viva a Cavalaria. Viva Portugal!».



O General Governador e Comandante Chefe, dirigindo-se às tropas

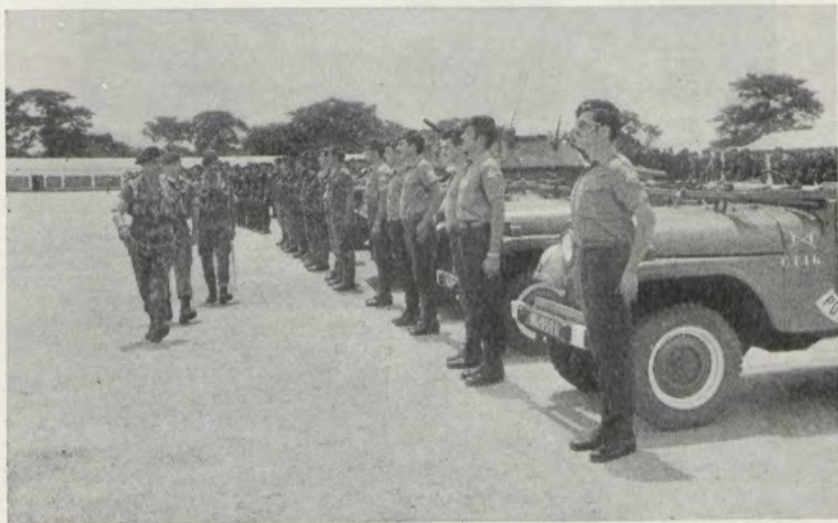
Momentos depois, o General António Spínola, de improviso, a todos dirigiu algumas palavras, dizendo da emoção com que, naquele momento, se dirigia às tropas de Cavalaria, e tecendo, logo a seguir, brilhantes considerações sobre as características da Arma, o seu passado e a sua magnífica acção no presente.

Revista da Cavalaria

Referiu-se ainda ao significado do Dia da Cavalaria e ao Espírito Cavaleiro, que sempre tem vencido e há-de continuar a saber vencer o impossível.

Procedeu-se, depois, à homenagem aos Cavaleiros mortos em combate, após o que as Forças em Parada desfilaram em continência frente à tribuna de honra.

Realizou-se, no final, um almoço na Messe de Oficiais, que decorreu em ambiente próprio das Gentes Cavaleiras. Houve palavras calo-



O General António de Spínola passando revista às Tropas em Parada

rosas nos brindes trocados, tendo, a fechar, o General António de Spínola feito votos para que o Espírito Cavaleiro se mantivesse sempre vivo e em toda a plenitude, ao longo da comissão militar de cada um.

EM BAFATÁ

Também o Esquadrão de Reconhecimento Fox n.º 2640 e o Pelotão de Reconhecimento Daimler n.º 2211, aquartelados em Bafatá, comemoraram condignamente o Dia da Cavalaria.

Pelas 8 horas, e perante a formatura geral das duas Unidades, foi içada a Bandeira Nacional.

Revista da Cavalaria



Alocução proferida por um Oficial da Arma, ao Esq. Rec. 2640

Mais tarde, cerca das 11 horas, em frente ao quartel do Esquadrão de Reconhecimento n.º 2640, o Comandante do CAOP 2 passou revista às Forças em Parada.

Seguiu-se uma alocução alusiva e a leitura da «Saudação» do General Director da Arma, após o que teve lugar o desfile daquelas Forças.

Pelas 12 horas, foi descerrado, na Sala do Soldado, um emblema do E. Rec. 2640 e houve um almoço de confraternização.

À noite, cerca das 21,30 horas, e para encerramento das cerimónias do Dia da Cavalaria, foram projectados alguns filmes.

EM S. TOMÉ

Foi o Dia da Cavalaria assinalado em S. Tomé por uma cerimónia, a que se dignou presidir o Comandante-Militar, Tenente-Coronel Ricardo Durão. Assistiram também os Comandantes da Companhia de Polícia Militar n.º 2578, que levou a efeito tais comemorações, e das outras Sub-Unidades, bem como outros Oficiais do C. T. I..

Revista da Cavalaria

Formou a Companhia na sua máxima força, a quem foi lida a «Saudação» do General Director da Arma.

Depois, o Tenente-Coronel Ricardo Durão proferiu algumas palavras, referentes a factos relacionados com o acontecimento celebrado, após as quais a Companhia de Polícia Militar n.º 2578 desfilou em continência.

Seguiu-se um almoço de confraternização entre todos os Cavaleiros presentes.

EM SILVA PORTO

A semelhança das outras Unidades de Cavalaria, comemorou o Grupo de Cavalaria n.º 1 — «Dragões» —, aquartelado em Silva Porto, o Dia da Cavalaria.

As celebrações iniciaram-se, pelas 11 horas, com a chegada do representante do General Comandante-Chefe das Forças Armadas de Angola, a quem, à entrada do quartel, foram prestadas as devidas honras militares, por um Esquadrão.

Depois, às 11,15 horas, houve formatura geral, tendo o 2.º Comandante da Unidade, Tenente-Coronel Ferrand d'Almeida, proferido uma alocução alusiva à memória do Patrono da nossa Arma, Joaquim Mousinho de Albuquerque, da qual, pela sua importância e significado, transcrevemos duas elucidativas passagens.

Começou o referido Oficial Superior por afirmar:

«Celebramos hoje o feito memorável praticado pelo glorioso Patrono da nossa Arma, Major Joaquim Mousinho de Albuquerque, que nesta mesma data do ano de 1897, à frente de um punhado de Cavaleiros, realizou em Macontene a carga de Cavalaria mais brilhante de quantas ocorreram na África Austral.

A invocação de Mousinho, a invocação de Macontene, não são para nós, Cavaleiros, apenas recursos saudosistas às gestas do passado destinados a alimentar artificialmente um Espírito que os cobardes e os traidores desejariam ver moribundo. Podemos-nos congratular e orgulhar pelo facto desse Espírito permanecer bem vivo, não apenas por idealismo e fidelidade às tradições heróicas da nossa Arma, mas também, e principalmente, porque ele constitui a nossa maior força e o meio mais poderoso que possuímos para alcançar a Vitória, nesta mesma guerra em que hoje estamos a lutar. Não é pois ilusão quimérica a de querermos repetir as quase lendárias façanhas de Mousi-



Aspecto parcial da Tribuna de Honra

nho, pois que o Espírito que as tornou possíveis podemos encontrá-lo, na sua forma mais sublime, aqui, nas fileiras dos «Dragões», visto que todos sabem avançar, como ele próprio dizia: «*de cara alegre direitos à morte*», alguns, alinhados nesta formatura, já autores de magníficos actos de heroísmo, frente às balas do Inimigo, outros, presentes apenas na recordação, saudade ou admiração dos seus camaradas, porque morreram no campo da Honra, verteram generosamente o seu sangue, esgotaram a sua saúde, ou deixaram sobre a terra pedaços da sua própria carne... Tudo em holocausto da Pátria!

Eu posso afirmar-vos, «Dragões», que Mousinho sentiria orgulho em ter-vos nas suas fileiras, em repetir, à vossa frente, a sua extraordinária façanha de Macontene.

Há 74 anos, com apenas 50 Cavaleiros, aproveitando um momento de hesitação do Inimigo, carregou e destroçou uma orda, cujo número foi calculado entre 3.000 a 5.000. Teve nesse tempo a ventura, que hoje lhe invejamos, de se bater com inimigos valentes, que, embora selvagens, tinham orgulho em lutar com nobreza. Vós hoje lutais contra um Inimigo cuja valentia se revela apenas quando ataca indefesas populações civis, ou grupos de Soldados em tal inferioridade, que o êxito lhes pareça garantido. Enfrentais um Inimigo que raramente conseguiu

Revista da Cavalaria

ver ou reconhecer, porque anda oculto na mata ou diluído com a população civil, actuando sempre pela forma mais traiçoeira ou insidiosa, usando a emboscada em situações que considera seguras, colocando minas, praticando o terrorismo ou a sabotagem, lançando boatos tendenciosos, difundindo mentiras e calúnias, enganando ingênuos com promessas impossíveis de cumprir e, ao mesmo tempo, ameaçando e exercendo cruéis vinganças sobre aqueles que não querem submeter-se às suas ignominiosas exigências, nem colaborar com as suas práticas criminosas. Mas não é tudo. O Soldado Português de hoje, em África, seria bastante feliz se tivesse que enfrentar apenas este tão difícil, quão pouco visível Inimigo. Para cumprir a sua missão, precisa de possuir uma força espiritual e uma têmpera de alma, e ser capaz de suportar também a ingratidão, a incompreensão, a cobardia, a indiferença e a traição de muitos que, tendo o dever sagrado de os apoiar e acari-nhar, vivem para o prazer sádico de os diminuir e difamar.

Foram estes ataques cobardes, perpetrados por inimigos anónimos, não pelos que enfrentou toda a vida nos campos de batalha, que aniquilaram finalmente Mousinho.

A nossa luta não é pois mais fácil do que foi a sua. É verdadeiramente surpreendente o paralelismo de situação existente no tempo de Mousinho de Albuquerque e no nosso. Tal facto, torna mais vivos e



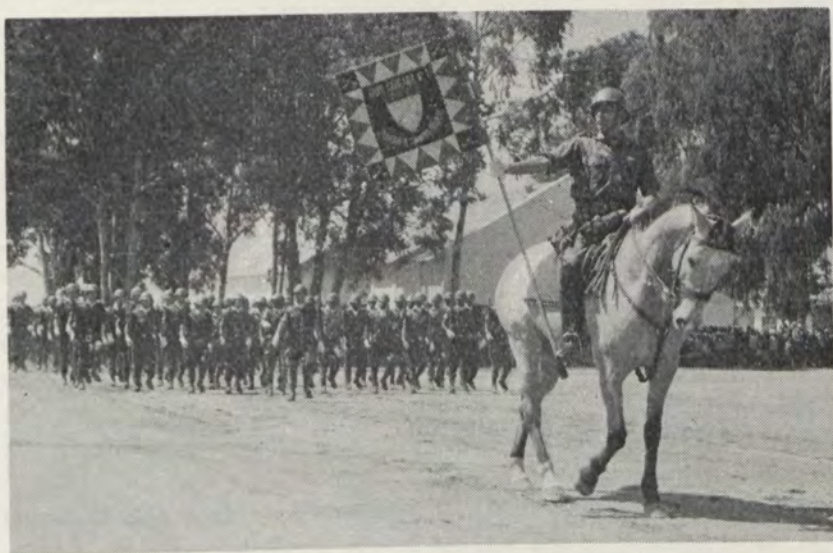
As Tropas a Cavalo em Parada

Revista da Cavalaria

oportunos os ensinamentos que podemos colher do seu carácter e dos exemplos da sua luta.

E, depois de citar alguns factos históricos da brilhante carreira do nosso Patrono, o Tenente-Coronel Ferrand d'Almeida prosseguiu:

«Mas não posso terminar esta invocação de Mousinho sem referir, apesar de já muito citadas e conhecidas, algumas passagens do notável documento que é a sua carta ao Príncipe Real D. Luís Filipe, quando



As tropas apeadas iniciam o desfile

foi nomeado seu aio. Pode considerar-se esta carta, por vontade expressa na mesma, o seu testamento espiritual. Na verdade, ele é de opinião que *«os príncipes não têm biografia; a sua história é, tem que ser a do seu povo»*. Nós aqui presentes, somos legítimos representantes do Povo Português, porque garantimos a integridade do seu território, respeitamos as suas tradições, continuamos a sua civilização, sabemos morrer em defesa dos seus direitos, da sua liberdade, da sua independência. Somos portanto os herdeiros do testamento de Mousinho de Albuquerque. Devemos respeitá-lo e cumpri-lo, porque trilhamos os caminhos da Honra e do Dever.

Revista da Cavalaria

Também naquele tempo, embora não tanto como nos dias de hoje, em que a corrupção e a contestação dos valores morais alastravam e minavam o nosso País, como hoje alastram e minam no mundo inteiro as estruturas da Sociedade Humana, dizia Mousinho, no célebre documento:

«Nesta época de dissolução, em que tão afrouxados estão os laços de disciplina, entendeu Sua Majestade que Portugal precisava, mais que tudo, de quem tivesse vontade firme para mandar, força para se fazer obedecer. E como ninguém pode ensinar o que não sabe, o que não tem praticado, foi El-Rei buscar o vosso aio à classe única em que se encontra quem obedeça sem resistências e mande sem hesitação. Por esse motivo, o primeiro dos meus deveres é fazer de Vossa Alteza um Soldado. (...) Aprenderá a sê-lo na História de seus avós. Este Reino é obra de Soldados. (...) Nasceu Vossa Alteza numa época bem desgraçada para este País. Foi talvez em favor de Deus, porque mais na desventura que na felicidade se prova a força de carácter. (...) Essas páginas brilhantes e consoladoras que há na História de Portugal Contemporâneo, escrevêmo-las nós, os Soldados, lá pelos sertões de África, com as pontas das baionetas e das lanças a escorrer sangue. Alguma coisa sofremos, é certo; corremos perigos, passámos fomes e sedes, e não poucos prostraram em terra para sempre as fadigas e as doenças. Tudo suportámos de boa mente, porque servíamos El-Rei e a Pátria, e para outra coisa não anda neste mundo quem tem a honra de vestir uma farda. Por isso, nós também merecemos o nome de SOLDADOS; é esse o nosso maior orgulho!».

Sejamos pois, CAVALEIROS, dignos da herança que Mousinho nos legou, nobre e vetusta herança de oito séculos!».

Seguiu-se o desfile das Forças em Parada e a visita às várias dependências do quartel, tendo, pelas 12,30 horas, sido inaugurado o Centro de Licenças e Recuperação de Pessoal, onde foi servida uma merenda aos convidados.

E a partir das 14,30 horas, foi inaugurado ainda o Parque de Jogos, com a realização de competições desportivas entre os Esquadrões do Grupo de Cavalaria n.º 1.



PLACA MOUSINHO

Rol dos Cavaleiros que, pelo seu apurmo pessoal, mérito profissional, brio militar, dedicação pelo serviço e exemplar comportamento, receberam, no Dia da Cavalaria, no ano de 1971, a **Placa Comemorativa do Patrono da Arma**:

Escola Prática de Cavalaria

E. C. C.

Soldado n.º 09648869

Branca

Esq. Rec.

Soldado n.º 17025369

Almeida



Esq. Com.

Soldado n.º 04109169

Venâncio

Esq. Serv.

Soldado n.º 11342469

Ventura

1.º Esq. Instr. — Soldado n.º 17358170 — **Pereira**



Regimento de Lanceiros de Mousinho

Form. CICA — 1.º Cabo n.º 08290669 — **Caldeira**

Form. CICA — 1.º Cabo n.º 15117569 — **Farrapa**

Form. R. L. 1 — 1.º Cabo n.º 11841869 — **Pereira**

Form. R. L. 1 — Soldado n.º 18059969 — **Tavares**



Regimento de Lanceiros da Praça de Moura

1.º E. P. M. — Soldado n.º 10488069 — **Esteves**

2.º E. P. M. — Soldado n.º 11906769 — **Alves**

3.º E. P. M. — Soldado n.º 05656369 — **Magalhães**

Formação — Soldado n.º 15192068 — **Oliveira**



Regimento de Dragões de Olivença

Esq. Rec. — 1.º Cabo n.º 01080770 — **Rodrigues**

Esq. Rec. — Soldado n.º 09175769 — **Caninhas**

Formação — 1.º Cabo n.º 02600769 — **Santos**

Formação — Soldado n.º 03573869 — **Gonçalves**



Regimento de Cavaleiros de Macontene

1.º E. C. C. — 1.º Cabo n.º 07272169 — **Alves**
 4.º E. C. C. — 1.º Cabo n.º 14075969 — **Oliveira**
 5.º E. C. C. — 1.º Cabo n.º 06562168 — **Vaz**
 6.º E. C. C. — Soldado n.º 03416669 — **Neto**
 Esq. C. S. — Soldado n.º 16087469 — **Vieira**



Regimento de Dragões de Entre-Douro e Minho

Esq. Rec. — 1.º Cabo n.º 12145969 — **Silva**
 Esq. CICA — 1.º Cabo n.º 08596168 — **Oliveira**
 Formação — 1.º Cabo n.º 00670368 — **Azevedo**



Regimento de Cavalaria do Cais

Esq. Rec. — 1.º Cabo n.º 08665969 — **Nascimento**
 Esq. Rec. — Soldado n.º 07637866 — **Almeida**
 Esq. Instr. — Soldado n.º 05171070 — **Guerreiro**
 Formação — Soldado n.º 16510369 — **Sousa**



Regimento de Cavalaria da Beira

Esq. Rec. — 1.º Cabo n.º 11817269 — **Faria**
 Esq. Instr. — 1.º Cabo n.º 13270668 — **Gomes**
 Formação — 1.º Cabo n.º 11586869 — **Martins**

QUADRO DE HONRA

(Desde 1961 até final de 1971)

MORTOS EM COMBATE

475

MORTOS POR OUTRAS CAUSAS

302

PROMOVIDOS POR DISTINÇÃO

3

TORRE E ESPADA

1

VALOR MILITAR

15

CRUZ DE GUERRA

414

SERVIÇOS DISTINTOS COM PALMA

89



TRIBUTO DE SANGUE

FC

Rol dos Cavaleiros Mortos em Campanha



MORTOS EM COMBATE

1.º Cabo Manuel Freitas Rodrigues

*Filho de João Rodrigues Júnior e Ana Maria Freitas.
Natural de Creixomil. Falecido em 1 de Janeiro de 1971.*

Furriel Mil.º Mário José Vaz Teixeira

*Filho de Ana Leónia Vaz Teixeira.
Falecido em 9 de Janeiro de 1971.*

Soldado António Soares da Silva

*Filho de António da Silva e Maria Lucinda Moreira Antas.
Natural de Penafiel. Falecido em 10 de Janeiro de 1971.*

Soldado Gil Ferreira Figueiredo de Sá

*Filho de António Figueiredo de Sá e Alzira Ferreira.
Natural de Viseu. Falecido em 10 de Janeiro de 1971.*

Soldado Raul Oliveira das Neves

*Filho de Amadeu Alves das Neves e Maria Laurinda Oliveira.
Natural de Arganil. Falecido em 24 de Janeiro de 1971.*

1.º Cabo Francisco Teixeira Feliz

*Filho de José Oliveira Feliz e Maria de Lourdes Teixeira.
Natural de Guimarães. Falecido em 15 de Fevereiro de 1971.*

Revista da Cavalaria

1.º Cabo Joaquim António Carregueira Correia

*Filho de Rui António Correia e Joaquina Maria Carregueira.
Natural de S. do Cacém. Falecido em 22 de Fevereiro de 1971.*

Soldado José Francisco Valério

*Filho de Francisco António Valério e Vitorina de Jesus.
Natural de Estói. Falecido em 5 de Março de 1971.*

Soldado Teixeira Cunhaque

*Filho de Cunhaque e Mussela.
Falecido em 8 de Março de 1971.*

Furriel Mil.º António da Cunha Franco

*Filho de Alfredo Franco e Evangelista Cunha Franco.
Natural de Caminha. Falecido em 1 de Abril de 1971.*

Soldado Manuel Correia Elias

*Filho de Manuel José Elias e Cesária Cândida Correia.
Natural de Serpa. Falecido em 1 de Abril de 1971.*

Soldado Salvador Gonçalves Alves

*Filho de Fernando Duarte Diogo e Ana do Carmo B. Diogo.
Natural de Lisboa. Falecido em 1 de Abril de 1971.*

Soldado João Barradas Fé

*Filho de Manuel Baptista da Fé e Angelina Pedro Barradas.
Natural de Portalegre. Falecido em 2 de Abril de 1971.*

Soldado Joaquim Marques Neves

*Filho de José das Neves e M. Albertina de Jesus M. Carvalheira.
Natural de Cantanhede. Falecido em 3 de Abril de 1971.*

Soldado Joaquim Ferreira da Costa

*Filho de António Augusto e Elisa Ferreira de Jesus.
Natural de Vila da Feira. Falecido em 13 de Abril de 1971.*

1.º Cabo José Maria do Carmo Reis

*Filho de José Dias e Maria do Carmo.
Natural de Alvaizere. Falecido em 19 de Abril de 1971.*

Soldado Jorge Costa Gomes

*Filho de Henrique Gomes e Clotilde da Conceição Costa.
Natural de Monte de Caparica. Falecido em 30 de Abril de 1971.*

Revista da Cavalaria

1.º Cabo Horácio Pereira Gomes

*Filho de Joaquim Gomes e Maria da Silva Pereira.
Natural de Alcanena. Falecido em 16 de Maio de 1971.*

Alferes Mil.º José Maria Rodrigues Vargas Flores

*Filho de Carlos Marques Flores e Maria Rodrigues Rigor.
Natural de Ilhavo. Falecido em 23 de Maio de 1971.*

1.º Cabo Carlos Abílio Gomes Ferreira Antunes

*Filho de Abílio Ferreira Antunes e Matilde Gomes Leal.
Natural de Matozinhos. Falecido em 1 de Junho de 1971.*

Soldado Sebastião Leal de Oliveira

*Filho de Pascoal das Dores Leal e Maria N. Leão de Oliveira.
Natural de Lisboa. Falecido em 9 de Junho de 1971.*

Soldado José Guilherme Santos Magalhães

*Filho de Manuel Leite de Magalhães e Rosa dos Santos.
Natural de Cabeceiras de Baixo. F. em 22 de Junho de 1971.*

Alferes Mil.º João Arteiro Marques da Mata

*Filho de José Marques Mata e Silvina Gonçalves Arteiro.
Natural de Póvoa de Varzim. Falecido em 14 de Julho de 1971.*

Soldado António Matias de Araújo

*Filho de Bernardino G. de Araújo e Maria P. Matias de Araújo.
Natural de Lisboa. Falecido em 7 de Agosto de 1971.*

Soldado José Ferreira Abreu Costa

*Filho de Rodrigo António Abréu Costa e Laura Ferreira.
Natural de V. N. de Famal. Falecido em 26 de Agosto de 1971.*

Soldado António Ferreira Dias

*Filho de Maximiano Dias e Maria da Conceição.
Natural de Mangualde. Falecido em 1 de Setembro de 1971.*

1.º Cabo António Joaquim Capela Barroso

*Filho de Aníbal Gonçalves Barroso e Ludovina Pereira Capela.
Natural de Cab. de Basto. Falecido em 2 de Setembro de 1971.*

Soldado Pedro Afonso Matias Baleia

*Filho de Afonso Duarte Baleia e Maria Eugénia C. L. Matias.
Natural de Mafra. Falecido em 18 de Setembro de 1971.*

Revista da Cavalaria

Soldado José da Glória de Sousa

*Filho de José de Sousa e Ermelinda da Glória Sousa.
Natural de Olhão. Falecido em 10 de Outubro de 1971.*

Soldado Lindolfo de Jesus Rodrigues

*Filho de Francisco Rodrigues e Francisca de Jesus.
Natural de Lamego. Falecido em 10 de Outubro de 1971.*

1.º Cabo Manuel Joaquim Lérias dos Santos

*Filho de Francisco Gomes dos Santos e Gertrudes Iria Lérias.
Natural de Seixal. Falecido em 6 de Novembro de 1971.*

1.º Cabo Eduardo António Carvalho Gregório

*Filho de António da S. Gregório e Maria Antónia C. Carvalho.
Natural de Loures. Falecido em 17 de Novembro de 1971.*

1.º Cabo João Manuel Borrega Saragoça

*Filho de Manuel R. Vulhalva Saragoça e M. de Jesus Borrego.
Natural de Campo Maior. Falecido em 23 de Novembro de 1971.*

Alferes Mil.º Francisco Lopes Gonçalves Barbosa

*Filho de Zacarias Gonçalves Barbosa e Adelaide Lopes.
Natural de Amares. Falecido em 25 de Novembro de 1971.*

Soldado Reinaldo Queimado Lopes

*Filho de Sebastião Lourenço e Joaquina Queimada.
Natural de R. de Monsaraz. F. em 25 de Novembro de 1971.*

Soldado Augusto da Cruz Fernandes

*Filho de António da C. Fernandes e Clementina R. da Cruz.
Natural de V. do Minho. Falecido em 30 de Novembro de 1971.*

Soldado Manuel Francisco da Conceição Rodrigues

*Filho de Manuel Marques Rodrigues e Ana Rosa da Conceição.
Natural de Arronches. Falecido em 7 de Dezembro de 1971.*

2.º Sargento Francisco da Conceição Nunes

*Filho de Sebastião Gonçalves N. e Teresa da Conceição Nunes.
Nat. de S. B. de Messines. Falecido em 13 de Dezembro de 1971.*

Soldado João Faria da Silva

*Filho de Domingos da Costa e Silva e Clementina Coelho Faria.
Natural de Barcelos. Falecido em 18 de Dezembro de 1971.*

MORTOS POR OUTRAS CAUSAS

Soldado António Augusto da Silva

*Filho de Adriano Silva e Maria Felicidade Silva.
Natural de C. do Alentejo. Falecido em 7 de Janeiro de 1971.*

1.º Cabo Eduardo José Melgueiras Baptista

*Filho de Joaquim José Baptista e Idalina Martins M. Baptista
Natural de Setúbal. Falecido em 8 de Janeiro de 1971.*

1.º Cabo Augusto Lourenço Alves

*Filho de Raul Vicente Alves e Maria Alice Alves Lourenço.
Natural de Lisboa. Falecido em 21 de Janeiro de 1971.*

Furriel Mil.º Alberto Lopes Cardoso

*Filho de Júlio Cardoso e Lucília da Piedade.
Natural de Pombal. Falecido em 29 de Janeiro de 1971.*

Soldado Rogério Xavier

*Filho de Francisco Xavier e Maria Grunera.
Falecido em 21 de Fevereiro de 1971.*

Soldado Leonel Pinto

*Filho de Francisco António Pinto e Gertrudes Rosa.
Natural de A. do Sal. Falecido em 22 de Fevereiro de 1971.*

Soldado Mário Costa Morgado

*Filho de Francisco R. Morgado e Marília Caneiras F. Morgado.
Natural de Grândola. Falecido em 23 de Fevereiro de 1971.*

Soldado Francisco da Silva Oliveira

*Filho de António Moutinho Alves e Emília da Silva Oliveira.
Natural de Valongo. Falecido em 24 de Fevereiro de 1971.*

Soldado António Maria Guilherme

*Filho de Francisco Costa Guilherme e Vitória Maria.
Natural de Outeiro da Várzea. Falecido em 5 de Março de 1971.*

Soldado Almerindo Alexandre Catita Santos

*Filho de Floribento Conceição dos Santos e Adélia Maria Catita.
Natural de Estremoz. Falecido em 6 de Abril de 1971.*

Soldado Costa Cagilongo

*Filho de Cagilongo e Quibuna.
Falecido em 13 de Abril de 1971.*

Revista da Cavalaria

Soldado Mário Rodrigues da Fonseca

*Filho de Manuel R. da Fonseca e Maria do C. Rodrigues.
Falecido em 17 de Abril de 1971.*

Soldado Domingos Chicolumancho

*Filho de Mário José e Helena.
Falecido em 19 de Abril de 1971.*

Alferes Mil.º João Francisco Synate de Serpa Soares

*Filho de Carlos Alberto de S. S. e Maria L. S. Synate S. Soares.
Natural de Portalegre. Falecido em 28 de Abril de 1971.*

Furriel Mil.º José Martins Ramos

*Filho de José Maria G. Ramos e Aurora da Conceição Martins.
Natural de Oleiros. Falecido em 30 de Abril de 1971.*

Soldado Aníbal dos Santos Ferreira

*Filho de António Ferreira e Carmen dos Santos.
Natural de Torres Vedras. Falecido em 30 de Abril de 1971.*

1.º Sargento António Joaquim Caldeira Boné

*Filho de Joaquim António Boné e Mariana Caldeira Boné.
Natural de Lisboa. Falecido em 1 de Junho de 1971.*

Furriel Mil.º José Maria Fragoso

*Filho de Teodoro Evaristo e Maria dos Prazeres.
Natural de Guarda. Falecido em 7 de Junho de 1971.*

Soldado António José Ferreira Castelo

*Filho de Manuel Pereira Castelo e Olímpia J. Ferreira Castelo.
Natural de Chaves. Falecido em 17 de Junho de 1971.*

1.º Cabo Agostinho Sousa e Silva

*Filho de António Silva e Ana Sousa Matos Xavier.
Natural de Lousada. Falecido em 29 de Junho de 1971.*

Soldado João Pinela Raposo

*Filho de António Raposo e Eduarda da Conceição.
Natural de Sant. do Cacém. Falecido em 12 de Julho de 1971.*

Soldado Fernando Moreira

*Filho de Arnaldo Moreira e Maria Moreira.
Natural de Vouzela. Falecido em 14 de Julho de 1971.*

Revista da Cavalaria

Soldado Bento Manuel Frasco Pinheiro

*Filho de Manuel Marques Pinheiro e Maria Joaquina Frasco.
Natural de V. do Alentejo. Falecido em 16 de Julho de 1971.*

Soldado Plácido de Sousa Antunes

*Filho de João Manuel Antunes e Cristina dos R. José de Sousa.
Natural de P. do Lanhoso. Falecido em 8 de Agosto de 1971.*

Soldado Joaquim Nunes Duarte

*Filho de José Nunes Duarte e Madalena Maria.
Natural de Alenquer. Falecido em 11 de Agosto de 1971.*

Soldado António dos Reis Pereira

*Filho de João da Silva Pereira e Rosa Borges dos Reis.
Natural de Barcelos. Falecido em 14 de Agosto de 1971.*

1.º Cabo Manuel de Sousa Gago

*Filho de Manuel de Sousa e Maria de Lourdes Gago.
Natural de Olhão. Falecido em 17 de Setembro de 1971.*

1.º Cabo Abel Fernando Xavier da Silva

*Filho de Jaime da Silva e Maria Fernanda Xavier Almeida.
Natural de Lisboa. Falecido em 16 de Outubro de 1971.*

Furriel Mil.º Manuel Rodrigo Soares Capela

*Filho de Manuel Oliveira Capela e Ana Soares da Conceição.
Natural de V. N. de Gaia. Falecido em 23 de Outubro de 1971.*

Furriel Mil.º António José de Freitas Saldanha Marreca

*Filho de António J. Pedro S. Marreca e Maria de L. Bento S. M.
Natural de Santarém. Falecido em 16 de Dezembro de 1971.*

Soldado Francisco da Silva Nicolau

*Filho de José Nicolau Júnior e Lucília da Purificação Silva.
Natural de T. Vedras. Falecido em 24 de Dezembro de 1971.*

Rol dos Cavaleiros Feridos em Combate

01-01-71	— 1.º Cabo	Osvaldo Assunção
01-01-71	— Soldado	Amândio Manuel Martins de Pinho
08-01-71	— Soldado	Aurélio Manuel Martins
10-01-71	— Fur. Mil.	Victor Manuel dos Santos
10-01-71	— Soldado	Francisco da Conceição Santos
16-01-71	— Alf. Mil.	Abílio de Sá Costa
18-01-71	— 1.º Cabo	João Lemos Zacarias
24-01-71	— Soldado	António Tavares Júnior
25-01-71	— Capitão	Luís Alberto dos Santos Banazol
25-01-71	— Fur. Mil.	Carlos Alberto R. Oliveira
25-01-71	— 1.º Cabo	Bernardo Eurico F. Vaz
25-01-71	— Soldado	Mário Martins Araújo
06-02-71	— Soldado	Vítor Manuel Palma Gonçalves
14-02-71	— 1.º C. Mil.	António Ribeiro Pimentel
14-02-71	— Soldado	José Maria da Rocha
22-02-71	— Soldado	Luís Maria da Silva Garrão
23-02-71	— Soldado	José da Rocha Caldas
07-03-71	— Soldado	Artur da Cruz Ferrão
07-03-71	— Soldado	José Francisco Valério
07-03-71	— Soldado	Manuel da Conceição Sobral
08-03-71	— Soldado	Cacossane Abudo
08-03-71	— Soldado	João Baptista Felgueiras
11-03-71	— Soldado	Francisco dos Anjos
13-03-71	— 1.º Cabo	António José Lemos Pires
17-03-71	— Fur. Mil.	Abílio Tavares Baptista
17-03-71	— 1.º Cabo	Afonso Henrique Cabrita Simão
17-03-71	— 1.º Cabo	Eugénio Ramos Baião
17-03-71	— 1.º Cabo	João Manuel Rodrigues Borges
17-03-71	— 1.º Cabo	Vítor Manuel Correia Andrade
17-03-71	— Soldado	António Cândido Costa
17-03-71	— Soldado	Arnaldo Rosa Rodrigues
17-03-71	— Soldado	Fernando Silva Santos
17-03-71	— Soldado	Marcos Luís de Sousa
17-03-71	— Soldado	Zacarias Montes
29-03-71	— Soldado	Eduardo Salvador Rungumbe
29-03-71	— Soldado	João Saide
29-03-71	— Soldado	Joaquim Simbe Ganche
29-03-71	— Soldado	José Varandas Pinheiro
29-03-71	— Soldado	Juma João Santana
29-03-71	— Soldado	Nicolau Prata

Revista da Cavalaria

31-03-71	— Soldado	Álvaro de Rito Vitorino
31-03-71	— Soldado	Ernesto Rufanequisso
01-04-71	— Fur. Mil.	Miguel António Martins
01-04-71	— Soldado	José Fernandes Oliveira
01-04-71	— Soldado	Manuel Magro Correia
03-04-71	— 1.º Cabo	António José M. M. Coelho
03-04-71	— Soldado	António Marques Nunes
04-04-71	— Fur. Mil.	Armindo Marques Fernandes
04-04-71	— 1.º Cabo	António dos Santos Grencho
04-04-71	— 1.º Cabo	Fernando da Silva Matos
07-04-71	— Soldado	Tiago Gando
08-04-71	— 1.º Cabo	Artur de Jesus Santana Casação
08-04-71	— 1.º Cabo	José Guilherme Vicente
08-04-71	— Soldado	Armindo Rodrigues Soares Valente
08-04-71	— Soldado	Arnaldo Jesus Tavares Almeida
08-04-71	— Soldado	José Augusto Roções de Mera
08-04-71	— Soldado	Manuel Rodrigues de Almeida
11-04-71	— Soldado	José Maria de Sousa Moreira
11-04-71	— Soldado	Vítor Manuel Oliveira Cunha
13-04-71	— 1.º Cabo	Eduardo Mariano Laranjeira Bonito
17-04-71	— Soldado	João Manuel Matias Baptista
19-04-71	— Soldado	José dos Santos
22-04-71	— 1.º Cabo	Abílio de Abreu Ferreira
22-04-71	— Soldado	Carlos Alberto Conceição Serpa
22-04-71	— Soldado	Vítor Manuel Prudêncio Henrique
25-04-71	— Fur. Mil.	Francisco José de Sousa A. Carrega
04-05-71	— 1.º Cabo	Manuel Campos de Araújo
09-05-71	— Soldado	António Gabriel
09-05-71	— Soldado	Eduardo Gonçalves da Rocha
09-05-71	— Soldado	Júlio António
09-05-71	— Soldado	Raimundo Jamisse Nhacomba
14-05-71	— 1.º Cabo	António Joaquim Henriques
17-05-71	— Soldado	Manuel de Jesus Carvalho
20-05-71	— Soldado	José Gonçalves Cabral
20-05-71	— Soldado	José das Neves Almeida
29-05-71	— Soldado	José Maria Alves Moreira
31-05-71	— Soldado	António Maria Pereira
31-05-71	— Soldado	Joaquim Cardoso Mesquita
31-05-71	— Soldado	Luís Bulabane Lipanga
31-05-71	— Soldado	Manuel Fernandes da Silva
10-06-71	— Soldado	José Mateus
10-06-71	— Soldado	Júlio Clemente Saide
10-06-71	— Soldado	Manuel António Daúde
19-06-71	— 1.º Cabo	Manuel António Bernardo

Revista da Cavalaria

27-06-71	— Soldado	Horácio Marmelo dos Santos
03-07-71	— Soldado	Almeida Alufane
03-07-71	— Soldado	André Malanta
03-07-71	— Soldado	Brito Nipa Buré
03-07-71	— Soldado	Horácio João Cotaia
03-07-71	— Soldado	Jacinto Maolelane
03-07-71	— Soldado	Jochua Issaia M. Macanze
04-07-71	— 1.º Cabo	José Manuel da Silva Carvalho
04-07-71	— 1.º Cabo	William Paindane Juige
01-08-71	— 1.º Cabo	Abel Fernando Xavier
01-08-71	— Soldado	Manuel Fernandes Carvalho
02-08-71	— Soldado	Amândio Marques Simão
09-08-71	— Alf. Mil.	José Luís dos Santos Trindade
09-08-71	— Soldado	Carlos Alberto M. Loureiro
09-08-71	— Soldado	Manuel da Silva Pereira
17-08-71	— 1.º Cabo	António Andrade Ferreira da Silva
18-08-71	— Fur. Mil.	José Manuel Duarte Matias
18-08-71	— 1.º Cabo	António Gonçalves Hipólito Moreira
18-08-71	— 1.º Cabo	Carlos Alberto Gomes Coelho
18-08-71	— 1.º Cabo	Manuel Jesus Costa
19-08-71	— 1.º Cabo	Alberto dos Santos Silva
22-08-71	— Fur. Mil.	Artur Sousa do Coito
24-08-71	— Soldado	Manuel Carrega dos Reis
26-08-71	— Fur. Mil.	Agostinho Sousa Gomes
26-08-71	— Soldado	António Moreira Pereira
28-08-71	— Soldado	Zeferino Meireles Santos
29-08-71	— Soldado	António Pereira Carreira
29-08-71	— Soldado	Armando Marques Rumor
29-08-71	— Soldado	Armando Mateus Anjos
30-08-71	— 1.º Cabo	Celestino Ramos Paixão
30-08-71	— 1.º Cabo	José Varandas Real
30-08-71	— Soldado	João Afonso Mação
31-08-71	— Fur. Mil.	Mário Guido
31-08-71	— Soldado	Porfírio Jacinto Duarte
01-09-71	— 1.º Cabo	Manuel António Alferes Ameixa
02-09-71	— Soldado	João Ferreira de Sousa
02-09-71	— Soldado	João José da Conceição Candeias
07-09-71	— Soldado	Joaquim dos Reis
07-09-71	— Soldado	Mateus Chanessa Fafetine
07-09-71	— Soldado	Teófilo Assamane
03-10-71	— 1.º Cabo	Manuel Maria Vale
03-10-71	— 1.º Cabo	Vítor das Neves Gonçalves
03-10-71	— Soldado	Abílio Carrilho Rosa
03-10-71	— Soldado	Afonso dos Santos Costa

Revista da Cavalaria

03-10-71	— Soldado	Eduardo José Costa Reis
03-10-71	— Soldado	Fernando Duarte Costa
03-10-71	— Soldado	João Isidoro Glória
03-10-71	— Soldado	Mário Ferreira Duarte
03-10-71	— Soldado	Mário Francisco Paulino Mangas
19-10-71	— Capitão	Fernando José Salgueiro Maia
19-10-71	— Fur. Mil.	Nuno Manuel O. Martins Barriga
19-10-71	— 1.º Cabo	Fernando Farinha
19-10-71	— Soldado	Francisco Rodrigues Nogueira
23-10-71	— 1.º Cabo	António Joaquim Roque Nunes
23-10-71	— Soldado	Gabriel António Pereira Papanca
26-10-71	— 1.º Cabo	António Carlos Saraiva Pinto
26-10-71	— Soldado	José Salvador Ramos
01-11-71	— 1.º Sarg.	António Correia Mateus
06-11-71	— 1.º Cabo	Alexandre M. Outeiro Leitão
06-11-71	— 1.º Cabo	António Maria Rodrigues Peixinho
06-11-71	— Soldado	Eduardo Henriques Manso
14-11-71	— Soldado	António Bragança da Silva
14-11-71	— Soldado	Fernando Mussa Ali
25-11-71	— 1.º Cabo	Guilherme Abrantes da Cunha
25-11-71	— Soldado	Alfredo Silva Bastos
25-11-71	— Soldado	Bernardino da Cunha Dias
25-11-71	— Soldado	Carlos Manuel A. Lourenço
25-11-71	— Soldado	Francisco P. Rodrigues
30-11-71	— 1.º Cabo	Luís Alberto da Silva Coelho
06-12-71	— Soldado	José Ferreira da Silva
10-12-71	— Major	Augusto das Neves Oliveira
10-12-71	— 1.º Sarg.	António Pereira Gomes
22-12-71	— 1.º Cabo	Manuel Fernando Pinto
22-12-71	— Soldado	António Vieira Marinho
22-12-71	— Soldado	Bernardo Pungue
22-12-71	— Soldado	Ferreira Lucas
23-12-71	— Fur. Mil.	José Miranda Ferreira
23-12-71	— Fur. Mil.	Leonel O. Bartolomeu
23-12-71	— 1.º Cabo	José Cabrita da Cruz
23-12-71	— Soldado	Avelino Mártires de Sousa
23-12-71	— Soldado	Diogo Rosa da Costa

EM GUERRA

PARA A CONQUISTA

DA PAZ

HOMENAGEM





VALOR MILITAR COM PALMA

Ten.-Coronel

Carlos José Machado Alves Morgado

Por indevida inserção do Ten.-Coronel Carlos José Machado Alves Morgado na rubrica «Medalha de Prata de Serviços Distintos com Palma» da edição da *Revista da Cavalaria* de 1971, quando a este Oficial foi concedida a «Medalha de Valor Militar com Palma», se efectua a necessária rectificação, com o pedido de desculpa pelo lapso cometido.



CRUZ DE GUERRA

1.^a CLASSE

Capitão Jaime Anselmo Alvim de Faria Afonso
Capitão José Maria de Campos Mendes Sentieiro

2.^a CLASSE

Soldado Albertino Dias Gomes

3.^a CLASSE

Soldado José de Figueiredo Gomes
Soldado Fernando José da Assunção Martins
Furriel Mil.^o Albertino de Oliveira Canelas
Alferes Mil.^o António Aurélio M. de Andrade Tavares

4.^a CLASSE

1.^o Cabo Artur Manuel de Sousa Bessa
1.^o Cabo Ernesto Ratinho Faria
Soldado Gaspar Pedro da Silva
1.^o Cabo Carlos Alberto Agostinho Duarte
Soldado Edmundo Rodrigues da Silva
Soldado Américo Gomes Vaz de Sousa
Soldado António Dias das Neves
1.^o Cabo António Francisco Martins Correia
1.^o Cabo Viriato da Silva Nunes



Jaime Anselmo Alvim de Faria Afonso

Capitão

Cruz de Guerra de 1.ª Classe
(A título póstumo)

O. E. n.º 17 — 2.ª Série
de 1 de Setembro de 1971

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Exército, condecorá-lo com a Cruz de Guerra de 1.ª Classe, ao abrigo dos artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província de Moçambique.

Porque, recebendo a missão de patrulhar continuamente um itinerário onde o Inimigo costumava manifestar-se de forma particularmente violenta e com profusa implantação de minas, ao ir em socorro de uma autometralhadora do seu Esquadrão, que acabava de accionar uma mina anticarro, e ao aperceber-se dos efeitos da explosão no moral dos seus homens, com um exemplo de audácia perante o risco elevado que calculou dever corresponder à missão e à reputação de «impecável» que dava à sua Unidade, decidiu continuar, tomando, ousada e deliberadamente, lugar na viatura que, prosseguindo à frente do Esquadrão, veio a provocar novo accionamento de mina anticarro, a qual destruiu o veículo e os seus ocupantes.

Confirmou, assim, o brio e excepcionais qualidades de bravura, sentido do dever, abnegação e sangue-frio, já anteriormente evidenciados na operação «NÓ GÓRDIO», e a dedicação sem limites sempre posta no integral cumprimento da missão de que foi encarregado.

As qualidades apontadas e o espírito de disciplina do Capitão Faria Afonso fazem considerar de mérito relevante a difícil missão que desempenhou na Província de Moçambique, com sacrifício da vida.



José Maria de Campos Mendes Sentieiro

Capitão

Cruz de Guerra de 1.ª Classe

O. E. n.º 19 — 2.ª Série

de 1 de Outubro de 1971

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Exército, condecorá-lo com a Cruz de Guerra de 1.ª Classe, ao abrigo dos artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província da Guiné.

Pela forma altamente eficiente como comandou a Companhia de Cavalaria n.º 2485, na Província da Guiné, desenvolvendo intensa e contínua actividade operacional em zonas particularmente difíceis e evidenciando notáveis qualidades de Chefe e de combatente, sabendo incutir nos seus subordinados excepcional determinação, agressividade e espírito de corpo.

No decurso de uma emboscada montada pelo Inimigo em área muito crítica do Sector, o Capitão Sentieiro, sob intenso potencial de fogo inimigo, indifferente ao perigo e sempre nos locais de maior risco, impulsionou de forma dinâmica e agressiva as forças sob o seu comando, infligindo ao seu adversário apreciáveis baixas e a captura de material diverso, o que teve significativas repercussões na evolução favorável da situação na zona de acção da sua Unidade. Em toda a acção, evidenciou elevada coragem, decisão e serena energia debaixo de fogo.

Na operação «RODA GRANDE», progredindo junto dos primeiros homens da coluna que foi emboscada, impulsionou os seus subordinados pelo exemplo da sua conduta, comandando com decisão a reacção, primeiramente à frente, onde o fogo era mais intenso e sempre em evidente risco de vida, e, posteriormente, deslocando-se a meio da coluna a fim de coordenar o envolvimento feito pelos elementos da retaguarda.

Na operação «OSTRA AMARGA», face a uma forte emboscada sofrida pelas nossas forças, expôs-se decididamente ao fogo inimigo para poder coordenar a acção, galvanizando os seus homens com o seu procedimento e obrigando o adversário a retirar.

Revista da Cavalaria

Não menos relevante foi a forma enérgica e pronta como fez reagir as suas forças, em emboscada levada a efeito por um grupo inimigo na região de Ponta Matar, ordenando o envolvimento do adversário, que bateu em retirada, deixando baixas no terreno.

Pelo conjunto de excepcionais qualidades evidenciadas debaixo de fogo frente ao Inimigo, demonstrou o Capitão Sentieiro possuir extraordinários dotes de coragem, decisão, sangue-frio e desprezo pelo perigo, dignificando altamente a Arma de Cavalaria, a que pertence, e o Exército que tão abnegadamente serve.



Albertino Dias Gomes

Soldado

Cruz de Guerra de 2.ª Classe

O. E. n.º 10 — 3.ª Série

de 10 de Abril de 1971

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Exército, condecorá-lo com a Cruz de Guerra de 2.ª Classe, ao abrigo dos artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província da Guiné.

Porque, tendo revelado um extraordinário entusiasmo e desembaraço por toda a actividade operacional, sendo normalmente voluntário para todas as situações de risco, demonstrou sempre elevado grau de coragem, que lhe creditou a admiração de todos os elementos da sua Unidade. Durante a operação «INICIACÃO», arrancou sozinho com o seu LGFog para o encontro de um elemento IN armado, que feriu e perseguiu, contribuindo com a sua acção para a detecção e destruição de um importante acampamento IN. Na operação «CHICOTE», em que viria a perder um membro inferior, ocasionado pelo rebentamento de mina, mais uma vez se colocou voluntariamente na frente da coluna, lugar que por gosto ao risco normalmente ocupava quando notava qualquer hesitação nos seus camaradas. Dotado de grande rusticidade e espírito de sacrifício, de tal deu mostra quando, da sua evacuação, que durou sete horas, em que, apesar de já se saber gravemente diminuído, debilitado pela perda de sangue, e sofrendo todos os balanços de quem é transportado em terreno difícil à progressão, não soltou um único lamento, antes pelo contrário, aconselhou os seus camaradas a não pensarem no seu caso, incutindo-lhes tal ânimo, que impressionou extraordinariamente toda a coluna. Por tudo o que acabo de citar, considero o Soldado Albertino Dias Gomes, um exemplo de militar possuidor de coragem, serena energia debaixo de fogo, decisão, sangue-frio e gosto pelo risco, que muito honra o Exército Português, e a quem a Nação se julga deva dar público testemunho.



José de Figueiredo
Gomes

Soldado

Cruz de Guerra de 3.ª Classe

O. E. n.º 5 — 3.ª Série

de 20 de Janeiro de 1971

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Exército, condecorá-lo com a Cruz de Guerra de 3.ª Classe, ao abrigo dos artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província de Moçambique.

Pela preponderante actividade operacional desenvolvida nos treze meses de permanência na sua Unidade.

Durante uma emboscada sofrida pela coluna, onde seguia na viatura da frente como voluntário apontador de metralhadora, uma vez mais reagiu prontamente, cessando apenas quando a arma encravou pela dilatação do cano.

Uma vez desarmado, correu sob o fogo inimigo a socorrer os camaradas feridos e aproveitando-lhes as armas voltou a disparar com elas até que os atacantes retiraram, após o que, colaborou ainda na busca efectuada ao local.

Pela forma apontada, revelou decisão, sangue frio e muita coragem sob a acção do fogo inimigo, honrando-se e à Unidade a que pertence.



Fernando José da Assunção Martins

Soldado

Cruz de Guerra de 3.ª Classe

O. E. n.º 10 — 3.ª Série
de 10 de Abril de 1971

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Exército, condecorá-lo com a Cruz de Guerra de 3.ª Classe, ao abrigo dos artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província de Moçambique.

Porque, apesar de gravemente ferido no decorrer de uma emboscada em região de subversão violenta, além de continuar a alvejar o Inimigo, superior em número, fortemente armado, com grande potencial de fogo e já com o seu grupo de assalto a distância muito curta, ainda orientou os seus camaradas de luta mais próximos.

Contribuiu assim com o seu moral, sangue-frio e serena energia debaixo de fogo, para o sucesso das nossas tropas, manifestando com o seu comportamento nítida compreensão do dever e espírito de luta que muito o honra frente ao Inimigo.



Albertino de Oliveira Canelas

Furriel Miliciano

Cruz de Guerra de 3.ª Classe

O. E. n.º 12 — 3.ª Série
de 30 de Abril de 1971

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Exército, condecorá-lo com a Cruz de Guerra de 3.ª Classe, ao abrigo dos artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província de Moçambique.

Porque, quando seguia ao longo duma picada em zona de subversão como Comandante de uma patrulha-auto que foi atacada por violento fogo inimigo, e, apesar de logo no início, ter sido ferido gravemente numa perna, com um tiro que lhe imobilizou o joelho, conseguiu, debaixo de fogo, manter a serenidade do grupo que lhe estava confiado, dar as suas ordens de combate da melhor maneira possível e manter o ânimo e o espírito aguerrido dos seus soldados, o que contribuiu largamente para a debandada das hostes atacantes, de número bastante superior, e consequente relativa segurança do seu pessoal, que contava muitos feridos.

Com a sua conduta, o Furriel Canelas demonstrou as suas qualidades de Chefe, de bom condutor de homens e ser um militar possuidor de coragem, sangue-frio e serenidade debaixo de fogo, e por isso muito digno de ser apontado aos seus camaradas como exemplo.



António Aurélio Marcos de Andrade Tavares

Alferes Miliciano

Cruz de Guerra de 3.ª Classe

O. E. n.º 17 — 2.ª Série

de 1 de Setembro de 1971

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Exército, condecorá-lo com a Cruz de Guerra de 3.ª Classe, ao abrigo dos artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província da Guiné.

Pela forma verdadeiramente brilhante como se houve no cumprimento da acção levada a efeito no dia 16 de Maio, confirmando os elevados dotes de comando que vinha revelando no cumprimento de anteriores missões de combate.

Tendo um numeroso grupo IN emboscado fortemente as NT, o Alferes Tavares lançou-se rápida e decididamente em socorro da força que fora emboscada, entrando fulgurantemente com as autometralhadoras sob o seu comando na zona de morte, batendo pelo fogo o Inimigo, que retirou rapidamente, sem possibilidades de esboçar qualquer resistência. Apercebendo-se da provável direcção da retirada, lançou-se uma vez mais na perseguição do grupo IN, que surpreendeu, derrubando um elemento com a sua AML, enquanto o adversário, em fuga desordenada, era batido pelo fogo das suas armas. Nesta acção, foi abatido um elemento IN, que se verificou posteriormente tratar-se de um importante chefe, tendo sido ainda capturado diverso armamento.

A acção dinâmica do Alferes Tavares permitiu a resolução rápida da situação, revelando na sua execução elevadas qualidades de coragem, agressividade, serena energia debaixo de fogo, a par de um alto sentido táctico e insofismável espírito de missão, dotes estes que com justiça o tornam digno de ser apontado como exemplo, honrando assim as gloriosas tradições da Arma de Cavalaria, a que pertence.



Artur Manuel de Sousa
Bessa

1.º Cabo

Cruz de Guerra de 4.ª Classe

O. E. n.º 2 — 3.ª Série
de 20 de Janeiro de 1971

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4.ª Classe, nos termos do artigo 12.º do Regulamento da Medalha Militar, promulgado pelo Decreto n.º 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas de Moçambique, de 23 de Setembro de 1970.

Pelo sangue-frio, valentia e arrojo revelados, quando, em fase crítica de uma emboscada em que numeroso grupo inimigo, dispondo de grande potencial de fogo e determinação, que o levou quase à luta corpo a corpo, acompanhou o seu comandante de grupo de combate num contra-ataque a peito descoberto e com fogo expedito e certo sobre os atacantes que, ameaçados de envolvimento, foram compelidos a retirar.

Deu assim, sob fogo inimigo, magnífico exemplo de coragem, heroicidade e desprezo pela vida, honrando sobremaneira a Pátria, que serve tão abnegada e estoicamente.

Revista da Cavalaria



Ernesto Ratinho Faria

1.º Cabo

Cruz de Guerra de 4.ª Classe

O. E. n.º 5 — 3.ª Série

de 20 de Janeiro de 1971

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Exército, condecorá-lo com a Cruz de Guerra de 4.ª Classe, ao abrigo dos artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província da Guiné.

Pelas reais qualidades de combate, reveladas frente ao IN, ao longo da sua comissão nesta Província da Guiné, e em que importa salientar a agressividade, valentia, desprezo pela vida e serena energia debaixo de fogo que o caracterizam. Tendo recebido instrução da especialidade na C. Cav. n.º 2486, a ela se dedicou de tal forma que, não tendo sido mobilizado para fazer parte do seu efectivo orgânico, se ofereceu para a acompanhar, embora consciente da difícil e árdua missão que se adivinhava, inerente a uma Unidade Reserva do Comando-Chefe. Actuando sempre de forma destacada, salientou-se quando, tendo o seu G. C. sofrido uma emboscada, e sendo atingido numa mão, por um tiro certo que o obrigou momentaneamente a soltar a metralhadora, novamente a empunhou, tornando-se, pelo exemplo, o verdadeiro elemento impulsionador da reacção das NT, gritando, fazendo fogo, correndo na direcção do IN e arrastando consigo os seus camaradas. Embora ferido, não permitiu que o enfermeiro o tratasse, dizendo-lhe que cuidasse primeiro dum Soldado milícia, que também ficara ferido. Exemplo vivo de estoicismo, e evidenciando as virtudes militares que caracterizam um verdadeiro combatente, o 1.º Cabo Faria é digno de enfileirar ao lado de todos aqueles que, dignificando a Arma de Cavalaria a que pertencem, vêm honrando a Pátria onde nasceram.

Revista da Cavalaria



Gaspar Pedro da Silva

Soldado

Cruz de Guerra de 4.ª Classe

O. E. n.º 6 — 3.ª Série
de 28 de Fevereiro de 1971

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Exército, condecorá-lo com a Cruz de Guerra de 4.ª Classe, ao abrigo dos artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província da Guiné.

Por, durante cerca de onze meses de comissão nesta Província, em permanente e intensa actividade operacional, se haver revelado um combatente de real valor, consequência das elevadas qualidades de desembaraço, sangue-frio, agressividade, desprezo pela vida, e serena energia debaixo de fogo, actuando em combate, frente ao Inimigo, sempre de forma altamente eficiente, é de salientar a sua acção numa operação em 28/31 de Maio de 1969, em que, sendo apontador ML, apoiou, certa e eficazmente, a retirada de um camarada seu, apesar das precárias condições de segurança com o que fazia, dado que o local onde se encontrava estava a ser batido intensamente pelo fogo IN. Também numa operação realizada em 24/26 de Setembro de 1969, foi destacada a sua agressividade e serenidade no modo como apoiou, com a sua arma, a acção de um seu camarada. Pela sua conduta em combate, merece o Soldado Silva ser apontado como exemplo, entre os que melhor servem o Exército.



Carlos Alberto Agostinho Duarte

1.º Cabo

Cruz de Guerra de 4.ª Classe

O. E. n.º 9 — 3.ª Série

de 30 de Março de 1971

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Exército, condecorá-lo com a Cruz de Guerra de 4.ª Classe, ao abrigo dos artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província da Guiné.

Porque, durante um assalto a um acampamento Inimigo, revelou excepcionais qualidades de coragem, decisão, sangue-frio e serena energia debaixo de fogo, contribuindo de forma significativa para o bom resultado obtido, que se traduziu nas inúmeras baixas ao Inimigo causadas e na captura de armamento e material diverso. Armado de lança-granadas, logo na primeira descarga abateu um elemento, que posteriormente se verificou ocupar lugar importante na organização do IN, entusiasmando as nossas tropas que, dinamizadas pelos constantes incitamentos, carregaram sobre o adversário. Tendo-se apercebido da tentativa de fuga de um grupo de elementos inimigos que protegia o apontador de morteiro 82, solicitou a colaboração dos seus camaradas mais próximos e iniciou a perseguição, do que resultou haver sido ferido, o que não o impediu de continuar, tendo ainda capturado uma espingarda metralhadora. Não obstante a gravidade dos ferimentos, colaborou na busca ao acampamento, só consentindo a sua retirada da área de operação após a prévia evacuação dos mais necessitados. Exemplo de uma juventude cónscia do seu dever para com a Pátria, o 1.º Cabo Duarte ganhou jus a enfileirar entre aqueles que, em todas as circunstâncias, honram e dignificam a Raça Lusa.



Edmundo Rodrigues da Silva

Soldado

Cruz de Guerra de 4.ª Classe

O. E. n.º 17 — 3.ª Série
de 20 de Junho de 1971

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4.ª Classe, nos termos do artigo 12.º do Regulamento da Medalha Militar, promulgado pelo Decreto n.º 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas de Angola, de 30 de Abril de 1971.

Porque, quando, integrado numa coluna da sua Unidade, foi socorrer outra coluna que estava sob forte emboscada, seguiu, para o efeito, numa viatura até à zona crítica e, uma vez aí, conseguiu desencravar, debaixo de fogo intenso do Inimigo, e com risco da própria vida, uma metralhadora daquela coluna que estava desguarnecida e, iniciando o fogo com essa arma, ficou depois junto dela como muniador, demonstrando com a sua acção muita coragem, decisão, sangue-frio e serena energia debaixo de fogo, o que muito contribuiu para fazer retirar o grupo adverso, tornando-o merecedor de ser apontado como exemplo aos seus camaradas, pela sua bravura e determinação.



Américo Gomes Vaz de Sousa

Soldado

Cruz de Guerra de 4.ª Classe

O. E. n.º 28 — 3.ª Série

de 10 de Outubro de 1971

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4.ª Classe, nos termos do artigo 12.º do Regulamento da Medalha Militar, promulgado pelo Decreto n.º 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas de Angola, de 1 de Junho de 1971.

Porque, sendo condutor da primeira viatura do seu Grupo de Combate, que transportava um ferido grave para o seu estacionamento, ao cair numa emboscada montada por um grupo IN, instalado a poucos metros da picada, evidenciou calma e sangue-frio, agarrando na sua arma e, juntamente com o seu comandante do Grupo, respondeu de pé ao fogo IN, tendo sido ambos secundados por outros elementos que tinham ficado ilesos, muito contribuindo, com a sua coragem e decisão, para pôr em debandada o IN, e ainda porque, vendo um *Jerry Can* de gasolina a arder, imediatamente e debaixo de fogo o apagou, evitando assim a destruição da sua viatura.

O Soldado Sousa, com a sua atitude perante o Inimigo, grangeou a estima e a consideração dos seus camaradas e superiores, e mostrou possuir, em elevado grau, perfeita noção dos seus deveres de combatente valente e destemido.



António Dias das Neves

Soldado

Cruz de Guerra de 4.ª Classe

O. E. n.º 28 — 3.ª Série

de 10 de Outubro de 1971

Agraciado com a Cruz de Guerra de 4.ª Classe, nos termos do artigo 12.º do Regulamento da Medalha Militar, promulgado pelo Decreto n.º 35 667, de 28 de Maio de 1946, por despacho do Comandante-Chefe das Forças Armadas de Angola, de 1 de Junho de 1971.

Por, durante cerca de oito meses de intensa actividade operacional, não haver faltado a uma única operação ou acção, onde, voluntariamente, ocupava os primeiros lugares na coluna, quando não o primeiro, e isto sempre que o perigo se adivinhava eminente, e, em consequência do que foi gravemente ferido, por haver accionado uma mina A/P, que lhe amputou a perna direita e o pé esquerdo.

Exemplo de estoicismo, gosto pelo risco e desprezo pela vida, enquanto aguardava a evacuação, o Soldado Neves encorajou os seus camaradas e afirmou: «Ainda bem que fui eu a pisar a mina, se não quem a pisava era o nosso Alferes que vinha logo atrás de mim». Militar valente e decidido, possuidor de sangue-frio e serena energia debaixo de fogo, sabia, pelo seu exemplo, galvanizar os seus camaradas, levando-os, mesmo nas situações mais críticas, a uma actuação dinâmica e eficiente. Admirado e considerado pelos seus Chefes e camaradas, que nele depositavam toda a confiança, o Soldado Neves evidenciou, a todo o momento, um conjunto de qualidades militares que o impõe como elemento digno de enfileirar, por direito próprio, entre aqueles que, por feitos valorosos, a Nação se habituou a admirar, e que, honrando o Exército, que abnegadamente serviu, é exemplo de uma juventude consciente do seu dever para com a Pátria.



António Francisco Martins Correia

1.º Cabo

Cruz de Guerra de 4.ª Classe

O. E. n.º 31 — 3.ª Série
de 10 de Novembro de 1971

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Exército, condecorá-lo com a Cruz de Guerra de 4.ª Classe, ao abrigo dos artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província da Guiné.

Pelas excelentes qualidades militares e combatentes patenteadas ao longo da sua comissão no teatro de operações da Guiné.

De salientar a sua actuação durante a operação «REAL CAVALEIRO», em 22 de Julho de 1970, na qual, embora ferido ligeiramente na cabeça, executou fogo ajustado e preciso com a sua arma sem procurar qualquer protecção, com absoluto desprezo pelo perigo, que os rebentamentos de granadas, à sua volta, produziam.

Igualmente, numa outra operação levada a efeito em 21 de Novembro de 1969, o seu espírito de sacrifício e abnegação ficou amplamente demonstrado, ao cumprir integralmente a missão que lhe havia sido ordenada, não obstante sangrar abundantemente do rosto, em consequência de ferimentos recebidos.

Pelas qualidades e virtudes evidenciadas em combate, alicerçadas numa grande determinação no cumprimento integral das respectivas missões, prestou o 1.º Cabo Correia serviços que devem ser considerados de elevado mérito.



Viriato da Silva Nunes

1.º Cabo

Cruz de Guerra de 4.ª Classe

O. E. n.º 35 — 3.ª Série
de 20 de Dezembro de 1971

Manda o Governo da República Portuguesa, pelo Ministro do Exército, condecorá-lo com a Cruz de Guerra de 4.ª Classe, ao abrigo dos artigos 9.º e 10.º do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946, por serviços prestados em acções de combate na Província de Angola.

Porque, em cerca de dezassete meses de actividade operacional, tem demonstrado inextinguível espírito de missão e de sacrifício em todas as acções em que tem tomado parte. Especialmente no decurso de determinada operação, em que o seu Grupo de Combate foi atacado por um grupo inimigo fortemente armado, manifestou, com a sua pronta reacção debaixo de fogo, grande coragem, sangue frio e serena determinação, estimulando os seus camaradas, pela sua atitude e pelos incitamentos que lhes dirigiu, e contribuindo, em larga escala, para a desarticulação do grupo subverso e sua debandada. É de salientar que o 1.º Cabo Nunes tem-se oferecido para participar em grande número de acções, tendo, em todas elas, demonstrado coragem, decisão, serena energia debaixo de fogo e sangue-frio. Tornou-se credor da amizade e especial consideração de superiores e camaradas, mercê das suas qualidades, que o afirmam como combatente destemido e desembaraçado, devendo os serviços por si prestados serem considerados de muito mérito.



SERVIÇOS DISTINTOS COM PALMA

Major Henrique Bernardino Godinho

Capitão José Guilherme Paixão Ferreira Durão

Ten.-Coronel José Luís Trinité Rosa

Major Francisco José Martins Ferreira

Capitão Henrique de Carvalho Morais

Major Carlos Alexandre de Morais

Major João Ramiro Alves Ribeiro

Major Roberto Ferreira Durão

Ten.-Coronel Carlos José Machado Alves Morgado



Henrique Bernardino Godinho

Major

*Medalha de Prata de Serviços Distintos
com Palma*

O. E. n.º 3 — 2.ª Série
de 1 de Fevereiro de 1971

Condecorado com a Medalha de Prata de Serviços Distintos, com Palma, por ter sido considerado ao abrigo da alínea a) do Art. 17.º, com referência ao § 2.º do Art. 51.º, do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946.

Pela forma altamente eficiente como desempenhou as funções de Adjunto da Divisão de Informações do extinto Gabinete Militar do Comando-Chefe e vem desempenhando as de Adjunto da Repartição de Informações do Quartel-General do Comando-Chefe e de Oficial de Ligação junto da Base Aérea n.º 12.

Oficial invulgarmente dedicado ao serviço, muito inteligente, de elevada competência profissional, evidenciada já em anteriores comissões, de excepcional capacidade de trabalho, dinamismo e alto sentido do dever, desenvolveu acção relevante no âmbito das múltiplas funções que lhe foram cometidas, prestando ainda notável contributo no planeamento e execução das missões de reconhecimento aéreo, que, pela sua comprovada importância, tiveram considerável reflexo na actividade operacional no teatro de operações.

Dotado de invulgar aptidão para o reconhecimento aéreo e possuidor de extraordinária acuidade visual, desempenhou com alta eficiência todas as missões de que foi incumbido, possibilitando a detecção e referenciação precisa de inúmeros acampamentos inimigos, bem como de outros objectivos de reconhecido valor, que, explorados com a devida oportunidade, permitiram alcançar assinalados êxitos e desarticular sensivelmente a estrutura do Inimigo.

O profundo conhecimento do teatro de operações do Inimigo e da sua forma de actuação e, ainda, a perfeita e íntima ligação e laços de amizade que soube manter com os elementos da Força Aérea foram, de forma inequívoca, factores determinantes no êxito da missão que lhe foi confiada.

De salientar a sua valiosa participação em missões de regulação de tiro de artilharia, em que evidenciou invulgar competência, determinação, serenidade e espírito de sacrifício, muitas vezes com evidente risco de vida, face às áreas sobrevoadas e às características das missões levadas a efeito, participando

Revista da Cavalaria

ainda activamente em acções de apoio de fogo às tropas terrestres, realizadas em helicanhão, obtendo êxitos de considerável interesse.

O Major Godinho, pela forma a todos os títulos determinada e sobremaneira eficiente como tem cumprido a missão que lhe foi cometida, pelas suas invulgares qualidades morais e militares, de que se revelam o seu impoluto carácter, extrema lealdade, modéstia e alto sentido do dever, ganhou jus a ser apontado como um verdadeiro Oficial de elite, que muito honra a Arma de Cavalaria e o Exército, tendo prestado no teatro de operações da Guiné, em campanha, serviços à Pátria que muito justamente se consideram extraordinários, relevantes e distintos.

Revista da Cavalaria



José Guilherme Paixão
Ferreira Durão

Capitão

*Medalha de Prata de Serviços Distintos
com Palma*

O. E. n.º 3 — 2.ª Série
de 1 de Fevereiro de 1971

Condecorado com a Medalha de Prata de Serviços Distintos, com Palma, por ter sido considerado ao abrigo da alínea a) do Art. 17.º, com referência ao § 2.º do Art. 51.º, do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946.

Pela forma altamente eficiente como comandou a Companhia de Cavalaria n.º 2484, durante a sua comissão de serviço na Província da Guiné.

Oficial muito competente, excepcionalmente dedicado ao serviço, dotado de elevadas qualidades de condutor de homens, determinado no cumprimento das suas missões, tem orientado eficientemente a actividade operacional na sua zona de acção, impondo-se aos seus subordinados pelo exemplo da sua impecável conduta moral e militar.

Tendo planeado com elevada competência as operações da sua Companhia, evidenciou, na execução, excepcional espírito de determinação e invulgar agressividade, dando permanente combate aos grupos armados inimigos, levando a confiança às populações há muito refugiadas no mato e contribuindo assim, de forma sensível, para os êxitos alcançados no âmbito do seu Batalhão.

Vivendo intensa e apaixonadamente os problemas da Guiné e das suas gentes, realizou, no campo psicológico e de apoio às populações, um trabalho de alto mérito, salientando-se o reordenamento da tabanca de Jacadá, que constitui testemunho do invulgar entusiasmo e espírito de determinação que pôs na difícil tarefa e que está na base do elevado prestígio que goza entre as populações, que nele acreditam e o admiram sinceramente.

De salientar ainda inúmeras obras e beneficiações introduzidas no seu aquartelamento, num firme desejo de dar as melhores condições de vida às suas tropas, procurando, em todos os aspectos, contribuir para o espírito de corpo e alto nível de disciplina que caracterizam a sua Companhia.

O Capitão Ferreira Durão, pelo conjunto de qualidades morais e militares que revelou no desempenho de todas as missões que lhe foram cometidas,

Revista da Cavalaria

ganhou jus a ser apontado como Oficial que muito honra a Arma de Cavalaria, a que pertence, e que prestou no teatro de operações da Guiné, em campanha, serviços que justamente se consideram extraordinários, relevantes e distintos.

Revista da Cavalaria



José Luís Trinité Rosa

Tenente-Coronel

*Medalha de Prata de Serviços Distintos
com Palma*

O. E. n.º 4 — 2.ª Série
de 15 de Fevereiro de 1971

Condecorado com a Medalha de Prata de Serviços Distintos, com Palma, por ter sido considerado ao abrigo da alínea a) do Art. 17.º, com referência ao § 2.º do Art. 51.º, do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946.

Pela forma altamente eficiente como comandou o Batalhão de Cavalaria n.º 2867, durante a sua comissão de serviço no teatro de operações da Guiné.

Oficial dotado de vincado espírito de missão, manifestou não só invulgares qualidades de planeador, como soube também imprimir na execução da intensa actividade operacional desenvolvida pelo seu Batalhão uma excepcional agressividade, dinamismo e inultrapassável espírito de determinação, factores que estão na base dos resultados obtidos e na melhoria sensível da zona de acção à sua responsabilidade.

Tomando parte em quase todas as operações a nível de Batalhão, soube adaptar e alterar com grande flexibilidade os planos previstos, face à evolução das situações, evidenciando ainda altas qualidades de manobrador, aproveitando de forma muito eficiente e equilibrada os reduzidos meios à sua disposição.

Intransigente e inflexível no cumprimento das missões operacionais e no desempenho da sua acção de comando, soube impor-se à consideração dos seus subordinados pelo exemplo da sua presença junto das tropas em operações, por vezes debaixo de fogo inimigo e em situações críticas.

O Tenente-Coronel Trinité Rosa, pelas qualidades militares reveladas, de que se salienta a forma determinada como agiu no cumprimento de todas as suas missões, ganhou jus a que os serviços prestados, em campanha, no teatro de operações da Guiné sejam considerados extraordinários, relevantes e distintos.



Francisco José Martins
Ferreira

Major

*Medalha de Prata de Serviços Distintos
com Palma*

O. E. n.º 4 — 2.ª Série
de 15 de Fevereiro de 1971

Condecorado com a Medalha de Prata de Serviços Distintos, com Palma, por ter sido considerado ao abrigo da alínea a) do Art. 17.º, com referência ao § 2.º do Art. 51.º, do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946.

Pela forma altamente eficiente como desempenhou as funções de 2.º Comandante do Batalhão de Cavalaria n.º 2867, durante a sua comissão na Província da Guiné.

Oficial dinâmico, excepcionalmente dedicado ao serviço, dotado de elevadas qualidades de condutor de homens, determinado no cumprimento das suas missões, revelou elevada competência, tanto no desempenho das suas funções específicas, como no Comando interino da Unidade, que exerceu por diversas ocasiões.

Tendo tomado parte em várias operações ao nível de Batalhão, quer executando missões de controle aéreo, no que foi inexcelável, quer ainda nas missões de comando das tropas executantes, evidenciou, nomeadamente na operação «ARMAS LEAIS», excepcional desembaraço físico, alto espírito de missão e sentido das realidades da campanha, dotes estes que, a par da sua transbordante jovialidade, muito contribuíram para o excelente moral das tropas e consequentes êxitos obtidos, concretizados em apreensão de material diverso, captura de um chefe de grupo inimigo e recuperação de população há muito fora do controle das nossas tropas.

O Major Martins Ferreira, pelo conjunto de qualidades que nele se cruzam, de que se revelam a sua lealdade, espírito de camaradagem, extrema dedicação aos seus subordinados e alto sentido do dever, ganhou jus a que os seus serviços, prestados em campanha no teatro de operações da Guiné, sejam, com justiça, considerados extraordinários, relevantes e distintos.



Henrique de Carvalho Moraes

Capitão

*Medalha de Prata de Serviços Distintos
com Palma*

O. E. n.º 4 — 2.ª Série
de 15 de Fevereiro de 1971

Condecorado com a Medalha de Prata de Serviços Distintos, com Palma, por ter sido considerado ao abrigo da alínea *a*) do Art. 17.º, com referência ao § 2.º do Art. 51.º, do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946.

Pela forma altamente eficiente como comandou a Companhia de Cavalaria n.º 2482, durante a sua comissão de serviço no teatro de operações da Guiné.

Oficial excepcionalmente dedicado, vivendo intensamente a sua profissão, dotado de elevado espírito militar, disciplinado e disciplinador e altamente apto para conduzir homens em campanha, impôs-se, pelo seu exemplo, à consideração, ao respeito e à estima dos seus subordinados, factores estes que estão na base do invulgar espírito de corpo que caracterizou sempre a Companhia de Cavalaria n.º 2482.

No desempenho da sua acção de comando evidenciou excepcional dinamismo, determinação e espírito de iniciativa, planeando e orientando com elevada eficiência todas as operações da sua Companhia e imprimindo-lhes na execução um notável cunho de agressividade e alto sentido de missão.

Desenvolvendo uma dinâmica e intensa actividade operacional, que se estendeu a áreas onde há muito não se fazia sentir a acção das nossas tropas, merece especial relevância a operação «CABEÇA NEGRA», onde, mercê de um eficiente trabalho de mentalização e disciplina das suas tropas, foi possível realizar vários golpes de mão a acampamentos inimigos, com a obtenção de resultados francamente positivos, sem que fosse realizado um único disparo. Ocupando sempre lugares de maior risco, agindo com energia, calma e serenidade em todas as acções debaixo de fogo, soube, assim, impor-se de forma natural à admiração dos seus subordinados, interpretando de forma notável as suas obrigações de Chefe militar e criando um vincado Espírito Cavaleiro na sua companhia.

O Capitão Moraes, pelas qualidades de comando reveladas, a que alia ainda um conjunto raro de qualidades profissionais e morais de excepção, é digno de

Revista da Cavalaria

ser apontado como Oficial de elite, que muito honra a Arma de Cavalaria a que pertence e o Exército, tendo prestado no teatro de operações da Guiné, em campanha, serviços que muito justamente se devem considerar extraordinários, relevantes e distintos.



Carlos Alexandre
de Moraes

Major

*Medalha de Prata de Serviços Distintos
com Palma*

O. E. n.º 15 — 2.ª Série
de 1 de Agosto de 1971

Condecorado com a Medalha de Prata de Serviços Distintos, com Palma, por ter sido considerado ao abrigo da alínea a) do Art. 17.º, com referência ao § 2.º do Art. 51.º, do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946.

Pela forma altamente eficiente como desempenhou as funções de Adjunto da 1.ª Repartição do Quartel-General do Comando Territorial Independente da Guiné, as de Chefe Interino da Repartição de Pessoal e Logística do Quartel-General do Comando-Chefe das Forças Armadas da Guiné e, ultimamente, as de Chefe da Secção de Pessoal da mesma Repartição, durante a sua comissão de serviço nesta Província.

Oficial muito inteligente, excepcionalmente eficiente, dotado de grande vivacidade e poder de adaptação, de invulgar competência profissional e rara capacidade de trabalho, organizou e estruturou os serviços a seu cargo de modo a corresponder totalmente às missões que lhe estão atribuídas.

No curto período de chefia da Repartição de Pessoal do Comando-Chefe deu provas de excepcional competência, do que resultou a imediata dinamização daquela Repartição.

Como Chefe da Secção de Pessoal, teve acção verdadeiramente notável no âmbito da selecção do pessoal para efeito de condecorações e louvores, onde realizou obra de excepcional valor. No desempenho desta complexa missão, pôs flagrantemente à prova as suas brilhantes qualidades intelectuais, bom senso, alto critério de justiça e inultrapassável honestidade profissional.

Perfeitamente integrado na orientação do Comando, no respeitante ao critério de atribuição de condecorações e louvores no teatro de operações da Guiné, é de salientar, para além do campo executório, a obra que realizou no campo do permanente aperfeiçoamento das normas sobre a matéria, em ordem ao estabelecimento de critérios justos e moralizadores.

O Major Carlos Moraes, pelas excepcionais qualidades militares e morais que nele se cruzam, das quais se relevam a sua extrema lealdade, os seus ele-

Revista da Cavalaria

vados dotes de organizador, invulgar entusiasmo pela sua profissão e inextinguível sentido do dever, que o levou a ultrapassar largamente os limites da sua abalada saúde, reúne um conjunto de qualidades que o classificam como um Oficial de elite, que ganhou jus a ser apontado como exemplo de Oficial muito distinto, que muito honra a Arma de Cavalaria, a que pertence, e o Exército Português, e que prestou à Pátria, em campanha, serviços que, com justiça, se consideram extraordinários relevantes e distintos.



João Ramiro Alves Ribeiro

Major

*Medalha de Prata de Serviços Distintos
com Palma*

O. E. n.º 15 — 2.ª Série
de 1 de Agosto de 1971

Condecorado com a Medalha de Prata de Serviços Distintos, com Palma, por ter sido considerado ao abrigo da alínea a) do Art. 17.º, com referência ao § 2.º do Art. 51.º, do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946.

Pela forma altamente eficiente como se desempenhou de todas as missões que lhe foram cometidas durante a sua comissão de serviço nesta Província.

Oficial inteligente, de vincada personalidade e de comprovada competência profissional, revelada através da sua brilhante carreira militar em campanha, desenvolveu uma excepcional e valiosa actividade na Secção de Estudos Gerais da Repartição de Operações do Comando-Chefe das Forças Armadas da Guiné, que organizou e impulsionou de forma eficiente e criteriosa, obtendo um alto rendimento, com sensíveis reflexos em vários sectores da actividade operacional, sendo de salientar a selecção e preparação dos Quadros da 1.ª Companhia de Comandos Africana, criada na Província.

Posteriormente, foi nomeado, por escolha, para chefiar o Centro de Operações Especiais, onde, mercê da sua elevada experiência da guerra subversiva, do seu espírito imaginativo e dos seus dotes de ponderação e método, levou a efeito uma tarefa de real valor.

Para além do âmbito da sua esfera normal de acção, foi ainda nomeado, por escolha, para o desempenho de missões de alta responsabilidade, onde pôs inequivocamente à prova as suas qualidades intelectuais, sólido conceito da justiça e inultrapassável honestidade.

O Major Alves Ribeiro, pelo seu passado militar e pelo conjunto de excepcionais qualidades morais e militares que nele se cruzam, pertence a um escol de Oficiais de elite, que muito honra a Arma a que pertence e o Exército Português, tendo prestado em campanha, no teatro de operações da Guiné, serviços que justamente se consideram extraordinários, relevantes e distintos.



Roberto Ferreira Durão

Major

*Medalha de Prata de Serviços Distintos
com Palma*

O. E. n.º 15 — 2.ª Série
de 1 de Agosto de 1971

Condecorado com a Medalha de Prata de Serviços Distintos, com Palma, por ter sido considerado ao abrigo da alínea a) do Art. 17.º, com referência ao § 2.º do Art. 51.º, do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946.

Porque, como 2.º Comandante do Centro de Instrução de Comandos, na Região Militar de Angola, revelou, de forma notória, qualidades de superior vontade, indefectível lealdade e espírito de bem servir, a todos os títulos dignas de serem postas em relevo. Dotado de elevado espírito de missão, que as circunstâncias especiais da sua nomeação tão exuberantemente comprovam, frequentou com brilho o curso de comandos, constituindo exemplo vivo do que pode uma vontade e uma elevada noção de servir. Acompanhando a Instrução, que, sempre que possível, integrava comandando operações onde não perdia oportunidade de acompanhar as tropas empenhadas, sem olhar a esforços ou incomodidades, revelou as suas excelentes qualidades de Chefe.

Disciplinado, de notável integridade de carácter, soube servir nas múltiplas e variadas missões que a função lhe determinava, com exemplar dedicação. O seu carácter, a sua profunda humanidade no trato com camaradas e subordinados, tornaram-no credor da estima em que por todos é tido.

Por tudo quanto acima se refere, no alto espírito com que serve o Exército e no exemplo que constitui, devem os importantes serviços prestados pelo Major Durão, em situação de campanha, ser muito justamente considerados extraordinários, relevantes e distintos.



Carlos José Machado
Alves Morgado

Tenente-Coronel

*Medalha de Prata de Serviços Distintos
com Palma*

O. E. n.º 17 — 2.^a Série

de 1 de Setembro de 1971

Condecorado com a Medalha de Prata de Serviços Distintos, com Palma, por ter sido considerado ao abrigo da alínea a) do Art. 17.º, com referência ao § 2.º do Art. 51.º, do Regulamento da Medalha Militar, de 28 de Maio de 1946.

Pela forma notável como comandou o Batalhão de Cavalaria n.º 2868 e se desempenhou de todas as missões que lhe foram cometidas durante a sua comissão de serviço na Província da Guiné.

Oficial inteligente e organizador, dotado de elevada competência profissional, de invulgar espírito de determinação e excepcional capacidade de trabalho, entregou-se devotadamente à organização e mentalização do seu Batalhão, conseguindo, mercê do seu prestígio, imprimir-lhe alto Espírito Cavaleiro, notável agressividade e inultrapassável determinação no cumprimento das inúmeras missões que lhe couberam.

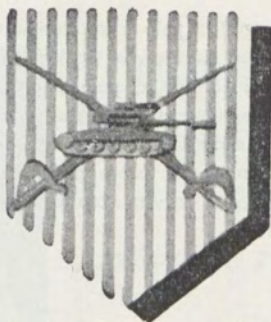
Nas várias zonas onde actuou, planeou e orientou com excepcional eficiência as operações do Batalhão, imprimindo-lhes na execução um notável cunho de agressividade, tomando decisões perfeitas e oportunas, e impondo-se aos seus homens pelo exemplo da sua presença em operações, onde, por diversas vezes, evidenciou dotes de coragem e serenidade debaixo de fogo, sempre em grave risco de vida.

Nomeado, por escolha, em situação crítica para o comando do Comando de Operações n.º 5, confirmou, de maneira insofismável, a sua invulgar competência profissional e o seu elevado espírito de missão.

Posteriormente, foi nomeado, novamente por escolha, em situação sobremaneira crítica, para Chefe do Estado-Maior e, mais tarde, para Adjunto do Comando de Agrupamento Operacional n.º 1, funções que acumulou com o comando do seu Batalhão, e onde deu exemplos extraordinários de rara abnegação, pondo uma vez mais à prova as suas excepcionais qualidades militares e espírito de sacrifício.

Revista da Cavalaria

O Tenente-Coronel Morgado, pelo raro conjunto de qualidades militares que nele se cruzam, pela forma a todos os títulos brilhante e determinada como cumpriu a missão que lhe foi cometida, pela sua vincada personalidade e raro entusiasmo pela sua profissão, deve ser apontado como exemplo de Oficial de elite, que muito honra a Arma de Cavalaria, a que pertence, e pela sua notável acção de comando em campanha, no teatro de operações da Guiné, ganhou jus ao agradecimento da Pátria, que serviu abnegadamente num raro exemplo da alta grandeza do valor militar.



PRÉMIOS

GOVERNADOR GERAL DA GUINÉ

1.º Cabo Afonso Henrique da Silva Lucas

Soldado Estevão Gomes Padilha

Soldado Joaquim António Dias

Soldado Mil.^a Nhinde Cudé

Soldado Rafael Jesus Lopes

Soldado Mil.^a Tample Infande

GOVERNADOR GERAL DE ANGOLA

1.º Cabo António Jacinto Cavalinhos

GOVERNADOR GERAL DE MOÇAMBIQUE

Capitão Filomeno Jorge Malheiro Garcia

Soldado José Emílio Rodrigues Marques Torres

LOUVORES
COLECTIVOS
E CITAÇÕES



LOUVORES COLECTIVOS

BATALHÃO DE CAVALARIA N.º 2868

Louvo o Comandante, Officiais, Sargentos e Praças do **Batalhão de Cavalaria n.º 2868**, porque, durante a permanência nesta Unidade, para efeitos de instrução de aperfeiçoamento operacional, demonstraram grande aprumo militar, devotado interesse pela instrução, comportamento e organização impecáveis, nítida e elevada compreensão dos seus deveres militares, dedicando-se com grande entusiasmo e alta compreensão da importante missão que lhes cabe a todos os trabalhos preparatórios do seu embarque para o Ultramar por forma a conseguirem o mais elevado grau de preparação militar possível.

*(O. S. n.º 35, de 11 de Fevereiro de 1969,
do R. I. 11)*

BATALHÃO DE CAVALARIA N.º 2868

Louvo o **Batalhão de Cavalaria n.º 2868**, pela forma brilhante e excepcionalmente determinada como há cerca de oito meses tem vindo a cumprir, integrado no C. A. O. P., as missões que lhe têm sido confiadas.

Tendo assumido inicialmente a responsabilidade de um sector onde se tornava urgente exercer o esforço de aniquilamento de grupos IN e da sua estrutura político-administrativa, o B. Cav. 2868, mercê de uma invulgar acção de Comando, excelentemente executada por todas as Sub-Unidades, desenvolveu, com elevado espírito ofensivo, determinação, persistência e estoicismo, a actividade operacional que se impunha para modificar significativamente a situação na área. Os notáveis resultados obtidos, e sobretudo a liberdade de acção de que outras forças passaram a dispor, honram a Unidade e evidenciam o seu invulgar espírito de missão.

Revista da Cavalaria

Escolhido, face a uma evolução na área, e em função das excepcionais qualidades demonstradas até então como Unidade de combate, para exercer novo esforço, confirmou plenamente o B. Cav. 2868, mais uma vez, a sua alta eficiência e firme determinação, apesar do desgaste sofrido.

A par da actividade operacional, o Batalhão de Cavalaria n.º 2868, consciente do objectivo primário da contra-subversão, tem vindo a desenvolver igualmente magnífica acção junto das populações, conquistando a sua confiança, empenhando-as na luta contra a subversão e colaborando na sua promoção.

Unidade dotada de elevado moral, apesar das baixas sofridas e de excepcional sentido do cumprimento da missão, o B. Cav. 2868 tem justificado plenamente a divisa «NÃO TEMO» que adoptou, ganhando jus a ser apontada como Unidade de elite, da qual muito ainda há a esperar, e que muito tem honrado em campanha, frente ao Inimigo, as tradições da Arma de Cavalaria, o Exército e as Forças Armadas.

(O. S. n.º 51, de 3 de Dezembro de 1969, do Comando-Chefe das Forças Armadas da Guiné)

BATALHÃO DE CAVALARIA N.º 2868

Louvido o **Batalhão de Cavalaria n.º 2868**, pela forma altamente eficiente como desempenhou as múltiplas funções que lhe foram cometidas ao longo da sua comissão de serviço no Teatro de Operações da Guiné.

Colocado inicialmente na área do Cacheu, como Unidade de intervenção do Comando-Chefe, integrado no Comando do Agrupamento Operacional, desenvolveu aí uma notável actividade, caracterizada por invulgar espírito de missão, agressividade, dinamismo e persistência, de que resultou, não só uma profunda desarticulação do dispositivo inimigo e da sua estrutura político-administrativa, como permitiu ainda uma considerável liberdade de acção das outras forças, com sensíveis reflexos no quadro geral da zona de acção.

A evolução favorável da situação militar na área e a decisão superior de incrementar o esforço de promoção sócio-económica e cultural no «Chão Manjaco», determinaram a escolha do Batalhão de Cavalaria n.º 2868 para, ainda como Unidade de intervenção do Comando-Chefe, ocupar o Sector de Bula, onde iniciou uma árdua e desgastante acti-

Revista da Cavalaria

vidade operacional de contrapenetração, confirmando, de forma inofismável, a sua alta eficiência e o seu elevado sentido de missão.

De salientar o invulgar esforço despendido e a determinação com que actuou para garantir a segurança dos trabalhos de asfaltagem do itinerário Bula-S. Vicente, cujo traçado se estendia por áreas consideravelmente críticas, cumprindo integralmente a sua missão.

No âmbito do reordenamento das populações e da acção psicológica, atingiu o Batalhão um alto nível de eficiência, concretizado pela construção de cerca de um milhar de casas e de cinco postos escolares militares, proporcionando assim um clima de segurança e confiança, que estão na base do progressivo desequilíbrio das populações para a causa nacional.

O Batalhão de Cavalaria n.º 2868, pela forma determinada como cumpriu as missões que lhe foram atribuídas, pela sua adaptabilidade a todo o tipo de acções, pelo seu espírito agressivo e pelo alto sentido do dever, coragem e valentia com que, no seu conjunto, todos os seus elementos enfrentaram o fogo inimigo, tem jus a ser salientado como verdadeira Unidade de elite do Exército Português, que em terras da Guiné honrou as tradições da Arma a que pertence, ganhando direito ao agradecimento da Pátria, pelos relevantes serviços prestados no Teatro de Operações da Guiné.

(O. E., 2.ª Série, n.º 7, de 1 de Abril de 1971)

BATALHÃO DE CAVALARIA N.º 2876

Louvado o **Batalhão de Cavalaria n.º 2876**, pelo persistente e desgastante esforço dispendido pelo seu pessoal na eficiente actividade de reconhecimento e pesquisa de notícias que levou a cabo na zona fronteiriça do Teatro de Operações da Guiné que lhe foi atribuída.

Nas várias flagelações aos aquartelamentos, reagiram sempre as respectivas guarnições com elevado moral, procurando minimizar os resultados que o Inimigo pretendia obter.

A par da actividade operacional de reconhecimento, destaca-se igualmente o esforço desenvolvido pelas suas Sub-Unidades no apoio às populações, não só no âmbito da assistência sanitária e escolar, como nos trabalhos de reordenamento, auto-defesa e segurança das populações.

Revista da Cavalaria

Assim, o Batalhão de Cavalaria n.º 2876, pelo esforço dispendido, espírito de sacrifício e elevado sentido do dever do seu pessoal, ganhou jus ao reconhecimento público.

(O. S. n.º 22, de 3 de Junho de 1971,
do C. T. I. da Guiné)

COMPANHIA DE CAVALARIA N.º 2485

Louvo a **Companhia de Cavalaria n.º 2485**, pela forma extraordinária e determinada como vem cumprindo, com arreigado sentimento de missão, toda uma actividade operacional intensa que se vem processando em continuidade, ao longo de nove meses, isto é, desde o início da sua comissão nesta Província da Guiné, passado que foi o limitado período inicial de indispensável organização. Actuando inicialmente em missão de aniquilamento dos grupos IN, de acordo com as directivas superiores, o espírito ofensivo, a persistência e o estoicismo que caracterizou toda a sua actividade, foram factores dominantes dos notáveis resultados obtidos pelo Batalhão de Cavalaria n.º 2868, contribuindo assim, e de forma altamente significativa, para a favorável evolução da situação na área e garantir maior liberdade de acção na actuação das forças que a foram render, posteriormente, e de acordo com a nova missão atribuída ao B. Cav. 2868. A C. Cav. 2485, dinamicamente comandada e impulsionada, confirmou plenamente a confiança que este Comando nela deposita, continuando, com elevado espírito de sacrifício e com plena consciência, o integral cumprimento das missões que lhe foram atribuídas, apesar do desgaste físico e das baixas sofridas, a maior parte das vezes e em sua consequência, com efectivos muito inferiores aos orgânicos.

Verdadeira Unidade de combate, que importa considerar de elite, e possuidora de elevado moral, a C. Cav. 2485 vem honrando, em campanha, frente ao Inimigo, uma Cavalaria plena de tradições, e dignificando o Exército e as Forças Armadas, que serve com a maior dignidade e elevado sentimento do dever.

(O. S. n.º 2, de 6 de Janeiro de 1970, do Comando-Chefe
das Forças Armadas da Guiné)

Revista da Cavalaria

COMPANHIA DE CAVALARIA N.º 2486

Louvo a **Companhia de Cavalaria n.º 2486**, pela forma brilhante e altamente eficiente como vem desempenhando, desde o início da sua comissão, toda uma actividade operacional caracterizada pela sua intensidade e continuidade, normalmente com os efectivos muito inferiores aos orgânicos. Sediada inicialmente em localidade onde se encontravam forças especiais subordinadas ao CAOP, soube, desde o início, mercê de uma dinâmica e consciente acção de comando e do espírito de equipa que caracteriza esta Sub-Unidade, integrar-se num conjunto com características heterogéneas e conquistar a confiança e consideração de todos aqueles com que contactou e com quem realizou actividade operacional coordenada.

Actuando em áreas com características distintas, integrou-se plenamente na ideia de manobra do Comando, cumprindo todas as missões que lhe foram cometidas com elevado sentimento de missão, espírito ofensivo, estoicismo e agressividade, contribuindo, pelos resultados alcançados, para o prestígio do Batalhão a que pertence. Inicialmente instalada em abarracamentos, a C. Cav. 2486, plenamente consciente das responsabilidades duma Cavalaria caracterizada pelo seu espírito e pelas suas tradições, conseguiu, apesar do desgaste sofrido em consequência do esforço permanente a que foi sujeita, construir um novo aquartelamento, que muito a dignificou. Unidade de elite, possuidora de elevado moral, inteiramente merecedora da confiança que o Comando nela deposita, a C. Cav. 2486, em campanha e frente ao Inimigo, vem honrando, nesta Província da Guiné, a Cavalaria Portuguesa e dignificando o Exército e as Forças Armadas, que vem servindo com elevada dignidade e o maior espírito de sacrifício.

(O. S. n.º 2, de 6 de Janeiro de 1970, do Comando-Chefe das Forças Armadas da Guiné)

COMPANHIA DE CAVALARIA N.º 2487

Louvo a **Companhia de Cavalaria n.º 2487**, por durante cerca de vinte meses de comissão, haver inicialmente realizado intensa e eficiente actividade operacional em área particularmente activa da ZA do B. Cav. 2868, contribuindo, de forma apreciável para uma favorável evolução da situação no «Chão Manjaco», e, posteriormente,

Revista da Cavalaria

quando chamada a realizar actividades no âmbito dos reordenamentos, ter, mercê de entusiasmo e perfeita consciência dos objectivos a atingir, criado um clima de confiança e de colaboração por parte das populações a reordenar, cujos resultados, considerado o curto período de tempo em que se processaram os trabalhos, importa considerar de altamente significativa, quer pelo volume das realizações, quer pela incidência favorável no estado de espírito das populações e consequentes reflexos positivos na situação da área.

Pela actividade desenvolvida, em que é justo salientar a abnegação e o sentimento do dever de todos os seus elementos, demonstrados em todas as circunstâncias, a C. Cav. 2487 soube dignificar a Arma de Cavalaria a que pertence e honrar aqueles que, fazendo parte do seu efectivo, regaram com o seu sangue jovem e generoso as terras desta Guiné Portuguesa.

*(O. S. n.º 50, de 3 de Dezembro de 1970,
do C. T. I. da Guiné)*

COMPANHIA DE CAVALARIA N.º 2525

Louvo a **Companhia de Cavalaria n.º 2525**, pela forma altamente determinada e eficiente como vem realizando intensa e contínua actividade operacional em zona particularmente activa, confirmando assim o elevado conceito em que já era tida pelos vários comandos a que esteve subordinada em outras áreas do TO, no decurso de 15 meses de comissão que já tem nesta Província. Unidade bem comandada, dotada de arreigado sentimento de missão e de espírito de corpo, a Companhia de Cavalaria n.º 2525 vem actuando em todas as circunstâncias com estoicismo e agressividade, perfeitamente integrada na ideia da manobra do Comando do Batalhão a que pertence, e contribuindo, de forma apreciável, para a evolução favorável da situação do Sector.

Pelos factos expostos, a C. Cav. 2525, merecedora da inteira confiança que nela se deposita, deve ser considerada como uma Unidade de combate de real valor, que, em terras da Guiné Portuguesa, vem honrando, frente ao IN, a Arma de Cavalaria e o Exército e dignificando as Forças Armadas, que está servindo com a maior dignidade e espírito de sacrifício.

*(O. S. n.º 38, de 10 de Setembro de 1970,
do C. T. I. da Guiné)*

Revista da Cavalaria

COMPANHIA DE CAVALARIA N.º 2525

Louvada a **Companhia de Cavalaria n.º 2525**, pela forma muito eficiente como cumpriu a sua missão durante a comissão de serviço na Província da Guiné.

Inicialmente atribuída como reforço ao B. Art. 2857, localizado na Zona Leste, realizou, em momento particularmente difícil e em muito precárias condições de instalação das tropas, uma intensa actividade operacional, evidenciando elevado espírito de corpo e nítido sentido de missão, a par de exemplar espírito de disciplina e sacrifício.

Colocada posteriormente na Zona Oeste, como reforço do B. Cav. 2868, confirmou as reais qualidades já demonstradas, levando a efeito uma adequada actividade operacional em zona particularmente activa, contribuindo assim, de forma apreciável, para a evolução favorável da situação no Sector.

Das operações realizadas, muitas das quais em conjunto com outras Sub-Unidades, destacam-se «GOLA VIRADA», «PANTERA BRANCA» e «PEQUENO RAIÓ», tendo nesta última revelado perfeita integração na manobra e uma ajustada combinação do fogo e movimento, o que permitiu causar apreciáveis baixas ao IN.

A C. Cav. 2525, pela acção que desenvolveu no TO da Guiné, pelo espírito de corpo e firme vontade de bem servir que evidenciou no decurso da sua comissão, ganhou jus ao público louvor que lhe é conferido.

(O. S. n.º 11, de 21 de Abril de 1971, do Comando-Chefe das Forças Armadas da Guiné)

COMPANHIA DE CAVALARIA N.º 2639

Louvada a **Companhia de Cavalaria n.º 2639**, pela forma eficiente como se desempenhou das missões que lhe foram cometidas durante a sua comissão na Província da Guiné.

Inicialmente sediada em Binar, foi posteriormente deslocada para Bula, onde lhe foi confiada a missão específica de reordenamento das populações das áreas de Capunga, Pete e Ponta Consolação, cuja amplitude dos trabalhos realizados se revestiu de particular importância, pela incidência no estado de espírito das populações e consequentes reflexos na evolução favorável da situação na área, revelando elevado

Revista da Cavalaria

entusiasmo, dinamismo e assinalado sentido do dever, consciente da importância dos objectivos a atingir.

Numa segunda fase, foi-lhe cometida uma missão operacional que cumpriu eficientemente, sendo de destacar a operação «PEQUENO BAIO», em que evidenciou elevada agressividade e espírito ofensivo, a par da noção do dever já demonstrada no decurso dos trabalhos de reordenamento.

De salientar o valioso apoio às populações, em acção dinâmica e sempre dirigida na procura dos seus anseios e aspirações, dando-lhes as soluções adequadas, ou apresentando superiormente os problemas mais prementes.

A Companhia de Cavalaria n.º 2639, pela acção que desenvolveu durante a sua comissão no Teatro Operacional da Guiné, tornou-se digna do público louvor que lhe é conferido.

*(O. S. n.º 38, de 23 de Setembro de 1971,
do C. T. I. da Guiné)*

COMPANHIA DE POLÍCIA MILITAR N.º 2537

Louvo a **Companhia de Polícia Militar n.º 2537**, porque, durante a sua comissão na Província da Guiné, revelou possuir um alto espírito de missão, que lhe permitiu uma notável acção em prol do cumprimento das normas e regulamentos por parte dos elementos militares da Guarnição de Bissau e de passagem nesta cidade.

Companhia disciplinada e disciplinadora, cumpriu com muita eficiência, ponderação e grande aprumo todas as missões de que foi incumbida, desde os patrulhamentos de rotina na referida cidade e nos subúrbios, até aos serviços de escolta, de segurança de instalações e de entidades militares ou civis e de guarda de honra.

Pela sua dedicação ao serviço militar e pela sua contribuição para o brio e prestígio do Exército, ganhou jus a ser distinguida com o presente louvor.

*(Nota n.º 316/3, de 27 de Janeiro de 1971,
do C. T. I. da Guiné)*

PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DAIMLER N.º 2202

Louvo o **Pelotão de Reconhecimento Daimler n.º 2202**, porque, ao longo da sua comissão de serviço nesta Província, sempre demonstrou uma perfeita integração dos seus elementos, que, unidos por forte espírito de corpo e de missão, cumpriram de forma meritória todas as missões que lhe foram atribuídas.

Destinado desde o início a uma zona da maior responsabilidade, demonstrou, quer utilizando os seus meios orgânicos, quer os meios aquáticos, que posteriormente foram atribuídos, uma permanente vontade de bem cumprir, aliada a grande determinação, apesar das condições difíceis e trabalhosas que por vezes se lhe depararam.

Por tudo o que se refere e pelo seu real merecimento, manifesta este Comando, ao Comandante, aos Sargentos e às Praças do Pelotão de Reconhecimento Daimler n.º 2202, o seu vivo apreço, apontando-o à consideração dos seus camaradas.

(O. S. n.º 289, de 11 de Dezembro de 1971, do Comando do Agrupamento de Bissau)

PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DAIMLER N.º 2204

Louvo o **Pelotão de Reconhecimento Daimler n.º 2204**, pela actuação eficiente e correcta que sempre evidenciou no decorrer da sua permanência neste Sector, desde 21 de Fevereiro de 1970.

Unidade muito disciplinada, com forte espírito de corpo, em que cada elemento se integrou perfeitamente numa equipa bem enquadrada e comandada, manteve a todo o momento elevado nível de operacionalidade, quer na sua actuação normal e permanente, quer em face de missões imprevistas, ou em reacção às flagelações IN, durante as quais os seus elementos actuaram sempre com coragem e sangue-frio.

A impecável conduta dos seus militares junto da população, foi ainda um constante exemplo de perfeita integração na manobra em curso.

Com a sua actuação, o Pelotão Daimler n.º 2204 demonstrou o que pode fazer uma Unidade pequena em efectivos, que sabe contudo tirar o melhor rendimento dos meios que dispõe e do seu potencial humano e na qual todos os elementos estão determinados em bem cum-

prir, contribuindo eficazmente para o cumprimento da missão do Batalhão, honrando a Arma a que pertence e o Exército Português.

*(O. S. n.º 294, de 13 de Dezembro de 1971,
do B. Art. 2924)*

PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DAIMLER N.º 2206

Louvo o **Pelotão de Reconhecimento Daimler n.º 2206**, pelo elevado espírito de missão e firme determinação de bem cumprir que sempre evidenciou ao longo da sua comissão de serviço no TO da Guiné.

Sub-Unidade eficiente, disciplinada e agressiva, de elevado moral e alto espírito de corpo, o Pelotão de Reconhecimento Daimler n.º 2206 desenvolveu notável actividade operacional, nomeadamente na segurança aos trabalhos da construção da estrada do Xime e, posteriormente, na segurança do seu tráfico, participou num elevado número de escoltas a colunas de reabastecimento, sendo ainda de salientar a sua notável prontidão operacional quando, por motivos inopinados, havia que fazer sair forças da sede do Batalhão.

Apesar do reduzido número dos seus elementos, deu contributo válido na construção do reordenamento de Nhabijões, constituiu factor positivo nas relações com a população e é merecedora de justo destaque.

*(O. S. n.º 24, de 16 de Agosto de 1971,
do CAOP 2 do C. T. I. da Guiné)*

PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DAIMLER N.º 2210

Louvo o **Pelotão de Reconhecimento Daimler n.º 2210**, porque, ao longo de mais de dezoito meses da sua comissão na Província da Guiné, em campanha, tem tido um comportamento de muito mérito em todas as missões que foram cometidas.

Pelotão dotado de elevado moral, alto espírito de corpo e forte determinação de bem servir, vem desenvolvendo uma excelente actividade operacional, traduzida em escoltas, patrulhamentos, rondas e policiamentos necessários ao controlo de populações, destacando-se a forma acertada e eficiente como executou essas diversas missões por toda a zona de acção do B. Caç. 2905.

Revista da Cavalaria

De realçar a constante disponibilidade do pessoal e viaturas do Pelotão, face aos cuidados que os seus utentes lhe dedicam e ainda o facto de, na noite do dia 3 de Agosto de 1971, durante a flagelação do IN ao aquarrelamento de T. Pinto, fazendo parte o núcleo das Daimlers do escalão de reacção, ter pronta e voluntariosamente reagido, saindo do quartel com a missão de interceptar o IN na sua retirada.

Pela forma como vem cumprindo, é o Pelotão de Reconhecimento Daimler n.º 2210 merecedor de público testemunho, pelo que lhe é conferido o presente louvor.

*(O. S. n.º 27, de 16 de Agosto de 1971,
do CAOP 1 do C. T. I. da Guiné)*

PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DAIMLER N.º 2211

Louvo o **Pelotão de Reconhecimento Daimler n.º 2211**, porque, durante toda a sua comissão na Z. Leste do TO da Guiné, desenvolveu apreciável actividade no âmbito das suas missões características, efectuando elevado número de patrulhamentos e escoltas, tendo-se distinguido pelo seu admirável espírito de corpo, apurmo e disciplina dos seus elementos componentes e verdadeiro espírito de missão de que deu amplas provas ao cumprir cabalmente as diversas missões que lhe foram cometidas, mesmo quando já não dispunha de viaturas orgânicas próprias e passou a actuar em viaturas de modelo diferente, revelando assim grande capacidade de adaptação a situações novas. É justo salientar que no período em que actuou em viaturas de modelo diferente, o referido Pelotão, ao realizar uma escolta a uma coluna auto, sofreu uma forte emboscada do IN, tendo o seu pessoal reagido de forma meritória, pondo em debandada o grupo inimigo atacante.

Por todos estes motivos, o Pelotão de Reconhecimento Daimler n.º 2211 é merecedor de público louvor.

(O. S. n.º. 24, do CAOP 2, do C. T. I. da Guiné)

PELOTÃO DE RECONHECIMENTO FOX N.º 2175

Louvado o **Pelotão de Reconhecimento Fox n.º 2175**, pela forma eficiente como cumpriu as diversas missões de que foi incumbido durante a sua comissão de serviço no Teatro de Operações da Guiné.

Revista da Cavalaria

Destacado para a Zona Sul da Província, desenvolveu uma adequada e intensa actividade operacional, traduzida em patrulhamentos e escoltas a colunas, a que deu sempre excepcional apoio, por vezes em difíceis circunstâncias, mas sempre no firme propósito de bem servir.

Nas acções de fogo em que tomou parte, evidenciou elevado desembaraço e agressividade, características que foram timbre da sua conduta, a par de uma perfeita mentalização do pessoal para a prontidão no cumprimento das missões que foi chamado a desempenhar.

O Pelotão de Reconhecimento Fox n.º 2175, pela acção que desempenhou em campanha, no Teatro de Operações da Guiné, ganhou jus ao público louvor que lhe é conferido.

*(O. S. n.º 40, de 7 de Outubro de 1971,
do C. T. I. da Guiné)*

CITAÇÕES

BATALHÃO DE CAVALARIA N.º 2868

Na visita que hoje efectuei ao B. Cav. 2868, estacionado no Cacheu, foi-me muito grato verificar a forma excepcional como aquela Unidade se adaptou à vida de campanha, encontrando-se parte bivacada e todos os seus elementos animados do melhor espírito do cumprimento da missão.

É de destacar a forma exemplar como esta Unidade tem instalado o P. C. do Batalhão e o P. C. de uma das suas Companhias que se encontra bivacada.

Saliente-se, ainda, o completo conhecimento que já tem da sua zona de acção. Assim, é de justiça apontar este Batalhão como exemplo de excepcional adaptação à vida de campanha.

Comunique-se este despacho a todos os COP e Batalhões do TO.

*(Despacho de S. Ex.^a o Brigadeiro Comandante-Chefe
do C. T. I. da Guiné, em 9 de Abril de 1969)*

BATALHÃO DE CAVALARIA N.º 2868

Terminei a vista de inspecção ao B. Cav. 2868, presentemente concentrado em Bula para o desempenho de uma importante missão de contra-penetração, que lhe foi atribuída por escolha.

O louvor que nesta data atribuo ao B. Cav. 2868, aliás sob proposta do CAOP, dispensa considerações acerca da notável acção desenvolvida por esta verdadeira Unidade de elite, que muito tem honrado na Guiné as tradições da sua Arma e do Exército. Não seria justo nesta apreciação destacar qualquer Sub-Unidade de um Batalhão que se tem evidenciado pela alta eficiência do conjunto.

Na inspecção que acabo de realizar, acho meramente formal para uma Unidade que pode ser apontado como «Escola» de organização, de eficiência de determinação e espírito de missão e de combate, con-

Revista da Cavalaria

firmou em pleno o alto conceito em que a Unidade já era tida, e ainda a alta capacidade do seu Comandante para conduzir tropas de Cavalaria em campanha.

Publique-se o louvor conferido à Unidade, e comunique-se o presente despacho a todos os Comandos de Agrupamento, Batalhão e COP.

*(Despacho de Sua Ex.^a o General Comandante-Chefe
do C. T. I. da Guiné, em 18 de Novembro de 1969)*

BATALHÃO DE CAVALARIA N.º 2868

Terminada a visita de inspecção que realizei aos trabalhos de reordenamento levados a efeito pelo B. Cav. 2868, apraz-me, gostosamente, mais uma vez salientar a notável acção desenvolvida por esta Unidade de elite, neste novo campo fundamental da sua actividade, no quadro da manobra de contra-subversão em curso.

Esta Unidade confirma, no campo da concepção e execução dos planos de reordenamento, na organização do trabalho e na eficiente acção psicológica junto das populações a reordenar, o alto conceito em que é tida, e que conquistou através da sua excepcional actividade operacional frente ao IN.

Destaca-se a ajustada manobra ao esforço de reordenamento, em conformidade com as directivas recebidas.

A Repartição de Assuntos Cíveis e Acção Psicológica deverá providenciar no sentido de que os Oficiais responsáveis pelos reordenamentos do TO da Guiné, sempre que possível visitem os reordenamentos a cargo do B. Cav. 2868, que podem ser apresentados como exemplo de alta eficiência.

Comunique-se o presente despacho a todos os Comandos de Agrupamento, Batalhão e COP.

*(Despacho de Sua Ex.^a o General Comandante-Chefe
das Forças Armadas do C. T. I. da Guiné,
em 27 de Janeiro de 1970)*

COMPANHIA DE CAVALARIA N.º 2486

Comunique-se ao B. Cav. 2868 que na última visita que realizei a Teixeira Pinto se destacou, de forma notória, a C. Cav. 2486, pela organização dos seus serviços e pelo magnífico espírito de adaptação

Revista da Cavalaria

à vida de campanha, procurando tirar o máximo rendimento de soluções expeditas, e ainda pelo magnífico espírito de todo o seu pessoal, este conjunto de factores positivos resultam necessariamente da acção de comando de um Capitão excepcionalmente qualificado. Assim, esta Companhia enquadra-se no âmbito das referências elogiosas feitas ao B. Cav. 2868, quando da minha visita ao Cacheu.

*(Despacho de Sua Ex.^a o Brigadeiro Comandante-Chefe
do C. T. I. da Guiné, em 29 de Abril de 1969)*

COMPANHIA DE CAVALARIA N.º 2525

Ao deixar o Comando Interino do B. Art. 2857, cumpre-me o grato dever de citar a C. Cav. 2525, que, sob o comando do Sr. Cap. de Cav. Orlando A. R. Páscoa, foi atribuída como reforço ao Batalhão, num momento particularmente difícil, em que os efectivos na sede se viam reduzidos a quase 60 %.

Esta Companhia, com menos de um mês de comissão na Guiné, vivendo em condições particularmente difíceis no aquartelamento, revelou-se possuidora de grande generosidade, espírito de corpo, disciplina e firme desejo de bem cumprir.

Realizando uma actividade operacional intensa, em especial se for tida em conta a sua situação de recém-chegada a uma Província e uma região inteiramente desconhecidas, soube cumprir com denodado esforço, elevado espírito de sacrifício e sempre da melhor forma, as missões que lhe foram atribuídas, tornando-se a sua acção credora do maior apreço e digna de ser apontada como exemplo.

*(O. S. n.º 154, de 30 de Junho de 1969,
do B. Art. 2857)*

COMPANHIA DE CAVALARIA N.º 2525

Despacho do Ex.^{mo} Comandante Interino do B. Art. 2857:

Ao deixar o B. Art. 2857 a C. Cav. 2525, que esteve adida a esta Unidade cerca de 2 meses, cumpre-me o dever de citar esta Sub-Unidade e o seu Comandante, Sr. Capitão de Cavalaria, Orlando Antero Rebenda Páscoa, pela muito valiosa colaboração prestada a este Batalhão na sua actividade operacional.

Revista da Cavalaria

A dedicação, interesse pelo serviço e vontade de bem cumprir dos
Oficiais, Sargentos e Praças desta Companhia, tornam-na credora dos
maiores elogios e do muito apreço deste Comando.

*(O. S. n.º 11, de 18 de Março de 1971,
do C. T. I. da Guiné)*

COMPANHIA DE POLÍCIA MILITAR N.º 2428

Encarrega-me Sua Ex.^a o Governador de solicitar a V. Ex.^a se
digne transmitir ao Ex.^{mo} Comandante Militar a satisfação de Sua Ex.^a
pelo aprumo e garbo evidenciados pela guarda de honra formada pela
Companhia de Polícia Militar de Mong-Há, durante a sua recente
visita ao Quartel General do Comando Territorial Independente de
Macau.

*(O. S. n.º 50, de 4 de Março de 1969,
do C. T. I. de Macau)*

COMPANHIA DE POLÍCIA MILITAR N.º 2490

Informa-se essa Chefia da satisfação do Comando da RMA pela
actuação da C. P. M. 2490 quando do assalto à E. P. M. 6, actuação
que muito contribuiu para a solução e rápido esclarecimento do assunto.

*(Despacho de 2 de Julho de 1969, de Sua Ex.^a o Brigadeiro
2.º Comandante da RMA)*

COMPANHIA DE POLÍCIA MILITAR N.º 2490

Como é do conhecimento de V. Ex.^a, realizou a RMA em Luanda
uma exposição de diverso material e documentação visando a infor-
mação e esclarecimento da população sobre a acção e esforço que as
Forças Armadas da Província vem desenvolvendo, não só no campo
estritamente militar, como ainda no da assistência social, sanitário e
ensino às populações.

Pelas referências que o acontecimento mereceu dos Órgãos de In-
formação Pública e pelas três dezenas de milhares de visitantes que à
Exposição afluíram durante o período de 17 dias em que esteve aberta
ao público, considera-se que o empreendimento obteve êxito, ao qual

Revista da Cavalaria

não é estranha a pronta e franca colaboração e apoio dado por essa Chefia, não só no estabelecimento de uma guarda permanente de PM aos Pavilhões com vista à segurança do material exposto, como, inclusivamente, na manutenção da disciplina de circulação de visitantes no interior dos Pavilhões. De salientar também o aprumo dos graduados e praças de PM que ali fizeram serviço, nem sempre fácil nas horas de maior afluência.

Pela colaboração e apoio acima referidos, encarrega-me Sua Ex.^a o General Comandante da RMA de transmitir a V. Ex.^a o seu elevado apreço.

*(C. S. n.º 6/5, de 3 de Janeiro de 1970,
da 5.ª REP/QG da RMA)*

COMPANHIA DE POLÍCIA MILITAR N.º 2537

Face às ocorrências verificadas nas prisões militares de Brá, em 18 de Janeiro de 1971, originadas por uma agressão a um Sargento da Guarda e, posteriormente, a insubordinação que motivou a interferência do pessoal da PM, este Comando regista, com inteiro apreço pelo pessoal subordinado de V. Ex.^a, a pronta e eficaz intervenção, bem como a forma como foram aplicadas necessárias e oportunas medidas correctivas.

*(Nota n.º 20/S, de 19 de Janeiro de 1971,
do Depósito de Adidos da Guiné)*

COMPANHIA DE POLÍCIA MILITAR N.º 2537

Expresso a V. Ex.^a o meu maior reconhecimento pela maneira impecável como se evidenciou o pessoal dessa Companhia de Polícia Militar escalado para serviço durante o embarque de Recrutados para Bolama, em 23 e 24 de Janeiro de 1971, na Ponte Cais do Porto de Bissau.

*(Nota n.º 428, de 25 de Janeiro de 1971,
do DRM da Guiné)*

COMPANHIA DE POLÍCIA MILITAR N.º 2575

Registo com agrado a actuação da patrulha militar que, na noite de 3 de Junho de 1970, no Muceque Marçal, capturou o 1.º Cabo n.º 9768 da C. Caç. 1331, João F. J. Laranjo, que acabara de cometer

Revista da Cavalaria

duas mortes com tiros de espingarda e lançamento de granadas. Merece referência especial o Tenente Miliciano PM da C. P. M. 2575, António João Candeias Ravasco, pela ponderação, calma e disposições adequadas que tomou no ordenamento da Força que comandava.

*(O. S. n.º 12, de 8 de Julho de 1970,
do Comando da Defesa de Luanda)*

COMPANHIA DE POLÍCIA MILITAR N.º 2577

Encarrega-me o Ex.^{mo} Chefe do Estado-Maior da RMM de transmitir a V. Ex.^a o seu agrado e muito apreço pela boa actuação das CPM de Lourenço Marques, Beira e Nampula, em todos os pontos, permitindo a repressão de roubos dos materiais transportados nos navios fretados, o controle do pessoal a embarcar e guarda e segurança dos porões.

*(Nota n.º 29/PM/71, de 29 de Junho de 1971,
da Chefia do Serviço de Preboste)*

3.º PELOTÃO DA COMPANHIA DE POLÍCIA MILITAR N.º 2490

Ao tomar conhecimento, pelo relatório em referência, das actividades desportivas que esse Pelotão tem levado a efeito, com extraordinário brilhantismo, em competições com as equipas de clubes dessa localidade, não pode deixar este Comando de manifestar ao Comandante do 3.º PPM e a todos os elementos do mesmo o seu inteiro agrado, congratulando-se assim pelo prestígio alcançado pela PM nas terras do Moxico.

Tais exemplos são sobejos motivos de júbilo no campo da acção social da nossa PM, motivo pelo que exorto todos os seus elementos para que, em todas as missões, continuem sempre a evidenciar a sua acção, de molde a honrar com a sua conduta o nome da PM e da Arma a que pertencem.

*(O. S. n.º 213, de 13 de Setembro de 1970,
da C. P. M. 2490)*

RESUMO
DA
ACÇÃO EM CAMPANHA
DAS
UNIDADES
REGRESSADAS
EM 1971

BATALHÃO DE CAVALARIA N.º 2868

Comandante: Tenente-Coronel de Cavalaria *Carlos José Machado Alves Morgado*

2.º Comandante: Major de Cavalaria *João Sequeira Marcelino*



Batalhão de Cavalaria n.º 2868 teve como Unidade mobilizadora o Regimento de Cavalaria n.º 7 e embarcou em Lisboa em 23 de Fevereiro de 1969, no Cais da Rocha do Conde de Óbidos, no navio Uíge, para a Província da Guiné, onde chegou a 1 de Março do mesmo ano.

Colocado inicialmente no Sector de Cacheu, desenvolveu, não apenas uma intensa actividade operacional, cujos resultados obtidos foram notáveis, distinguindo-se em inúmeras operações, entre as quais merecem maior destaque as «CHICOTE», «GRANDE SALTO» e «CÃO RANGER», como também desenvolveu igualmente magnífica acção junto da população, conquistando totalmente a sua confiança.

Em Setembro de 1969, deslocou-se o B. Cav. 2868 para a região de Bula, onde, através de uma intensa e contínua actividade, actuou de molde a dificultar ao máximo a actuação do IN no chamado «Chão Manjaco». Mais uma vez foram inúmeras as operações levadas a cabo, muitas delas com êxito, tais como «ANDA MANEL», «URSO GIGANTE» e «PANTERA NEGRA». Continuou o enorme esforço dispendido com óptimos resultados, tanto na segurança aos trabalhos de construção de itinerários, como de contra-penetração e ainda de reordenamentos.

Unidade dotada de elevado moral, apesar das baixas sofridas, e de excepcional espírito de sacrifício e de bem cumprir a sua missão, justificou inteiramente a divisa «NÃO TEMO» que adoptou, honrando sempre, tanto em campanha, frente ao IN, como junto das populações, as tradições da Arma de Cavalaria, o Exército e as Forças Armadas.

Embarcou de regresso à Metrópole em 30 de Dezembro de 1970.

Revista da Cavalaria

BATALHÃO DE CAVALARIA N.º 2870

Comandante: Coronel de Cavalaria *Francisco José de Moraes*
2.º Comandante: Major de Cavalaria *Joaquim Mendes Borges Ribeiro Simões*

O Batalhão de Cavalaria n.º 2870 teve como Unidade mobilizadora o Regimento de Cavalaria n.º 3, tendo desembarcado em Luanda em 25 de Abril de 1969.

Poucos dias após a sua chegada, assumiu a responsabilidade numa área do extremo Sudeste da Província, em que a vastidão o obrigou a uma dispersão das suas forças por quartéis muito isolados, de difícil acesso e sem recursos.

Desenvolvendo desde início e em continuidade uma intensa actividade operacional, caracterizada por forte determinação, dinamismo e iniciativa, em exploração imediata de informações obtidas, provocou a desarticulação do dispositivo IN nas áreas onde este se revelava mais agressivo, causando-lhe inúmeras baixas, apreendendo-lhe material e munições em quantidades apreciáveis.

Através da sua actuação, cortou a iniciativa ao IN e criou-lhe uma situação de insegurança, obrigando-o a abandonar áreas em que do antecedente se refugiava, recuperando elementos da população, coercivamente mantidos sob o controle inimigo.

Integrando, racional e progressivamente, a acção de todos os elementos que, pela sua natureza, poderiam dar contributo na luta contra a subversão, obteve a sua coesão e unidade perfeita, desde os Chefes responsáveis até aos mais simples executantes, de forma a que os resultados globais se revelaram de muito interesse para pacificação da sua zona de acção.

Das operações e acções realizadas sobressaíram as «CURRO», «ZIGUE-ZAGUE», «PARIS», «GAFANHOTO», «CENTAURO», «ÂNCORA», «LEOPARDO» e «CORTIÇOS».

Paralelamente à actividade operacional, desenvolveu uma acção social notável junto das populações nativas e através dum apoio incondicional a todas as autoridades, soube grangear a estima e unificar valores, de forma a tornar possível a obtenção do maior rendimento dos meios disponíveis, face às imensas solicitações de toda a ordem que diariamente lhe eram presentes.

Revista da Cavalaria

Colocado posteriormente numa área de características diferentes na ZMN, continuou a desenvolver a meritória tarefa em que se vinha empenhando, garantindo o ritmo operacional indispensável, a par de uma acção de presença e contacto com as populações, assegurando-lhes protecção e contrariando as intenções de subversão do Inimigo.

A actuação do Batalhão de Cavalaria n.º 2870 em Angola merece ser apontada como exemplo e considerada como alto serviço prestado à Província e à Nação.

BATALHÃO DE CAVALARIA N.º 2876

Comandante: Tenente-Coronel de Cavalaria *José Carlos Sirgado Maia*

2.º Comandante: Inicialmente: Major de Cavalaria *Luís Maria Coelho Casquilho*

Depois: Major de Cavalaria *Luís Francisco Pinto de Sousa Moreira*

O Batalhão de Cavalaria n.º 2876, tendo como Unidade mobilizadora o Regimento de Cavalaria n.º 3, embarcou em Lisboa em 19 de Julho de 1969, chegando a Bissau em 25 daquele mês. Regressou à Metrópole em 4 de Junho de 1971.

À sua chegada à Guiné, assumiu a responsabilidade de um Sector da Zona Oeste, junto à fronteira, onde se manteve até final da sua comissão.

Tendo desenvolvido uma boa actividade operacional, realizou também intensiva actuação no âmbito da acção psicológica junto das populações, fornecendo às mesmas apoio sanitário, bem como outras medidas de assistência, não só a estas, como a elementos da República do Senegal, que, frequentemente, visitavam o aquartelamento.

Por virtude da forma destacada como, em todos os aspectos, se desempenhou da sua missão, foi esta Unidade louvada pelo Comandante Militar da Guiné.

Revista da Cavalaria

COMPANHIA DE CAVALARIA N.º 2485

Comandante: Capitão de Cavalaria *José Maria Campos Mendes Sentieiro*

A Companhia de Cavalaria n.º 2485 teve como Unidade mobilizadora o Regimento de Cavalaria n.º 7 e desembarcou em Bissau em 1 de Março de 1969.

Integrada sempre no B. Cav. 2868, realizou intensa e contínua actividade operacional nos Sub-Sectores da Zona Oeste onde actuou, contribuindo, com o seu arreigado espírito ofensivo e verdadeiro sentido de missão, para a favorável evolução da situação dos sectores atribuídos ao Batalhão.

Dentre as numerosas operações em que tomou parte, são de destacar as «BIGODES», «PANTERA BRANCA», «BATE NELES» e «FREIO RELUZENTE».

COMPANHIA DE CAVALARIA N.º 2486

Comandante: Capitão de Cavalaria *João Soares de Sá e Almeida*

A Companhia de Cavalaria n.º 2486 teve como Unidade mobilizadora o Regimento de Cavalaria n.º 7 e desembarcou em Bissau em 1 de Março de 1969.

Nos Sub-Sectores da Zona Oeste onde actuou, integrada sempre no B. Cav. 2868, demonstrou, em todas as circunstâncias, capacidade ofensiva e sólido espírito de missão, contribuindo, com os resultados que alcançou, para o elevado prestígio do Batalhão a que pertence.

Dentre as inúmeras operações em que tomou parte, são de referir «BIGODES», «FREIO RELUZENTE» e «PANTERA BRANCA».

COMPANHIA DE CAVALARIA N.º 2487

Comandante: Capitão de Cavalaria *José Caetano d'Almeida Lima Quintela*

A Companhia de Cavalaria n.º 2487 teve como Unidade mobilizadora o Regimento de Cavalaria n.º 7 e desembarcou em Bissau em 1 de Março de 1969.

Revista da Cavalaria

Integrada sempre no B. Cav. 2868, realizou inicialmente uma intensa actividade operacional em áreas particularmente activas, contribuindo de forma apreciável para uma favorável evolução da situação.

Posteriormente, chamada a colaborar em actividades integradas nos reordenamentos, produziu trabalho que se revestiu de particular importância e contribuiu de forma significativa para o clima de confiança e colaboração das populações reordenadas.

Das operações em que tomou parte, são de referir «CAVALO RUÇO» e «PEQUENO ALTO».

COMPANHIA DE CAVALARIA N.º 2498

Comandante: Capitão de Cavalaria *Alvaro Camilo de Almeida Seabra de Albuquerque*

COMPANHIA DE CAVALARIA N.º 2499

Comandante: Capitão de Cavalaria *Alexandre Maria de Castro Sousa Pinto*

COMPANHIA DE CAVALARIA N.º 2500

Comandante: Capitão de Cavalaria *José Augusto da Cunha Rodrigues da Cruz*

Fazendo parte do Batalhão de Cavalaria n.º 2870, as Companhias acima mencionadas, tendo como Unidade mobilizadora o Regimento de Cavalaria n.º 3, desembarcaram em Luanda em 25 de Abril de 1969 e regressaram à Metrópole em 26 de Maio de 1971.

Deslocadas para áreas do extremo Sudeste da respectiva Província, assumiram a responsabilidade das suas missões em 13 de Maio de 1969, onde desenvolveram uma intensa actividade operacional, com assinalado êxito.

Revista da Cavalaria

COMPANHIA DE CAVALARIA N.º 2524

Comandante: Capitão Mil.º de Artilharia *José Henrique Saraiva Rodrigues Gomes*

Tendo como Unidade mobilizadora o Regimento de Cavalaria n.º 7, desembarcou em Angola em 21 de Maio de 1969.

Foi colocada no Leste da Província, onde permaneceu a maior parte da comissão, tendo realizado inúmeras operações, a par de uma intensa pesquisa de notícias, revelando sempre um vincado espírito de missão e disciplina nas várias tarefas que lhe foram cometidas.

Transferida para o Sul da Província, onde permaneceu cerca de três meses para recuperar do esforço dispendido, deixou novamente marcada a sua passagem, pela sua compostura, trato com as populações e acção psico-social desenvolvida, impressionando da maneira mais favorável o Comando a que pertenceu.

Já no final da comissão, deslocou-se ainda a C. Cav. 2524 para o Sudeste de Angola, onde cumpriu com eficiência a sua importante missão de protecção a trabalhos de itinerários, a despeito do desgaste dos seus efectivos.

Pela actividade operacional que esta Sub-Unidade desenvolveu, tornou-se merecedora do maior apreço da RMA, que deste modo lhe dá público testemunho.

Regressou à Metrópole em 20 de Junho de 1971.

COMPANHIA DE CAVALARIA N.º 2525

Comandante: Capitão de Cavalaria *Orlando Antero Rebanda Páscoa*

A Companhia de Cavalaria n.º 2525 teve como Unidade mobilizadora o Regimento de Cavalaria n.º 7 e embarcou em 24 de Maio de 1969, na Gare Marítima de Alcântara, no paquete Niassa, com destino à Província da Guiné. Desembarcou em Bissau em 30 de Maio de 1969.

Foi atribuída de reforço temporário ao COP 5, ficando operacionalmente ligada ao B. Art. 2857 sediado em Piche, e precariamente instalada em barracas e depois em armazéns.

Revista da Cavalaria

Teve como acção principal, nesta primeira fase, a execução de intensos patrulhamentos em toda a ZA, detectando as linhas de possível infiltração do IN.

Efectuou neste período algumas operações, sendo as denominadas «MATA» e «MEPA» aquelas em que obteve maior êxito, devido ao material capturado ao IN.

Em Agosto de 1969 chegou ao Cacheu, ficando de reforço ao B. Cav. 2868, depois ao B. Caç. 2845, e actuando em especial na região de Pecaú Churo.

Realizou então uma intensa actividade operacional, efectuando com êxito muitos patrulhamentos e reconhecimentos, destacando-se a operação «GOLA VIRADA». Em Novembro de 1969 chegou a Bula, onde ficou sediada, novamente de reforço ao B. Cav. 2868.

Além da actividade operacional, em que se destacou mais uma vez, como por exemplo nas operações «ALTA MADRUGADA», «PEQUENO BAIO» e «PANTERA BRANCA», fez também segurança e trabalhos para os reordenamentos de Augusto Barros, Mato Dincal e João Landim, e estrada de Bula-S. Vicente.

Embarcou de regresso à Metrópole em 17 de Março de 1971, demonstrando ao longo da sua permanência na Guiné, nomeadamente nos Sectores de Piche, Cacheu e Bula, a vontade de bem cumprir a sua missão, esforço coroado de êxito que foi devidamente apreciado por aquele C. T. I..

COMPANHIA DE CAVALARIA N.º 2538

Comandante: Inicialmente: Capitão de Cavalaria *Luís Filipe Rei Villar*

Depois: Capitão de Cavalaria *Rogério da Silva Guilherme*

A Companhia de Cavalaria n.º 2538 teve como Unidade mobilizadora o Regimento de Cavalaria n.º 3 e embarcou em Lisboa a 19 de Julho de 1969, chegando a Bissau a 25 do mesmo mês, integrada no seu Batalhão.

Assumindo a responsabilidade de um Sub-Sector da Zona Oeste, desenvolveu uma apreciável actividade operacional, sendo de referir,

Revista da Cavalaria

das operações e acções em que tomou parte, pelos resultados obtidos, as «DESABRIGAR» e «SELVA VIVA».

Paralelamente, e no campo da manobra sócio-económica, exerceu uma actividade digna de realce no aspecto educativo, através do funcionamento eficiente dos Postos Escolares Militares que tinha a seu cargo. De destacar ainda a bem orientada acção psicológica que exerceu sobre as populações da sua área.

COMPANHIA DE CAVALARIA N.º 2539

Comandante: Capitão de Cavalaria *Raul Fernando Durão Correia*

A Companhia de Cavalaria n.º 2539 teve como Unidade mobilizadora o Regimento de Cavalaria n.º 3 e embarcou em Lisboa a 19 de Julho de 1969, tendo chegado a Bissau a 25 daquele mês, integrada no seu Batalhão.

Colocada num Sub-Sector da Zona Oeste, desenvolveu uma dinâmica e eficiente actividade operacional, de que se destacam as operações «DOMINGUINI», «DESTRUIÇÃO» e «DEPICO», nas quais causou baixas ao IN, destruiu acampamentos e capturou diverso material.

Salienta-se ainda o trabalho realizado no contacto permanente com as populações, quer em apoio de núcleos em auto-defesa, quer na contribuição prestada no âmbito das assistências educativa, sanitária e económica.

Companhia disciplinada e cónscia dos seus deveres, soube criar um elevado espírito de corpo e cumprir dignamente a missão que lhe foi confiada no TO da Guiné.

COMPANHIA DE CAVALARIA N.º 2540

Comandante: Capitão de Cavalaria *Jaime Gomes Vieira*

A Companhia de Cavalaria n.º 2540 teve como Unidade mobilizadora o Regimento de Cavalaria n.º 3 e embarcou em Lisboa a 19 de Julho de 1969, tendo desembarcado em Bissau a 25 daquele mês, integrada no seu Batalhão.

Revista da Cavalaria

Assumiu a responsabilidade num Sub-Sector da Zona Oeste, onde exerceu uma intensa e bem orientada actividade operacional, de que se salientam, entre outras, as operações «DESFOLHADA», «CAVALO FANTASMA» e «DOSZINGARAF», nas quais causou numerosas baixas ao IN.

No campo da promoção sócio-económica, destaca-se a forma ajustada como conduziu a parte final do reordenamento de «Antotinha» e os resultados obtidos no apoio e contacto com as populações da sua área.

Sub-Unidade muito coesa e determinada, cumpriu sempre com zelo, eficiência e espírito de sacrifício a sua missão, contribuindo assim com a sua actuação para o prestígio reconhecido ao seu Batalhão no TO da Guiné.

COMPANHIA DE CAVALARIA N.º 2562

Comandante: Capitão Mil.º de Artilharia *Carlos Alberto Almeida Santos Paiva*

A Companhia de Cavalaria n.º 2562 foi mobilizada pelo Regimento de Cavalaria n.º 7, tendo embarcado para Angola em 12 de Julho de 1969 e desembarcou em Luanda em 21 de Julho de 1969.

Colocada inicialmente numa região junto à fronteira norte da Província, os seus efectivos foram divididos para ocupar um destacamento dentro da sua zona de acção e para reforçar uma Unidade na região dos Dembos. Apesar disso, a C. Cav. 2562 desenvolveu notável actividade, tanto no campo da acção psicológica e assistência social às populações, como em patrulhamentos constantes da sua zona de acção.

Transferida posteriormente para outra região no centro da Província, onde o Inimigo procurava alastrar a subversão e implantar os seus quartéis, a Companhia de Cavalaria n.º 2562 desenvolveu intensa actividade operacional, contrariando as intenções do Inimigo, provocando-lhe baixas e destruindo-lhe meios de vida.

Integrada nas forças de reserva da ZMC, já na parte final da sua comissão, foi utilizada na protecção a trabalhos de engenharia na operação «PASSO EM FRENTE», onde se manteve até pouco tempo antes do seu regresso à Metrópole.

Revista da Cavalaria

Pelo espírito de sacrifício e voluntariedade manifestados pelas suas tropas e pelo esforço desenvolvido ao longo da sua permanência na Província, esta Sub-Unidade mereceu a atenção e o respeito da Região Militar de Angola.

COMPANHIA DE CAVALARIA N.º 2563

Comandante: Capitão de Cavalaria *Manuel Urbano Moreira Dias*

A Companhia de Cavalaria n.º 2563 teve como Unidade Mobilizadora o Regimento de Cavalaria n.º 7, tendo embarcado em 12 de Julho de 1969, no paquete Vera Cruz, com destino à Província de Angola. Desembarcou em Luanda no dia 21 de Julho de 1969.

Foi-lhe atribuída a zona de acção no extremo Leste do Sector do Bié, na Zona Militar Centro.

Desenvolveu grande actividade operacional em nomadização e patrulhamentos ao longo dos cursos de água, em abundância na zona, tendo-se distinguido em várias operações, tais como «ZÉNITE», «ALVORADA» e «AMIAIS». Destacam-se ainda numerosas acções ao nível de Pelotão e Esquadrão a Cavalo, coroadas de êxito tanto na captura de armamento como na destruição de acampamentos e baixas infligidas ao IN.

Credora do apreço da Região Militar de Angola, embarcou de regresso à Metrópole em 7 de Setembro de 1971.

COMPANHIA DE CAVALARIA N.º 2638

Comandante: Capitão Mil.º de Cavalaria *Pedro José de Belo Dias de Aguiar*

Mobilizada pelo Regimento de Cavalaria n.º 7, a Companhia de Cavalaria n.º 2638 desembarcou em Angola em 1 de Novembro de 1969.

A zona de acção que lhe foi atribuída, por ser uma zona de grandes concentrações populacionais, levou a que a C. Cav. 2638 desenvolvesse grande actividade sob o ponto de vista de controle das populações,

Revista da Cavalaria

pesquisa de informações e patrulhamentos de itinerários, aliada a uma notória acção de assistência social aos povos e dum apoio incondicional a todas as autoridades.

A forma como a Companhia de Cavalaria n.º 2638 desempenhou a sua missão levou ao estabelecimento de um clima de confiança por parte das populações, que passaram a ver nos militares uma presença sempre desejável.

O interesse, a dedicação e o espírito de bem cumprir em todas as missões que lhe foram confiadas tornaram-na digna do apreço por parte da Região Militar de Angola.

Regressou à Metrópole em 27 de Novembro de 1971.

COMPANHIA DE CAVALARIA N.º 2639

Comandante: Capitão de Cavalaria *Alfredo Jorge Gonçalves Fari-
rinha Ferreira*

A Companhia de Cavalaria n.º 2639 teve como Unidade mobilizadora o Regimento de Cavalaria n.º 7, tendo embarcado em 22 de Outubro de 1969, no Cais da Rocha de Conde de Óbidos, no navio *Uíge*, com destino à Província da Guiné. Desembarcou em Bissau a 28 de Outubro de 1969.

Foi atribuída de reforço ao B. Cav. 2868, ficando sedeadada em Binar, tendo-lhe sido destinada, como ZA, o Sub-Sector de Choquemone. Teve como missão principal, nesta primeira fase, a de contra-penetração, com vista a impedir os movimentos IN, quer operacionais, quer logísticos, em direcção ao «Chão Manjaco».

Em Dezembro de 1969 foi deslocada para Bula, onde ficou a trabalhar em conjunto com as restantes Companhias do Batalhão, tendo recebido o encargo de três reordenamentos: Capunga, Pete e Ponta Consolação.

Desenvolveu intensa actividade operacional no sentido de interceptar os grupos IN que se reabasteciam na zona e na segurança dos trabalhos de reordenamento de populações, missão em que colaborou activamente e com bons resultados, tendo efectuado muitas operações com êxito, entre as quais se destacam as «URSO GIGANTE», «PEQUENO BAIO» e «TAREFA FORTE».

Revista da Cavalaria

Desempenhou também um papel relevante nos capítulos de acção psicológica, escolar e melhoria geral das populações.

Embarcou de regresso à Metrópole em 24 de Setembro de 1971, trazendo consigo o apreço do Comando Territorial e da população da Província da Guiné.

ESQUADRÃO DE RECONHECIMENTO FOX N.º 2640

Comandante: Capitão de Cavalaria *Fernando da Costa Monteiro Vouga*

Tendo como Unidade mobilizadora o Regimento de Cavalaria n.º 8, o Esquadrão de Reconhecimento Fox n.º 2640 embarcou em Lisboa a 16 de Novembro de 1969, tendo chegado a Bissau a 21 do mesmo mês.

Fazendo parte das Forças de Reserva do Comando de Agrupamento da Zona Leste, aí se manteve até final da comissão.

A sua actividade caracterizou-se, não só pelas escoltas e patrulhamentos que realizou em diversos itinerários da referida Zona, mas também pela pronta participação nas reacções aos ataques aos estacionamentos onde estiveram destacados elementos seus.

Sub-Unidade muito disciplinada e com sólido espírito de corpo, o Esquadrão de Reconhecimento Fox n.º 2640 demonstrou sempre grande vontade de colaboração e soube cumprir da melhor forma todas as missões de que foi encarregado.

COMPANHIA DE POLÍCIA MILITAR N.º 2428

Comandante: Capitão de Cavalaria *Fernando Governo dos Santos Maia*

A Companhia de Polícia Militar n.º 2428, tendo como Unidade mobilizadora o Regimento de Lanceiros n.º 2, iniciou a sua comissão de serviço, em Macau, em 12 de Agosto de 1968, terminando-a em 3 de Fevereiro de 1971.

Revista da Cavalaria

Durante a sua comissão, desempenhou missões específicas de PM, nomeadamente patrulhamentos, controle de pessoal e viaturas, etc., das quais se incumbiu sempre com elevado espírito de missão.

COMPANHIA DE POLÍCIA MILITAR N.º 2490

Comandante: Capitão de Cavalaria *António Vidal Fernandes Faia*

A Companhia de Polícia Militar n.º 2490, tendo como Unidade mobilizadora o Regimento de Lanceiros n.º 2, embarcou em Lisboa em 8 de Fevereiro de 1969, chegando a Luanda em 17 daquele mês.

Ao longo da sua permanência em Angola — Luanda, Nova Lisboa e Luso, distinguiu-se a C. P. M. 2490 pela forma aprumada, correcta e interessada com que sempre deu cumprimento às missões de policiamento, escolta, rondas e outras que lhe foram cometidas.

Pelo seu espírito de corpo, elevado grau de instrução e disciplina, tornou-se esta Unidade amplamente credora do apreço da RMA.

COMPANHIA DE POLÍCIA MILITAR N.º 2537

Comandante: Capitão de Cavalaria *Hernâni dos Anjos Mós*

A Companhia de Cavalaria n.º 2537, tendo como Unidade mobilizadora o Regimento de Lanceiros n.º 2, iniciou a sua comissão de serviço, na Província da Guiné, em 24 de Maio de 1969, terminando-a em 12 de Fevereiro de 1971.

Permanecendo em Bissau durante toda a sua comissão, desempenhou vários serviços ao interior da Província, nomeadamente escoltas, e salientou-se como uma Unidade disciplinada e disciplinadora, cumprindo, com elevada eficiência, ponderação, grande apurmo e extrema dedicação, todas as missões que lhe foram confiadas, e cujo apreço, por parte do C. T. I. G., foi manifestado através do louvor que lhe foi conferido.

Revista da Cavalaria

COMPANHIA DE POLÍCIA MILITAR N.º 2575

Comandante: Inicialmente: Capitão de Cavalaria *Rui Manuel Soares Pessoa de Amorim*

Depois: Capitães de Cavalaria *Alexandre Beato Correia* e *João do Nascimento de Jesus Pato Anselmo*

A Companhia de Polícia Militar n.º 2575 foi mobilizada pelo Regimento de Lanceiros n.º 2 e embarcou para a RMA em 4 de Agosto de 1969, tendo regressado à Metrópole em 18 de Setembro de 1971.

Durante a sua comissão de serviço em Angola, desempenhou a C. P. M. 2575 as missões específicas de P. M., com patrulhamentos de rotina na sua área, segurança de instalações e entidades, rusgas em diversas zonas, escoltas e guardas de honra, manifestando sempre apurado nível de instrução, de disciplina e uma elevada noção do sentido do cumprimento do dever, impondo-se os seus efectivos pelo apurmo, brio, correcção e excelente espírito de corpo.

A sua actividade é digna de ser mencionada e foi credora do apreço e do reconhecimento da RMA.

COMPANHIA DE POLÍCIA MILITAR N.º 2576

Comandante: Inicialmente: Capitão de Cavalaria *José Olímpio Caiado Costa Gomes*

Depois: Capitão de Cavalaria *Óscar da Rocha Lima*

A Companhia de Polícia Militar n.º 2576, tendo como Unidade mobilizadora o Regimento de Lanceiros n.º 2, foi destacada para a Província de Moçambique, iniciando a sua comissão em 16 de Agosto de 1969, e terminando-a em 12 de Setembro de 1971.

Durante a sua permanência nesta Província, manteve-se em Lourenço Marques, desempenhando sempre, com elevado espírito de missão, todas as funções inerentes à respectiva especialidade, o que foi objecto de referência elogiosa da RMM.

Revista da Cavalaria

COMPANHIA DE POLÍCIA MILITAR N.º 2577

Comandante: Capitão de Cavalaria *Abel Lemos Caldas*

A Companhia de Polícia Militar n.º 2577, tendo como Unidade mobilizadora o Regimento de Lanceiros n.º 2, iniciou a sua comissão de serviço em 16 de Agosto de 1969, terminando-a em 13 de Setembro de 1971.

Tendo permanecido sempre na cidade da Beira, pela sua actuação nas mais diversas atribuições, desempenhou-se sempre com elevada eficiência e contribuiu para o bom aspecto de apresentação do pessoal embarcado, constituindo-se, por sua vez, modelo sob o ponto de vista de emportamento e atavio.

Da sua acção, constitui reconhecimento a referência elogiosa que lhe foi atribuída pela RMM.

COMPANHIA DE POLÍCIA MILITAR N.º 2578

Comandante: Capitão de Cavalaria *Eurico António Sacavém da Fonseca*

A Companhia de Polícia Militar n.º 2578, tendo como Unidade mobilizadora o Regimento de Lanceiro n.º 2, embarcou para a Província de S. Tomé e Príncipe em 27 de Agosto de 1969, regressando à Metrópole em 5 de Setembro de 1971.

Durante a sua permanência nesta Província, desempenhou, com alto sentido de missão, todas as missões específicas de Polícia Militar, nomeadamente, patrulhamentos, controles de viaturas e pessoal e policiamento de cerimónias e diversos recintos.

PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DAIMLER N.º 2101

Comandante: Alferes Mil.º de Cavalaria *Carlos Santos Borges*

Revista da Cavalaria

PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DAIMLER N.º 2102

Comandante: Alferes Mil.º de Cavalaria *Francisco Lourenço Biscaia Lino da Silva*

PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DAIMLER N.º 2107

Comandante: Alferes Mil.º de Cavalaria *Luis M. Costa*

PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DAIMLER N.º 2108

Comandante: Alferes Mil.º de Cavalaria *José M. M. S. Cardoso*

PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DAIMLER N.º 2109

Comandante: Alferes Mil.º de Cavalaria *Manuel M. M. S. Vilela*

PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DAIMLER N.º 2110

Comandante: Alferes Mil.º de Cavalaria *João A. S. M. Valido*

PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DAIMLER N.º 2111

Comandante: Alferes Mil.º de Cavalaria *Alberto E. C. Moura*

PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DAIMLER N.º 2112

Comandante: Alferes Mil.º de Cavalaria *João M. M. Pinto*

PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DAIMLER N.º 2144

Comandante: Alferes Mil.º de Cavalaria *Artur Mateus Sousa Brazão*

Revista da Cavalaria

PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DAIMLER N.º 2202

Comandante: Alferes Mil.º de Cavalaria *Rui M. Gago Antão*

PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DAIMLER N.º 2203

Comandante: Alferes Mil.º de Cavalaria *Hermenegildo J. M. S. Tavares*

PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DAIMLER N.º 2204

Comandante: Alferes Mil.º de Cavalaria *Amadeu A. P. Fernandes*

PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DAIMLER N.º 2205

Comandante: Alferes Mil.º de Cavalaria *António C. O. Moniz*

PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DAIMLER N.º 2206

Comandante: Alferes Mil.º de Cavalaria *José L. P. V. Carvalho*

PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DAIMLER N.º 2207

Comandante: Alferes Mil.º de Cavalaria *Manuel L. M. Fonseca*

PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DAIMLER N.º 2208

Comandante: Alferes Mil.º de Cavalaria *Ernestino P. Caniço*

PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DAIMLER N.º 2209

Comandante: Alferes Mil.º de Cavalaria *Francisco J. C. V. Taveira*

Revista da Cavalaria

PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DAIMLER N.º 2210

Comandante: Alferes Mil.º de Cavalaria *Vitor M. G. D. Neto*

PELOTÃO DE RECONHECIMENTO DAIMLER N.º 2211

Comandante: Alferes Mil.º de Cavalaria *Domingos M. P. O. Martins*

Os Pelotões de Reconhecimento Daimler acima mencionados foram mobilizados pelo Regimento de Cavalaria n.º 6, tendo embarcado para Moçambique (Pel. Rec. 2101 e 2102, em 4 de Janeiro de 1969; Pel. Rec. 2109, 2110, 2111 e 2112, em 12 de Abril de 1969), para Angola (Pel. Rec. 2107 e 2108, em 14 de Maio de 1969) e para a Guiné (Pel. Rec. 2144, em 13 de Agosto de 1969, e os restantes, em 31 de Janeiro de 1970).

Colocados em diferentes Sub-Sectores dos vários TO, a sua actuação, dado o tipo de Sub-Unidades em causa, foi essencialmente caracterizada por escoltas a viaturas, patrulhamentos de itinerários, segurança de pistas de aterragem e de povoações, reacções a flagelações sofridas pelos aquartelamentos, etc..

Disciplinados e com elevado espírito de corpo, todos os Pel. Rec. Daimler cumpriram com eficiência as missões que lhes foram atribuídas.

Regressaram à Metrópole em 19 de Março de 1971 (Pel. Rec. 2101 e 2102), 18 de Junho de 1971 (Pel. Rec. 2109, 2110, 2111 e 2112), 2 de Julho de 1971 (Pel. Rec. 2144), 27 de Julho de 1971 (Pel. Rec. 2107 e 2108) e 18 de Dezembro de 1971 (os restantes).

PELOTÃO DE RECONHECIMENTO FOX N.º 2175

Comandante: Alferes Mil.º de Cavalaria *Manuel Rodrigues Maia*

O Pelotão de Reconhecimento Fox n.º 2175 teve como Unidade mobilizadora o Regimento de Cavalaria n.º 8, embarcando para a Guiné em 22 de Outubro de 1969 e regressando à Metrópole em 3 de Outubro de 1971.

Revista da Cavalaria

Durante a sua permanência no C. T. I. G., manteve-se em reforço a um Sector da Zona Sul, onde realizou, com elevada eficiência, todas as missões que lhe foram cometidas, tendo, por tal motivo, sido distinguido pelo Comandante Militar daquela Província.

PELOTÃO DE POLÍCIA MILITAR N.º 2094

Comandante: Alferes Mil.º de Cavalaria *Vitor Manuel Alves Rodrigues*

O Pelotão de Polícia Militar n.º 2094, tendo como Unidade mobilizadora o Regimento de Lanceiros n.º 2, embarcou em Lisboa em 8 de Fevereiro de 1969, chegando a Luanda em 17 daquele mês, acabando a sua comissão em 26 de Fevereiro de 1971.

Ao fim de cerca de 14 meses de actividade em importante centro urbano do Norte da Província, foi o P. P. M. 2094 destacado para o Enclave de Cabinda.

Ao longo da sua permanência em Angola, distinguiu-se pela forma apurada, correcta e interessada com que sempre deu cumprimento às missões de policiamento, escoltas, rondas e outras que lhe foram cometidas.

Pelo seu espírito de corpo, elevado grau de instrução e disciplina demonstradas, tornou-se esta Unidade amplamente credora do apreço da RMA.

PELOTÃO DE POLÍCIA MILITAR N.º 2142

Comandante: Tenente *António João Candeias Ravasco*

O Pelotão de Polícia Militar n.º 2142 foi mobilizado pelo Regimento de Lanceiros n.º 2 e embarcou para a RMA em 12 de Julho de 1969, tendo regresado à Metrópole em 18 de Setembro de 1971.

Serviu em Luanda, tendo-lhe sido atribuída uma zona de vigilância muito populosa, sobre a qual manteve permanente controle, por meio de rondas, policiamentos, rusgas e segurança, a par de missões de carác-

Revista da Cavalaria

ter operacional, constituídas por escoltas a altas entidades, a MVL e a comboios.

Em todas estas missões demonstrou possuir elevado espírito de corpo e disciplina, afirmando-se digna de ser mencionada a sua actuação, patenteada através de vários louvores individuais e referências elogiosas.

PELOTÃO DE POLÍCIA MILITAR N.º 2143

Comandante: Alferes Mil.º de Cavalaria *Luis Rosário*

O Pelotão de Polícia Militar n.º 2143, tendo como Unidade mobilizadora o Regimento de Lanceiros n.º 2, foi destacado para Angola, onde iniciou a sua comissão em 21 de Julho de 1969, que terminou em 18 de Setembro de 1971.

Permanecendo inicialmente, durante seis meses, em Cabinda, completou a sua comissão em Luanda, distinguindo-se pela forma aprumada, correcta e interessada como soube cumprir todas as missões que lhe foram confiadas, creditando-se do apreço e reconhecimento da RMA, pelo espírito de corpo e disciplina patenteados.



Noticiário
da
Escola Prática
de
Cavalaria

TIROCÍNIO PARA OFICIAIS
DO QUADRO PERMANENTE

(ANO ESCOLAR 1971-72)



O Director da Arma com os novos tirocinantes de Cavalaria — da esquerda para a direita: Pinto Carmo, Ribeiro Cardoso e Abrantes Silva



1 — Escolares

a) — Cursos do Q. C.

Continuam em funcionamento na EPC as actividades de instrução dos futuros Oficiais e Sargentos Milicianos de Cavalaria. E, se no 2.º Ciclo a frequência deste ano se equipara à do ano anterior (568, em 1791, contra, 605, em 1970), já comparando as frequências do 1.º Ciclo se nota sensível acréscimo deste ano (1476) em relação ao anterior (978).

Seguem-se as referidas frequências, discriminadas:

2.º CICLO	COM	CSM
4.º Turno/70	54	44
1.º Turno/71	49	154
2.º Turno/71	38	141
3.º Turno/71	22	66
<i>Totais</i>	163	405

1.º CICLO	CSM
1.º Turno/71	498
2.º Turno/71	546
3.º Turno/71	432
<i>Total</i>	1476

Revista da Cavalaria

b) — *Tirocínios, Estágios e Cursos*

- Estágio para Capitães Graduados — 7 Capitães.
- Curso de Polícia Militar (Oficiais do Q.P.) — 4 Alferes do T.O.Q.P.
- Curso de Transmissões — 2.^a Parte (Oficiais do Q.P.) — 1 Tenente.
- T.O.Q.P. (iniciaram três Oficiais, não tendo ainda terminado).

2 — **Desportivas**

A EPC fez-se representar em oito modalidades nos Campeonatos Desportivos Militares da Região, em quatro das quais com Oficiais, Sargentos e Praças, vindo a obter um honroso 4.º lugar na classificação final, entre quinze Unidades concorrentes. Para tão destacada posição contribuíram especialmente os seguintes resultados parciais:

TÊNIS DE MESA

Oficiais — 1.º lugar
Sargentos — 3.º lugar
Praças — 1.º lugar

ANDEBOL DE SETE

Oficiais — 4.º lugar
Sargentos — 1.º lugar
Praças — 2.º lugar

TIRO

Obteve a Escola um 2.º lugar na classificação geral (Oficiais), com dois primeiros lugares nas modalidades de Pistola (velocidade e precisão).

FUTEBOL DE SALÃO

Oficiais — 3.º lugar
Praças — 4.º lugar

Revista da Cavalaria

HIPISMO

No campo das actividades hípicas internas, realizaram-se as seguintes provas:

«TAÇA MANUEL JORGE»

- 1.º — Ten. Melo
- 2.º — Cap. Ramos
- 3.º — Asp. B. Morais

«TAÇA DESPEDIDA TEN.-COR. MANO»

- 1.º — Cap. P. Pereira, na *Veloz*
- 2.º — Ten. Capão, no *Dardo*
- 3.º — Ten. Melo, na *Hera*

«TAÇA S. MARTINHO»

Venceu o Tenente Capão, montando *Dardo*.



«Troféu EPC» — Um aspecto da Prova Hípica

3 — Festas comemorativas e outras cerimónias

a) — *Dia da EPC*

Com o habitual brilhantismo, comemorou a Escola Prática de Cavalaria mais um Dia da Unidade. Neste ano, e porque foi a EPC encarregada de promover também as cerimónias do Dia da Cavalaria, a data não foi a normal — 17 de Abril —, mas procurou-se, com um adiamento, fazer a junção das duas solenidades. Deste modo, a comemoração do Dia da Unidade teve lugar nos dias 19 e 20 de Julho, seguindo-se, em 21, a celebração do Dia da Cavalaria, de que se dá uma notícia mais pormenorizada noutro local.

Realizações de carácter eminentemente desportivo e de confraternização com outras Unidades de Cavalaria, iniciaram-se na noite de 19 de Julho, vindo a prolongar-se por todo o dia 20.

Assim, disputou-se animadamente mais um Rally da EPC (o terceiro), com os seguintes resultados:

1.º — Alf. Mil. J. Abrantes

2.º — Alf. Mil. Merino

3.º — 1.º Sarg. Teixeira,

todos da Escola.

No Grupo I, foi vencedor o Alf. J. Abrantes. No Grupo II, saíu vencedor o 1.º Sarg. Teixeira, ficando nos primeiros lugares das respectivas classes os Alfs. Jaguíté (classe primeira), J. Abrantes (classe terceira) e 1.º Sarg. Teixeira, todos também da EPC.

Na tarde do dia 20, assistiu-se à chegada da Prova Patrulhas, «TROFÉU EPC», brilhantemente ganha pelos representantes do RL 2, classificando-se nos 2.º e 3.º lugares, respectivamente, a patrulha representante do Regimento de Cavalaria da GNR e da Escola.

Ao fim da tarde, procedeu-se, na Parada Chaimite, à entrega de prémios aos vencedores das provas, cerimónia a que presidiu o Excelentíssimo Director da Arma, General Correia Barrento, acompanhado dos Excelentíssimos Comandante e 2.º Comandante da Escola.

Revista da Cavalaria

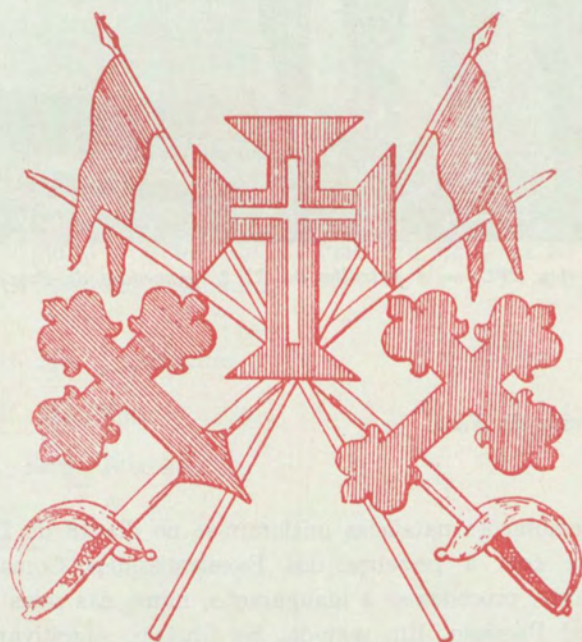


«Troféu EPC» — A patrulha do RL 2, vencedora da Prova

b) — Festa de Natal

As comemorações natalícias iniciaram-se no dia 18 de Dezembro. Nesse dia, e com a presença dos Excelentíssimos Comandante e 2.º Comandante, procedeu-se à inauguração, numa das salas da Torre, do tradicional Presépio. Em seguida, no Ginásio, sugestivamente decorado, realizou-se um acto de variedades, dedicado a todo o pessoal da Escola, e, muito em especial, aos filhos dos militares, aos quais foram distribuídas prendas de Natal. Entretanto, e ainda numa das dependências do Ginásio, foi servida uma merenda a todos os convidados.

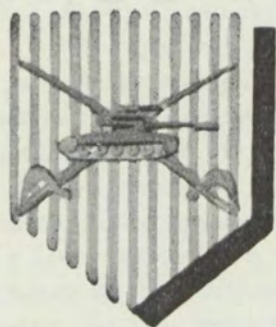
Na véspera de Natal, foi oferecida a todos os militares uma sessão de cinema. À meia-noite, foi concelebrada a Missa do Galo por todos os Padres da cidade, sob a presidência de Sua Ex.^a Reverendíssima o Senhor D. Manuel Falcão. Logo a seguir à Missa, teve lugar, na Sala do Soldado, a Ceia de Natal, durante a qual, e por intermédio da Obra de Assistência Imediata às Praças Necessitadas, foram distribuídos donativos às suas famílias.



A red laurel wreath border encircles the central text and emblem. The wreath is composed of stylized leaves and small berries, arranged in a continuous loop.

Doutrina

e



Cultura
Militares

12

EM GUERRA

PARA A CONQUISTA

DA PAZ

UM ARTIGO



odos os anos a Direcção da *nossa* Revista tem de «implorar» artigos que, quando acabam por ser escritos, o são em geral à pressa e, muitas vezes, «à meia volta». As razões desta penúria de articulistas são de vária ordem, entre as quais a principal deve ser quase sempre a que já usamos desde os dez anos para não escrever à família: «não tenho tempo». Na realidade, o que é que encobre este «não tenho tempo»? Porque, é claro, não passa duma desculpa; o que em geral há mais, é tempo. Se não olhemos para trás e vejamos o que já desperdiçámos. Embora as percentagens variem um pouco de pessoa para pessoa, pode-se traduzir o «não tenho tempo» em: 50% de preguiça; uns tantos % por não se julgar na obrigação, ou sequer no dever de escrever para a Revista, que afinal é *nossa*; outros tantos % de timidez, por se pensar que toda a Humanidade vai ficar suspensa do seu artigo; ainda alguns % por não se sentir com veia literária, por não ter jeito, como se o que mais interessasse, numa revista, que deve ser técnica, fosse a qualidade literária dos artigos — este ia já para o cesto dos papéis; mais %, por realmente se estar convencido que não se tem nada a «comunicar»; e, vamos lá, outros % por não se ter assunto, por se achar que já há artigos de mais que começam por «algures em...», ou «no concurso hípico de...».

Incluo-me em quase todos estes por cento, excepto no último. Os assuntos são o que não falta. Estamos a atravessar uma crise; parece que isto se tem dito em todas as épocas, mas, pelo menos dentro da minha vida militar, desta vez é verdade.

Refiro-me a uma crise dentro da Arma, que é o reflexo do que se passa dentro do Exército. Ora mesmo cingindo-nos só à nossa Arma, a análise dessa crise dá-nos assunto para muita escrita. Mas é preciso que depois não fiquemos só na escrita.

Revista da Cavalaria

O assunto é dos Chefes!

É uma maneira cómoda de encarar o problema. Então podemos cruzar os braços e atirar todas as responsabilidades para cima? Mas não seremos nós também Chefes no nosso escalão? Nós, é mesmo todos nós. A crise começará só no escalão acima? Temos de ter a coragem de tomar a nossa parte da responsabilidade, mesmo que os outros não tomem a deles. E quanto a estes outros, por função, devemos fazer que os que dependem de nós as tomem.

Não estou a derivar. Isto veio a propósito de assuntos para artigos, e disse que esses assuntos não faltam. O que às vezes falta é a vontade de tomarmos a nossa quota de responsabilidade na sua solução, ao abordá-los. Procurar na tal crise, que julgo atravessarmos, assuntos para artigos, pode realmente ser arriscado. Mas a *nossa* Revista é até certo ponto a tribuna da Arma, em que os bem intencionados, e que certamente assinam os artigos, podem vir contribuir, quanto mais não seja com a sua boa vontade, para a solução de determinados problemas, ou, no mínimo, apresentá-los. Uma Revista que só é publicada uma vez por ano, por nossa culpa, não se presta à polémica, o que pode ser uma vantagem, mas vão-lhe bem as ideias de cada um, desde que façam pensar um pouco noutra coisa que não seja só a Comissão, ou a colocação entre esta e a outra.

Os pontos em que vou portanto tocar seguidamente não têm outra finalidade que não seja apresentar aos Cavaleiros, velhos e novos, assuntos para meditação e, se dessa meditação nascer algum artigo para a próxima Revista, a do ano que vem, já não foi mal empregado este tremendo esforço de agarrar na caneta.

A ligação, ou mesmo a sequência dos assuntos que vou abordar, mais correctamente, dos problemas que vou pôr, não obedece a qualquer lógica. Nem sou eu que os vou pôr. Infelizmente, estão postos há muito tempo e... cada vez mais.

Há assuntos para todos os escalões e para todos os gostos. Até podemos começar por: «Todos os gostos».

Quando da «Confusão», tivemos que nos reorganizar com vista à contra-guerrilha, digamos mesmo, com vista à contra-subversão, pois que esta caíu quase toda em cima das Forças Armadas, apareceu a ideia de fazer tábua rasa de tudo. As Armas eram uma ideia obsoleta, diziam algumas grandes-cabeças, o Exército seria constituído por uma série de peças inter-mutáveis. Chegaram-se mesmo a constituir Unidades com elementos de várias Armas, assim como, em Unidades já de-

Revista da Cavalaria

pois de constituídas e devidamente instruídas, seguirem as Sub-Unidades para um lado, enquanto que o Comando foi enquadrar outras Sub-Unidades. Não creio que os resultados tenham sido brilhantes e da experiência que tenho vindo a acumular no contacto directo com a base de todos os Exércitos, o Homem Combatente, toda a vez me convenço mais, que, quando se inventou o termo Unidade, com todos os seus múltiplos e sub-múltiplos, se sabia muito bem o que se queria dizer. Unidade não é só um conjunto de indivíduos que estão agrupados para constituírem uma equipa (neste caso pseudo-equipa) com uma tarefa comum e que usam o mesmo número no barrete. Unidade é mais qualquer coisa, e ainda mais em ambiente de contra-guerrilha.

É, acima de tudo, um conjunto de homens que estão unidos por uma ideia. Descobri-la e fomentá-la é o papel do seu chefe. O Espírito de Corpo é a alma comum desse conjunto de indivíduos. De resto, as pessoas que apregoavam a teoria das peças inter-mutáveis, e isto de peças aplicado a homens repugna, aplicavam a teoria aos outros, mas continuavam a constituir uma casta com funções, mobilizações, promoções e vencimentos que não eram os da grande massa. Aqui está portanto um assunto que dá pano para mangas. Mesmo considerando só o tipo de guerra que temos debaixo dos olhos, interessará eliminar as especialidades dentro dum Exército? A grande divisão em especialidades é a separação em Armas, com as suas missões, as suas técnicas e o seu Espírito. Sim, não nos envergonhamos de falar em Espírito da Arma. Não reneguemos o que têm suportado os Exércitos.

Mas, se tivermos que eliminar Armas, Corpos ou Especialidades, por onde começar? Não será antes necessário criar novas Armas ou Especialidades? E dentro de cada Arma? Especialmente na nossa, como de resto nas outras, que cada vez está mais especializada, tanto na técnica como na táctica, não será de considerar que, além de uma parte geral destinada a suportar a desproporção de Unidades tipo Batalhão, que a actual guerra exige, é necessário manter os Especialistas? A Cavalaria, como Arma, não terá o seu lugar na contra-guerrilha? Não andamos por vezes com missões trocadas, ainda vítimas da confusão que a «Confusão» lançou entre nós?

Da resposta a esta série de perguntas, e que sugiro a quem falte motivo para escrever umas linhas, aparece um outro tema. Na década de cinquenta, talvez por pouco tempo, chegámos a sentirmo-nos actualizados. Houve manobras, contactou-se com material que na altura não era antiquado, havia os TA e os TP (tipo americano e tipo português), tanto na organização como na mentalização. Havia qualquer coisa.

Revista da Cavalaria

Discutia-se a coisa militar, e, por vezes, com bastante entusiasmo, havia correntes, havia vida. O que há hoje? Uma vez em Angola, houve necessidade de fazer uns tiros de morteiro em que seria necessário o cálculo dos elementos de tiro com certo cuidado. Alguém, manifestando nessa pergunta o saudosismo e a pena de não haver especialistas, perguntava-me: — Mas ainda haverá quem seja capaz de preparar o tiro?...

Esta anedota ilustra bem o que se está a passar em todas as Armas. Mesmo em condições normais, hoje é muito difícil a um Exército dum pequeno País estar permanentemente actualizado, atendendo à evolução constante do armamento. Mas ter parado há vinte anos é muito. É preciso que, pelo menos nas nossas Escolas, haja um grupo de especialistas, que estejam permanentemente adiantados dez anos. Que acompanhem tudo o que se publica, que estudem e difundam. Mas também é preciso retomar a ligação ao passado recente. A actual situação no Ultramar veio provocar feridas muito difíceis de cicatrizar. As mobilizações seguidas, intervaladas de breves estadias na Metrópole, de instabilidade física e psíquica, não são propícias a um ambiente de estudo e tradição. Mas esta situação é real. Vamos fazer como o macaco e deixarmo-nos ir para o fundo? Tem que haver uma solução e sugerimos ao futuro articulista que a discuta. Talvez criar grupos de Oficiais que, em assuntos à sua escolha, continuassem a estudar, independentemente da situação em que estivessem.

Seriam verdadeiros grupos de estudo, prefiro não lhes chamar Comissões, que trocariam entre si as suas conclusões, de maneira a haver sempre alguém que, pelo menos no campo teórico, estivesse actualizado. Esses pequenos grupos de especialistas seriam ainda os elementos de ligação do passado com o futuro. Seria portanto natural que, em caso de necessidade, fossem eles os consultados para, por exemplo, Comissões de estudo ou visitas ao estrangeiro. Além de estarem preparados, tirava-se mais rendimento e evitavam-se situações muito difíceis, se é que chegam a dar por isso, em que certas Comissões já se devem ter visto. Calculo que o problema não é exclusivo da nossa Arma, mas a verdade é que perdemos o passo, sem que, por outro lado, nos tenhamos adiantado muito no que hoje devíamos ser: quem estabelece doutrina, na contra-guerrilha. Vivemo-la, alguns procuram soluções, mas não se doutrina.

Estabeleceu-se (?) há muitos anos que é uma guerra de catana e de Capitães. Será? Ou teria sido mesmo alguma vez? Para avançarmos não pode haver assuntos *tabu*, e este é um dos que merecem ser abor-

Revista da Cavalaria

dados. Pequenos efectivos, grandes efectivos? As Unidades são só do tipo caçadores? Está visto que esta guerra não é de catana, nem é só ao nível Capitão. Encaremos portanto a realidade que já há muito tempo vivemos e faça-se doutrina. A instrução individual do combatente, uma boa preparação física nos vários escalões, cambalhotas, trabalhos de estrada são necessários, mas não suficientes. Tem que se ver a aplicação das várias Armas, o estudo judicioso e actualizado dos meios e ao nível dos diferentes escalões.

Dentro desta ideia, nós Cavaleiros, se precisarmos de assuntos para artigos, temos muitos. Não será a altura de se começar a falar, neste caso escrever, nos cavalos a um nível que vai além da descrição de operação? Já se esgotou o assunto «cavalo na contra-guerrilha»? Quanto a mim, ainda nem sequer se aflorou. A partir de alguma experiência que já se tem e que na realidade não foi nenhuma novidade, vamos ver que novas experiências há a fazer, vamos raciocinar a um nível mais alto que o tipo de ração, a polaina, ou tipo de cavalo. Julgo que este assunto, independentemente de saudosismos, de se falar em cargas ou Espírito Cavaleiro, linha sim linha não, tem muito que se lhe diga.

E quanto aos *hélic*? Não se pode pretender o seu exclusivo para a Cavalaria, mas há acções com *hélic* que são tipicamente cavaleiras. Não é com a mentalidade da criança que vê o filho da vizinha com um brinquedo novo que devemos pensar neste assunto. Mas há tipos de operações na contra-guerrilha que são nitidamente da nossa Arma e para as quais os meios indicados são os *hélic*. Talvez, quando passar a novidade, alguém o reconheça, mas, entretanto, podia-se pensar e escrever — sempre a ideia do artigo — sobre o assunto.

Carros de Combate? Unidades de Reconhecimento? Com que tipos de material? Não falando já na necessidade de nos mantermos actualizados, também estes assuntos podem ser discutidos com vista à contra-guerrilha. É na nossa Arma que deve haver especialistas destes assuntos, e a *nossa* Revista presta-se para que as suas opiniões sejam do conhecimento da Arma, até porque se pode dar o caso de por vezes não serem consultados os especialistas, mas os que o foram no princípio da sua vida militar, e que depois se dedicaram a outros assuntos, pensando-se que determinada solução é Cavalaria.

Deixei para o fim um tema que é da maior actualidade. Trata-se de DISCIPLINA, tanto faz na generalidade como no caso particular da contra-guerrilha. Julgo não ser necessário dizer o que se vê por aí fora. Ou talvez o fosse porque parece que há pessoas com responsabili-

Revista da Cavalaria

dades que nem dão por isso. Ouvem-se explicações ou desculpas, ainda não percebi bem, como estas:

- Não se pode exigir uma disciplina apertada, quando lá fora está tudo (educação, civismo, etc.) em evolução.
- Parecem indisciplinados, mas são muito bons na mata.
- Não se pode exigir disciplina na contra-guerrilha.
- Os Quadros estão cansados.
- Os Quadros são do QC.
- Etc., Etc., Etc.

Mas não será exactamente ao contrário?

Justamente, porque, lá fora, já não há respeito pelos Pais, pelas Leis, ou por qualquer coisa, é que a disciplina é mais necessária. Além de tudo o mais, devolvemos à Nação cidadãos e não contestatários, ou essas várias faunas que cá nos aparecem. Certamente que a Disciplina Militar também evoluiu e já ninguém pede que se obedeça cegamente..., mas daí à indisciplina vai uma grande distância.

Como é que se pode acreditar que uma tropa que é indisciplinada em tudo em que pode ser controlada e onde não há risco, é eficiente em combate? Dentro duma equipa tem que haver disciplina; sem equipa não há eficiência. Como é que então tenho a garantia que, na altura em que a força dos instintos vem ao de cima, o indivíduo se sujeita à regra? Nem mesmo acredito num determinado tipo de disciplina condicionada, que se confunde com a amestração e que só obedece à voz do dono.

Por que é que não se pode exigir disciplina na contra-guerrilha? Porque se confunde disciplina com alguns ritos que se usam para o conseguir. Mas mesmo esses devem ser observados sempre que as circunstâncias o permitam. O uniforme, a barba, o respeito mútuo, etc., têm grande importância e ainda não me provaram, a não ser no cinema, que os bandidos e bandidotes são os melhores. Debaixo de fogo, os *marines* americanos tratam-se pelo nome próprio, mas é só debaixo de fogo, porque a disciplina e os métodos usados para a conseguir fariam tremer muitos dos nossos «pensadores» destas coisas. O cinema tem uma influência nefasta neste assunto, especialmente porque só se vê o que interessa.

Revista da Cavalaria

Os Quadros estão cansados ou são maus? Mas os Quadros têm sempre outros Quadros mais acima. O que talvez se tenha perdido é o termo de comparação, é a prática de saber ver, é um determinado sentido de responsabilidade, é a indiferença à popularidade e muito mais coisas que se reduzem a uma ideia que, de tão triste, não me atrevo a dizê-la.

Propus-me apresentar temas para artigos. Julgo que alguns dos que indiquei até davam para muito mais que artigos de revista. Aqui ficam para quem lhes queira agarrar e descer à liça.

Ten.-Cor. DUARTE SILVA



Uma Cavalaria

em Agonia?



screver sobre a actual utilização da Cavalaria nos vários teatros de operações espalhados por este conturbado planeta e procurar, de tais experiências, tirar conclusões que possam definir processos a adoptar, ou mesmo doutrina, parece-nos mais não fazer do que recapitular tudo o que sobre o assunto tem sido ultimamente divulgado nas revistas mili-

tares do Ocidente, ou nas infindáveis séries de artigos, crónicas e simples comentários que surgem constantemente em diversas publicações, onde colaboradores, dispondo de «profundos conhecimentos militares», abordam esses problemas com a maior das seguranças e à-vontade.

Sendo nosso propósito limitarmo-nos a mencionar, de forma despretenciosa, as consequências que resultaram para a Cavalaria das actividades militares iniciadas quando das recentes conturbações no Ultramar, receamos desapontar o leitor ao apresentar algo que, embora não transmitindo quaisquer ensinamentos, de certo o obrigará a meditar sobre um problema que nos interessa sobejamente.

Analisemos o que tem sido a Cavalaria, como Arma, nesta última dezena de anos de história nacional. Antes, porém, recordemos a afirmação dum dos responsáveis do nosso Exército, que, divulgada antes de 1961, tanta clarividência patenteia: «Enquanto a perda de uma batalha se pode reparar com outra nos dias seguintes, um erro de organização exige por vezes um trabalho persistente e sistemático durante muitos anos, para ser completamente reparado.»

Revista da Cavalaria

Depois deste preâmbulo, decerto demasiado oportuno, propomo-nos apresentar o nosso ponto de vista sobre aquilo que no presente constitui como que uma preocupação constante — o futuro da Cavalaria no nosso País.

É evidente que existe um problema geral no referente a recrutamento de Quadros. Trata-se dum fenómeno social que atinge outros países, embora no nosso, como é do conhecimento público, tenda a agravar-se.

Não sendo propriamente este o aspecto que pretendemos focar, debruce-mo-nos porém sobre o que representa a preparação das pedras basilares de qualquer Exército — os Officiais do Quadro Permanente.

Durante a frequência da Academia Militar, onde são ministrados os conhecimentos essenciais, de nível universitário, que permitam uma preparação adequada para o desempenho das futuras funções de chefia, não poderá deixar de se detalhar, como é óbvio, toda a matéria referente à Tática das respectivas Armas, no relativo ao que lhes corresponde nos Exércitos mais modernos, e especialmente naqueles a que estamos ligados por alianças militares.

Tratando-se dum Curso Superior, indispensável se torna desenvolver teoricamente toda uma vasta doutrina, que, no caso particular da Cavalaria, dada a diversidade dos meios atribuídos, abrange pelo menos o estudo das Unidades de Reconhecimento e de Carros de Combate orgânicas da Divisão de Infantaria (ROAD) — Grupos de Reconhecimento e de Carros —, bem como o Regimento de Reconhecimento do Corpo de Exército.

Esclarece-se que a necessidade de desenvolvimento desta matéria será plenamente justificável, se atendermos à circunstância de que o Oficial do Q.P., desde o posto de Alferes, como Comandante de Pelotão, até ao de Coronel, como Comandante de Regimento, poderá actualmente não ser sujeito a quaisquer cursos de aperfeiçoamento profissional, uma vez que até o «estágio» para Oficial Superior será dispensável em determinadas circunstâncias.

Paradoxalmente, não existe qualquer Unidade de Cavalaria que disponha do material que equipe as Unidades de Reconhecimento tipo ROAD, nem tão pouco possuem, em condições de utilização, o próprio material correspondente à antiga Divisão de Infantaria, absolutamente indispensável à instrução dos Quadros.

Apesar de tal panorama, continua-se procurando fazer desabrochar no Aspirante-aluno aquelas características que lhe permitam, face às solicitações a que está sujeito o Oficial de Cavalaria, quando no desem-

Revista da Cavalaria

penho das missões próprias da Arma, decidir com justeza e oportunidade.

Será sobretudo na Escola Prática, durante o tirocínio, que, num prolongamento da sua educação militar, lhes será desenvolvido aquele desembaraço essencial a todo o Comandante de tropas de Cavalaria, criando-se-lhes situações próprias onde serão postas à prova as suas qua-



O Blindado vencendo o obstáculo

lidades e onde definitivamente devem adquirir o verdadeiro Espírito Cavaleiro.

Sendo esta a orientação que (felizmente) continua a permanecer nos propósitos dos responsáveis pela formação dos Oficiais do Q.P. da Arma de Cavalaria, pergunta-se se não estarão os mesmos, em certa medida, laborando em tremendo erro.

Verificamos que, há quase uma dúzia de anos, cerca de 90% dos Oficiais de Cavalaria utilizados no Ultramar desempenham funções que não correspondem à preparação especializada para que foram forjados, não se encontrando as missões a cumprir enquadradas no âmbito da-

Revista da Cavalaria

quela formação militar que premeditadamente se lhes procurou incutir. Perante estes factos, surgem-nos as seguintes dúvidas:

- Estará o Oficial de Cavalaria a ser preparado adequadamente para a luta que se trava em África?
- Não se sentirá o mesmo desorientado perante uma tão acentuada divergência de critérios quanto à sua utilização?
- Como reagirá o Aluno de Cavalaria ao pressentir que a preparação especializada que lhe foi exigida não terá qualquer valor prático quando se vê forçado a enfrentar, na presente Campanha, situações tão diferentes e para as quais não se encontra suficientemente mentalizado?
- Poder-se-á considerar bem preparado o Aluno de Cavalaria para que no Ultramar possa desempenhar funções que nada terão a ver com a sua formação Cavaleira?
- Efectuando-se o ingresso na Arma de Cavalaria por meio de uma selecção que exige certo esforço, além da existência de determinadas qualidades, não poderá sentir-se frustrado o jovem Oficial ao verificar que não corresponde a sua actividade em Campanha àquela actuação para que se sentiria mentalizado e a que se dedicaria com maior entusiasmo?
- Será possível manter uma Arma de Cavalaria onde os Quadros vão, a pouco e pouco, ou até aceleradamente, perdendo aquelas características determinadas pelas missões próprias da Arma?
- Não se tornaria possível atribuir no Ultramar a toda a tropa de Cavalaria as missões que sempre a definiram? Desta forma, não seriam aliviadas outras Armas, podendo assim aumentar o seu rendimento operacional?

Transformando os Batalhões e Companhias de Cavalaria em Grupos e Esquadrões de Reconhecimento, utilizando quaisquer meios disponíveis que permitissem cumprir as missões próprias da Arma, decerto ainda seríamos poucos para manobrar ao longo dos tão extensos territórios africanos; tal como Mousinho, em Chaimite, que, à mínima de outros meios, marcha a pé, à frente da sua tropa, no cumprimento duma missão essencialmente Cavaleira...

E se, de um momento para o outro, o que nunca deverá deixar de ser previsto, se tornar essencial a utilização de tropa de Cavalaria Blindada, ou mesmo a Cavalos? Como se obtêm Quadros qualificados? De que material se disporá? É exemplo flagrante o sucedido com a for-

Revista da Cavalaria

mação do actual Grupo de Esquadrões a Cavalos de Silva Porto (a 2 Esquadrões), iniciado, como experiência, em princípios de 1967 (1 Pelotão a Cavalos).

À custa do esforço quase titânico de um reduzido grupo de elementos que possuem ainda certa experiência sobre a utilização do cavalo, foi possível tal arrancada, mas continuando a manter-se uma inércia relativa a este problema, e não se enfrentando a necessidade de renovação, ou refrescamento de Quadros especializados, tudo sossobrará.

Como são mais uma vez de lembrar as tão acertadas palavras referidas no início deste apontamento!

No respeitante à existência duma Cavalaria a Cavalos, embora o exemplo de nações onde, pela extensão, natureza e características dos territórios, aconselhasse, após profunda meditação, à sua conservação, tendo em vista uma utilização nas possessões ultramarinas, assistiu-se à sua completa e rápida destruição.

Quanto à Cavalaria Blindada, sentido em que foi posteriormente dirigido o esforço da Arma, constituída actualmente por material obsoleto e na sua quase totalidade inoperacional, pode-se considerar como que praticamente inexistente no Continente.

Aparte um ou dois Esquadrões de Reconhecimento com possibilidades de actuação, nada mais existe que uma amálgama de viaturas blindadas, em que algumas ainda se arrastam, mas na maioria carcomidas pela ferrugem e impossibilitadas de recuperação, por falta de sobressalentes, de técnicos, de especialistas e até de instrutores.

Sem pretendermos apresentar um quadro exageradamente derrotista, realçamos esta situação da Cavalaria no intuito de que os responsáveis, meditando sobre o assunto, decidam da sua sorte. Será necessária muita coragem para assumir uma atitude que somente apresenta duas respostas — o renascimento da nossa Arma com todas as suas características e possibilidades, ou a renúncia à actual situação conflagradora, transformando-nos, de vez, em tropa de Caçadores!

Resta-nos relemburar, sem intuitos saudosistas, mas, antes, em atitude construtiva, os relevantes serviços prestados no Ultramar por alguns Esquadrões de Reconhecimento Blindados e, mais recentemente, pela Tropa a Cavalos do GCAV 1 de Silva Porto.

Se for desejável a continuação do seu valioso préstimo, há que dirigir para as referidas Unidades apenas os Capitães do Q.P. da Arma, já de si tão poucos, em vez de serem destinados ao Comando de Companhias de Caçadores, enquanto que Capitães Milicianos, por vezes até



O terreno justifica o meio...

de outras Armas, vão assumir a responsabilidade de actuar com material tão técnico como a Autometralladora.

O mesmo critério deverá ser seguido no referente aos Oficiais de Cavalaria, que, após o Tirocínio, terão de efectuar um estágio no Ultramar; sugere-se a sua apresentação no único Grupo de Reconhecimento existente no território ultramarino, e que dispõe de Esquadrões de Reconhecimento Blindados, a Cavalo e doutros tipos.

Antes de terminarmos, desejaria destacar o esforço efectuado por um grupo de Oficiais de Cavalaria e a quem se deve o renascimento da Tropa a Cavalo — trata-se dos Tenentes-Coronéis Duarte Silva e Correia Matias, bem como do Comandante do primeiro Pelotão a Cavalo, na altura o jovem Alferes Veloso (hoje Capitão).

Será ainda interessante relembrar como se desenvolveu a Unidade desde princípios de 1967, com a aquisição dum grupo de 30 cavalos na República da África do Sul, a sujeição dos mesmos a demorada experiência, as sucessivas remontas, de novo na RAS, a fim de formar um Esquadrão e, devido a dificuldades provenientes da escassez de cavalos de serviço naquele país, a aquisição de avultado número de solípedes já

Revista da Cavalaria

montados na Argentina, o que veio permitir a constituição de mais um Esquadrão e dum Centro de Instrução de Tropas a Cavallo.

Pode-se afirmar que qualquer dos tipos de animais tem correspondido perfeitamente às exigências do serviço; a sua adaptação ao ambiente não tem apresentado dificuldades, sendo o seu comportamento admirável.

Em diversas operações efectuadas, quer no Distrito do Bié, nas suas imediações ou, mesmo mais profundamente, em regiões afastadas, no Mexico, provou a Cavalaria a Cavallo a sua magnífica eficiência.

Para o comprovar, nada de mais valor do que a opinião do próprio adversário.

Eis a reprodução duma carta encontrada na posse dum prisioneiro de guerra:

«CHIFUMAGE, Sector 2

1-9-71

Hoje escrevemos esta carta ao Comandante IKO.

Em primeiro lugar, saudações e cumprimentos.

Sim, todos nós estamos aqui a dormir, afinal nós viemos de CASSAMBA para aqui para nos juntarmos aos camaradas e você sózinho? Verdade? Um dia tu vais morrer à toa.

Mas não fomos nós que falámos com o AGOSTINHO para irmos junto contigo lutar com os brancos, não. Mas agora vemos que todas as pessoas já foram liquidadas. Já perdeu a guerra, pronto deixa lá.

Nós estamos a lutar com os brancos, mas hoje veio a guerra com os cavalos, mataram muitas pessoas aqui no CHIFUMAGE e no LUENA, ficámos nós cinco aqui esperando aqui para eu mandar primeiro ao subsector KAKENYA, aquele KAKENYA quando vier, vem-nos dizer para fugir. Quando nos assustarmos, iremos para lá.

Primeiro dizemos-te, aquele assunto de que falaste, ninguém mais aqui quer teimar com os cavalos, nenhum camarada tem corrida para correr com o cavalo e fazer-lhe fogo. Aqui os cavalos estão a lutar com os camaradas, ninguém consegue matar um.

Aqui nas chanas, mesmo que mandes camaradas para lutar com os cavaleiros, não vão conseguir. As pessoas quando estão nas subidas e fazem fogo contra eles é difícil e há muitos que morrem.

Não sabemos quando vêm aqui ao sector com o presidente, se calhar quando vierem vão-nos fazer fugir, não sabemos, mas lem-

Revista da Cavalaria

bramo-nos que estamos com vida vamo-nos embora. Depressa manda aqui os camaradas para levarem o material, nós estamos para sair daqui; agora estamos cansados de mortes, estamos muito liquidados.

Se tu demorares mais de um mês, vamos deixar aqui todo o material e vamo-nos embora, porque vocês já perderam a guerra.

Nós estamos muito admirados. Por exemplo naquela fábula que vimos num livro do MPLA e que dizia, o coelho foi enganar o elefante, desafiando-o para puxar a corda, depois foi ter com o hipopótamo desafiando-o também para puxar a corda; depois começaram a puxar um pelo outro e o coelho no meio a aplaudir. É assim que fazes, foste aos portugueses e disseste-lhes para lutarem para te darem a terra, depois vieste ter connosco para que pegássemos em armas, para que os portugueses nos dessem as terras.

Agora nós estamos aqui a morrer, fugiste para LUSAKA, para aplaudir como o coelho fez. A tua esperteza parece-nos a do coelho.

Aqueles primeiros camaradas que aqui vieram afinal traziam política para nos enganar, nós pensámos que os nossos mais velhos é que os mandavam, então era mentira.

Agora como é? As pessoas aqui estão a ser liquidadas. Estás a ouvir o que te dizemos?

Nós sabíamos que ias libertar a nossa terra como foram libertados os outros países, afinal, afinal não vais libertar-nos.

As palavras que disseste eram mentiras, disseste que as pessoas iam ter armas, que as armas já chegaram, mas em que dia vais libertar a nossa terra?

Estás a ver, tu fugiste, não queres vir para aqui, fugiste da morte, agora só queres ficar na terra dos outros porque já é independente.

Afinal é melhor fazer fogo no chão.

Acabamos, ficamos por aqui.»

Ten.-Cor. VICENTE DA SILVA

CONVERSANDO SOBRE SEGURANÇA MILITAR



olicitado a escrever um artigo para a *Revista da Cavalaria*, senti a quase obrigação de acorrer ao chamamento feito, embora pressentisse que a minha actual vida profissional me levaria a relegar para segundo lugar essa colaboração, à qual ainda se impunha, em sugestão feita, atingisse determinada finalidade sobre um tema bem pouco divulgado, mas da maior necessidade para o desenrolar do dia-a-dia, no tipo de guerra que actualmente vivem as Forças Armadas: as Informações no âmbito das actividades das nossas Unidades no Ultramar.

Corria o risco de não atingir o que se pretendia de mim, se aceitasse falar mais levianamente, ou pelo menos tão rapidamente sobre esse tema, e corria também o risco duma crítica menos favorável em que desejava não incorrer.

Não o abordo, pois, mas vou procurar tocar uma das suas «teclas», sempre difícil de aceitar, sempre difícil de ensinar, porquanto é, quase sempre também, de resultados só perceptíveis a longo prazo.

Ocorreu-me então que algures em terras de Angola, para um jornal de Unidade, rabisquei um artigo que na ocasião foi de total actualidade e oportunidade, até devido a alguns mal entendidos existentes com instâncias superiores, e que reputo que, ainda hoje e sempre, mantém igual interesse. Foi uma prosa para Soldado, e só nesse género de prosa o artigo poderia considerar-se como tendo, em grande parte, atingido o seu alvo.

Sendo a *Revista da Cavalaria* uma revista técnica, mais orientada para os Quadros, o que obrigaria consequentemente a uma prosa mais cuidada, ainda que lembrando-me destas afirmações, parece-me que esse artigo também aqui pode ter cabimento, pois que, recordando-me dos meus tempos de Aspirante e Alferes, lembro ainda quantas vezes senti

Revista da Cavalaria

dificuldade em ensinar as coisas difíceis ao Soldado, às vezes tão boçal, somente porque a inexperiência me levava ao emprego de exemplos menos claros e ao uso de termos «caros», aprendidos ao longo do meu curso de Oficial, tornando ainda mais difícil aquilo que poderia ser fácil, ou, pelo menos, transformando o assunto em facto menos acessível à maioria das mentalidades, quando não enfadonho.

É, pois, para os Quadros novos, cheios de esperança no seu futuro militar, que desenterro essa então minha conversa, e faço-a novamente em linguagem tão despretenciosa quanto o foi na ocasião em que o artigo foi, pela primeira vez, para o prelo.

Mas esta atitude impõe-me também, antes de propriamente começar, três afirmações de penitência. A primeira, de desculpa para aqueles que já me leram; a segunda, de desculpa, ainda, para aqueles que acharem que a minha prosa está simples de mais, aos quais esclareço julgar ser este um caminho fácil de ensinar um assunto menos acessível, caminho que sigo, mas de modo algum quero que sirva de dogma, ou, ainda para aqueles que julgarem o artigo despido de interesse; e, a terceira, e última, de licença da em parte reprodução, que reconheço esteja tácitamente consentida, do Comandante que tive — meu grande Amigo —, ao tempo Director do Jornal onde o artigo teve a sua primeira presença.

Dentro de todos estes condicionalismos, me aventuro a prosseguir e a fazer reviver o tema

«Conversando sobre Segurança Militar»

Em muitos documentos, palestras, panfletos e dísticos, jornais, acessos militares ou até em conversas, se ouve falar ou vê escrito: Segurança Militar.

O que representa este palavrão misterioso que toda a gente emprega, de modo a que constantemente ele seja um aviso, uma lembrança, para cumprimento de todos nós?

Fugindo à linguagem difícil e falando a linguagem simples do militar, para melhor nos entendermos, vou procurar dar uma ideia do que isso constitui e o que realiza este segredo, em que muitos não querem acreditar, se não depois de verificarem os nefastos resultados da sua obstinada descrença, face ao esquecimento do seu emprego nas devidas ocasiões, e que são, para nós militares, todos os momentos da nossa vida.

Podemos afirmar, em relação à vida civil e no decorrer da vida diária do homem do povo, que as medidas de segurança que ele adopta

são um conjunto de medidas que lhe garantem esconder, em relação ao próximo, os seus segredos, algo da sua vida passada, parte da do seu presente e muitas vezes, se não sempre, o seu futuro. Até o rifão diz que «O segredo é a alma do negócio».

Quando ao mesmo tempo se namora a Teresa e a Isabel, não andam esses D. Juans a esconder a uma a conversa com a outra? Ou, quando se arrecadam no fundo do baú os lucros provenientes da colheita ou os prémios de algum trabalho — para os felizardos, até os do Totobola ou da Lotaria —, não será para os termos em segurança? Quando se deseja ir em segredo a algum sítio, não se faz «caixinha» dessa deslocação?

Parece que é assim que procedem, quer o homem da cidade, quer o da aldeia remota, o rico ou o pobre o cristão ou o ateu. Estas e tantas outras precauções que se poderiam citar como exemplo, são medidas que cada qual adopta, como segurança para não ser enganado ou atraído pelo próximo, olhando ao sempre infelizmente crescente egoísmo do homem.

Ora bem, quando transplantamos essas medidas, que pessoalmente adoptamos em relação a alguém, para a organização militar, enquadramos esse nosso trabalho num capítulo das Informações, que se traduz na Segurança Militar.

Temos assim, rápida e despretenciosamente, exemplificado em que consiste a Segurança Militar, e vamos procurar seguidamente dizer para que serve esse «palavrão», tantas vezes a nós determinado, e vamos também ver como poderemos evitar cair na sua antipatia, pelo menos nalguns dos casos mais vulgares e mais usuais na vida do militar.

Poderemos encarar o tema em vários aspectos, dentre os quais, para não incorrer na extensão sempre fastidiosa, buscarei somente os que cognomino de o segredo dos homens, o segredo das coisas e a sua resultante, o segredo das organizações.

Vamos então falar de cada um destes segredos, e só destes, para não me alongar muito e também porque eles, pode afirmar-se, são o «abc» da doutrina sobre que convosco me vou pôr a conversar, pois, para ir mais além, não poderia conduzir este modesto trabalho do modo como foi delineado.

Veja-se o *SEGREDO DOS HOMENS*.

O interesse em manter o segredo da sua existência pode ser necessário por duas principais razões. Uma, porque um nome ou conjunto de nomes ou hierarquias pode garantir e precisar o seu quantitativo; a outra, porque a existência de determinados homens, pelas suas espe-

Revista da Cavalaria

cialidades ou técnicas, pode garantir a presença duma engrenagem militar, sobre a qual, normalmente, se deve desejar o segredo.

Sempre lembrando-me de que necessito de explicar isto ao Soldado, vou arranjar alguns exemplos, com a certeza de que possam ser aproveitados para os que tenham de falar àqueles, nestes assuntos.

Assim, se se souber que o Soldado F..., mais o Sargento C..., e ainda uns tantos outros Soldados estão em determinado local, certamente qualquer leigo localizará que aí estará um efectivo de nível... (que eu não digo aqui, porque sei que o leitor bem o sabe, mas principalmente porque se o dissesse iria incorrer nas regras de segurança de que procuro tratar).

Mas, se na minha correspondência eu disser que o meu Capitão é «assim ou assado», e que aqui na povoação nos obriga a «isto ou àquilo», também estou a dizer que o efectivo militar na vila é de...

Se, por outro lado, referir que o Zé, o Francisco,, o Furriel H... e o Alferes R... vão para a mata, também estou indirectamente a dizer que uma Sub-Unidade de determinado nível vai sair para operações, e, como consequência imediata, será o mesmo que dizer que no seu local de estacionamento usual vai haver uma diminuição de efectivos.

Fácilmente se conclui então que o emprego de nomes, postos, efectivos é uma das muitas quebras dos nossos segredos. Poderão alguns argumentar que todos sabem que o Zé é o Soldado tal, que o Francisco é o nosso Furriel e que na vila está tal Sub-Unidade, portanto que tais cuidados são destituídos de interesse.

É verdade. Este argumento é daqueles de «carradas» de razão, mas, mesmo assim, não devemos ser nós a divulgá-lo.

Voltando ao exemplo fácil, quantas vezes se namoraram duas raparigas na mesma rua e elas não desconfiaram? Isto quer dizer que pode igualmente suceder que também aqueles que vivem o dia-a-dia connosco, nada digam sobre o que viram ou sobre aqueles que todos os dias contactam, mas, e primeiro que tudo, se não fores tu, figura do meu exemplo a dizê-lo, estás consciente que não foste tu a prevaricar, e isso é o teu enorme descanso, sossego de espírito e consciência do dever cumprido.

Outro tipo de exemplo, para esclarecer este assunto, poderá ser obtido à custa do tecnicismo de determinados homens. Assim, se alguém disser que o Eusébio está no local X..., certamente será mais fácil deduzir que aí está o Benfica, que dizer-se que é o Sporting; e se alguém disser que o cirurgião Y... foi chamado de urgência ao Hospital,

Revista da Cavalaria

também certamente não se deixará de pensar que aí se irá provavelmente realizar uma intervenção cirúrgica, de imediato.

Com mais estes dois exemplos, facilmente se compreende que a divulgação dos nomes, dos postos, das possibilidades técnicas dos homens são elementos que, uma vez divulgados, constituem quebras de segredo, ou seja, quebras de segurança, que no meio militar são contra-venção à Segurança Militar e que justificam, para terminar este capítulo, a afirmação inicial que fiz da necessidade do «segredo de homens».

Depois deste, e conforme o crismeí, segue-se o *SEGREDO DAS COISAS*. Este é sequente do «segredo» anterior, completando-o e sendo ambos vetores do segredo seguinte.

Continuando a recorrer aos exemplos, se esclarecermos que num estacionamento ou aquartelamento existem tantos postos de sentinela e em tais locais, que o mesmo tem ou não armadilhados este ou estes seus acessos, que determinado tipo de material pesado tem as suas bocas de fogo atestadas em tal direcção, não será lógico admitir que o atacante ou o sabotador vá antes procurar os ângulos mortos deste perímetro, fazendo cair por base todo um trabalho de organização defensiva? E, fugindo à vida normal das Unidades metropolitanas — e recorramos agora ao Ultramar —, se for sabido que no estacionamento Q... se estão a concentrar mais meios que os usuais, se forem vistas a deslocar-se para aí Unidades especiais, se houver uma concentração de helicópteros, vai haver uma festa ou pensar-se-á que se vai realizar uma operação? Ainda, se for sabido que foi recebido material rádio novo, ou se se afirmar que se vai treinar tropa terrestre em operações anfíbias, qual será o raciocínio de quem vê ou de quem ouve? Parece-me ser bastante fácil.

Não restam pois dúvidas com estes exemplos que tão importante é guardar-se o segredo dos homens como o das coisas, e, tal como disse atrás, se é difícil defendermo-nos dos olhos que sempre nos vêem, pode, por outro lado, também afirmar-se que, e pelo menos, se com as nossas conversas não abrirmos mais esses olhos, teremos colaborado em muito na nossa segurança, factor primordial no seu possível êxito.

Resta, neste arrazoado de fáceis exemplos, tentar completar o assunto que abordei com o *SEGREDO DAS ORGANIZAÇÕES*, como já afirmei resultante dos dois anteriores.

Volto novamente a buscar outros exemplos. Se alguém se propuser construir uma casa clandestina, propala que vai fazer uma casa, ou cala-se bem caladinho, e procura antes, sorrateiramente, juntar os materiais e depois pôr a casa em pé?

Revista da Cavalaria

Por outro lado, se se quer vender um determinado produto, faz-se ou não uma campanha de propaganda e anúncios surpresa, a fim de que na altura em que o produto é lançado no mercado todos àvidamente o comprem, ou pelo menos o procurem?

Do mesmo modo, na máquina militar, para obter a surpresa, o êxito, tenho de manter o segredo da minha existência, do meu efectivo, das minhas possibilidades.

Só consigo isto, o segredo da organização, se primeiro consegui o dos homens, depois o das coisas e, depois e em final desse encadeado de segredos, consegui o segredo da organização, garanti o segredo militar, obtive a Segurança Militar.

Teria, na tal conversa fácil, feita à custa de exemplos e sem recorrer à linguagem massuda dos manuais, atingido a finalidade desta conversa, mas sei que surge uma réstea de dúvida ao leitor ou ao ouvinte, quando se lhe conta esta história, dúvida que se poderá materializar na seguinte pergunta: «Como posso eu colaborar, como peça importante, nesta engrenagem que envolve tanta gente, tantos segredos e cuidados, se sou só o Soldado F...?».

São fáceis a resposta e o argumento.

Se repararam, tudo começou pelo homem e pelo seu segredo e, portanto, ele em tudo intervém. A máquina de guerra em que se actua é sempre constituída por várias peças, representada pelas armas, pelos homens, pelos especialistas, o que conduz a poder afirmar-se que cada um de nós é uma dessas peças, porque cada um de nós é um desses homens, mesmo no mais baixo escalão, e daí, desde esse mais baixo grau de hierarquia até ao grau zénite da carreira militar, todos têm a sua parte de colaboração, aliás sempre grande e geomètricamente crescente, mas que já é enorme no tal Soldado F..., que terá feito a pergunta, a que julgo ter respondido.

Restará, e para acabar, procurar ainda dizer-te, meu leitor anónimo, como podes *COLABORAR PARA A SEGURANÇA MILITAR*.

Afirmo-te que de muitas e variadas maneiras, mas, principalmente, escolhendo as companhias, escolhendo os locais de conversa, escolhendo essas conversas e não te importando em seres ofuscado, em ser anónimo, em saber menos de determinado facto, do que aquele que precisa de saber muito mais.

Por que afirmo categoricamente tais coisas? Porque, quando se escolhem as companhias, há fortes probabilidades de não errar com quem ando e de não temer as conversas que aí tenho, pois que certamente também só a esse meio elas interessam. Porque, quando se

de carácter permanente. Nada mais errado. Há que dispor de Quartéis desmontáveis, embora possuindo bons meios de vida e que facilmente acompanhem o evoluir da situação.

Um dos factores que dá vantagem ao IN é não ter qualquer dúvida sobre a localização dos nossos quartéis e nós nada sabermos dos deles. Já que a nossa logística é mais complicada e pesada, e não podemos fazer uma guerra igual, vamos, pelo menos, para a solução mais favorável. Dá-se o exemplo da localidade *A*, onde, há anos, a guerrilha era muito forte. Primeiramente, colocou-se um Pelotão, depois uma Companhia e a seguir passou a sede dum Batalhão, com CCS e uma Companhia operacional. Foi decidido construir aí quartéis definitivos. Com os anos, e mercê de uma boa luta, os guerrilheiros foram afastados para zonas de refúgio mais distantes, para se atingir as quais, se demoravam dias de fatigantes marchas. No entanto, os Batalhões iam-se rendendo, e, como o quartel é definitivo, sempre para o mesmo local, muito afastado das zonas de refúgio. É claro que há os helicópteros, e deles nos vamos servindo. Mas o seu número não é por enquanto suficiente para que os Batalhões os possuam e só de longe em longe eles aparecem. De qualquer maneira, é de toda a conveniência a existência de quartéis desmontáveis, mas possuindo meios de vida bons, pelo menos para Companhia.

VIAS DE COMUNICAÇÃO

Outro problema importante é o das vias de comunicação. Sem dúvida que em certos aspectos trazem vantagem para o guerrilheiro, pois, obrigando ao deslocamento das colunas auto por elas, dão-lhe possibilidades de actuação, por emboscadas, muitas flagelações, etc. Em contrapartida, permitem às tropas deslocamentos tácticos rápidos, levando-as perto das regiões de refúgio, em boas condições. Dá-se o seguinte exemplo bem elucidativo:

Uma picada permitindo o trânsito de viaturas pesadas ligava a localidade *A* (sede dum Batalhão) com a *B* (sede de um Companhia). Os guerrilheiros destruíram a ponte sobre um rio, mantendo-a intransitável durante anos. Assim, colocaram-se a coberto da acção das NT, pois que a pé, de *A* ou de *B*, demoravam-se dias a chegar à sua zona de refúgio. Um determinado dia, mandou-se reconhecer o local da ponte, com a finalidade de a reconstruir. No dia seguinte, uma coluna auto

Revista da Cavalaria

que vinha da Companhia, por outra picada, accionou uma mina junto à ponte. Essa mina teve duas vantagens:

- 1.º — Como a Berliet aguenta bem os efeitos das minas AC, em terreno arenoso, houve apenas feridos ligeiros, o que deu moral aos homens. Falara-se-lhes no perigo dos engenhos explosivos, e verificavam que, afinal, não era tão grave como pensavam.
- 2.º — Se os «turras» puseram a mina logo a seguir ao reconhecimento da ponte, é porque não queriam a sua reconstrução. Montada uma operação, logo a seguir, para a zona de refúgio, provocou 26 baixas ao IN, captura de armamento e destruição de meios de vida.

Sem dúvida que uma boa rede de estradas, de preferência asfaltadas, traz extraordinários benefícios para a condução da guerra.

TROPAS IRREGULARES

Têm as Tropas Irregulares, nomeadamente GE, Flexas e outras, dado um extraordinário contributo na conduta da guerra. Com as mesmas características que o guerrilheiro, não há ninguém como elas para procurar o IN e persegui-lo. Um pequeno exemplo assim o prova:

Um dia os guerrilheiros raptaram uma dezena de mulheres de Flechas, que trabalhavam nas lavras a cerca de 8 ou 10 km da povoação. Lançados os Flechas, estes seguiram o rasto durante alguns dias e recuperaram as mulheres; parte ficou a guardá-las, os restantes continuaram, abateram alguns elementos e capturaram armas. Mais do que os metropolitanos, as tropas irregulares têm possibilidade de permanecer na mata tempo demorado. E nisso reside o poder desarticular-se a guerrilha, já que, mesmo com hélis, as operações não vão além de 5 ou 6 dias. Outro aspecto é não dar à guerra a ideia de luta de raças. E o Inimigo, vendo pela frente tropas de características semelhantes, desmoraliza mais facilmente. Lembram-se os GE de Cangamba, Canzombe, Alto Cuito, Miné, cujo comportamento em combate foi sempre valeroso. Igualmente os Flechas. Dos seus chefes, alguns ostentam Cruzes de Guerra, ganhas em fortes combates contra a guerrilha. É claro que é necessário que as tropas irregulares estejam junto das NT, com as quais colaboram e de quem seguem o exemplo de disciplina.

E dinheiro para a sua manutenção?

Repito o que disse em tempos: — Deixe de vir uma Companhia da Metrópole e, com esse dinheiro, podem manter-se 16 grupos de tropas irregulares, de 31 homens cada.

E o recrutamento do pessoal?

Em Cangamba, para um grupo de 31, apareceram 120 candidatos. No Alto Cuito, o mesmo. Mesmo estudando novos vencimentos, não devemos hesitar em aumentar os efectivos das Tropas Irregulares.

HELICÓPTEROS, UNIDADES A CAVALO E COMPARAÇÃO

Desnecessário será enaltecer o valor do helicóptero na guerra subversiva. Inúmeras operações são efectuadas com grande rendimento e nas quais se obtêm óptimos resultados. Porém, muitas outras se fazem sem que se vejam resultados apreciáveis. Com este bom meio, deixa de ser problema a distância a que se encontram as zonas de refúgio, colocando-se as tropas por forma a chegarem aos objectivos em boas condições, deixando de percorrer a pé largas e desgastantes dezenas de quilómetros. Mas, surgem normalmente grandes servidões, nomeadamente o facto de a menos de 20 km serem ouvidos os motores, dando tempo a que o IN abandone os acampamentos. Exigem grandes cuidados técnicos, um estudo pormenorizado dos corredores para que o IN não seja alertado e dum sem número de factos, como o transporte de combustível (que pode alertar), horas de lançamento, zonas de lançamento e de recolha, etc., etc., que, não sendo bem feitos, pode tirar todo o valor do meio. Como não é possível os Batalhões disporem permanentemente de hélis, que permitam lançar, de uma só vez, 1 GC, são-lhes atribuídos de tempos a tempos, o que leva a não se poderem explorar rapidamente informações preciosas.

Com mais hélis, podiam diminuir-se os efectivos, com vantagem. Se os Batalhões dispusessem deles, poderia, com um emprego judicioso, lançar-se a desorganização no IN. Uma modalidade que vimos dar resultado, foi a de lançar novo grupo quando se ia recolher outro, no final de uma operação.

E O CAVALO?

Depois da 2.^a Guerra Mundial, e com a motorização do Exército, o emprego do cavalo foi praticamente abandonado. Recordava-se o fracasso das Tropas a Cavalo polacas. E como até alguns Oficiais de Cavalaria tinham posto de lado o «velho amigo», mais razão havia para não pensar na sua utilização. Acaso os detractores do cavalo se tinham debruçado num estudo sério? Parece que não. Se o tivessem feito, teriam verificado alguns factos importantes:

— A Rússia, na 2.^a Guerra Mundial, utilizou, só em tropas regulares, cerca de 1 milhão de cavalos. Durante a invasão, os alemães sentiram por tal forma o perigo dos cavalos, que, só num dia, a Luftwaffe efectuou 1500 sortidas contra as tropas a cavalo. Os Carros de Combate russos, que abriam brechas, eram o martelo, e as tropas a cavalo, que irrompiam por elas e atacavam as linhas de reabastecimento, a foice. Os Regimentos a Cavalo italianos Novara e Savoia percorreram mais de 1000 km através de montanhas, por caminhos difíceis, onde outros meios não poderiam progredir. Os japoneses fizeram criação de cavalos na China. Na guerra da Coreia, centenas de milhares de soldados que tinham avançado até às margens do rio Yalou, constituindo dois fortes exércitos separados pelas montanhas centrais, e, portanto, não tendo ligação capaz, recuaram desordenadamente, perante a ameaça de duas Divisões Mongóis montadas em cavalos e em bois, que lhes caíram nas retaguardas, cortando-lhe as linhas de reabastecimento. «Nas montanhas da Argélia, a luta contra a guerrilha tornou-se tão difícil que o exército francês teve necessidade de criar 3 Regimentos a Cavalo. Houve que instruir Quadros e retomar o velho espírito do passado».

Isto dizia em 1958 o Comandante do 5.^o Regimento de Hussards. E continuava: «Nada como o cavalo pode fugir às estradas e perigo de emboscadas e penetrar no seio da guerrilha, desarticulando-a e eliminando-a». E já na guerra que vimos travando em Angola provas concludentes e indiscutíveis foram dadas, destacadamente nas operações «ALVORADA» e «ELMO», realizadas por Tropas a Cavalo do Grupo de Dragões. Os resultados foram excelentes. Vários documentos apanhados revelam o pavor que os «turras» têm destas tropas.

Enunciamos algumas, dentre muitas, das vantagens do cavalo:

- 1.^o — Possibilidade de fugir às estradas e picadas, evoluindo fora delas, o que faz eliminar quase totalmente o perigo das em-

Revista da Cavalaria

boscadas e das minas, ao contrário das viaturas, que não só ficam destruídas como levam a morte a muitos homens (Se fizermos a estatística, veremos que a maior percentagem de mortos e feridos se verifica nas estradas);

- 2.º — Ascendente no guerrilheiro no referente a velocidade e etapa diária. O cavalo pode fazer num dia 120 km, descansando depois, e 50 a 70 durante vários dias. Isto permite transportar o cavaleiro durante vários dias a longas distâncias e levar a melhor na perseguição;
- 3.º — Possibilidade de progredir silenciosamente até perto dos acampamentos inimigos (ao contrário dos hélis);
- 4.º — Grande flexibilidade e rapidez na manobra sobre o IN;
- 5.º — Grande facilidade em bater e patrulhar extensas regiões;
- 6.º — Grande facilidade e economia no aspecto alimentar;
- 7.º — Pouco dispêndio na aquisição de cavalos (Com o dinheiro de 2 Berliet e sua manutenção adquire-se elevado número de cavalos);
- 8.º — Criação de uma euforia própria na Tropa a Cavalo, dando-lhe grande agressividade.

ENTÃO, HELICÓPTEROS OU CAVALOS?

Os dois. Os terrenos e as situações ditarão a forma de emprego mais adequada. As Tropas a Cavalo, além de outras, têm a grande vantagem de poder permanecer nas áreas de operação muitos dias, enquanto que as helitransportadas não vão normalmente a mais de 6 dias. E no seu decurso, além da utilização do héli-canhão, apenas a mudança de grupo ou a colocação de mais. Sob o ponto de vista económico, a diferença é abismal, não só na compra como na manutenção. Milho, fava, capim são fáceis de obter.

CONTINUIDADE DO ESFORÇO

É fundamental que haja continuidade no esforço a todos os níveis, com directrizes bem pensadas e fundamentadas. Não se dar o facto de cada Chefe, em todos os escalões, pôr de parte ou destruir o trabalho do anterior e iniciar tudo de novo. Assim, em 11 anos de guerra verifica-se que muitas coisas pouco progrediram.

ACÇÃO PSICOLÓGICA

Sendo indiscutível o valor da acção psicológica neste tipo de guerra, verifica-se que é mínima, em relação ao total, a percentagem de verbas atribuídas, e mesmo estas com uma aplicação muito condicionada e muitas vezes sem poder ser aplicada onde mais interessaria. Sabe-se que o dinheiro ainda é um grande argumento. Muito havia a dizer neste capítulo.

PROMOÇÃO SÓCIO-ECONÓMICA DAS POPULAÇÕES

É assunto fundamental, muito falado e escrito, e que, só por si, daria um extenso artigo. Sendo em baixo nível, vai tirar todo o valor à acção das NT, desanimando-as mesmo em certa medida.

QUADRÍCULA ADMINISTRATIVA

É em muitas regiões deficiente e com elementos fracos, o que, como é óbvio, traz grandes inconvenientes na administração das populações. Será caso para pensar se, em certos locais, não será boa medida a acumulação de funções pela autoridade militar, ou certos elementos válidos, em vez de cumprirem como militares, fazerem o tempo nessas funções.

CONCLUSÕES FINAIS

Do que atrás se viu, muito contribuirá, segundo nossa opinião, para ajudar a pacificação, a adopção das seguintes medidas:

- 1.º — Definição de uma linha de rumo correcta a ser seguida por todos os escalões, com as alterações inerentes ao evoluir da situação, e não cada um fazer o que pensa.
- 2.º — Maior incremento na destruição dos meios de vida inimigos.
- 3.º — Tirar ao IN as populações que ainda restam.
- 4.º — Promoção sócio-económica das populações em moldes que as leve a não hesitar em estar do nosso lado.
- 5.º — Aumento substancial dos efectivos das Tropas Irregulares, em ritmo cada vez maior, dando-lhes condições que as levem a não hesitar.

Revista da Cavalaria

- 6.º — Dotar as tropas com quartéis desmontáveis, mas dispondo de bons meios de vida, e fornecer adequados meios de subsistência na mata.
- 7.º — Melhoria progressiva da rede rodoviária (aliás a verificar-se) e construção de mais pistas.
- 8.º — Aumento substancial do número de hélis, embora com redução de efectivos, se necessário para obtenção de verbas. Modernização dos meios aéreos.
- 9.º — Incremento das Unidades a Cavallo. (Fundamental).
- 10.º — Colocar no seu devido lugar a acção psicológica e a social.
- 11.º — Aumento da quadrícula administrativa e selecção dos seus elementos. Se necessário, acumulação de funções por parte da autoridade militar.
- 12.º — Dedicar toda a atenção à assistência escolar. É nas crianças que reside o melhor campo de actuação. Evitemos que sejam «turras», amanhã.
- 13.º — Coordenação mais eficiente da actividade operacional de todos os elementos militares e civis, e não fazer cada um a sua guerra.

Ten.-Cor. FONSECA LAGE



POLÍCIA MILITAR

UMA OPINIÃO



tempo passa, as necessidades alteram-se, as modificações têm que acompanhar esta roda-viva e nada poderá estagnar com o perigo de se tornar obsoleto para o desempenho da sua missão.

Parece-me que foi precisamente a estagnação que atingiu o serviço de Polícia Militar, dado que a sua criação revestiu-se de algo de novo, e o seu aparecimento surgiu com o apoio e o carinho de todos os que, nesse momento, encontraram nele a criação de algo e, possivelmente, a concretização de alguns ideais. Como tudo o que é novo, foi apoiado, admirado e incentivado, mas, com o ressurgimento de operações activas, foi deixado para segundo plano, ao ponto de nada mais, em seu abono, ter sido realizado, estudado e planeado.

No entanto, várias vezes tenho ouvido a camaradas, e por experiência própria o vi, que a base de uma boa «tropa» operacional é a disciplina, e nunca o abandono desta veio em proveito da operacionalidade.

Os efectivos militares aumentam, o espírito de «funcionário» propaga-se, e mais do que nunca os Comandos necessitam de uns «olhos» que permanentemente observem o comportamento dos seus homens e procurem evitar o anonimato de cometimento das faltas, evitando que o dito «Isto foi a tropa...» se expanda demasiadamente e crie o desprestígio da Organização, que, através dos tempos e em todos os países, é a base da sua Segurança e, implicitamente, do seu desenvolvimento.

Esses «olhos» sempre atentos e constantemente vigilantes são os AGENTES PM, e é para esses que pretendo sejam dirigidas as atenções no intervalo de planeamentos operacionais, e que sejam vistos e considerados como mais um meio necessário para o aumento de prestígio das Forças Armadas.

A palavra de ordem que actualmente impera na PM é o «senso», o qual tem forçosamente que existir, mas poder-se-á exigir «senso» a um

indivíduo que sobre a Legislação e Regulamentos navega como frágil barco de papel? Não haverá necessidade de se ter um conhecimento profundo sobre um assunto, para que se possa decidir com «senso», evitando a quebra de prestígio? Cuidado!... O «senso» pode transformar-se numa arma de dois gumes e sobrecarregar a PM com a falta de prestígio, que, então, será pior que a falta de senso.

Será carência de «senso» actuar sobre um Superior que está em falta e que não o reconhece, ou será quebra de prestígio fingir que não se apercebe da falta, por ser praticada por um Superior?...

Seria realmente paradisíaco que a situação de Superior hierárquico fosse implícita à de ausência de faltas, mas, infelizmente, tal não acontece e a cada passo os Agentes encontram situações embaraçosas, que acabam por se definir com falta de «senso» na sua actuação.

Poder-se-á exigir «senso» na actuação de um Oficial, é mesmo essencial que se exija, mas não nos esqueçamos que por cada Oficial Subalterno há pelo menos nove outros Comandantes de Patrulha actuando isoladamente, e, para esses, o «senso» é palavra morta, a sua actuação é objectiva e tem de ser determinada em linhas rígidas sem lhes permitir flexibilidade. O Agente tem de sentir protecção e segurança para poder exigir e, assim, desempenhar a sua função, e tudo isso só lhe pode ser dado pelo Superior que determinou. Não podemos ter a veleidade de que um Cabo Comandante de Patrulha decida dentro de um determinado âmbito e que o faça com «senso». Para o executante, «senso» é sinónimo de «brandura», e, com ele, sempre o dito «O melhor serviço PM é aquele que não se faz». Por vezes assim é, e, no Comando de uma C.P.M., períodos houve em que foi muito difícil aos Oficiais rebater e reprimir a propagação desse estado de espírito.

Após estas considerações de aspecto muito geral, vou pretender expor alguns pontos de vista sobre alguns capítulos da vida da PM, referindo em cada um deles a minha opinião e salientando aqueles que me parecem mais importantes.

AUSÊNCIA DE REGULAMENTAÇÃO E LEGISLAÇÃO

Actualmente e desde os seus primórdios, sempre a PM se baseou no chamado Regulamento de Campanha. Como o próprio nome indica, estão previstas as prerrogativas, obrigações e directivas referidas a um clima de campanha, que mais obsoleto ainda o torna por se referir ao

tipo de Guerra Clássica. Assim, torna-se excessivamente imprecisa a sua aplicação, já porque as situações actuais não estão previstas, e ainda porque a sua aplicação é muito subjectiva e, consequentemente, flutuante, conforme o indivíduo que na altura é responsável pela sua execução.

Mais grave se torna a sua exclusiva existência, na medida em que algumas disposições nele contidas chocam com outros «Regulamentos» necessariamente muito mais importantes e com precedência, nomeadamente o R.D.M., criando assim situações dúbias para os Agentes, pouco experientes e sabedores, não tendo a percepção onde um termina e o outro começa.

Por outro lado, a legislação militar está imensamente dispersa, e até ao momento, segundo parece, nenhuma medida se tomou, no sentido da sua compilação. Este facto, em si bastante grave, é no entanto agravado por se depararem critérios dispares de interpretação, de Região Militar em Região Militar e de Ramo para Ramo das Forças Armadas.

Este parece-me de momento um ponto importante para o bom desempenho do serviço, o qual, embora sendo um universo de trabalho, foi abordado ligeiramente, por não ser minha intenção estudar os assuntos em profundidade, mas, unicamente, referi-los e procurar defini-los.

POLÍCIA MILITAR OU POLÍCIA DO EXÉRCITO?

A designação adoptada no nosso País, por tradução *ipsis verbis* da terminologia adoptada noutros países, só o foi no título, pois nas funções e no âmbito onde os mesmos são desempenhados, mais se poderia designar, no nosso País, por Polícia do Exército do que continuar com a sua designação actual.

Nas nossas Forças Armadas, em que a Força Aérea quase se assemelha mais, na prática, a uma Aviação Táctica do Exército e em que a Marinha não tem poder para mais que uma fiscalização de fronteiras marítimas, damo-nos ao luxo de ter 3 Polícias no âmbito militar, entre as quais nada mais de comum existe do que o termo Polícia.

Não seria oportuno pensar-se na unificação destas Forças Policiais, bem como no seu modo de actuação e equilíbrio de critérios na exigência do cumprimento dos Regulamentos, nomeadamente no de Disciplina Militar, que, até ao momento, parece ser o único que se mantém em vigor nos três Ramos?

ESPECIALIZAÇÃO E PROFISSIONALISMO DOS QUADROS

Antes de abordar este assunto, parece-me conveniente referir qual o âmbito abrangido pelos Quadros da PM.

Enquanto em qualquer especialidade o posto de Cabo pode não ter o significado autêntico, na Polícia Militar é ele o primeiro escalão que actua, absolutamente isolado e, consequentemente, sobre quem recai a maioria das actuações. Desta forma, começa por se ter a necessidade de dar uma preparação cuidada aos militares que venham a desempenhar estas funções.

Duma maneira geral, na nossa Polícia Militar, os Quadros são constituídos por indivíduos pertencentes ao Q.P. (Oficiais Superiores e Capitães) e ao Q.C. (Subalternos, Sargentos e Cabos).

Quanto aos primeiros, embora indivíduos profissionais e, consequentemente, eivados de todos os factores necessários para o desempenho das funções de Polícia Militar, é-lhes extremamente difícil, ou quase impossível, dominarem toda a Legislação e Regulamentação Militares em vigor, pelas diversas razões já apontadas. A variedade de funções para que são nomeados, quer na Metrópole quer no Ultramar, é outro factor contribuinte para a impossibilidade de domínio de toda a Legislação.

Desta forma, e para o Q.P., tornar-se-ia necessária a criação de um Quadro exclusivo de P.M., e terminar, de uma vez para sempre, com o amadorismo de que se reveste o desempenho de funções, quando exercidas por um Oficial de uma Arma.

No que se refere ao Q.C., seria quase desnecessário referir que o seu tempo de instrução e a maneira como esta se processa é naturalmente deficiente para que, em 7 semanas, se considere um indivíduo apto para o desempenho das funções, pois é do conhecimento geral que muitos agentes civis, com anos e anos de prática, nem assim conseguem fazer cumprir leis e impor a sua tão necessária autoridade. Como queremos nós que um mancebo de 20 anos, que nunca teve contacto com a vida militar, e da qual tem, normalmente, uma noção deturpada, em 7 semanas seja um Agente de Autoridade Militar, um exemplo vivo do Aprumo, Disciplina e demais virtudes intrínsecas do Militar?

Parece-me que no momento dispomos de um potencial humano já numeroso, que, com experiência de vida operacional e em todos os escalões da hierarquia militar, poderia ser aproveitado para o preenchimento dum Quadro, profissional ou semi-profissional, da Polícia Militar, natu-

ralmente usando o incentivo material, característico da mentalidade actual, e que chamaria para os seus Quadros, temporária ou definitivamente, aqueles que, após a sua comissão em zonas operacionais, merecessem tal convite, por valor de qualidades demonstradas.

Aliás, em qualquer filme de instrução se verifica que os Agentes de P.M. são indivíduos condecorados, com aparência de idade superior à de qualquer mancebo em cumprimento normal do seu serviço, e portanto recrutados ou contratados por meios diferentes daqueles que actualmente no nosso Exército estão em vigor.

UNIFORMIZAÇÃO DA INSTRUÇÃO

Este um dos pontos mais graves, se não o que maiores problemas causa à actuação da P.M., e que é uma consequência da dispersão ou falta de Regulamentação e Legislação.

Assim, os futuros Agentes P.M. (Oficiais, Sargentos e Praças) são instruídos em Centros diferentes, verificando-se não existir uma uniformidade nessa instrução, no respeitante a conduta e modos de actuação.

Esta divergência, que se verifica na Metrópole mais acentuadamente, se constata entre esta e o Ultramar. Assim, o P.M. não é verdadeiramente igual em todos os locais do Território onde é chamado ou nomeado para desempenhar as suas funções, podendo-se até arriscar classificá-lo como o P.M. de Coimbra, do Porto, de Luanda, ou de tantas outras localidades onde a sua actividade é exercida.

Claro que este motivo, analisado isoladamente, não tem qualquer acuidade, mas é sem dúvida mais um elo, como tantos outros, que têm contribuído para que a missão não venha a ser integralmente cumprida, nem se obtenha da P.M. o rendimento desejado.

INVESTIGAÇÃO E SERVIÇO DE INFORMAÇÕES

Não cabe, no âmbito desta «Alvorada», analisar o Serviço de Informações actual, no entanto parece-me que dentro deste deveria caber à P.M. uma boa parte de actuação, até porque as tentativas de infiltração no meio militar são cada vez maiores.

Assim, com Agentes de A grande, devidamente enquadrados e cuidadosamente instruídos para uma actuação eivada do melhor espírito militar, sem que de qualquer modo o pudessem contrariar, parece vir a

ser possível a utilização destes no sentido da salvaguarda de um dos maiores valores de qualquer Exército, o seu potencial humano.

Através do seu serviço, poder-se-ia garantir uma maior coesão dos seus elementos e uma melhor escolha dos seus servidores.

Ainda, no tocante a investigação, teria do mesmo modo a P.M. um papel a desempenhar, se, para tal, dispusesse de meios, em pessoal e material, e, fundamentalmente, de prerrogativas que lhe permitissem a sua actuação.

Este, tal como os restantes aspectos, tornar-se-ia mais um ponto a escarpelizar, aquando de uma reestruturação ou reorganização dum Serviço a todos os títulos necessário à manutenção da disciplina no seio das F.A..

ORGANIZAÇÃO (METRÓPOLE E ULTRAMAR)

Embora este aspecto se possa considerar como um preciosismo em relação à vastidão dos anteriormente apontados, não poderei, de modo algum, deixar de o referir, por tão urgente que se torna a sua solução.

Fazer um Q.O. de qualquer Unidade, embora não sendo trabalho fácil, parece que nada de transcendente tem, mas fazê-lo sem que o mesmo satisfaça às necessidades do serviço causador da criação da Unidade, é fácilimo.

Parece, assim, que precisamente a facilidade extrema foi a procurada para a elaboração dos Q.O. das C.P.M. no Ultramar, pois, olhando para um desses «Papéis», verifica-se ser a cópia daqueles que serviam na já ultrapassada Divisão Shape. Desta forma, aconselhando a prática que as C.P.M. em vez de 3 Pelotões necessitavam de 4, deu-se-lhe mais um Pelotão designado por independente, e pronto, termina o problema. Claro, é da mais elementar matemática: $3 + 1 = 4$.

Francamente, as necessidades operacionais e administrativas de uma C.P.M. a 4 Pelotões não são de modo algum iguais a uma de 3. Se o serviço exige aquele quantitativo de pessoal, por que não debruçarem-se um pouco mais sobre a secretária e fazerem um trabalho consciencioso, o qual nem necessita de previsões e cálculos, mas sim de uma compilação das informações dadas por aqueles que sentem, ou já sentiram as necessidades?

Não resisto a repetir-me e, relendo um dos primeiros parágrafos, tenho que forçosamente voltar a escrever: as operações não se fazem só na mata; elas terão maior rendimento quanto maior for a disciplina, e

Revista da Cavalaria

esta não é no local de combate que se obtém, mas sim por um trabalho permanente de fiscalização, orientação e mentalização do pessoal, precisamente nos períodos em que este não está sujeito ao combate. Aí outros factores mais fortes surgirão, e é necessário que a disciplina já seja instintiva por parte de cada um dos elementos do Grupo de Combate.

Outros, mas muitos outros aspectos se poderiam focar com igual ou superior importância para a Polícia Militar, no entanto não foi essa a intenção inicial, pelo que me proponho, não a continuar focando aspectos que à primeira vista parecem ser a negação de tudo o que no dia-a-dia de hoje se passa, mas convidar aqueles camaradas que, através das suas funções, tenham passado pela Polícia Militar, a escrever, a elucidar, a idealizar o que poderia ser um serviço de necessidade incontestada, no qual, a cada dia que passa, se vai sentindo a necessidade de melhorar e objectivar, para bem do Exército (na minha opinião, das Forças Armadas) e, implicitamente, para se evitar a tendência para o enfraquecimento do prestígio deste serviço como elemento das Forças Armadas, e destas no seio da Nação.

Capitão FERNANDES FAIA





EMPREGO DA CAVALARIA CLÁSSICA NA LUTA CONTRA A SUBVERSÃO

Excertos da palestra proferida

pelo Coronel PIMENTA DE CASTRO, no I. A. E. M.



o aceitar o honroso convite que me foi dirigido para colaborar no ciclo de palestras levadas a efeito durante o corrente ano lectivo no I. A. E. M., com a finalidade de dar a conhecer aos Snrs. Officiais-Alunos do C. E. M. os aspectos dominantes do emprego da «CAVALARIA CLÁSSICA NA LUTA CONTRA A SUBVERSÃO», fi-lo com o maior prazer pela oportunidade que me foi proporcionada de trazer ao conhecimento dos futuros Officiais do C. E. M. as possibilidades e características das Tropas a Cavalo como meio de acção na luta contra a subversão em Angola, donde regressei há seis meses e me orgulho de ter tido o privilégio de comandar o Grupo de Cavalaria n.º 1 — «Dragões», durante quase dois anos, e ainda porque seria igualmente uma oportunidade que me permitiria prestar mais um serviço à minha Arma.

Sem a preocupação de vir aqui ensinar Táctica, longe de mim tal ideia, desejo, no entanto, focar alguns aspectos que julgo importantes, por estarem directa ou indirectamente ligados à Cavalaria em geral e às Tropas a Cavalo em particular, para assim se compreender melhor as actuações a que mais adiante me referirei.

A Cavalaria é uma Arma cara que se desgasta facilmente e que só se recompõe com dificuldade. No entanto, é necessária e insubsti-

Revista da Cavalaria

tuível, daí os cuidados que nos devem merecer as suas estruturas e a sua preparação, pois nada substitui o cavalo senão o próprio cavalo.

Enquanto a modalidade de acção da Infantaria é a conquista e ocupação do terreno, cuja supremacia reside essencialmente na sua capacidade de resistência activa, que, por si só, pode conduzir à decisão de assegurar o sucesso, a modalidade de acção da Cavalaria é a ofensiva activa, cuja supremacia reside na sua capacidade de movimento. Todavia, os êxitos alcançados pela Cavalaria não residem apenas no aperfeiçoamento das suas faculdades naturais, mas, principalmente, no aproveitamento da sua táctica própria, que deve inspirar e orientar a manobra, mas, evidentemente, sempre em ligação com a táctica própria das outras Armas, isto tanto em guerra clássica como na guerra contra a subversão.

A Cavalaria de hoje não se destina, de forma alguma, a combater isolada, pelo choque, à semelhança das guerras do século passado, nem carregar de lança em riste contra os carros de combate, como na última campanha da Polónia.

Seria quixotesco pensar semelhante coisa. Mas, actuando em ligação estreita com as outras Armas, isto é, com elas e principalmente para elas, quer seja nos reconhecimentos, colhendo informações, quer seja para esclarecer uma tropa, quer ainda para perseguir ou actuar no combate.

Mesmo na perseguição, a Cavalaria não faz mais do que continuar a acção das outras Armas, pondo em jogo a sua grande mobilidade, a sua fluidez, a sua velocidade e, principalmente, a faculdade de produzir surpresa, quer seja pelo fogo, quer seja por um acaso fortuito de facilidade, numa carga impetuosa, inopinada e oportuna de uma fracção de cavaleiros sobre um inimigo desprevenido.

A Infantaria lá a seguirá mais ou menos de perto, para tirar os benefícios da sua acção mais rápida.

Ainda que actuando isoladamente em missões de reconhecimento, numa zona afastada, terá que trabalhar em ligação com a Força Aérea para esclarecer uma situação em proveito de um Comando superior, completando o reconhecimento daquela, pois, como é sabido, enquanto a Força Aérea diz que nada foi visto, a Cavalaria pode dizer que não há e deve fornecer essa informação a tempo de influenciar a decisão do Comando.

A Cavalaria a Cavalo não é apenas uma tropa qualquer transportada a cavalo, mas uma tropa especial que se pode bastar a si própria. Mesmo encontrando-se excepcionalmente numa situação isolada,

Revista da Cavalaria

nunca terá a sensação de se sentir perdida, podendo actuar com os seus próprios meios, que lhe permitirão levar a bom termo a missão que lhe foi confiada, dadas as suas características de independência, sem que, de forma alguma, se confunda independência com insubmissão.

A finalidade e as condições táticas da Cavalaria poderão ter evoluído, mas os princípios ficaram imutáveis, baseados nas características do cavalo e do movimento.

A arma fundamental das Tropas a Cavalo é o cavalo, assim como a espingarda é a do Infante e a boca de fogo a do Artilheiro. Daqui resulta para cada Arma uma mentalidade e uma virtude própria, que para a Cavalaria é a temeridade. Esta deve manter-se intacta e presidir à tática da Cavalaria, pelo que se torna indispensável cultivá-la na educação, na instrução, no emprego do cavalo e no movimento.

Em resumo: uma boa tropa de Cavalaria a Cavalo tem de possuir espírito ofensivo, velocidade, mobilidade e fluidez que lhe garantam elevada capacidade de manobra, para que, aliada à sua temeridade, consiga obter o efeito de surpresa que provoque a fuga desordenada do Inimigo e, consequentemente, a sua desmoralização, como factor primário e fundamental para a derrota deste, que é, afinal, o que se pretende em qualquer combate e não menos na guerra subversiva, onde o factor psicológico é de grande alcance.

Foram estes princípios básicos, que caracterizam a Cavalaria em geral, que tivemos em mente na preparação das Tropas a Cavalo para actuarem na luta contra a subversão, quando, em Novembro de 1969, me foi confiado o Comando do Grupo de «Dragões» de Angola.

Ao criar-se o C. I. T. C. (Centro de Instrução de Tropas a Cavalo) em Silva Porto, pretendeu-se, por assim dizer, completar uma experiência já iniciada em 1967 com um Pelotão, sobre o emprego e comportamento das Tropas a Cavalo na região dos planaltos centrais de Angola, designadamente no Bié, a uma altitude média entre os 1500 e 1700 metros, com um clima seco, de terreno pouco acidentado com piso arenoso, sem grandes florestas, ou melhor, coberto por uma floresta de porte médio e perfeitamente permeável aos cavalos, mas de grandes extensões com muito fraca densidade de vias de comunicação, mas de grande densidade hidrográfica, difícil portanto à utilização de viaturas, ficando provada a excelência do meio e o efeito promissor que poderiam desempenhar no planalto do Bié as Tropas a Cavalo no xadrez da guerra.

Este facto teria contribuído para que Sua Excelência o General Comandante-Chefe das Forças Armadas de Angola, de colaboração

Revista da Cavalaria

com Sua Excelência o Governador-Geral da Província, decidisse adquirir com urgência mais 300 cavalos, consciente, certamente, do tempo necessário e da dificuldade em organizar e instruir convenientemente uma Cavalaria a Cavalos capaz de cumprir, com honra e dignidade, as missões que viessem a ser-lhe confiadas, e permitir assim criar dois Esquadrões a Cavalos, com vista a um terceiro para mais tarde.

Em primeiro lugar, desejo acentuar que uma Cavalaria a Cavalos nunca deverá ser colocada em quadrícula, mas ser considerada como uma tropa especial de intervenção, à semelhança dos Esquadrões de Reconhecimento, dos Comandos, dos Fuzileiros Navais e dos Pára-quedistas.

Como tal, o seu recrutamento deve ser inteiramente metropolitano e seleccionado, incluindo os seus Quadros em Oficiais e Sargentos.

Em geral, o africano do recrutamento do Contingente Geral da Província, com algumas excepções, não reúne as virtudes a que atrás me referi; de um modo geral, é uma pessoa que toda a vida foi mandado, e daí a dificuldade que sente em impor a sua vontade na luta com o cavalo, que é um ser vivo com uma vontade própria. É nesta luta constante de vontades que se tempera o carácter do Cavaleiro. Tanto assim é, que o Cavaleiro carrista tem um espírito diferente do Cavaleiro a cavalo. O primeiro, é um técnico sem necessidade de impor a sua vontade ao carro de combate. Quando falhou o carburador, o motor parou e fica apenas uma massa de aço inerte, à espera que a ciência e a competência do técnico resolva a avaria.

Compreende-se que haja dificuldades em obter o óptimo no que respeita ao recrutamento do pessoal, mas, então, procure-se fazer uma selecção entre os europeus da Província, e recrutem-se para as Tropas a Cavalos os africanos entre os de raça Cuanhama ou Cuamato, em vez de se destinarem aos C. I. Básicos de Infantaria de Cabinda ou Salazar.

O CAVALO

Falemos agora um pouco do cavalo, esse nobre animal que se impôs sempre através dos tempos, desde o fidalgo ao cigano das feiras, sem esquecer o artista que, nas suas concepções, se serve dele quando à sua escultura deseja imprimir o domínio, a força, a bravura e a lealdade.

Revista da Cavalaria

Em fins de Fevereiro de 1967, chegaram ao Grupo de Cavalaria n.º 1 os primeiros 30 cavalos, com os quais se fizeram as primeiras experiências, francamente positivas, seguidas de mais duas remontas passados dois anos, e assim, em Fevereiro de 1969, chegaram 49 animais, e, em Março de 1969, mais 35, todos da R. A. S., desconhecendo as razões porque não se remontou no Sudoeste Africano.

Em Novembro de 1969, fui encontrar os cavalos da Unidade bastante depauperados fisicamente, devido, não apenas ao esforço que



O cavalo aparelhado em Ordem de Marcha. Exploração dos recursos locais...

lhos fora pedido, mas principalmente à falta de estruturas básicas para apoiarem uma Cavalaria a Cavalo, designadamente no campo sanitário e da alimentação, talvez porque estivessem no campo experimental.

Durante muito tempo a Unidade não dispôs de veterinário nem de pessoal de enfermagem hípica que garantisse uma assistência sanitária eficiente, e só a partir de Julho de 1969 foi deslocado para Silva Porto, em diligência permanente, o DIAL sediado em Nova Lisboa.

Revista da Cavalaria

Este facto contribuiu francamente para definir uma situação que não era boa e a todos preocupava, pela suspeita, não confirmada, de na altura grassar no efectivo Anemia Infecciosa, situação que, a ser real, seria muito grave.

Em Junho de 1970, chegaram ao Grupo mais 41 cavalos da R. A. S., remontados através da RMM, que foram transportados por via marítima entre Lourenço Marques e o Lobito.

A maior crise sanitária verificou-se nos cavalos da R. A. S. após a chegada dos cavalos argentinos, em Julho de 1970, e que durou dois meses. Bastantes preocupações nos causaram, até ser encontrada uma explicação científica que justificasse a morte de 20 cavalos durante tão curto período de tempo. Tratava-se de descalcificação e desmineralização, provocadas pela alimentação fraca, o que depois foi remediado.

Presentemente, está em estudo e em experiência uma alimentação à base de concentrados alimentares, bastante mais económica e mais leve.

Para dar uma ideia das medidas profilácticas e de higiene tomadas para preservar a saúde dos solípedes, foram postas em vigor NEPs que consistiam no seguinte:

- 1 — Todos os cavalos foram vacinados contra o Carbúnculo Hemático, Peste Equina e Tétano.
- 2 — Administração diária a todos os cavalos de um suplemento alimentar de sais minerais, bem como de um complexo vitamínico para fixação dos sais de cálcio.
- 3 — Um banho mensal carracida, para desparasitação externa, que era obrigatório após as operações e antes de entrarem no aquartelamento.
- 4 — Desparasitação interna (anti-helmíntica) trimestral de todos os cavalos.
- 5 — Aplicação trimestral a todos os cavalos de medicação contra a piraplasiose e metaliose equinas.
- 6 — Desinfecção semanal do pavimento e esgotos das cavalariças.
- 7 — Desinfecção mensal geral das cavalariças.

Estas e outras medidas estão descritas em pormenor nos relatórios arquivados na Unidade e enviados superiormente para conhecimento.

REMONTAS

No que respeita às remontas, já em Novembro de 1966 uma comissão chefiada pelo então 2.º Comandante dos «Dragões» se deslocara ao Sul de Angola, região dos Cuanhamas e dos Cuamatos, para avaliar das possibilidades de remontar solípedes angolanos, tendo iniciado os seus trabalhos por uma acção psicológica, com o fim de obter a apresentação voluntária de mancebos em idade militar com o seu cavalo propriedade, a quem foi proposta uma importância diária para o homem e o cavalo. Findo o período de serviço, se o cavalo tivesse morrido receberiam uma indemnização pela sua perda.

Resultados: a reacção foi negativa. Não se apresentou ninguém, e os poucos cavalos observados eram de muito pouco porte, magros e esfomeados, sem as características mínimas às exigências do serviço que lhes iria ser pedido em campanha; são animais alimentados apenas a capim.

Os proprietários atribuíram o valor de 8, 10 e 12 contos por cada, e não se mostraram muito interessados na indemnização. Por norma, fizeram notar que lhes interessava mais o cavalo do que o dinheiro, e que se um homem saía com um cavalo devia regressar com ele. Assim, havia que fornecer um cavalo semelhante, pois não aceitariam um do Suodeste Africano, alegando que morrem depressa. Foi esta hipótese posta de parte, por não interessar.

Das cinco remontas feitas na R. A. S., o preço destes animais ficou aproximadamente por 8 contos, postos em Silva Porto, mas têm sido bastante heterogéneas, desde o bom ao muito mau.

Parece haver uma certa dificuldade na aquisição de cavalos nas condições pretendidas, mas é tudo uma questão de preço ou de saber explorar o mercado cavalar da R. A. S..

Dos cavalos que foram adquiridos, apareceram diferentes tipos, desde o animal reforçado, de tiro, até ao cavalo nervoso e com bastante sangue, mas todos produto da cruzada entre animais de sela e de tiro. Até na idade apareceram cavalos entre os 6 e os 10 anos. Evidentemente que o seu comportamento em campanha também é diferente, e os resultados viram-se na prática.

A remonta dos argentinos em 1970 foi francamente boa e equilibrada, à base do «crioulo», muito afamado pelas suas qualidades de resistência e rusticidade. Ficaram pelo preço de 16 contos cada, postos em Silva Porto. O mercado argentino é muito mais vasto e há por onde

escolher. Para comprar 258 cavalos, foram observados 600 animais com as condições exigidas.

Uma observação me permite fazer quanto à cor da pelagem: não devem ser comprados cavalos ruços ou claros, por denunciarem facilmente a sua presença à distância. São preferidas as cores escuras, como sejam o preto, as várias tonalidades do castanho, ou o lação comum.

Para evitar perdas de tempo com o seu desbaste ou em acidentes, os cavalos devem ter bom temperamento, para não derrubarem o cavaleiro e não fugirem; devem ser comprados aceitando o arreio e o cavaleiro nos três andamentos. Devem ainda ter alguma percentagem de sangue e estarem desferrados.

Não me alongo mais no que respeita ao cavalo, por julgar ter dito o suficiente, ainda que muito resumidamente, para mostrar os cuidados que é necessário ter com ele, e compreender a razão porque os Cavaleiros, em qualquer circunstância, tratam primeiro das suas montadas do que de si próprios. É a sua arma fundamental e tem que estar sempre em boas condições de utilização. Daí, quando se pede um veterinário, um enfermeiro hípico, umas cabeçadas ou uma cavalaria com um mínimo de condições, ainda que modesta, é porque o julgamos imprescindível para o nosso amigo e companheiro dos bons e maus momentos, que não sabe falar mas sente como nós, e não por sentimentalismo ou pieguice doentia.

INSTRUÇÃO E PREPARAÇÃO DAS TROPAS A CAVALO PARA A GUERRA

Na instrução e preparação dos cavalos, há que torná-los domesticados, sóbrios, rústicos, dóceis e manejáveis nos três andamentos através de todo o terreno, com as rédeas na mão esquerda do Cavaleiro, para que a mão direita fique livre para empunhar a arma. Devemos torná-los francos na transposição dos obstáculos mais comuns, como sejam troncos de árvores derrubadas, valas, banquetas, sebes, pontões rústicos e cursos de água, e fortalecer-lhes os tendões, o pulmão e o dorso, para suportarem mais facilmente a fadiga de longas etapas, em média 50 km durante vários dias, e o peso que terão de transportar, cerca de 120 kg, bem como habituá-los ao tiro a cavalo e às explosões.

Isto consegue-se com um trabalho diário e metódico durante meses, e é fundamental para o rendimento das operações.

Revista da Cavalaria

Na instrução e preparação dos homens, há que cultivar e desenvolver cada vez mais o desembaraço físico e mental através da equitação, e criar uma identidade perfeita entre Cavaleiro e cavalo, por forma a considerá-los um conjunto, como dois amigos inseparáveis e que se completam.

Aqui, permito-me fazer um parêntesis, e peço licença para transcrever uma passagem da carta escrita por um Soldado ao seu Capitão, antes de passar à disponibilidade, e que documenta esta afirmação.

Dizia o Soldado:

«Querida pedir ao meu Capitão um grande favor para o meu maior amigo nesta comissão em Angola.

O meu querido cavalo «Ali-Babá», maluco e tudo, mas um grande amigo meu; a poucas horas de me despedir dele e na impossibilidade de ir a Silva Porto deixá-lo em boas mãos, peço ao meu Capitão se me podia fazer o favor de o distribuir a alguém que, embora maçarico, goste de cavalos a ponto de o estimar como eu ou melhor, alguém que não lhe bata depois de ter levado alguma boleia, das dele, mas sim que fale com ele, pois ele percebe quando faz algo de mal e se gostar de uma pessoa não o faz tão cedo.

Enfim, o meu Capitão sabe melhor do que eu as qualidades que tem de ter o homem que ficar com o meu «Ali-Babá», que o deixe pastar todos os dias, que lhe dê pão, etc..

Custa muito na verdade separar-mo-nos de um cavalo que foi nosso companheiro e amigo de todos os dias, durante 14 meses, só de pensar no que ele passou nas operações, frio, chuva, fome, dores, cansaço e eu em cima dele. Mas... enfim, é a vida e não se podem comprar cavalos à tropa...»

Como se pode verificar por esta carta, é possível conseguir-se uma perfeita identidade entre o homem e o cavalo.

Na prática da equitação, procura-se cultivar no homem outras qualidades e virtudes, como a *Coragem*, ensinando-o a dominar o medo e a fortalecer a sua vontade; *Sangue-Frio*, colocando-o muitas vezes em situações que tenha de pôr à prova a sua coragem; o *Amor ao Perigo*, que leva a procurar o prazer de encontrar situações dessas; a *Decisão*, pela necessidade de vencer e impor a sua vontade à sua montada; a *Perseverança*, pela necessidade de não desmoralizar perante as dificuldades que todos os dias lhe surgem e não podem resolver-se num

Revista da Cavalaria

só dia; e o *Espírito de Sacrifício*, treinando-o a suportar a fadiga, a sede e a fome com qualquer tempo. Desenvolver o *Golpe de Vista*, a faculdade de *Observação* e o sentido de *Orientação* prática e a *Ligação* pela vista entre os seus camaradas, de acordo com o terreno que terão de atravessar. Incutir no seu espírito a necessidade de evitar formações compactas, quer nos deslocamentos, quer nos estacionamentos.

Na escola de Pelotão deve trabalhar-se muito em ordem dispersa, em forragiadores, ou linha de esquadras, e na passagem rápida de uma formação à outra, através de todo o terreno.

Para além desta instrução e da destreza, há que ministrar a prática do tiro a cavalo. A arma é transportada a tiracolo, cruzada à frente do corpo, empunhada pela mão direita e o fuste apoiado no antebraço esquerdo.

O embarque e desembarque de cavalos em vagons de caminho de ferro e em camions é outra faceta da instrução. Um camion pode transportar 7 a 8 cavalos, dispostos perpendicularmente ao eixo do itinerário, havendo que ter o cuidado de vendar os olhos aos animais. Como é sabido, o cavalo enjoa mas não vomita, e as contracções do diafragma podem provocar a morte do animal. Tivemos que lamentar em Angola dois casos deste género.

Outro aspecto da instrução que deve merecer cuidada atenção é a de transposição de cursos de água, por ser demorada, perigosa e merecer cuidados especiais de técnica e de segurança. Os cavalos atravessam os rio a nado, e para o pessoal, equipamentos e arreios poderá utilizar-se um sistema expedito, que consiste na improvisação rápida de uma ou mais pequenas jangadas constituídas com uma câmara de ar de viatura pesada, transportada vazia no equipamento do Pelotão, e que, na orla da mata, se enche com um bomba de pedal, igualmente do mesmo equipamento. Esta câmara de ar é travada por dois paus em X, ligados entre si por outros.

Se cada homem transportar no bernal 5 metros de corda nylon com uma azelha na ponta, estas poderão ligar-se entre si e fazer assim um cabo de vai-vem.

Há que ter em consideração a natureza das margens, que não deverão ser alagadiças ou escarpadas.

Como uma Tropa a Cavalo pode apear, toda ou em parte, para o combate e actuar como qualquer tropa de Infantaria, é necessário treiná-la neste aspecto, para que a manobra seja rápida e eficiente. Neste caso, nunca se deve descuidar a segurança do grupo de cavalos desmontados.

Revista da Cavalaria

Para além destes aspectos e dos que estão intimamente ligados à vida com o cavalo, a restante instrução é a comum a qualquer combatente, mas é indispensável que o período de IB seja feito no mesmo Centro de IE, porque, ao entrar nesta, não pode haver perdas de tempo com matérias consideradas básicas, como, por exemplo, tratamento de arreios, limpeza e tratamento de solípedes, hipologia e outras deste género. O volteio e a ginástica equestre deverão fazer parte dos programas de educação física.

ORGANIZAÇÃO

O Esquadrão a Cavalo é composto por 1 Secção de Comando, 1 Secção Sanitária, 1 Secção de Alimentação, 1 Secção de Reabastecimento e 3 Pelotões a Cavalo, embora a prática tenha aconselhado uma organização quaternária, que permita manter na posse do Comandante do Esquadrão 1 Pelotão de reserva, para poder assim exercer melhor a sua acção de comando, rendendo, apoiando, ou reforçando qualquer dos Pelotões empenhados.

Os Pelotões são constituídos por 3 Secções a 2 Esquadras de 6 homens, cuja táctica é regida pelos velhos Regulamentos da Cavalaria a Cavalo, adaptados à guerra subversiva.

... ..

AUTONOMIA

As Tropas a Cavalo transportam normalmente alimentação para 5 dias (cavalo e Cavaleiro); percorrem 100 a 120 km num dia, ou etapas da ordem dos 40 a 50 km em dias sucessivos. Findo este prazo, será necessário conceder-lhes dois dias de repouso, para recuperação e reabastecimento.

Uma tropa destas características terá que ser aligeirada de trens de reabastecimento, e o ideal seria processar os reabastecimentos por meio de helicóptero *Aluette III*. Deste modo, uma Cavalaria a Cavalo pode manter-se, sem dificuldades, em acção permanente durante 30 dias.

Não havendo helicópteros, a sua acção fica limitada e condicionada à necessidade de estabelecer bases tácticas para aquele efeito, o que requer um efectivo apeado para escoltas e segurança própria, constituindo um apoio pesado que denuncia a sua presença.



Através da mata

VANTAGENS DA CAVALARIA A CAVALO NA LUTA CONTRA A SUBSERVÃO

- É bastante mais económica do que qualquer tropa de reconhecimento, ou auto-transportada, porquanto, quero crer, o valor da gasolina consumida por um Batalhão em operações, durante uma semana, chegaria para pagar a ração dos cavalos de um Regimento durante um mês. Cada cavalo gasta 17\$50 por dia em alimentação.
- Se a gasolina faltar, os motores param; os cavalos ainda poderão continuar mais 200, 300 ou 400 km. Para estes, há sempre capim, ou um celeiro com milho apreendido ao IN.
- Se o pneu furar, o carro pára; o cavalo pode continuar sem ferraduras.
- Não possui faróis, nem faz ruídos de noite.
- Não se desloca por picadas, nem por trilhos, evitando assim as minas ali colocadas pelo IN.
- É a única tropa verdadeiramente TT.

Revista da Cavalaria

- O homem a cavalo tem um commandamento sobre o capim que outro homem a pé não possui.
 - Tem maior capacidade de exploração.
 - É uma tropa que atinge o objectivo mais fresca do que se progredisse a pé e, consequentemente, em melhores condições físicas para um mesmo esforço.
 - A facilidade com que uma Tropa a Cavalo muda de direcção confere-lhe uma flexibilidade que, aliada à velocidade, a dota de elevada capacidade de manobra; e, como é sabido, na guerra subversiva a capacidade de manobra é fundamental.
 - Deixo para último o efeito moral e psicológico que uma Tropa a Cavalo exerce sobre o IN, por considerar de todas as vantagens a mais importante.
-

SERVIDÕES DAS TROPAS A CAVALO

- Necessidade de um treino aperfeiçoado e de recrutamento seleccionado.
 - Apoio logístico pesado, se não se dispuser de helicópteros.
 - Íntima ligação com a F. A., para obter completo rendimento.
 - Necessidade de ministrar equitação aos especialistas que têm de acompanhar as tropas, como sejam: operadores rádio, enfermeiros e maqueiros, enfermeiros hípicas, etc..
 - Dificuldade de progressão em matas muito densas.
 - Dificuldade de progressão em terrenos pantanosos ou alagadiços.
 - Morosidade na travessia de cursos de água.
-

COMENTÁRIOS FEITOS PELO COMANDANTE DA OP..... (OF. SUP. INF.^a) NO SEU RELATÓRIO FINAL

a. Pessoal

Só uma testemunha ocular pode avaliar o esforço tremendo a que o pessoal é sujeito numa operação deste género. O calor, a sede, o perigo e tensões constantes, aliados ao cansaço que representa cavalgar cerca de 560 km por anharas infinitas, as constantes soli-

Revista da Cavalaria

citações dos animais e o consumo de elevado número de rações de combate, são factores que só uma tropa profundamente disciplinada e mentalizada pode suportar com o estoicismo de que dispõe o Esquadrão a Cavallo, o que muito dignifica a Arma de Cavalaria.

b. Animais

Na generalidade, era bom o aspecto dos animais no final da operação, embora demonstrassem uma diminuição progressiva de peso, que, em alguns casos, atingiu cerca de 70 kg, contudo, a sua resistência física não ficou sensivelmente diminuída, o que constituiu até uma certa surpresa para os Cavaleiros, que, por vezes, os tinham que refrear nas cargas efectuadas.

c. Ensinaamentos

(1) *Efeito psicológico*

Uma carga efectuada pelo Esquadrão em linha — cerca de 4 km de frente — constitui uma força viva que está muito além do poder ofensivo ou defensivo da tropa normal, com efeitos aterrorizantes sobre grupos IN que actuem na região.

Obs. — A esta operação se refere a carta apreendida ao IN ⁽¹⁾.

(2) *Extrema mobilidade e rapidez de acção*

O galope dos animais e a facilidade de mudança de frente são factores decisivos, quer na perseguição, quer na reacção a ataques IN.

(3) *Efeito de surpresa*

O silêncio da deslocação e a aparição inopinada são superiores aos das forças helitransportadas.

⁽¹⁾ Já transcrita no artigo desta Revista, «Uma Cavalaria em Agonia?».

Revista da Cavalaria

(4) *Capacidade de percorrer grandes extensões de terreno*

O percurso de 560 km fala por si próprio. Como tal, o emprego do Esquadrão a Cavalo é de grande utilidade em operações sobre terrenos mais distantes das sedes das Companhias em quadrícula, portanto mais inacessíveis às suas tropas.

CONCLUSÕES

Nos dias de hoje, impregnados de cepticismo e dúvidas, tomar a decisão de fazer renascer a Cavalaria a Cavalo na guerra contra a subversão, para contactar com as populações, ou lançá-las no interior das matas na busca e perseguição de bandos IN ali refugiados, já constitui, só por si, um acto de audácia e de determinação superior, que classifica um chefe, ao preferir agir sobre dados incertos do que não agir contra um IN activo com as características daquele que, nesta fase, enfrentamos em Angola e Moçambique, utilizando assim mais um meio de que esse IN não dispõe, que fora colocado na prateleira por quase todos os Exércitos modernos, mas que tem grande mobilidade, poder ofensivo e é capaz de atacar de surpresa pela retaguarda e gerar no seio do IN e das populações por ele controladas um sentimento de insegurança e lhe afecte o moral, por forma a perder a vontade de combater, desde que seja empregado judiciosamente, bem maneado e em condições favoráveis.

Para os cépticos, que dizem ser o conjunto cavalo-Cavaleiro, um alvo muito grande, dá vontade de lhes fazer a pergunta, já conhecida: — E uma viatura UNIMOG que transporta uma Secção, não será um alvo ainda maior? Todavia, não deixam de continuar a accionar minas pelas picadas.

Já temos lido na Imprensa, de longe em longe, em artigos publicados por pessoas cuja inteligência não contestô, afirmações gratuitas sobre a Cavalaria a Cavalo.

Estas pessoas são geralmente civis, que da arte da guerra devem saber muito pouco, e só uma completa ignorância e o total desconhecimento do assunto justificam tais barbaridades.

Quando afirmam que a Cavalaria a Cavalo só serve hoje para escoltas pomposas, e que não é mais do que uma expressão romântica, é porque os seus conhecimentos sobre o emprego e possibilidade do

cavalo e da Cavalaria não vão além do que vêem no cinema, nos Concursos Hípicos ou na Feira da Golegã.

Já esqueceram que, em tempos não muito distantes, nos campos de futebol e nos grandes aglomerados de multidões excitadas e agitadas, era mais eficiente uma Esquadra a cavalo do que um Pelotão a pé, no restabelecimento da ordem.

Para esses, desejo facultar alguns números, muito curiosos, extraídos de um artigo publicado no jornal «O Ás de Espadas», órgão privativo do B. Cav. 2899, da autoria do seu Comandante, Ten.-Coronel Augusto da Fonseca Lage, e de que peço licença para transcrever uma passagem, que diz assim ⁽¹⁾:

Com esta transcrição, dou por findas as minhas despretenciosas palavras, com que procurei trazer ao conhecimento dos meus prezados camaradas o que se está fazendo em Angola com a Cavalaria clássica na guerra contra a subversão, e afirmar que esta Tropa, ainda que não seja uma panaceia para ganhar a guerra, é, todavia, um meio muito eficaz, que poderá contribuir positivamente para que as nossas Forças Armadas alcancem mais rapidamente a vitória final, e lembrar que a História Militar de Angola muito deve à Cavalaria.

Seja-me permitido, no entanto, apresentar algumas sugestões:

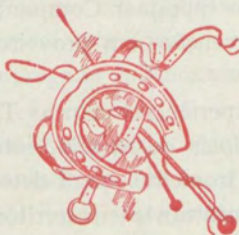
- 1 — Que a Cavalaria a Cavalo não seja empregue em missões de quadrícula, como qualquer Companhia, mas sim como força especial de intervenção, em proveito de um Comando Superior.
- 2 — Que se façam experiências com as Tropas a Cavalo no Norte e Leste da Província de Angola, sobre os corredores de infiltração, junto às fronteiras, para detecção e captura de grupos IN que tentem infiltrar-se em território nacional.
- 3 — Que seja adoptada uma organização quaternária para o Esquadrão a Cavalo, que lhe permita não empenhar simultaneamente todas as suas tropas e ter em profundidade uma reserva para intervir noutros pontos.

⁽¹⁾ *Toda esta passagem, à excepção da frase — Mas repitamos o que disse um grande Comandante americano de Unidades Blindadas: «Cavalo e motor têm elevado valor, mas cada um aplicado no seu sector». Em figura, podemos afirmar: nada de cavalos no Alentejo, mas empregue-mo-los nas Beiras e Trás-os-Montes — consta já do artigo «Alguns Conceitos Sobre a Conduta de Guerra Subversiva no Leste de Angola», desta Revista.*

Revista da Cavalaria

- 4 — Proceder ao recrutamento das Tropas a Cavalo com base na Metrópole, embora a Província recrute o contingente indispensável, com vista a uma mescla equilibrada.
- 5 — Activar o Regimento de Cavalaria n.º 5, com base nas estruturas existentes em Mafra, no CMEFED, com vista a criar na Metrópole uma Unidade Mobilizadora de Tropas a Cavalo para o Ultramar.
- 6 — Que seja dado um apoio mais eficiente e a melhor atenção das entidades superiores a esta Tropa Especial.

Coronel PIMENTA DE CASTRO



Breves e Soltas Impressões da Guiné 71



á tive oportunidade de escrever para a *Revista da Cavalaria* durante a minha primeira comissão na Guiné — 1963 a 1965. Meditando sobre um dos artigos que então escrevi, vejo que não fui demasiado optimista nas previsões que fiz sobre a evolução desta guerra que o Inimigo nos move a soldo de potências estrangeiras.

Voltei novamente a esta Província em princípios de 1971, com funções bem diferentes e que me conferem enormes responsabilidades. É certo que não previa voltar sem antes ter ido em Comissão a Moçambique. Província onde nasci e de que me separei quando era ainda criança. No entanto, é com muito orgulho que, à frente dum Batalhão de Cavalaria e em missão de contrapenetração, sirvo o Exército, dando o melhor do meu esforço e da minha capacidade de Oficial de Cavalaria.

Para aqueles que ainda não tiveram oportunidade de vir à Guiné, que decorridos estes seis anos vim encontrar bem diferente, poderão estas linhas ter algum interesse, muito embora não encontrem nelas temas de grande profundidade. São meras impressões, colhidas, ao longo de um ano, num Sector confinante com a República do Senegal.

A Guiné Portuguesa é um espaço geográfico bem pequeno, que todos nós conhecemos dos bancos da escola. Tem, no entanto, uma rede hidrográfica curiosa, pois se dissermos que tem mil rios, não devemos estar longe da verdade; se bem que não são propriamente rios, mas sim rias, visto que não há nascentes. É o mar que entra pela terra dentro. A água salgada das rias alaga, na maré cheia, as suas margens e, na época das chuvas, os terrenos de cultura, as bolanhas. E como, nestes casos, o grau de salinidade das águas baixa imenso, permite a cultura do arroz, ou seja, da «vianda», como lhe chamam os naturais.

Revista da Cavalaria

É também do conhecimento geral que a nossa fronteira com a República do Senegal é uma fronteira artificial, apenas referenciada por uma série de marcos, todos eles numerados.

As populações, tanto de lá como de cá, visitam-se com certa frequência. Há, contudo, certos períodos de maior facilidade, conforme o PAIGC ou as Forças da República do Senegal assim o entendem. A população da área que comando está inteiramente connosco; algumas etnias têm dado mesmo provas reais de colaboração activa com as nossas Forças.

Os Gilas — vendedores ambulantes — são comerciantes quase exclusivamente das etnias Fula, Mandinga, Saracolé e Balanta (Islamizado), que a bem dizer têm livre trânsito e assim se deslocam com frequência aos países limítrofes. Entre as mercadorias que mais transaccionam abundam os panos estampados, que as mulheres africanas muito apreciam, e que, adaptados aos seus corpos, lhes conferem um ar vistoso e colorido.

O progresso que vim encontrar no campo sócio-económico-cultural das povoações da Guiné é deveras impressionante. As Forças Armadas estão colaborando activamente nas mais diversas actividades da Província e no seu total desenvolvimento. É uma prova evidente para quem nos visita. E a Imprensa, tanto nacional como estrangeira, se tem referido, em termos bastante elogiosos, à obra que aqui se tem vindo a desenvolver.

No meu Sector, as tropas já construíram, durante um ano, alguns edifícios destinados a Postos Escolares e Militares (PEM), que dispõem de bom equipamento. Estão em construção mais três bairros tipo reordenamento, com dezoito, vinte e trintas casas, respectivamente; este último a aumentar para noventa, no próximo ano. E já se construíram também três heliportos, todos em placa de cimento. Abriram-se igualmente alguns poços para captação de água.

Enfim, uma série de inúmeras realizações, que muito virão a beneficiar a população desta Província, tendo todo este trabalho estado a cargo de um só Batalhão.

Outro aspecto muito importante é a instrução que se está dando à preparação das Tropas Africanas e das Milícias. Os resultados dessa preparação têm sido excelentes, e tudo nos leva a crer no seu incremento. As dificuldades residem por ora nos seus Quadros, mas, num futuro muito próximo, penso que, com a preparação pedagógica que se está a processar em toda a Província, essa dificuldade virá a ser eliminada.

Revista da Cavalaria

No que se refere a vias de comunicação terrestre, o progresso tem sido ainda mais acelerado. De facto, vim encontrá-las muito melhores, dado que a Guiné dispõe já hoje duma rede de estradas asfaltadas bastante apreciável. O meu Sector não dispõe ainda desse tipo de estradas, mas, na ligação com Bissau, beneficia a Sul do Rio Cacheu, duma excelente estrada asfaltada, que permite realizar semanalmente uma coluna auto que transporta civis, militares e carga diversa. Esta coluna exige um controle muito grande por parte das nossas Forças, não vá ela permitir a livre circulação de elementos suspeitos, ou de material inimigo.

Finalmente, não posso deixar de salientar o Congresso do Povo, realizado em Bissau, onde compareceram os seus elementos mais representativos e donde se tiraram conclusões que não são mais que medidas que o Governo projecta para o ano seguinte. Esclareça-se, aliás, que em todas as Circunscrições se fizeram reuniões em fase regional, onde se estabeleceu o diálogo aberto entre o povo e as autoridades locais. Todos os representantes do povo apresentaram os seus pontos de vista sobre os seus anseios e propostas para melhoria das condições de vida das populações. Este Congresso foi o segundo e nele compareci na fase final.

Pouco ou nada referi ainda sobre as minhas impressões quanto às previsões a que aludo no início destas palavras despretensiosas.

O Inimigo evoluiu consideravelmente em material e hoje encontra-se bem apetrechado e melhor preparado. Dispõe ainda de alguns Chefes, que desde 1961 fazem a guerra. No entanto, penso que a maioria dos combatentes estão fartos da guerra, mas deixam-se arrastar pelos dirigentes políticos que, bem remunerados e comodamente instalados em países estrangeiros, vão infiltrando em Território Nacional os seus grupos de guerrilhas. Os políticos comprometidos esforçam-se, junto das Assembleias Internacionais, por cativar a opinião mundial, mas nem todos os apoiam e ajudam.

Para combatermos este Inimigo, possuímos, além das Forças Armadas, uma força moral que se apoia numa política de justiça social e na igualdade dos cidadãos perante a lei. Esta procura interpretar e satisfazer as legítimas aspirações do povo, bem como promover, em ritmo acelerado, o progresso sócio-económico da Guiné.

As Forças Armadas, assim como os Serviços Cíveis que trabalham nesta Província, procuram dar o seu melhor para atingirem as metas do Governo. Creio que assim caminharemos para a Paz e o Progresso desta Província de Portugal.

Revista da Cavalaria

Necessariamente, tenho também uma palavra a dizer sobre o esforço que tem sido pedido ao meu Batalhão. Posso afirmar que todos, sem excepção, e são perto de mil almas, têm dado à Guiné o melhor de si próprios. Brancos, pretos e mestiços, irmanados todos no mesmo ideal, têm trabalhado por uma GUINÉ MELHOR.

No campo das previsões, o Inimigo perde terreno, pois a razão está do nosso lado e os factos estão à vista. É só cá vir.

E tu, camarada, que ainda cá não estiveste, não terás desilusões pela certa, antes o confirmarás com os teus próprios olhos e muito terás que contar do muito que ficou por dizer.

Ten.-Cor. OLIVEIRA GUIMARÃES



ACÇÃO «LEONARDO»

Montada mercê da notícia
dum casal apresentado

*MENSAGEM: Sua Excelência Comandante Chefe,
felicita Companhia (...) pela iniciativa tomada desencadeamento acção
«LEONARDO».*

Aqui na Guiné.

No Leste.

Nesta Companhia.



arte destes rapazes contribuíram com o seu suor e esforço abnegado para o «RONCO», que tão ansiosamente desejavam concretizar.

Foi neste contexto que se inseriu mais um empreendimento operacional. Foi com esses e tantos outros milhares de jovens de espírito humilde e simples que se levantaram e levantam monumentos, justamente merecidos. Foi com esses jovens que a História foi e continua a ser farolada; a história do dia-a-dia, hora-a-hora, impregnada de valentia e doação.

Tudo coisas que assinalam a Vida. Coisas simples. Pequenas, mas generosas. Coisas que aproximam os homens a um ponto, que ninguém pode isolar-se nem ser isolado.

Chegou o momento da acção.

A «malta» aglomera-se e observa as últimas ordens do Comandante da Operação nas expressões suportadas com o esforço do alento, vêem-se rostos crispados e lábios comprimidos, sucedendo-se a outros quadros de contrária conjectura. Enquanto se esquematiza a possibilidade do «assalto», uns revêem o equipamento, outros olham a arma... Gesto

Revista da Cavalaria

simples e banal. Contudo, demonstra a perfeita conjugação que existe entre estes dois seres...

Entretanto as instruções terminaram.

PLANO DA ACÇÃO

São lançadas duas forças, actuando em dois escalões diversos. Partiram os primeiros, com dez minutos de diferença dos restantes.

Iniciada a acção pelas 16 horas, para «cambar» pelo cair da noite e aproveitando o luar, atingiriam o outro ponto, algures no Rio Corubal, para se efectuar o «assalto» ao amanhecer, ficando dois grupos a fazer protecção a um outro, que agiria como testa de ponte.

ASSALTO: DIA D + 1

Despontavam na abóbada celeste grandes laivos rasgados e esguios do fogo matinal e já a arma balanceava compassadamente nas mãos daqueles homens que «marchavam» ao compasso duma música muito lenta.

Presença de espírito, leveza e elasticidade na deslocação.

Ao simples gesto ou sinal, deslocam-se com automatismo e precisão. Enquanto uns, acorados, enfiam a um hipotético alvo a trajectória do seu ponto de mira, outros avançam sem atrasos nem demoras.

Eis que visionam o local!

O alvo é sempre o mesmo e ninguém hesitaria em idênticas circunstâncias. Agora mais próximo! E quanto mais próximo, mais lentos...

De repente, salta à vista o perfil de nove moranças alinhadas, dentro duma pequena mata!

O plano de «assalto» é montado.

Naquele momento, o poder de concentração dos homens encontra-se dependente do sinal do Comandante, para progredirem. Os olhos daqueles homens são duas chispas que ardem. Localizam o mínimo gesto, rasto ou hesitação. O êxito que vislumbram não os pode mais conter. E lançam-se frente à imobilidade aparentemente calma (?), hipoteticamente ausente.

Como mola potente, são accionados.

Caem agora dentro do objectivo, com tacto, observando tenazmente o pormenor... Suspeitam. Duvidam. Certificam-se da veracidade.

Revista da Cavalaria

De momento, parecem não acreditar no que vêem! Esfusiantes na emoção incontida, esbracejam e gesticulam a outro camarada que, também levado pela curiosidade, se associa. Cresce um sorriso de compensação confiante ao esforço prestado!

Auxiliando os primeiros, que transportavam 20 granadas de R. P. G. 2, 1 de Morteiro de 82, 1 granada de mão e 4 kg. de explosivo, juntavam-se os restantes, acarretando três cunhetes de munições 7,62 M/943 e mais 800 cart. 7,62 M/908.

Regressam apressadamente, legitimando os anseios e regozijos dos outros que, pacientemente (?), os aguardavam. Transportam o suor do seu trabalho, mobilizado à luz do silêncio e untado pelos dedos quentes da solidariedade...

OPINIÃO — 1

Sobre a acção realizada, comecei por ouvir a opinião de alguns elementos, incluindo, primeiramente, a do Comandante da Operação, homem de elevado espírito, apreciável na função própria que dedica aos seus homens, merecendo, desde Aspirante a Oficial Miliciano, ser destacado e louvado, coroando o auge da sua coragem, decisão e serenidade no aspecto profissional, humano e operacional, na sua penúltima comissão:

— «Cruz de Guerra» de 3.^a Classe.

— Prémio «Governador Geral de Moçambique».

Interrogando-o acerca da referida operação, em diálogo ameno e seguro, comecei por inquirir:

— Quais foram os motivos impulsionadores que originaram a acção.

— *Por volta das 11H00, tive conhecimento que a mulher dum casal apresentado tinha visto, na região além Corubal e não muito afastado, um depósito de material IN. Pouco depois, sendo interrogada, confirmou a existência do material, junto a um vau que permitiu a passagem para a região já referida. Procurando um guia experimentado e conhecedor, interroguei o Comandante do Pelotão Mil.^a. Este ofereceu-se voluntariamente para guiar as tropas!*

Portanto, em face dos elementos colhidos e baseado na experiência que aconselha a explorar uma notícia no momento oportuno, decidi montar a acção.

Revista da Cavalaria

— Tendo prévio conhecimento que a região é uma ZICC, que sistema foi adoptado para cumprimento da acção?

— *De facto, debatia-me com a dificuldade da referida região ser uma Zona de Intervenção do Comando Chefe e, como tal, esta Sub-Unidade não podia realizar acções sem a respectiva autorização. Admiti a hipótese de dar conhecimento superior, mas o tempo que a autorização levaria era um factor a ter em conta, que jogava contra nós...*

A partir daqui, decidi que a acção se realizasse...

Por outro lado, novo problema se levantou: a falta de efectivos!

A localidade não poderia ficar desguarnecida durante o tempo que durasse a acção. Assim, resolvi jogar com o factor surpresa, prescindindo de efectivos elevados. Executei a acção com dois Gr. Comb. + um Gr. de naturais voluntários! Com este último e com a noite, pus em jogo o factor surpresa.

Confiei-lhes a missão de obter a testa de ponte, enquanto os restantes Gr. Comb. lhes davam apoio na passagem do referido curso de água.

Feito isto, manobravam os Gr. Comb. de molde a executar o «assalto».

Quando as tropas já cumpriam parte da marcha de aproximação, fizemos um pequeno alto, para exploração rádio com o aquartelamento. Nesta altura, recebia um comunicado do Comando Superior, o qual punha à minha disposição apoio aéreo.

— E tomando a vossa experiência por base, como se comportaram as tropas que accionou?

— *Não há dúvida que uma tropa só possui confiança quando é alertada para a missão exigida, quando adquire a certeza do facto da verdade ou da situação... Nessa altura, sabem manter-se a todo o custo confiantes, aconteça o que acontecer... Infelizmente, ainda não posso ter uma autonomia e liberdade de expressão nas tropas que comando, pois ainda não se deram contactos suficientes para que eu pudesse vislumbrar o espírito de corpo, coragem, risco e serenidade dos homens.*

OPINIÃO — 2

Perscrutando do mesmo modo a opinião a um elemento que, voluntariamente, se inseriu apenas por curiosidade — trata-se dum

Revista da Cavalaria

Tenente do Q. P. que veio estagiar uns meses nesta Companhia —, inquirindo-o acerca do modo como se desenrolou a acção, este afirmou:

— As tropas da Companhia mantinham a sua actividade habitual. Seriam umas 15H00 do dia D, quando os 1.º e 2.º Gr. Comb. foram avisados para uma saída. Pouco depois, era-lhes prestada a finalidade da missão.

Saíram em dois escalões, antecipando-se ao segundo um grupo de naturais, com intervalo de dez minutos. Passadas algumas horas, encontrámo-los um pouco desorientados! A partir desse momento, o Comandante da acção integrou-os na mesma coluna, sob a sua total orientação.

Chegou a noite. À luz do luar, prosseguimos a caminhada. Quase no seu ocaso, chegámos à mata limitrofe. Nela pernoitámos. O calor intenso de há muitas horas antes, transformou-se num frio quase metropolitano!

No dia D+1 a marcha foi retomada. O pessoal não havia dormido, mas sentia-se entusiasmadíssimo pelo possível «RONCO».

Chegámos ao local da travessia. Segurança montada. Todavia, a testa de ponte já referida, mostrou certa hesitação... Foi preciso o exemplo do Comandante da acção, que, iniciando-a, galvanizou os exploradores.

Sucedeu-se um golpe de mão.

Não foi necessário agir pelas armas, dado que o acampamento se encontrava desguarnecido.

O «RONCO» foi motivo de gáudio para toda a coluna e restantes tropas que nos esperavam no aquartelamento, cheios de entusiasmo e curiosidade!

Da experiência pessoal que possuo, sou levado a verificar que certa percentagem da parcela portuguesa, pela ausência e abandono, vota ao esquecimento, abstendo-se de participar, não formando uma consciência verdadeira, os interesses de África, onde se interpôs uma barreira entre o passado e o presente.

É neste presente onde me encontro dentro da engrenagem da guerra, que pretendo accionar um facto, uma acção realizada, dependente do êxito, esforço e abnegação do bom Soldado Português. Esse Soldado do mato, ontem empregado, hoje igualado pela farda a tantos outros milhares de jovens... Essa juventude irrequieta, dentro do feroso ardor dos

Revista da Cavalaria

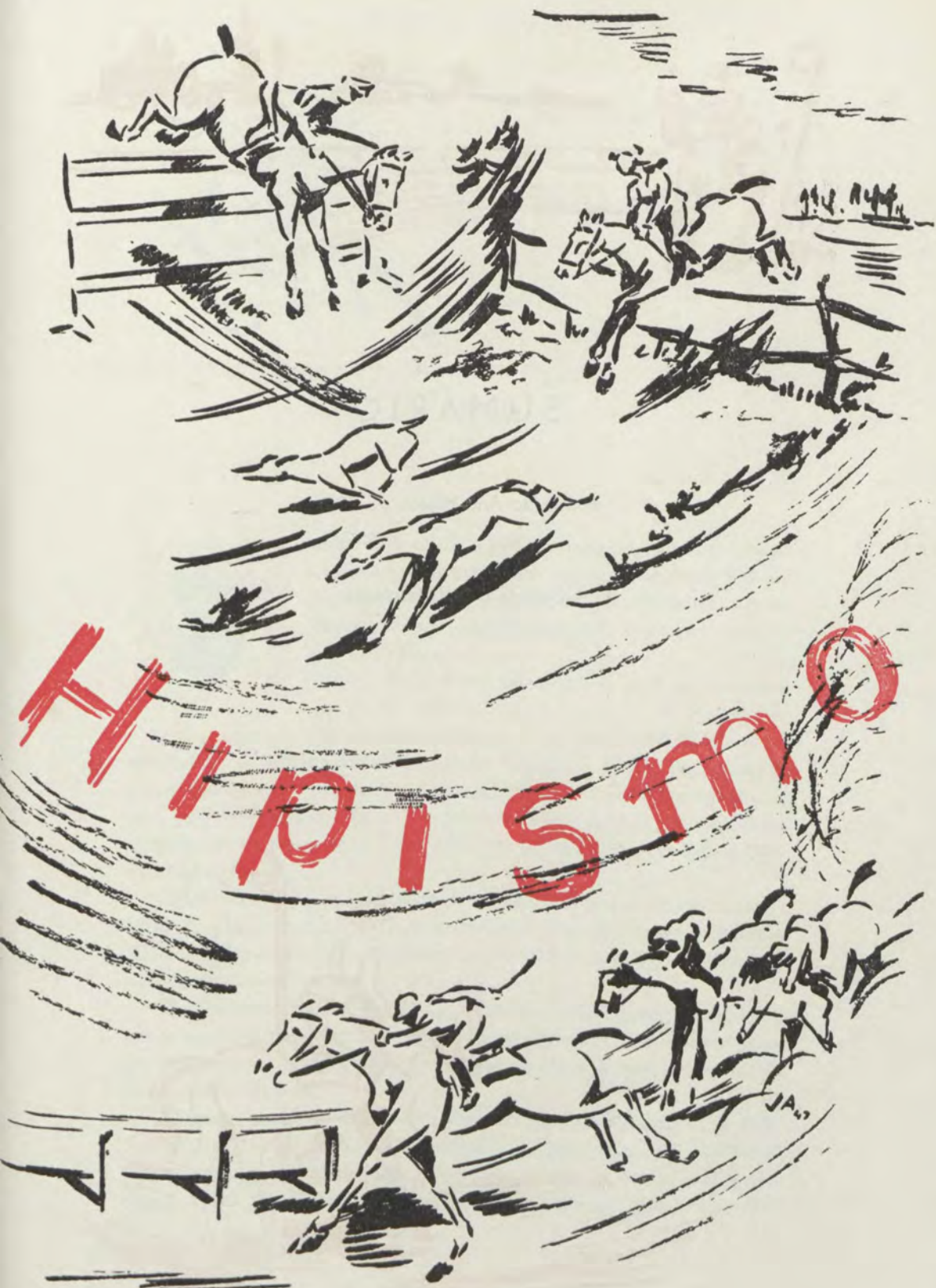
vinde anos mal despontados, que hoje suporta, com a mesma cara, os mecanismos da guerra.

São milhares de rapazes! Cada um deles um caso. Cada caso um ser.

São esses jovens irreflectidos, de imaturidade latente, que sentem reviver a alegria, sorrindo à dificuldade, impulsionando e estigmatizando a esperança!

Ei-los prontos a defender milhares de irmãos, indiferentes à cor da pele, credos, hábitos e costumes dum povo secular, ora sequiado por uns, ora bafejado por outros.

Alferes Mil.º GABRIEL CAIRES





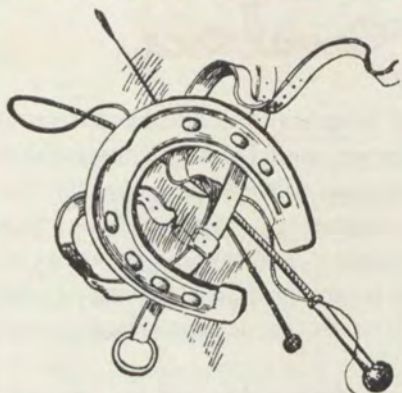
SUMÁRIO

Ronda do Ano Hípico de 1971

V. C.

Galeria dos Vencedores





RONDA DO ANO HÍPICO DE 1971



endo 1971 um ano pré-olímpico, seria natural ter-se observado neste ano um contacto internacional intenso, tendente a mostrar as possibilidades que os cavaleiros nacionais teriam para concorrer aos Jogos Olímpicos.

Afinal, nada disso se verificou, pois apenas uma equipa se deslocou ao C. S. I. O. de Barcelona, e essa equipa não apresentava qualquer conjunto em condições de se aproveitar. A Semana Internacional de Equitação Militar de Fontainebleau concorreram cavaleiros e cavalos já com uma certa categoria, mas essa competição, apesar de ter a comparticipação de conjuntos estrangeiros de classe, não é um concurso de molde a poderem-se tirar conclusões firmes.

Não falando já no Brigadeiro Henrique Callado, temos dois cavaleiros de indiscutível categoria internacional (Capitão Vasco Ramires e Manuel Malta da Costa), mas estes cavaleiros não têm os cavalos que a sua elevada classe merece.

Temos mais alguns cavaleiros, poucos, muito poucos mesmo, e temos também alguns cavalos em condições de poder vir a fazer parte de uma equipa internacional. De momento, não se vêem cavalos de classe extraordinária.

Durante o ano, cavalos como *Flipper*, *Sire du Brossais*, *Tea Top*, *Valnoble* e *Ulla de Lancôme* demonstraram que podem ser escolhidos para fazer parte de uma equipa internacional. Morreu *Uri B*, e foi pena, pois faz falta. *Penny Stall* tem categoria, é porém um cavalo com difi-

Revista da Cavalaria

culdades, mas é muito possível que essas dificuldades desapareçam. Também *Grimpador* e *Namuli* mostraram qualidades. Alguns cavalos há que, não sendo possantes, são habilidosos e generosos, e que têm sido bem aproveitados. Existem também cavalos com bastante classe, mas os seus cavaleiros não têm sido capazes de os aproveitar convenientemente, pois, como diz Yves Benoist-Gironière: «Ce sont toujours les bons qui gagnent, les bons cavaliers bien sûr, car les bons chevaux mal montés s'effondrent».

A Federação Equestre Portuguesa adquiriu dois cavalos, que distribuiu. É porém de estranhar que um desses cavalos, que de facto tem alguma categoria, não tenha sido habitualmente montado pelo cavaleiro a quem foi distribuído, e que também não tenha participado no C. S. I. O. de Lisboa.

Se houver a intenção de concorrer aos Jogos Olímpicos, torna-se necessário tomar parte, em 1972, nuns três C. S. I. O., entrando nas provas grandes, e só então, depois do comportamento obtido, se poderá concluir se existe ou não algum conjunto em condições de se deslocar a Munique.

Não se pode dizer que a elaboração do calendário de 1971 fosse perfeita, pois continuou a apresentar sobreposição de concursos. Estavam marcados com as mesmas datas os concursos de Espinho e de Sintra. Como qualquer deles é um bom concurso, com muito boa organização, prejudicavam-se mutuamente. Pedras Salgadas e Ericeira também estavam sobrepostos, o que não está dentro do espírito regulamentar, pois o concurso de Pedras Salgadas tem categoria internacional. No final, não se realizaram nem o concurso de Pedras Salgadas, nem o de Matosinhos. É pena, pois são concursos muito bem organizados, e que muita falta fazem no calendário. Assim, Espinho pôde mudar as suas datas de forma a não coincidirem com as de Sintra. Também estavam sobrepostos os concursos de Vilamoura e de Lamego. Como Vilamoura se segue imediatamente à Penina, e muitos cavalos estão neste concurso, seguem depois para Vilamoura, que, além disso, tem uma boa organização. Assim, Lamego desistiu da organização projectada e efectuou umas provas, mais com carácter de festival do que concurso propriamente dito, para as quais se fizeram convites pessoais a alguns cavaleiros.

C. S. N. de Cascais (3 e 4, 17 e 18 de Abril) — Como já é tradicional, a época equestre iniciou-se com o Concurso Nacional de Cascais, como sempre organizado pelo incansável impulsionador do desporto hípico, Manuel Soeiro Possollo, muito bem coadjuvado pelo Capitão

Revista da Cavalaria

Ramiro Prezado Pimenta e pelo Tenente José Afonso Antunes Palla, dando assim garantia duma organização perfeita.

Os dois primeiros dias foram destinados à realização de provas para as três categorias de cavalos e, como os dois últimos coincidissem com a XV Semana Equestre Militar de Mafra, foram aproveitados para provas para cavalos debutantes no ano de 1971 e provas para cavaleiros júniores e discípulos.

Nos dois primeiros dias a concorrência foi grande, tendo tomado parte nas provas cerca de 20 cavalos de 1.^a categoria, 25 cavalos de 2.^a categoria e 53 de 3.^a categoria. Nas provas para cavalos de 3.^a categoria, *Grimpador*, montado pelo Tenente Martins Abrantes, iniciou uma série de triunfos, ganhando a primeira prova do ano, e *Cafungo*, com o Tenente Almeida e Sousa, foi o vencedor no segundo dia. Nas provas para cavalos de 2.^a categoria, o Capitão Pimenta da Gama, montando *Gamo Escuro*, foi o ganhador nos dois dias. *Marau*, com o Tenente-Coronel Álvaro Sabbo, e *Gitana*, montada por Francisco Caldeira, obtiveram as vitórias nas provas destinadas a cavalos de 1.^a categoria. Nas provas para cavalos debutantes, distinguiu-se *Harpy Prince*, o novo cavalo de José Marchueta, que ganhou as duas provas.

A única falha neste concurso foi ter-se permitido que cavalos que haviam tomado parte em provas de séniores fossem depois inscritos em provas de júniores.

Taça General Kaulza de Arriaga (10 e 11 de Abril) — Na continuação da disputa desta Taça, realizaram-se mais duas provas no Hipódromo Manuel Possollo, em Cascais.

Na 1.^a categoria concorreram 9 conjuntos, na 2.^a categoria 11 e na 3.^a categoria 26. No primeiro dia classificaram-se na 1.^a categoria *Espora*, *Tea Top* e *Ulla de Lancôme*, na 2.^a, *Texas*, *Elk Prince* e *Foxglove*, e na 3.^a, *Cafungo*, *Ferreira do Alentejo* e *Falcão III*. No segundo dia os classificados foram, na 1.^a categoria *Tea Top*, *Dominó* e *Espora*, na 2.^a categoria *Elk Prince*, *Grynka Prince* e *Uri B*, e na 3.^a categoria *Regane*, *Grimpador* e *Magalo*.

No conjunto dos dois dias, depois de apuradas as contas, verificou-se que na 1.^a categoria, em primeiro lugar estava *Tea Top*, em segundo lugar *Espora* e em terceiro lugar, ex-aequo, *Dominó* e *Ulla de Lancôme*. Na segunda categoria estava em primeiro lugar *Elk Prince* e em segundo lugar, ex-aequo, *Grynka Prince* e *Texas*. Na terceira categoria ficaram ex-aequo, em primeiro lugar, *Regane*, *Grimpador* e *Ferreira do Alentejo*.

Revista da Cavalaria

Depois de consultadas as classificações do ano anterior, chegou-se à conclusão que o Coronel Tirocinado Henrique Callado se colocara à cabeça, com um total de 99 pontos, ou seja, seis de vantagem sobre os seus mais directos competidores.

XV Semana Equestre Militar de Mafra (15 a 18 de Abril) — Notou-se este ano uma concorrência razoável às diversas provas. Dentre os cavalos novos ou pouco concursados distinguuiu-se *Grimpador*, conduzido pelo Tenente Martins Abrantes, com uma vitória e um segundo lugar. Nas provas de maior categoria os vencedores foram *Espora*, *Penny Stall*, ambos montados pelo Capitão Pimenta da Gama, e *Valnoble*, montado pelo Major Moura dos Santos. *Valnoble* ainda obteve mais dois segundos lugares e *Penny Stall* mais um quarto lugar. *Ulla de Lancôme*, com o Major Carlos Campos, classificou-se duas vezes em segundo lugar e *Flipper*, com o Tenente-Coronel Mário Delgado, duas vezes em terceiro.

C. S. N. de Lisboa (24 de Abril a 3 de Maio) — Como é hábito, este concurso é caracterizado pela realização de grande e variado número de provas, tanto para cavaleiros séniores como para cavaleiros júniores.

Entre os cavalos debutantes destacaram-se *Namuli*, apresentado pelo Capitão Pimenta da Gama, com três vitórias e um quinto lugar, *Harpy Prince*, apresentado por José Marchueta, com três segundos lugares, um terceiro e um quarto, e *Herr*, apresentado por Francisco Caldeira, com uma vitória, um segundo e um terceiro lugares.

Registou-se grande concorrência de cavalos de terceira categoria. Com excepção dos dois últimos dias, a prova maior era destinada a cavalos de primeira e de segunda categoria.

Grimpador, com o Tenente Martins Abrantes, venceu três das provas destinadas a cavalos de terceira categoria. Nos dois últimos dias, ambas as provas destinadas a cavalos de segunda categoria foram ganhas por *Gamo Escuro*, montado pelo Capitão Pimenta da Gama. Nas provas de maior categoria, *Espora*, com o Capitão Pimenta da Gama, ganhou o Grande Prémio e a Prova dos Vencedores e ainda se classificou em segundo, em terceiro e em quarto lugares. *Can Can*, com Francisco Caldeira, obteve um primeiro, dois segundos e um terceiro lugares. *Almansom*, com o Tenente Martins Abrantes, *Endiabrada*, com Francisco Lobo Guedes, e *Gitana*, com Francisco Caldeira, ganharam cada um a sua prova.

Festival da Guarda Nacional Republicana (3 de Maio) — A este festival, realizado no campo de obstáculos do 4.º Esquadrão, na Ajuda,

concorreram oito equipas, representando a Cavalaria Militar, o Estado-Maior do Exército, a Guarda Nacional Republicana, o Colégio Militar, os Antigos Alunos do Colégio Militar, a Sociedade Hípica Portuguesa, o Club da Gandarinha e a Sociedade Hípica e Lebreira de Elvas.

A prova decorreu com muito interesse, pois o resultado esteve incerto até ao final. Depois de se eliminar o pior percurso de cada equipa, foi atribuída a vitória à equipa da Sociedade Hípica Portuguesa, com zero pontos, seguida das equipas da Sociedade Hípica e Lebreira de Elvas, da Guarda Nacional Republicana e do Estado-Maior do Exército, com quatro pontos de penalização cada uma.

C. S. N. de Beja (8 e 9 de Maio) — Pela primeira vez Beja realizou o seu concurso, num campo com boas dimensões, e é de esperar que para o futuro volte a organizar mais provas.

Tanto nas provas de debutantes, como nas provas grandes, foram concedidos prémios a todos os cavalos que terminaram os seus percursos, o que, além de anti-regulamentar, tira a categoria à obtenção de uma classificação.

Nas provas grandes, *Ulla de Lancôme*, com o Major Carlos Campos, ganha a primeira prova e classifica-se em segundo lugar no Grande Prémio, o qual foi conquistado por *Flipper*, montado pelo Tenente-Coronel Mário Delgado. *Valnoble*, com o Major Moura dos Santos, obtém um segundo lugar no primeiro dia, sendo os terceiros lugares respectivamente atribuídos a *Espora*, com o Capitão Pimenta da Gama, e *Gitana*, montada por Francisco Caldeira.

C. S. A. de Elvas (13 a 16 de Maio) — Finalmente Elvas conseguiu a presença de cavaleiros espanhóis no seu concurso. Foram eles, o Capitão Ramiro de Loma, que montava *Brandy*, *Comoda* e *Dali*, o Capitão Cabanas, com *Arpol*, *Bengali II* e *Valido*, e o Capitão Rodriguez de la Hera, que apresentou *Estrella*. Estes cavaleiros obtiveram um total de cinco classificações.

Nas provas grandes do concurso, *Espora*, com o Capitão Pimenta da Gama, conquista o Grande Prémio e ainda ganha outra prova e classifica-se uma vez em segundo e outra em terceiro lugares. *Ulla de Lancôme*, montada pelo Major Carlos Campos, ganha a prova do primeiro dia e fica em segundo lugar no Grande Prémio. Francisco Caldeira, com a sua *Gitana*, obtém uma vitória e um terceiro lugar.

C. S. I. O. de Barcelona (16 a 23 de Maio) — O concurso oficial de Espanha foi este ano realizado em Barcelona. Portugal não podia deixar de estar presente, mas, dada a impossibilidade de se organizar uma equipa condigna, teria sido preferível enviar um ou dois cava-

leiros a concorrer individualmente, do que ter-se enviado uma equipa que não estava em condições de nos poder representar.

Presentes equipas da Alemanha e da Grã-Bretanha, que, não sendo equipas de primeira plana, eram contudo razoáveis. Concorreram individualmente cavaleiros da Bolívia, França e Perú. O concurso, por isso, não teve dificuldades de maior. A Taça das Nações foi transmitida pela televisão e pôde-se observar que não era forte, apenas com um composto, e esse mesmo não causou quaisquer embaraços. Basta dizer que entre as equipas alemã, britânica e espanhola se verificaram dez percursos limpos e sete percursos com quatro pontos. Isto demonstra bem claramente a facilidade da prova. E mesmo assim, os nossos cavaleiros somaram, o melhor 24 pontos e o pior 60 pontos e $\frac{1}{4}$. Ganhou a equipa espanhola com oito pontos, ficando em segundo lugar ex-aequo, a Alemanha e a Grã-Bretanha, com 12 pontos cada uma. A nossa equipa somou 89 pontos.

Nas provas individuais a Alemanha obteve sete vitórias, a Grã-Bretanha conquistou o Grande Prémio e a Copa Generalísimo, duas provas foram ganhas por cavaleiros franceses e na restante prova a vitória foi obtida por um cavaleiro espanhol. Os cavaleiros portugueses obtiveram apenas uma escassa meia dúzia de classificações nas provas pequenas.

C. S. A. de Cáceres (24 a 28 de Maio) — Neste concurso de amizade, com quatro dias de provas, tomaram parte o Dr. Carvalho Martins, com *Grynka Prince*, Vicente Caldeira, com *Gitana*, *Havane* e *Haway*, e Francisco Caldeira, com *Ebano* e *Herr*, obtendo, respectivamente, quatro, sete e oito classificações.

Os cavalos mais classificados foram *Ebano* (2.º, 1.º, 8.º, 2.º), *Grynka Prince* (4.º, 6.º, 10.º, 3.º) e *Herr* (1.º, 2.º, 2.º, 1.º).

A prova mais importante foi ganha por *Herr*, ficando ainda *Ebano* em segundo lugar e *Gitana* em quinto. *Ebano* ganhou a prova maior do segundo dia.

2.ª Semana Internacional de Equitação Militar de Fontainebleau (3 a 9 de Junho) — Segundo o programa distribuído: «*Les Semaines Internationales d'Equitation Militaire, dont la première a été organisée par les Forces Armées Autrichiennes en 1969 à Vienne, sous l'égide du C. I. S. M. (Conseil International du Sport Militaire), ont pour objectifs de développer la pratique du Sport Equestre dans les Armées et permettre aux Cavaliers Militaires de toutes les nations de s'affronter dans des luttes pacifiques où la volonté, l'esprit de décision, le courage et la passion du cheval s'associent.*»

Nesta competição em que se disputaram provas de ensino, de concurso completo, de obstáculos e de corridas de «steeple-chasse», concorreram cavaleiros da Áustria, Bélgica, Espanha, França, Irlanda, Itália, Marrocos, Portugal, Suécia e Suíça.

Portugal apenas concorreu às provas de obstáculos, com o Tenente-Coronel Mário Delgado, montando *Flipper* e *Uri B*, o Major Carlos Campos, que montava *Galiza* e *Ulla de Lancôme*, e o Capitão Pimenta da Gama, montando *Espora* e *Penny Stall*, e às provas de ensino, onde o Major Carlos Campos apresentou *Sedan*.

As provas de obstáculos concorreram cavaleiros de grande classe, tais como os italianos Piero e Raimondo d'Inzeo, os franceses Guy Lefrant, Bernard de Fombelle e Pierre Durand, o irlandês Ringrose, os espanhóis Martinez de Vallejo e Queipo de Llano, os suíços Francis Racine e Ernst Eglin e o belga Jean Damman. Cavalos de categoria, como *Bellevue*, *Bowjack*, *Carven Doone*, *Dawns*, *Enigh*, *Irish Jewell*, *Jack Folly*, *Pitou*, *Quotidiana*, *Red Fox*, *Sam*, *Tabu*, *Tante Judith* e *Vasco da Gama*, estiveram presentes.

Os cavaleiros portugueses não fizeram má figura, tendo *Penny Stall* obtido três classificações, com um quarto e um quinto lugar, *Galiza* duas classificações e *Ulla de Lancôme* um quarto lugar.

Na prova de equipas, um género de Taça das Nações, como apenas apresentássemos três cavaleiros, todos os percursos contavam, e assim um percurso infeliz de *Espora*, na primeira mão, tirou a possibilidade de uma boa classificação, já que os restantes cinco percursos efectuados pouco foram penalizados.

C. S. I. O. de Lourenço Marques (5 a 13 de Junho) — Presentes neste concurso equipas da África do Sul e da Rodésia.

João Correia Mendes, com *Harpagão*, ganha a primeira prova, sendo todas as outras ganhas por cavaleiros da África do Sul. Portugal apenas conseguiu mais duas classificações, sendo uma delas um segundo lugar, também obtido por *Harpagão*. A Rodésia classifica-se oito vezes em provas individuais. A África do Sul obtém uma maioria esmagadora nas classificações individuais, somando 46, das quais dez vitórias. Também consegue uma vitória por equipas, na Taça das Nações.

C. S. I. de Madrid (10 a 16 de Junho) — Neste concurso tomaram parte os cavaleiros que haviam feito parte da equipa que tinha concorrido ao C. S. I. O. de Barcelona.

Presentes, além dos espanhóis, o cavaleiro boliviano Roberto Nielsen Reyes. As provas internacionais (duas por dia) concorreram cerca de 30 cavalos. Os nossos cavaleiros tinham inscritos doze. Não se

compreende como se autorizou que dois deles levassem quatro cavalos, e ainda menos que se lhes tivesse sido permitido concorrer com todos eles.

O nível das provas não foi de grandes dificuldades.

Gitana, com Francisco Caldeira, obteve três vitórias. Nas provas grandes, a melhor classificação dos portugueses foi um quinto lugar no Grande Prémio, conquistado por *Endiabrada*, montada por Francisco Lobo Guedes. O Grande Prémio foi ganho pelo Marquês de Artasons, que montava a égua *Zawenda*, com o ferro da nossa Caudalaria Nacional.

C. S. I. de Reims e de Vichy (12 a 20 de Junho; 26 de Junho a 4 de Julho) — O Capitão Pimenta da Gama, aproveitando a ida a Fontainebleau, tomou parte nestes dois importantes concursos, onde concorreram, além de cavaleiros franceses, grandes nomes do hipismo alemão, belga, brasileiro, britânico, espanhol e suíço.

Ao concurso de Reims concorreram 92 conjuntos, tendo o Capitão Pimenta da Gama obtido, numa prova de caça, um quinto lugar, com a égua *Espora*.

No concurso de Vichy, de famosas tradições, as classificações de *Espora* foram um terceiro, um quarto e um nono lugares.

C. S. N. de Oeiras (24 e 25 de Julho) — Depois de um ano de interregno, voltou a realizar-se o concurso de Oeiras, graças ao esforço e boa vontade do Tenente Antunes Palla.

Com um bom número de cavalos inscritos, disputaram-se provas em dois dias seguidos.

No primeiro dia a prova mais importante foi ganha por *Gitana*, com Francisco Caldeira, e o Grande Prémio coube a *Nageur*, montado pelo Major Alfredo da Cunha, seguido de *Ulla de Lancôme*, com o Major Carlos Campos, e *Valnoble*, que era montado pelo Major Moura dos Santos.

C. S. N. de Sintra (29 de Julho a 1 de Agosto) — Com grande concorrência, o que obrigou a fazer provas de manhã e de tarde, com boa organização e no seu novo campo, realizou-se mais um concurso em Sintra.

Apareceram muitos cavalos debutantes e, nas provas destinadas a cavalos de terceira categoria, correram cerca de meia centena de cavalos. Os júniores também apareceram em grande número.

O Grande Prémio esteve bastante forte, tendo-se assistido a alguns bons percursos. Nos dois primeiros dias, as provas principais foram ganhas por *Valnoble*, com o Major Moura dos Santos, e por *Gitana*,

com Francisco Caldeira, e no Grande Prémio, *Sire du Brossais*, com o Major Moura dos Santos, colocou-se à cabeça, seguido por *Flipper*, montado pelo Capitão Vasco Ramires, e por *Ulla de Lancôme*, montada pelo Major Carlos Campos.

C. S. I. de La Coruña, Vigo, Gijon e Oviedo — Alguns cavaleiros participaram nestes concursos. Porém, como já é usual, não são conhecidos os resultados obtidos. Parece que não há muita vontade na sua divulgação, talvez por que assim alguns cavalos passariam a categoria superior, o que nem sempre convém aos seus cavaleiros.

C. S. N. de Espinho (12 a 15 de Agosto) — Em sobreposição com o concurso da Ericeira, realizou-se o concurso de Espinho. A organização muito boa, o piso excelente e o campo de grandes dimensões dão muita classe a este concurso.

Estiveram presentes a maioria dos cavalos mais categorizados e as provas decorreram com muita animação. Durante os intervalos, realizaram-se corridas de trote atrelado.

As provas mais importantes foram ganhas por *Tea Top* e *Flipper*, ambos montados pelo Capitão Vasco Ramires, e o Grande Prémio coube a *Ulla de Lancôme*, montada pelo Major Carlos Campos. Nos dois primeiros dias, *Valnoble*, com o Major Moura dos Santos, ocupa duas vezes os lugares de honra, e estes também são conquistados uma vez por *Flipper*, com o Capitão Vasco Ramires, e outra por *Ulla de Lancôme*, com o Major Carlos Campos. No Grande Prémio, ao vencedor seguem-se *Sire du Brossais*, com o Major Moura dos Santos, e *Namuli*, com o Capitão Pimenta da Gama.

C. S. N. da Ericeira (12 a 15 de Agosto) — Este concurso reuniu cerca de 40 cavalos de terceira categoria e uma dúzia de cavalos de primeira e de segunda categorias.

As provas de júniores tiveram grande concorrência. Nas provas maiores, destinadas a cavalos de primeira e de segunda categorias, *Grimpador*, com o Tenente Martins Abrantes, ganhou a primeira prova e o Grande Prémio, e ainda se classificou, nos outros dias, em segundo e em quarto lugares. *Penny Stall*, montado pelo Tenente-Coronel Álvaro Sabbo, venceu uma das provas e classificou-se em mais duas.

C. S. I. de Cascais (21 a 29 de Agosto) — Voltou a ter categoria de internacional este já consagrado concurso. Concorreram três cavaleiros espanhóis, a Señorita Isabel Lopez Baqué, com *Napolitain* e *Tenebreuse*, o Capitão Rivero Merry, com *Simbad*, e Don José Rosillo, com *Felino* e *Uka Maru*. A Señorita Isabel Lopez Baqué só concorreu nos três últimos dias, conseguindo três classificações, sendo uma delas o

segundo posto da Taça de Honra. Don José Rosillo também obteve classificações, entre as quais o quarto lugar do Grande Prémio e o quinto da Potência.

O concurso, como sempre muito bem organizado, teve farta concorrência e o público compareceu em quantidade apreciável.

O Capitão Pimenta da Gama ganhou, com *Espora*, a Potência, o Grande Prémio e ainda outra prova, e, com *Namuli*, a Taça de Honra. O Capitão Vasco Ramires ganhou uma prova com *Tea Top* e outra com *Flipper*. O Tenente Martins Abrantes ganhou três provas com *Grimpador*. *Ulla de Lancôme*, com o Major Carlos Campos, também ganhou uma.

Dentre os cavalos com melhor comportamento no concurso, destacaram-se, com cinco classificações, *Ekyr Prince*, primorosamente montado por Manuel Malta da Costa (7.º, 4.º, 3.º, 10.º, 2.º), *Espora* (3.º, 1.º, 1.º, 1.º, 3.º), *Ulla de Lancôme* (5.º, 1.º, 2.º, 2.º, 3.º) e *Valnoble* (4.º, 3.º, 2.º, 2.º, 5.º). Obtiveram quatro classificações, *Grimpador* (2.º, 1.º, 1.º, 1.º), *Namuli* (8.º, 4.º, 6.º, 1.º), *Tea Top* (1.º, 3.º, 5.º, 2.º). Com predomínio das provas pequenas, *Cossaco*, *Gamo Real*, *Penny Stall*, *Regane* e *Zoada* também se classificaram quatro vezes.

C. S. I. da Penina (1 a 5 de Setembro) — Pela primeira vez, três nações estiveram representadas num concurso internacional realizado em Portugal. Foram elas a Bolívia (Roberto Nielsen Reys, com *Conquistador*, *Fehl Post* e *Ukamau*), a Espanha (Señorita Isabel Lopez Baqué, com *Napolitain* e *Tenebreuse*, Don Gonzalo Lazcano, com *Bigotes* e *Vilaya*, e Don José Maria Rosillo, com *Felino* e *Uka Mau*) e a Grã-Bretanha (Miss Janet Smith, com *Black Watch*, *Quinario* e *Rhapsody*). Estes concorrentes muito contribuíram para o brilhantismo do concurso, obtendo várias classificações, das quais as mais importantes foram a vitória do concorrente espanhol Don Gonzalo Lazcano, com *Vilaya*, na primeira prova do último dia, e a vitória ex-aequo, com o Major Carlos Campos, do concorrente boliviano Roberto Nielsen Reys, com *Conquistador*, na última prova do concurso (Potência). Este ainda se classificou em segundo lugar no Grande Prémio, montando *Ukamau*, e a concorrente inglesa Miss Janet Smith também obteve uma classificação, em segundo lugar, com *Black Watch*.

Dos portugueses, o Major Carlos Campos, com *Ulla de Lancôme*, ganha o Grande Prémio e a Potência, o Capitão Vasco Ramires ganha uma prova com *Flipper* e outra com *Tea Top*, o Major Moura dos Santos obtém uma vitória com *Valnoble*, o Tenente Martins Abrantes uma

Revista da Cavalaria

outra com *Grimpador*, e José Cansado Paes coloca-se à cabeça, com *Ferreira do Alentejo*, na restante prova.

Os cavalos que mais se distinguiram, pois se classificaram em todas as provas em que tomaram parte, foram *Flipper* (1.º, 5.º, 2.º, 3.º), *Frou Frou*, que foi montado por Manuel Malta da Costa (3.º, 4.º, 3.º, 8.º), *Tea Top* (6.º, 1.º, 5.º, 5.º), *Ulla de Lancôme* (2.º, 4.º, 1.º, 1.º) e *Valnoble* (3.º, 1.º, 8.º, 4.º).

C. H. N. de Vilamoura (9 a 12 de Setembro) — Aproveitando a presença de cavalos na Penina, Vilamoura organizou o seu concurso hípico com provas de obstáculos e provas de ensino.

Nas provas de ensino, distinguiram-se o Coronel Fernando Paes, com *Arlequin*, e o Major Moura dos Santos, com *Valnoble*.

Cossaco do Tejo, com o Capitão Pimenta da Gama, venceu duas das provas pequenas e classificou-se em segundo lugar noutra. As provas grandes foram respectivamente ganhas por *Valnoble*, com o Major Moura dos Santos, *Espora*, com o Capitão Pimenta da Gama, e *Namuli*, com o mesmo cavaleiro. Os segundos lugares, nos dois primeiros dias, couberam a *Ulla de Lancôme*, com o Major Carlos Campos, e, no Grande Prémio, a *Tea Top*, com o Capitão Vasco Ramires. Os terceiros lugares foram atribuídos, respectivamente, a *Espora*, com o Capitão Pimenta da Gama, *Flipper*, com o Capitão Vasco Ramires, e, no Grande Prémio, novamente a *Espora*.

Nos intervalos das provas, realizaram-se corridas de trote atrelado, que decorreram com grande interesse e foram rijamente disputadas.

C. S. N. de Lamego (11 e 12 de Setembro) — Como as datas deste concurso coincidissem com as do concurso de Vilamoura, os seus organizadores procuraram transformá-lo num festival. Foram convidados alguns cavaleiros, não se cobravam inscrições e os prémios consistiam em objectos de arte. Notou-se muito entusiasmo e boa vontade da parte da organização.

Não sendo os cavalos de grande categoria, os percursos foram delineados na base da simplicidade, com obstáculos pequenos e sem dificuldades de condução. Aproveitou-se o campo de jogos do Liceu de Lamego, sendo o piso satisfatório.

A assistência seguiu com muito interesse as provas, às quais concorreram 16 conjuntos, nas que foram destinadas a cavaleiros séniores, e oito, nas destinadas a cavaleiros júniores. Ambas as provas de séniores foram ganhas por *Sir Edward*, montado por Luiz Canavarro.

C. S. I. de Salamanca (17 a 21 de Setembro) — Tomaram parte neste concurso o Tenente-Coronel Álvaro Sabbo, com os cavalos *Marau*,

Revista da Cavalaria

Penny Stall e *Tir au Blanc*, e o Capitão Pimenta da Gama, que montava *Espora*, *Gamo Escuro* e *Namuli*.

O Capitão Pimenta da Gama obteve assinalado êxito neste concurso, pois, com *Espora*, ganhou todas as provas grandes, classificando-se ainda no Grande Prémio em terceiro lugar, com *Namuli*. Com *Gamo Escuro*, classifica-se três vezes em segundo lugar. No total, 19 classificações, assim distribuídas: Tenente-Coronel Álvaro Sabbo, três terceiros e mais quatro classificações, e Capitão Pimenta da Gama, cinco primeiros, três segundos, um terceiro e mais três classificações.

C. S. N. da Moita (18 de Setembro) — Aproveitando as festas de Nossa Senhora da Boa Viagem, na Moita do Ribatejo, realizou-se nesta vila, pela primeira vez, um concurso de saltos de obstáculos.

A entrada era gratuita e o público acorreu em grande número, seguindo o desenrolar das provas com grande entusiasmo e aplaudindo calorosamente os cavaleiros.

Os percursos estavam bem delineados, mas o piso é que não estava nas melhores condições, pois era bastante pesado.

A Comissão Organizadora das Festas da Moita, dado o bom resultado obtido, decidiu integrar nos próximos anos, nas suas festas, provas de obstáculos.

A prova de mais categoria do concurso foi ganha por *Grimpador*, montado pelo Tenente Martins Abrantes.

C. S. N. de Arruda dos Vinhos (25 e 26 de Setembro) — O concurso de Arruda dos Vinhos, que já há alguns anos se vem realizando, devido ao esforço e tenacidade do Tenente Jorge Ferreira, teve este ano a caracterizá-lo o bom tempo que se fez sentir nos dois dias de provas.

Esteve bem organizado, tendo os cavaleiros premiados recebido com os laços as tradicionais garrafas do belo vinho da região. Pena é que haja concorrentes que levem o seu antidesportivismo a reclamar prémios a que regulamentarmente não têm direito.

Ambas as provas grandes foram ganhas pelo Tenente Martins Abrantes, com *Grimpador*, que assim vem acumulando uma série de triunfos. Em ambas, colocou-se em segundo lugar *Sixième Amour*, o cavalo que a Federação Equestre Portuguesa distribuiu a Francisco Caldeira, mas que tem vindo a ser montado por seu pai Vicente Caldeira.

C. S. I. O. de Lisboa (2 a 10 de Outubro) — Voltou a ter muita categoria o C. S. I. O. de Lisboa. Nada menos do que dez nações representadas. Com equipas, Bélgica, Brasil, Espanha, França, Grã-Breta-

Revista da Cavalaria

nha, Itália, Portugal e Suíça. Individualmente, Bolívia e Suécia. Como o Brasil tivesse apenas três cavaleiros e alguns dos cavalos não estivessem nas melhores condições, foram dispensados de tomar parte na Taça das Nações. Os percursos eram fortes, muito fortes mesmo, mas sérios, com obstáculos muito bem construídos e sem ratoeiras, percursos dum verdadeiro internacional oficial, pelo que os directores de campo são dignos dos maiores elogios.

Entre os concorrentes encontravam-se estrelas de primeira grandeza e assistiu-se a percursos primorosamente executados. Numa prova de caça, Mrs. Alison Dawes, o Tenente-Coronel Piero d'Inzeo, o Capitão Pimenta da Gama e Francisco Caldeira demonstraram como se faz um percurso de caça, cortando e aproveitando o terreno de forma impecável, e três deles colocaram-se nos quatro primeiros lugares da classificação.

O Tenente-Coronel d'Inzeo e Francisco Caldeira obtiveram quatro vitórias em provas individuais, e Mrs. Alison Dawes obteve três vitórias individuais e colaborou na conquista da Taça das Nações para a equipa britânica. Paul Weier ganhou o Grande Prémio. Mário Baumgartner ganhou a prova pequena do último dia, e Mlle. Françoise Thiry, ex-aequo com Mrs. Alison Dawes, classificou-se em primeiro lugar na Potência.

Os nossos cavaleiros conseguiram 26 classificações, sendo as mais importantes, além das quatro vitórias de *Gitana*, um terceiro lugar na Potência, alcançado por *Espora*, montada pelo Capitão Pimenta da Gama, e um segundo lugar de *Valnoble*, com o Major Moura dos Santos, na primeira prova do último dia. O Capitão Pimenta da Gama obteve cinco classificações e o Major Carlos Campos quatro. Francisco Caldeira, além das quatro vitórias já referidas, ainda conseguiu mais cinco classificações.

Os cavalos que melhor figura fizeram foram *Enigh*, que se classificou todos os dias nas provas grandes — seis classificações individuais e a participação na Taça das Nações —, *Gitana*, com seis classificações, das quais quatro vitórias —, *Quotidiana*, com seis classificações — três primeiros, um segundo e dois terceiros —, *Wulf*, com cinco classificações nas provas grandes — vencedor do Grande Prémio, participação na Taça das Nações, um segundo e dois terceiros —, e *The Maverick*, três vitórias individuais — dois segundos lugares e a participação na conquista da Taça das Nações.

Como o novo regulamento da Federação Internacional limitasse o número de cavaleiros portugueses a poder participar no concurso, houve que fazer uma selecção, mas a dificuldade foi conseguir arranjar cava-

Revista da Cavalaria

leiros com possibilidades de participar num concurso de tal envergadura. De fora ficaram cavalos com categoria para poder tomar parte nas provas, mas os seus cavaleiros não estavam em condições de os poder aproveitar num concurso tão categorizado.

A organização muito boa. Apenas há a notar, e isto é uma gota de água no oceano, a colocação das bandeiras no muro da última prova do concurso, que não estava de acordo com o parágrafo 4 do Art. 206.º do Regulamento da Federação Internacional.

Campeonato de Portugal de Júniores, Taça Fred Saalfeld (1 a 8 de Dezembro; 4 e 5 de Dezembro) — A Sociedade Hípica Portuguesa nas competições de encerramento da época de 1971 tinha projectado organizar o Critério do Cavalo Nacional de 4 Anos, o Campeonato de Portugal de Júniores e a Taça Fred Saalfeld, destinada a cavalos de terceira categoria.

Por falta de inscrições, não se realizou o Critério do Cavalo Nacional de 4 Anos, o que é pena, pois se interrompe uma competição que há anos se vinha realizando e que tinha muito interesse.

No Campeonato de Júniores, José Carlos Caldeira, montando *Gitana*, venceu as três provas e a final, consagrando-se assim o Campeão Júnior de 1971. José António Gata fica em segundo lugar, com *Namuli*, na primeira e na terceira provas, e com *Gamo Escuro*, na segunda. *Diabo*, com João Maria Bravo, ocupa os terceiros lugares, na primeira e na segunda provas. No conjunto, a João Carlos Caldeira, seguem-se José António Gata e José Mendes Coelho.

Na Taça Fred Saalfeld, João Ferreira dos Santos, com *Espartacus*, ganhando as duas provas, conquista a Taça. A seguir, classificam-se o Major Carlos Campos e Francisco Caldeira.

Coronel VIANA CRESPO



Galeria dos Vencedores

Oficiais vencedores dos Grandes Prémios e respectivos cavalos

Certames	Cavaleiros	Cavalos
XV S. E. M. de Mafra	Maj. Moura dos Santos	<i>Valnoble</i>
C. S. N. de Lisboa	Cap. Pimenta da Gama	<i>Espora</i>
C. S. N. de Beja	Ten.-Cor. Mário Delgado	<i>Flipper</i>
C. S. A. de Elvas	Cap. Pimenta da Gama	<i>Espora</i>
C. S. N. de Oeiras	Maj. Alfredo da Cunha	<i>Nageur</i>
C. S. N. de Sintra	Maj. Moura dos Santos	<i>Sire du Brossais</i>
C. S. N. de Espinho	Maj. Carlos Campos	<i>Ulla de Lancôme</i>
C. S. N. da Ericeira	Ten. Martins Abrantes	<i>Grimpador</i>
C. S. I. de Cascais	Cap. Pimenta da Gama	<i>Espora</i>
C. S. I. da Penina	Maj. Carlos Campos	<i>Ulla de Lancôme</i>
C. H. N. de Vilamoura	Cap. Pimenta da Gama	<i>Namuli</i>
C. S. I. de Salamanca	Cap. Pimenta da Gama	<i>Espora</i>
C. S. N. da Moita	Ten. Martins Abrantes	<i>Grimpador</i>
C. S. N. de Arruda dos Vinhos	Ten. Martins Abrantes	<i>Grimpador</i>

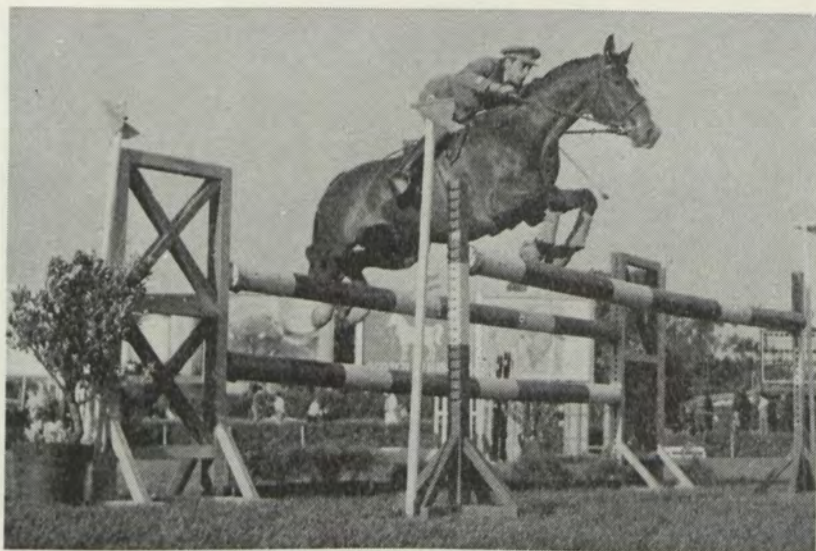
Revista da Cavalaria

Oficiais melhor classificados nos Concursos Internacionais
e respectivos cavalos

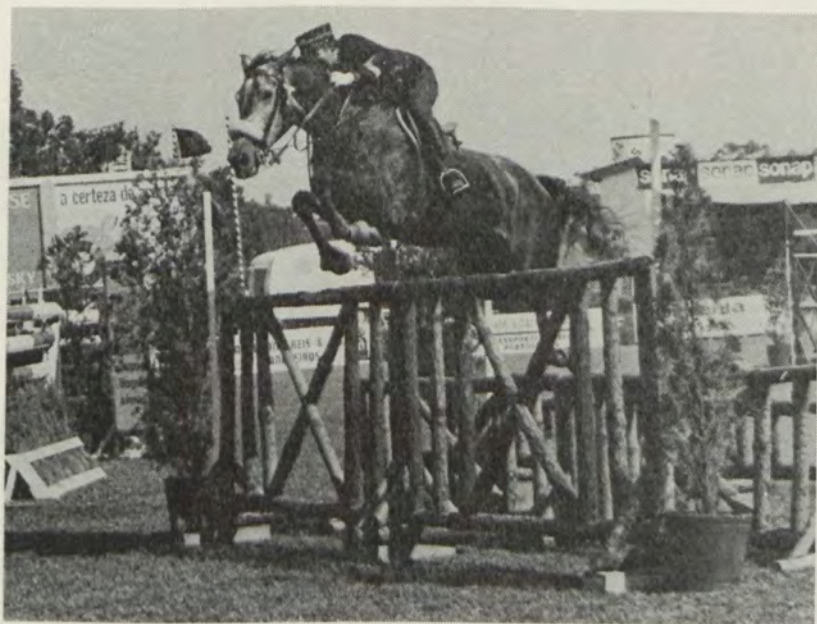
Certames	Cavaleiros	Cavalos
C. S. A. de Elvas	Cap. Pimenta da Gama	<i>Espora</i>
S. E. M. de Fontainebleau	Cap. Pimenta da Gama	<i>Penny Stall</i>
C. S. I. de Reims	Cap. Pimenta da Gama	<i>Espora</i>
C. S. I. de Vichy	Cap. Pimenta da Gama	<i>Espora</i>
C. S. I. de Cascais	Cap. Pimenta da Gama	<i>Espora</i>
C. S. I. da Penina	Maj. Carlos Campos	<i>Ulla de Lancôme</i>
C. S. I. de Salamanca	Cap. Pimenta da Gama	<i>Espora</i>
C. S. I. O. de Lisboa	Cap. Pimenta da Gama	<i>Espora</i>



Revista da Cavalaria



O Major Moura dos Santos, montando Valnoble



O Capitão Pimenta da Gama, montando Espora

Revista da Cavalaria



O Ten.-Coronel Mário Delgado, montando Flipper



O Major Alfredo da Cunha, montando Nageur

Revista da Cavalaria



O Major Moura dos Santos, montando Sire du Brossais



O Major Carlos Campos, montando Ulla de Lancôme

Revista da Cavalaria



O Tenente Martins Abrantes, montando Grimpador



O Capitão Pimenta da Gama, montando Namuli

Jornaes revistas livros

No declínio em que se apresenta a nossa preparação para a guerra clássica, nunca é demais salientar a importância que tem para as tropas de Cavalaria a existência de pessoal habilitado e material adequado para o tipo de operações próprias de uma guerra dessa natureza, qualquer que seja o ambiente (nuclear ou não nuclear) em que se desenrolem.

No Exército Português, há quem suponha que, para as nossas guerras, bastará um EM pensante: — Unidades de um só tipo. BI — que, se necessário, montarão em viaturas e pegarão no tipo de arma que for preciso. Ora não é assim. Nem estamos livres de ter uma guerra do tipo clássico nas nossas Províncias Ultramarinas, nem nos devemos convencer, lá porque vimos conseguindo, em contra-guerrilha, êxitos que grandes Nações não foram capazes de conseguir, que sabemos mais que esses Países. Todos esses Países continuam a dar a maior importância aos blindados e no caso particular da Cavalaria Ligeira Blindada (nosso Reconhecimento), ao grande trabalho que lhe cabe, tanto na manobra das G. U. em Campanha, como na segurança Interna do Território, aperfeiçoando-a cada vez mais e mantendo-a em condições de eficiência permanente. Não nos podemos pois esquecer que essa eficiência é produto de um elevado número de especialistas, do seu aturado treino e não do improvisado.

Cremos que Portugal, com o prestígio que tem adquirido pela sua conduta em todos os campos da sua política, não deve perder a oportunidade que se lhe proporciona de, no campo militar, poder ombrear também com as outras Nações da Europa, não por simples capricho, mas porque a isso obrigam a grandeza do Território Nacional e a ameaça proveniente da infiltração russo-chinesa em Africa, cada vez mais flagrante.

Nunca a Tática de Cavalaria em Guerra Clássica foi bem conhecida da maioria dos Oficiais do nosso Exército.

Julgamos, por isso, que não deixará de ter a sua utilidade, para refrescar conhecimentos e assentar ideias, saber o que dizem os franceses acerca da Cavalaria, e, como tal, transcrevemos de «L'Armée» e da «Revue Militaire Générale» os dois artigos que se seguem.

A Cavalaria Ligeira Blindada

Artigo publicado na revista «L'Armée» (n.º 111,
de Novembro-Dezembro de 1971), traduzido pelo
Coronel ANTÓNIO CRESPO

Informar foi sempre o primeiro painel do tríptico que caracteriza as missões tradicionais da Cavalaria.

Em todas as épocas, foi à Cavalaria Ligeira, Hussardos e Caçadores e mais tarde Spahis, a quem, mais especialmente, foi confiada a responsabilidade das missões de informação.

Modernamente, a Cavalaria Ligeira Blindada ⁽¹⁾ substituiu os anglo-árabes por motores. Mantém-se uma subdivisão da Arma, especialmente apta à procura da informação no campo de batalha.

Na era nuclear, permanece necessária e eficaz.

Um meio de procura agressivo para fazer face a uma extensa gama de situações

A maioria dos meios de procura, técnicos ou humanos, utilizados pelo Corpo de Exército, só *pela observação* exercem a sua acção. Assim, podem dar uma fisionomia geral do volume do adversário, do seu ritmo de progressão e da sua articulação, mas não garantem a continuidade da procura. O nevoeiro põe em embaraços a aviação, as máscaras do terreno detêm as ondas radar, o silêncio rádio frustra as escutas...

Por outro lado, estes meios apenas raramente fornecem as indicações exactas acerca das Unidades inimigas empenhadas e da sua atitude.

As Unidades de C. L. B., à sua parte, completam, *pela observação e pelo combate*, as informações recolhidas nas telas, películas ou fitas magnéticas. Depois de tomarem o contacto com o Inimigo, são capazes de fornecer permanentemente informações numerosas, exactas e variadas. Estas Unidades

⁽¹⁾ Nota do autor: A designação «Cavalaria Ligeira Blindada» (C. L. B.) é preferível à de Reconhecimento. Com efeito, é desejável evitar designar com o mesmo nome a própria Unidade e uma das missões que é susceptível de desempenhar.

garantem, além disso, a segurança do dispositivo. Permitem ao Comando empenhar da melhor forma as Grandes Unidades que elas «esclarecem e protegem na fase preliminar da batalha», como já o dizia o General de Brack.

Durante o desenvolvimento da acção principal, estão em condições de vigiar os «espaços vazios» do campo de batalha (intervalos, flancos...), recolher informações acerca dos efeitos das armas nucleares (amigas ou inimigas), avaliar a importância e os resultados das acções heli ou aerotransportadas do adversário.

Seria assim muito difícil renunciar à C. L. B.; aliás sob nomes diversos, todas as Forças Armadas modernas a têm à sua disposição.

Uma «Palavra de Ordem»: Conseguir a informação pelo combate

Não obstante determinadas insuficiências, a C. L. B. oferece uma indubitável quantidade de características muito curiosas para a procura da informação, as quais são, além disso, complementares das dos meios que foram precedentemente evocados. Assim:

- O seu rendimento não está dependente da meteorologia e estaria menos afectado por contra-medidas electrónicas que o da maioria dos meios de procura técnicos;
- as Unidades de C. L. B. têm grande mobilidade e podem, sem dificuldade de maior, deslocar rapidamente o ponto de aplicação dos seus esforços em várias dezenas de quilómetros;
- enfim, e sobretudo, a C. L. B. pode *conseguir a informação pelo combate*, empenhando as suas Unidades até ao contacto com o dispositivo de segurança adversa; procura destruir ou bloquear os reconhecimento inimigos, a fim de provocar o empenhamento das guardas avançadas; assim, ele é o único a poder precisar determinadas informações, avaliar as reacções do adversário e, em certos casos muito favoráveis, levá-lo a desvendar os seus eixos de esforço.

Olhos, antenas, canhões... a cem à hora

Para se obter o máximo de eficácia dos materiais actuais — engenhos blindados de reconhecimento (E. B. R.), autometralhadoras ligeiras (A. M. L.), jipes, camionetas — existem hoje nas Forças Armadas Francesas dois tipos de Regimentos de C. L. B.:

- Regimentos de E. B. R., nas Forças de Manobra ao nível do Corpo de Exército;
- Regimentos de A. M. L., nas Forças Territoriais.

Estes Regimentos executam acções a grande distância sobre frentes de quarenta ou cinquenta quilómetros, num quadro *ofensivo* (descoberta, reconhecimento, intervenção anti-pára-quedistas...), ou *defensivo* (balizagem, eventualmente retardamento...).

Revista da Cavalaria

Em qualquer dos tipos de Regimento, o Esquadrão é a Unidade de emprego e de manobra. É constituído por três ou quatro Pelotões blindados e um Pelotão transportado em camionetas. Opera numa zona com uma frente de dez a quinze quilómetros, e está afeito a cooperar com as outras Armas, em especial com a ALAT (Aviação Ligeira de Exército) e a Engenharia.

No escalão mínimo, o Pelotão é a Unidade de base indissociável (3 E. B. R. e 3 jipes, ou 5 A. M. L. e 4 jipes) apta para executar uma missão simples: especialmente esclarecer sobre um único eixo, ou montar uma emboscada ao Inimigo.

A Cavalaria Ligeira Blindada permite a procura da informação, tanto pela observação, como pelo combate. O seu modo de acção é muito descentralizado. O Coronel dispersa os seus Pelotões como outras tantas testas de exploradores. Cada Comandante de Pelotão ambiciona inicialmente estabelecer o contacto, para contribuir para o desvendar da situação. Seguidamente, sistematicamente, procura «furar», a fim de informar mais longe e com maior exactidão.

Todas as guarnições têm a consciência da importância da sua missão — «informar». Estão treinadas para esta finalidade e procuram fazer chegar, rapidamente, de uma forma eficaz, assegurada pelos meios de transmissão de que dispõem, à autoridade superior, as informações sacadas ao adversário.

Aquilo que frequentemente se denomina o estado de espírito da «Ligeira» não é de facto senão uma manifestação da vontade dos chefes de C. L. B. de serem sempre eficazes com o mínimo esforço.

APLICAÇÃO

Regimento de Caçadores n.º 8

19 de Outubro — 21H00

O P. C. está instalado em MONTRÉSOR.

O Tenente-Coronel Comandante do Regimento (C. L. B. das Forças Territoriais) consulta o seu relógio. Já se passaram duas horas depois de ter recebido a sua missão:

«Assegurar a cobertura do flanco Oeste do III C. E., durante a noite de 19 para 20 e a tarde de 20, informando acerca da atitude inimiga entre TOURS e o confluente Vienne-Creuse, junto de LA HAYE-DESCARTES. Para isso, fazer a ligação com a Brigada Territorial que ocupa o sector TOURS-MONTBAZON e as Unidades de Infantaria de D. O. T. que garantem a vigilância do flanco Leste da testa-de-ponte bistré ao longo da R. N. (Estrada Nacional) 10 e do rio Vienne.»

A missão tinha-lhe parecido fácil ao princípio, mas complicou-se com a escuridão — o 8 ainda não recebeu binóculos com intensificação de luz... Dispõe contudo dum Pelotão de radares RASURA. O Comando colocou-os na C. L. B. a fim de lhe dar o «espírito radar», enquanto não é distribuído material mais moderno.

Aliás, o dispositivo amigo é fraco e mal conhecido.

Revista da Cavalaria

Enfim, o adversário é incisivo: pára-quedistas da 8.^a D. A. P. bistre conseguiram atravessar a linha vigiada pela Infantaria amiga e foram assinalados progredindo para Leste.

Tratar-se-á de operações de guerrilha, ou de preliminares duma operação em grande estilo, em direcção à SOLOGNE?

O Coronel dividiu a sua zona pelos seus Esquadrões. Os seus Pelotões progredem para Oeste: os seus relatórios chegam-lhe regularmente por «R. A. S.».

Súbitamente, um altifalante roufenha «Whisky de Tango. Junção com Hourvari realizada em Vermelho D 16.20».

Whisky aplica a sua grade na carta e indica MANTHELAN 16 quilómetros a Oeste de LOCHES.

21H15, na aldeia MANTHELAN

Tango, o Capitão Comandante do 3.^o Esquadrão contactou, ele próprio, com o Comandante da Companhia. Tomou conhecimento com exactidão da posição dos postos e das patrulhas da Infantaria.

Decidiu desdobrar os seus Pelotões num intervalo do dispositivo, ao longo da estrada D 50, entre MANTHELAN e SAINT-BRANCHS. As suas A. M. L. e os seus jipes embrenharam-se na escuridão. O grupo RASURA colocou-se em vigilância na direcção Oeste. O Pelotão transportado foi a pé montar uma emboscada. As guarnições do Pelotão A. M. L. de reserva foram estender-se num celeiro.

O Capitão espera... No correio, o 1.^o Sargento do Esquadrão chama sistematicamente ao telefone todos os assinantes das aldeias da região. O Capitão espera encontrar na linha um habitante que lhe possa dizer onde viu pára-quedistas... Em movimento, as A. M. L. poucas probabilidades têm de poder surpreender uma coluna inimiga e uma emboscada daria mais resultado...

22H30, na encruzilhada D 21-D 50

O Tenente B. vigia na sua torre; o volume do rádio está no mínimo e B. escuta com a maior atenção... De repente, rajadas e rebentamentos de granadas para Oeste. «Condutor, em frente... Azul 1 e 2, atrás de mim... Azul 3 está fixado...». As A. M. L. mergulham na escuridão... Súbitamente, B. berra: «Condutor, alto... Torre à esquerda. Objectivo, Infantes inimigos... Metralhadoras, fogo... «Azul 1 e 2, cortem-lhes a retirada.» Os projectores de infravermelhos esquadrinham as bermas da estrada. As rajadas estalam amiudadamente, acentuadas com rebentamentos de morteiros de 60.

22H40

Cessou o combate; o adversário conseguiu retirar para Oeste. B. faz o seu balanço: um morto e um ferido ligeiro nas suas tropas, quatro cadáveres inimigos, pára-quedistas reconhecíveis pelas suas botas de salto e pelas suas

Revista da Cavalaria

P. M. de corronha de dobrar. Os Caçadores pesquizam o terreno. A luz das suas lanternas eléctricas, encontram estendido por terra um ferido inimigo.

H., o Sargento adjunto, que arranha a língua inimiga, faz-lhe um penso sumário e algumas perguntas.

B. compenetra-se que no local nada conseguirá obter. Além disso, tem o tempo contado para explorar esse primeiro estreitamento de contacto: vai pedir que venham buscar os feridos, entre os quais o prisioneiro. Pega no seu microfone: «Tango, aqui Azul. Acabo de estreitar o contacto em Delta 78. Quatro pára-quedistas inimigos mortos. Um ferido prisioneiro. Tive um morto e um ferido. Peço evacuação sanitária. Tento interceptar os pára-quedistas para aquém da R. N. 10».

23H55

O Coronel lê a mensagem para o III C. E., redigida pelo seu Oficial de Informações: «Origem Regimento de Caçadores 8 19 24H00 A X Regimento desenvolvido entre MONTBAZON e LA HAYE-DESCARTES X Tomei contacto com Infantaria amiga X Vários estreitamentos de contacto entre 21H00 e 23H30 com elementos inimigos identificados como pára-quedistas da 8.^a D. A. P. X Adversários retiraram para Oeste em todos os pontos X Não parecem constituir séria ameaça para as forças esmeralda. Contudo possíveis indícios de próxima ofensiva da 8.^a D. A. P. Ruído de helicópteros captados por 22H00 região SAINTE-MAURE-DE-TOURAINNE indica talvez preparativos de operações aeromóveis.»

«Está bem, diz o Coronel, cifra e envia».

Regimento de Hussardos n.º 6

20 de Outubro — 10H50

Um E. B. R. F. L. 10, um jipe e uma camioneta rádio deslocam-se rapidamente em direcção a CHATEAUDUN, pela R. N. 825. É o P. C. ligeiro do 6 de Hussardos. A bordo do E. B. R. de comando, o Coronel está pensativo. Recebeu uma magnífica missão de «Ligeira»:

«Transpondo o rio LOIRE em MEUNG, à retaguarda da Brigada de vanguarda da 5.^a D. M., cobrir o C. E. na direcção Norte, informando acerca da situação inimiga em BEAUCE, pelo menos por alturas de CHATEAUDUN, na melhor hipótese por alturas de CHARTRES.

Em caso de encontro com elementos mecanizados inimigos, balizar o seu avanço...»

Entretanto, o 6.º, que está agora desenvolvido por cerca de 50 quilómetros, empenhou todos os seus meios e os estreitamentos de contacto multiplicam-se...

Já era tempo do 7.º de Hussardos, que deveria transpor o rio LOIRE atrás dele, poder tomar à sua conta uma parte da missão, mas as pontes de MEUNG acabam de ser bombardeadas.

Revista da Cavalaria

No P. C. chovem as mensagens:

«Whisky aqui Roméo (1.º Esquadrão)... O meu Pelotão Azul alcança ALLAINES pela R. N. 154. Encruzilhada minada. Tiros de armas automáticas. Um E. B. R. imobilizado. O meu Pelotão Amarelo está em JANVILLE. Ultrapasso ALLAINES por Leste e Oeste e continuo em direcção de CHARTRES.»

«Whisky aqui Sierra (2.º Esquadrão)... Continuo bloqueado em CHATEAUDUN. Pelotão transportado e dois Pelotões de E. B. R. duramente empenhados por alturas da ponte. Três E. B. R. destruídos. Efectivo inimigo pelo menos uma Companhia. Peço instruções.»

Ao mesmo tempo, o 3.º Esquadrão anuncia que chega a BROU e que fez um prisioneiro.

Quanto ao 4.º Esquadrão (Uniforme), estava até então de reserva, mas o Coronel acaba de o empenhar entre o 2.º e o 1.º Esquadrões, para ultrapassar CHATEAUDUN.

11H00, no P. C. do 4/6.º R. H. em CIVRY

«Uniforme aqui Negro... Estou à vista de VARIZE, as orlas fervilham com pessoal. Não fiz fogo, mantenho o contacto.»

«Uniforme aqui Verde... Acabo de chegar a CONIE, aldeia ocupada, alvejado e falhado por um foguetão. Mantenho o contacto.»

«Uniforme aqui Vermelho... Acabo de transpor a ribeira CONIE entre Amarelo e Verde. Via livre em direcção do Norte.»

O Capitão pega no seu microfone: «Castanho aqui Uniforme, siga à retaguarda de Vermelho e apoie-o. Objectivo BONNEVAL.»

Às 11H15, o Pelotão Castanho do 4/6.º R. H. roda na D 27, em direcção a BONNEVAL, enquanto Vermelho se infiltra mais a Leste, a fim de abordar a povoação pela retaguarda. À vista da localidade, o E. B. R. da testa pára no topo duma crista.

«Castanho 1, comanda Castanho, vigie a orla e cubra-me. Ultrapasso-vos. Castanho 3 e 4, atrás de mim, em frente.»

Alguns minutos depois, Castanho 1 vê surgir por cima da aldeia fumo negro; ouve pela rádio:

«Uniforme aqui Castanho... Estou dentro de BONNEVAL. Destruí dois camiões inimigos na aldeia. Estou a revistá-los.»

11H25, o Coronel envia uma mensagem ao C. E.

«Linha atingida pelo 6.º Hussardos BROU-BONNEVAL-JANVILLE. Vários contactos com elementos territoriais que parece ocuparem aldeias X Destacamento GALCA reconhece direcção NOGENT-BELLÈME X Um Esquadrão ainda empenhado em CHATEAUDUN X Peço a sua rendição por Infantaria helitransportada X Intenção continuar em direcção de CHARTRES.»

No P. C. do C. E., a 2.ª Repartição informa o General: «Não há ameaças no vosso flanco Norte, a 5.ª D. M. pode marchar sobre o Inimigo para Oeste.»

As Unidades de Reconhecimento em França e nos Países Estrangeiros

Artigo do General I. MARZLOFF, publicado na «Revue Militaire Générale»
e traduzido pelo Coronel-Tir.º FREIRE DAMIÃO

Preocupados em empenhar as suas forças de manobra nas melhores condições, todos os Exércitos têm reservado um lugar muito importante ao estudo das missões de reconhecimento e à formação das Unidades encarregadas de as executar.

Para fazer face às necessidades particulares de informação, de segurança e eventualmente de decepção que constituem o quadro das suas missões tradicionais, todos os Exércitos especializaram Unidades: organização, emprego e forma de actuar, materiais e equipamentos variam com os conceitos de defesa e as situações particulares das diferentes Nações.

No entanto, a todos se impõe a sua necessidade, mesmo que seja só para economizar e reservar as suas Grandes Unidades ou Agrupamentos de Forças para as acções principais.

Nos escalões elevados do comando, os Chefes responsáveis devem estar informados para conceber e conduzir a sua manobra, cobrir o seu dispositivo antes e durante o desenrolar da acção e, eventualmente, iludir o Inimigo sobre as suas intenções.

O aparecimento da arma nuclear poderá transformar sèriamente os aspectos da batalha; a sua ameaça imporá necessidades suplementares, primeiramente em informação, mas também de segurança, consequentes da dispersão dos dispositivos.

A brutalidade das acções nucleares provocará mudanças bruscas de situação, exigindo reacções rápidas para explorar as ocasiões favoráveis, ou restabelecer os dispositivos desconjuntados. Isto diz-nos quanto se ampliou o campo de acção das Unidades de Reconhecimento.

Claro que, paralelamente, a técnica põe à disposição do Comandante destas Unidades meios cada vez mais evoluídos: aviação especializada e helicópteros, escuta rádio e referenciação rádio-goniométrica, *drones*, radares, equipamentos de infra-vermelhos e amplificadores de luz. No entanto, as Unidades chamadas de Reconhecimento continuam indispensáveis para precisar a informação geral

recebida dos escalões superiores, garantir a segurança dos dispositivos, tornada cada vez mais precária em ambiente nuclear, e, eventualmente, iludir o adversário sobre as nossas intenções.

FRANÇA

A CAVALARIA LIGEIRA BLINDADA

O vocábulo Cavalaria Ligeira Blindada abrange, em França, o conjunto das Unidades de Reconhecimento, assinalando, assim, a missão tradicional. Aliás, encontramos, nos Estados Unidos da América, o mesmo conceito com a «Light Cavalry».

Em França, o emprego desta Cavalaria Ligeira Blindada deve ser estudado sob o seu duplo aspecto actual:

- Forças de Batalha
- Defesa Operacional do Território (DOT)

A. — *O Reconhecimento nas Forças de Batalha*

Na doutrina francesa, o reconhecimento deve actuar no escalão onde converge a maior parte das informações sobre o Inimigo, fornecidas pelo conjunto dos meios poderosos e longínquos (aviação, mísseis de reconhecimento, etc.).

É, portanto, do escalão Corpo do Exército que dependerão os nossos elementos de Cavalaria Ligeira Blindada encarregados de procurar, o mais longe possível, as informações de contacto. Com efeito, é a este escalão que compete precisar as missões das Divisões, e aquelas não poderão ser atribuídas correctamente, a não ser que o reconhecimento tenha podido «arrancar a informação».

As missões da CLB serão, portanto, de duas naturezas diferentes e complementares:

- A investigação, isto é, a procura do Inimigo pela observação;
- O contacto, isto é, a precisão dada sobre a natureza e o valor da ameaça.

Com efeito, na maioria das vezes, a observação não bastará para satisfazer as necessidades do comando; será necessário apreciar as reacções do adversário e conduzi-lo a revelar o essencial do seu dispositivo e, consequentemente, da sua manobra.

Formas de actuar e meios de acção muito particulares, devem permitir-lhe combater sem se deixar empenhar.

Além destas missões clássicas do decorrer da batalha, as Unidades Ligeiras Blindadas constituem um conjunto de meios de informação e de combate, representando, para os escalões elevados do comando, uma reserva de fogos muito móvel, pronta a fazer face a situações imprevistas, que os fogos nucleares não deixarão de criar.

Organização — Estruturas

A CLB está organizada em Regimentos, em princípio dois por Corpo de Exército, além das Reservas Gerais. O Regimento comporta quatro Esquadrões a quatro Pelotões de três EBR Panhard e um Pelotão transportado, constituindo um conjunto fortemente dotado de meios de transmissão. Estes vinte Pelotões constituem um sistema de observação, que pode actuar em terreno médio, numa frente de 30 a 45 km.

A célula base, que é o Pelotão, com uma Secção de exploradores em viaturas ligeiras (presentemente «jeeps») e uma Secção blindada de fogo de 3 EBR, contém em si a expressão da dupla missão da CLB. A modernização da EBR, dotada presentemente dum canhão de 90, caracteriza a evolução em curso nos últimos anos — reforço da potência, tendo em vista o combate —, evolução que se processa por meio de planos: estudos, experiências e novos materiais.

Primeiro que tudo, impõe-se a necessidade duma cooperação mais estreita com as Unidades de helicópteros, prolongamento natural das Unidades blindadas nas missões de reconhecimento. Em virtude de os aspectos financeiros impedirem uma integração pura e simples de meios de terceira dimensão, poderiam ser considerados, no escalão Regimento, destacamentos de ligação orgânicos do ALAT ⁽¹⁾. Assim, será facilitada a adaptação dos meios, conforme as necessidades de momento.

A atribuição de meios radar do tipo RASIT, para prolongar a vigilância própria das Unidades de Reconhecimento, seria muito útil de dia e insubstituível para o combate nocturno; assim, seria compensada a fraqueza numérica das Unidades de CLB nas zonas de emprego normalmente muito importantes.

No plano dos materiais, as buscas prosseguem, primeiro no campo do engenho encarregado da pesquisa e, em seguida, no do engenho blindado ligeiro e potente de lagartas ou de rodas, tendo como armamento o canhão automático e o míssil combinados. Esta última arma tem uma importância primordial pela sua potência e sobretudo pelo seu alcance, permitindo-lhe atingir qualquer blindado e escapar-se dele rapidamente.

A gama actual de que a França dispõe é extensa: *Milan, Accra, Hot* permitem cobrir todos os alcances práticos de combate, com uma eficácia que o tele-comando automático acaba de reforçar muito seriamente.

Antes de iniciar a comparação com as outras Nações, torna-se necessário fixar que, para o Exército Francês:

- Os Regimentos de Cavalaria Ligeira Blindada trabalham no escalão Corpo de Exército;
- a sua missão não é unicamente a observação, mas, também, estabelecer o contacto com o Inimigo, podendo mesmo ter que combater.

Dentro desta óptica, o Comandante do CE pode confiar às suas Unidades de CLB missões muito diferentes, as quais, em contrapartida, exigem chefes que, em todos os escalões, as definam sem ambiguidade, no espaço e no tempo.

(¹) *Aviation Légère de l'Armée de Terre.*

Revista da Cavalaria

B. — O Reconhecimento no Quadro da Defesa Operacional do Território (DOT)

As missões ditas de DOT impõem o controle de extensas superfícies; trata-se de actuar contra as penetrações adversas e de prosseguir a luta se o território for invadido.

O Inimigo com o qual os Regimentos de Reconhecimento podem confrontar-se, varia dum simples comando infiltrado a uma Unidade de pára-quedistas lançada sobre as retaguardas ou a uma coluna blindada que tenha atravessado o dispositivo das forças de manobra.

Toda a intervenção assenta numa organização da informação. Na DOT, esta informação pode ser proveniente tanto da população como da «gendarmerie», como, bem entendido, da própria Unidade.

É indispensável que os meios de transmissão tenham sido previstos para estas diversas eventualidades; a marcante superioridade da Unidade de DOT reside num conhecimento perfeito do terreno e das suas possibilidades.

É para isto que devem concorrer todos os exercícios em tempo de paz, e não é menos importante que estes exercícios ponham as Unidades em estreito contacto com as populações.

Quanto à logística, esta deve também ser pré-estabelecida. Pode consistir em depósitos do antecedente dispersos; deve poder recorrer ao sector civil, tanto para os abastecimentos como para a evacuações.

Em resumo, a forma de combate da DOT assemelha-se muitas vezes mais com a guerrilha do que com a verdadeira guerra. Dando a possibilidade de intervir com meios relativamente potentes, as Unidades Blindadas podem desempenhar um papel essencial no seio das Forças do Território.

O material francês que melhor se presta às tarefas da DOT é a AML Panhard; ele é o material base dos Regimentos de Cavalaria Ligeira Blindada da DOT.

Veículo de rodas, servido por uma guarnição de 3 homens, aerotransportável, graças ao seu fraco volume e ao seu reduzido peso, a AML dispõe de uma autonomia de 600 km. É-lhe possível dissimular-se atrás do mais pequeno coberto.

O seu armamento difere, conforme as versões, desde o modelo armado com um morteiro de 60 e com duas metralhadoras de 7,5 acopladas até ao modelo armado com canhão de 90 mm, susceptível de lançar uma granada anticarro de carga oca até ao alcance prático de 1200 m.

A organização básica das Unidades da DOT em tempo de paz é o Regimento, que, no combate, se manterá como um escalão de coordenação e de apoio logístico.

O Regimento compreende 190 viaturas, das quais 50 são AML, e 200 postos rádio. Das AML, cerca de dois terços são AML 7,5 ou 12,5, e um terço de AML 90.

A Unidade normal de actuação, *operacional*, é o *Esquadrão*, que é capaz de accionar Secções autónomas em zonas que podem atingir 1000 km².

O *Esquadrão* compreende 45 viaturas, das quais 16 são AML (seis armadas com canhão 90) e 50 postos rádio. Está articulado em seis Pelotões (um Pelotão

de comando, três Pelotões de AML, um Pelotão de Comandos e um Pelotão de Manutenção).

Esta composição faz ressaltar bem a possibilidade do Comandante do Esquadrão conduzir uma acção independente, combinando as possibilidades dos seus blindados com as dum Comando de 32 combatentes especiais, colocados sob as ordens dum Oficial.

Dentro da mesma ideia, a célula base do Pelotão blindado, concebida na mesma forma que a das Forças de Batalha: «olhos e fogo», diferencia-se pela sua importância; compõe-se de cinco viaturas blindadas e quatro de exploração, permitindo combinar grande número de acções, quer elas sejam blindadas, quer sejam de reconhecimento ou mistas.

A sua mobilidade no combate, aliada à capacidade de intervir em força, permite às Unidades de Cavalaria Ligeira Blindada desempenhar um papel essencial no seio das Forças do Território.

R. F. A.

AS UNIDADES DE RECONHECIMENTO NO «BUNDESWEHR»

A concepção do *Bundeswehr*, em matéria de reconhecimento, é muito diferente da do Exército Francês; colocado frente a um problema de natureza particular, fixou como quadro normal o reconhecimento a curta distância.

As Unidades especializadas em reconhecimento formam uma subdivisão de arma aparte, que mantém as tradições da antiga Cavalaria alemã, e se situam nos escalões respectivos da Brigada e da Divisão.

Organização

Ao nível Regimento, não existem, portanto, como nos outros Exércitos estudados, elementos de reconhecimento.

Na Brigada encontramos, actualmente, um Pelotão orgânico, compreendendo sete viaturas de lagarta HS e cinco carros *Leopard* ou *M 48*; é de admitir que, ulteriormente, em função da introdução de novos materiais, a organização se encaminhe no sentido dum reforço. Na Divisão existe o Batalhão Blindado de Reconhecimento, que é a verdadeira Unidade básica.

Compõe-se essencialmente de:

- Uma Companhia de Comando;
- duas Companhias de Reconhecimento;
- uma Companhia Pesada de Apoio.

A Companhia de Comando agrupa os meios de detecção e pesquisa de objectivos (5 radares) e os meios de transmissão.

Revista da Cavalaria

Cada uma das Companhias compreende oito patrulhas ligeiras, com base em dois blindados ligeiros Hotchkiss, e três patrulhas pesadas de três carros médios *Léopard* ou *M 48*.

A Companhia Pesada de Apoio compreende 18 blindados ligeiros Hotchkiss e 10 carros médios, uma Secção de quatro morteiros de 81 sobre viaturas blindadas porta-morteiros Hotchkiss e um Pelotão de Engenharia (elementos de pontes).

Os Materiais

A viatura blindada ligeira SPz 1A (Hotchkiss) representa, actualmente, a viatura básica de reconhecimento: 8 toneladas — 50 km/h — autonomia de 400 km. Está armada com um canhão de 20. Os carros médios são do tipo normal das Unidades de carros de combate.

O «Bundeswehr» prepara desde há alguns anos a substituição dos seus materiais de reconhecimento. O novo material de base será uma AM de oito rodas: de proporções importantes, anfíbias, com 19 ton. de peso, armada com um canhão e uma metralhadora de 7,62, autonomia de 800 km e uma guarnição de quatro homens. Esta AM substituirá progressivamente a Hotchkiss.

Emprego

Como em todos os outros Exércitos, às Unidades de Reconhecimento é confiado um certo número de missões bastante diversificadas de pesquisa da informação, de segurança, de garantia, ou restabelecimento das ligações.

Quadro normal de emprego: o reconhecimento a curta distância, que o diferencia nitidamente dos outros.

No escalão Brigada, as missões serão particularmente limitadas pela própria razão das possibilidades dos seus meios de acção.

As células ligeiras elementares actuam por pontuadas, procuram a informação por infiltração e evitam o empenhamento. Os poucos carros médios podem actuar, tanto repartidos dois a dois, como agrupados para apoiar uma ou várias patrulhas ligeiras, com a finalidade de precisar ou verificar uma informação.

No escalão Divisão, os meios são já mais importantes. O Batalhão de Reconhecimento compõe-se, de facto, de uma reserva de 25 patrulhas ligeiras, que podem ser apoiadas por trinta carros médios e fogos de curto alcance e susceptíveis de ser empregados no decorrer do combate por um comando centralizado, sendo o escalão Companhia considerado, de preferência, como PC «relais» ou de recolha.

No caso da Divisão, as limitações são menos acentuadas do que para a Brigada, mas organização e meios marcam bem o objectivo do reconhecimento a curta distância.

A integração dos meios aéreos, particularmente os helicópteros, não parece estar a ser considerada pelos «Bundeswehr». A doutrina está em elaboração.

Torna-se necessário esperar a introdução de novos meios de helicópteros, colocados, como em França, no escalão Corpo de Exército, para se verem desenharem novas formas de actuar no quadro do trabalho em comum com o reconhecimento.

GRÃ-BRETANHA

O RECONHECIMENTO NO EXÉRCITO BRITÂNICO

Nas forças terrestres britânicas, o reconhecimento não parece revestir-se de uma importância prioritária e a adaptação ao combate nuclear não trouxe ainda, no decorrer destes últimos anos, modificações sensíveis.

Organização

Os Regimentos de Cavalaria Ligeira, repartidos entre a sua reserva estratégica na Metrópole e os Regimentos da BAOR, são do mesmo tipo (os primeiros dispondo de um Esquadrão aerotransportável).

No escalão Corpo de Exército da BAOR, encontramos dois Regimentos; é a este nível contudo que se encontram os helicópteros, igualmente atribuídos à Divisão e à Brigada, mas nunca às Unidades.

O *Regimento de Reconhecimento* comporta essencialmente, além dos seus meios de comando e de serviços, três Esquadrões de combate. A célula base é o Pelotão, sempre sob as ordens de um Oficial e dispondo de bons meios de transmissões. Compõe-se de duas viaturas de combate *Ferret*, das quais uma é armada de um lança-mísil *Vigilant* e de dois blindados ligeiros do tipo *Saladin*.

— O Esquadrão compreende um conjunto assaz pesado de seis Pelotões de combate (cinco de reconhecimento e um transportado, este último equipado de quatro transportes de tropa blindados *Saracen*, empregados, agrupados ou repartidos pelas Unidades de Reconhecimento).

— Além do escalão Corpo de Exército, que beneficia de Unidades Ligeiras Blindadas, convém sublinhar a existência de um Pelotão de Reconhecimento de 10 *Ferret* nos Regimentos de carros e de uma Secção de Reconhecimento de quatro *Ferret* e VTT ao nível Batalhão Mecanizado.

O princípio de organização e o escalão normal de emprego estão muito próximos das concepções francesas; a diferença fundamental reside nas possibilidades das Unidades. O seu equipamento e o seu armamento permitem-lhes missões de pesquisa de informações pela observação e não o combate.

Os Materiais

O *Ferret* é um blindado ligeiro com rodas, de 4,5 ton., armado duma metralhadora de 7,62 — guarnição de dois homens.

O *Saladin*, blindado ligeiro com seis rodas, de 11,5 ton., guarnição de três homens, é armado com um canhão de 76,2 com possibilidades reduzidas e de duas metralhadoras.

O *Saracen*, transporte blindado de tropas, pode transportar 10 homens.

As Unidades de Reconhecimento britânicas dispõem, no seu conjunto, de materiais já antigos, pelo que se prevê a sua substituição nos próximos anos. Dois materiais estão em vias de desenvolvimento:

Revista da Cavalaria

O *Scorpion*, viatura blindada de lagartas, célula base duma família que substituirá o *Saladin* e o *Saracen*. Pesa 8 ton, o seu armamento principal é um canhão de 76 mm e a sua blindagem é em alumínio;

o *Fox*, viatura blindada de rodas, destinada a substituir o *Ferret*, armado de um canhão de 30 mm, está previsto para uma guarnição de três homens.

Emprego

A actuação das Unidades de Reconhecimento britânicas visa, antes de mais, a pesquisa da informação, primeiro em qualidade, em virtude da solidez do seu enquadramento, e, em seguida, em quantidade, pela multiplicidade de células que permita inundar o terreno.

Apesar destas vantagens frente à concepção francesa, falta ao reconhecimento britânico um certo grau de potência, o que limita o seu campo de acção. O campo de batalha de amanhã será, com o desenvolvimento da mecanização em todos os Exércitos, o terreno de eleição de blindados de todas as espécies, que será preciso contrabater para arrancar a informação.

Estes novos aspectos não têm escapado ao EM britânico, que tende a modificá-los nos seus novos materiais de equipamento.

De qualquer modo, actualmente, o Exército Britânico mantém-se fiel à missão tradicional das suas Unidades de Reconhecimento, onde a observação tem primazia sobre o combate.

ESTADOS UNIDOS

AS UNIDADES DE RECONHECIMENTO DO EXÉRCITO DOS EUA

O problema do reconhecimento, nos Exércitos dos EUA, é considerado como muito importante e traduz-se pela presença de Unidades especializadas em todos os escalões do Comando, desde o Batalhão ao Corpo de Exército.

A necessidade da América fazer face a ameaças muito diversas à escala mundial tem, parece, confirmado a necessidade, para o comando das forças terrestres, de dispor de Unidades de Reconhecimento potentes.

O importante desenvolvimento dos meios técnicos de pesquisa de informações, as possibilidades múltiplas no domínio da terceira dimensão têm permitido ao Exército Americano, durante estes últimos anos, colocar em condições um sistema de Cavalaria Ligeira «coerente e eficaz».

No plano das estruturas, ao nível Corpo de Exército, situa-se o Regimento de Cavalaria Ligeira Blindada a três Grupos.

Estes últimos, além do Esquadrão de Comando e Serviços habitual, compreendem essencialmente:

- Três Esquadrões de Reconhecimento;
- um Esquadrão de Carros de Combate (17 M 60);
- uma Bateria autopropulsionada de seis viaturas armadas de obuses de 155,

Revista da Cavalaria

conjunto tão móvel como potente, correspondendo às necessidades do nível em que tem de ser empregado.

No escalão Divisão, encontramos um Grupo de Reconhecimento onde os elementos de combate estão representados por:

- Um Esquadrão de Comando e Serviços;
- três Esquadrões de Reconhecimento a três Pelotões;
- um Esquadrão de Cavalaria do Ar.

O Esquadrão de Comando possui os seus próprios radares.

O Pelotão compõe-se de:

- Uma Secção de Comando (uma viatura de reconhecimento M114);
- uma Secção de Exploradores a quatro viaturas de reconhecimento M114;
- uma Secção de Atiradores transportada numa VTT M113;
- uma Secção de Carros a três *Sheridan* M551;
- uma Secção de Apoio com uma VTT M113 porta morteiro (cal. 4,2").

Lembramos que o carro *Sheridan*, que pesa 15 ton, está armado com um tubo de 152 mm, que pode disparar um míssil AC teleguiado por infra-vermelhos até 3000 m, ou um projectil clássico; este material será uma arma temível para o reconhecimento.

Todos os materiais do Pelotão são, além do mais, anfíbios. Enfim, no escalão Batalhão Blindado e Mecanizado, existe um Pelotão de Reconhecimento de cerca de 30 homens equipados com 9M114 e 1M113.

Que conclusões tirar desta organização?

Primeiro que tudo, a diferença muito importante das estruturas nos vários escalões de emprego, diferença que encontramos, seja dito de passagem, nas Unidades de Reconhecimento afectas aos diferentes tipos de GU aeromóveis, aerotransportados, etc.. Traduz-se por uma dosagem: potência e mobilidade dos meios ajustados às necessidades do comando interessado.

Uma outra característica evidente reside na integração dos meios helicópteros no seio dos conjuntos terrestres e sua diversidade de emprego (ligação, observação, ataque), no quadro do Esquadrão de Cavalaria do Ar, colocando na mesma mão todos os meios poderosos de tiro anticarro.

Por fim e sobretudo, a opção tomada nitidamente sobre a aptidão para o combate das Unidades de Reconhecimento, concretizada pela potência dos elementos que constituem a célula básica Pelotão do Esquadrão de Reconhecimento.

U. R. S. S.

O RECONHECIMENTO NOS EXÉRCITOS SOVIÉTICOS

A organização, o comportamento e o accionamento do reconhecimento no Exército Soviético são mais difíceis de discernir.

Revista da Cavalaria

É preciso estudá-los no contexto geral do emprego, quer dizer, no quadro de acções ofensivas, dispondo de potentes meios destinados a «ir depressa e longe» sob o signo da continuidade.

Organização

— No escalão Regimento Blindado ou Motorizado existe uma Companhia de Reconhecimento a três Pelotões: carros PT 76, enginhos blindados ligeiros, motorizados.

— No escalão Divisão existe um Batalhão a três Companhias: carros PT 76, enginhos blindados ligeiros, Companhia Motorizada ou Helitransportada.

— No escalão Exército, a mesma articulação.

Os materiais

O PT 76 é um carro ligeiro (15 ton) anfíbio; é armado dum canhão de 76, podendo atirar até 1000 m, em cadências que poderão atingir oito tiros por minuto. O BRDM é um engenho blindado ligeiro (6,5 ton) de reconhecimento anfíbio, armado duma metralhadora de 14,5 sob a torre e transportando três ou quatro homens.

Emprego

Julga-se que, esquemáticamente, se podem distinguir duas maneiras de actuar diferentes. A primeira, com base em Unidades especializadas de reconhecimento numerosas e de composição muito variável... A sua missão é informar pela observação, evitando ao máximo o combate.

A segunda, que classificaremos de «reconhecimento em força», trabalha na maioria das vezes no escalão Exército e comporta Unidades especializadas, mas sempre reforçadas com Unidades de todas as Armas das forças de manobra. Têm por missão penetrar profundamente no dispositivo adverso com objectivos precisos: pesquisa de meios nucleares inimigos, pesquisa de concentrações, preparação do empenhamento das Grandes Unidades.

Convém sublinhar que, contrariamente aos outros Exércitos estudados, a maior parte dos meios técnicos de pesquisa e aquisição dos objectivos não se encontram senão ao nível dos escalões elevados do comando, o que pode explicar-se pela orientação ofensiva da doutrina; é assim que nos «reconhecimentos em força» se encontrarão meios do Exército especializados na pesquisa e na localização dos objectivos (reconhecimento radar, reconhecimento NbC, reconhecimento de Engenharia e de Artilharia, etc.).

O reconhecimento aéreo está directamente subordinado à frente; pode fornecer as suas informações por «relais» aos escalões subordinados. Quanto aos helicópteros, eles pertencem à aviação e situam-se no escalão Exército; desde já, a possibilidade de acções de pára-quedistas no escalão Divisão é considerada como normal; parece que a URSS não definiu ainda a sua doutrina de emprego respeitante aos helicópteros no quadro do reconhecimento.

De qualquer modo, vê-se que a acção, os fins e os processos de reconhecimento soviéticos são muito vastos.

A preocupação com a informação, a obsessão na sua pesquisa, juntas ao aparecimento da arma nuclear, têm como consequência o aumento da importância do reconhecimento em todos os escalões e sobre formas múltiplas.

CONCLUSÃO GERAL

O que, antes de mais, impressiona nas exposições sumárias que dizem respeito ao reconhecimento nos diversos países, *é ver quanto este problema está, por toda a parte, na ordem do dia*. Isto manifesta-se por pesquisas técnicas e doutrinais numerosas.

Quase todos os países aperfeiçoam os materiais novos; as discussões entre os méritos comparados das soluções com rodas e com lagartas têm-se concretizado por numerosos ensaios de protótipos, sem encerrar definitivamente a questão.

No domínio da electrónica e dos armamentos modernos, todas as possibilidades têm sido estudadas: radares, mísseis, fumos, etc.. Enfim, as pesquisas respeitantes à utilização da terceira dimensão têm verificado grandes progressos, tanto nos helicópteros armados, como nos helicópteros de observação e de combate.

Do ponto de vista doutrinário, todos os países aceitam a ideia de que o reconhecimento deve dispor de meios de combate. Só a Grã-Bretanha continua fiel à teoria dum reconhecimento em que a única missão é a pesquisa da informação de qualidade fornecida por meios humanos ou técnicos.

Supõe-se que a RFA procura dispor, primeiro que tudo, duma cobertura sólida mais próxima das suas forças de manobra.

Os EUA, pelo contrário, pretendem dar à sua Cavalaria um certo grau de polivalência, tornando-a apta para missões diversificadas. Fornece-lhe helicópteros numerosos, que vão dos aparelhos de reconhecimento aos aparelhos de combate seriamente armados para a luta anti-carro, sem descurar, por outro lado, o aperfeiçoamento do armamento terrestre.

A URSS considera antes o reconhecimento como devendo fornecer, num contexto nitidamente ofensivo, as informações necessárias à entrada em acção das Grandes Unidades; é por essa razão que tende a tomar rapidamente a acção no escalão Exército, para melhor assegurar a sua continuidade.

Quanto à França, tendo em conta as suas possibilidades e as suas possíveis missões, tem estudado com o mesmo cuidado o reconhecimento na Defesa Operacional do Território e nas Forças de Manobra.

Nestas, ela tem-se preocupado em colocar os seus Regimentos de Reconhecimento num escalão suficientemente elevado, para poder explorar rapidamente as informações de observação e de contacto que espera, e que permitirão melhor orientar as Divisões nas suas missões.

Míssil Guiado «REDEYE»

Artigo publicado na revista «U. S. Army-Fact Sheet»
— Dezembro de 1966

1. Antecedentes

O *Redeye* foi criado para fazer face às necessidades de armas de defesa anti-aérea que pudessem acompanhar as tropas em qualquer ponto da zona de combate e em todos os terrenos e, fossem eficazes às altitudes e aos alcances próprios das situações de defesa anti-aérea próxima.

2. Características

- a) Definição — É um míssil Terra/Ar.
- b) Velocidade — Supersónica.
- c) Sistema de propulsão — Carga sólida.
- d) Ogiva de combate — Convencional.
- e) Sistema de orientação — Infra-vermelhos.
- f) Alcance eficaz — 3 km.
- g) Peso do míssil — 8,165 kg.
- h) Comprimento do míssil — 1,20 m.
- i) Diâmetro do míssil — 70 mm.
- j) Peso do lançador do míssil — 5,125 kg.
- k) É uma arma ligeira (de fazer fogo ao ombro) servida por uma equipe de 2 homens (atirador e auxiliar).
- l) É um míssil de caça que é atraído pelas emissões de raios infra-vermelhos do escape das aeronaves.

3. Descrição

São dois os princípios componentes do *Redeye*:

- a) O *míssil* — É um cilindro no qual se insere um dispositivo de orientação, uma mistura convencional altamente explosiva e um dispositivo de propulsão de combustível sólido.

Revista da Cavalaria

- b) O tubo de lançamento — É constituído por um punho de material plástico moldado, um tubo de lançamento propriamente dito, um aparelho de pontaria e um alojamento para pilhas. Contém ainda um sistema de controle, um indicador de objectivos e um controle de circuitos eléctricos.

Eventualmente, o tubo de lançamento também serve como um contenedor selado do míssil, que o protege contra efeitos do meio ambiente.

4. Emprego

- a) O *Redeye* é empregado em boas condições de tempo, na orla anterior da Zona de Resistência, para proteger as tropas combatentes contra aeronaves voando a baixa altitude, e pode ser accionado em escassos segundos após a detecção daquelas.

Pode também ser destinado a assegurar a defesa anti-aérea de pequenas áreas vitais, quando não se disponha doutros meios para esse fim.

Com os *Redeye* complementa-se a defesa anti-aérea de toda a área da Divisão.

- b) Inicialmente, qualquer objectivo é detectado à vista e, seguidamente, sinais acústicos e visuais do *Redeye* indicarão o momento óptimo para o disparo.

Uma vez convenientemente enquadrada a aeronave, o atirador carrega no gatilho, logo que aquela se encontre ao alcance de intersecção.

- c) A localização das armas deve conferir o máximo de observação, um alerta oportuno e a defesa da Unidade, protegida em todas as direcções.

- d) Os alertas têm a forma de um relatório difundido pela equipa referenciadora, do qual constará a direcção de aproximação das aeronaves inimigas, e serve simultaneamente de ordem de alerta para todas as equipas.

Por razões óbvias, as aeronaves devem ser previamente bem identificadas pelas equipas.

5. Atribuição

- a) Normalmente, é atribuída 1 Secção às Unidades de nível Grupo ou Batalhão, com um número variável de equipas. Assim:

— Nas Unidades de Manobra — 4 equipas.

— Nas Unidades de Apoio — 3/4 equipas.

- b) Quando não existirem outras armas de defesa anti-aérea disponíveis para proteger a área do Grupo ou Batalhão, as equipas de *Redeye* podem ser atribuídas aos Esquadrões, às Companhias e às Baterias.

- c) As equipas são controladas pelo Comandante da Secção e integradas na rede de alerta de defesa anti-aérea.

Aspectos Inesperados da Guerra no Deserto

Artigo da autoria de PETER D. LYNCH, publicado no «Diário de Notícias»

ALGURES NO DESERTO DO SINAI OCUPADO POR ISRAEL — A mais recente das armas secretas de Israel é a mais antiga do deserto — o camelo. Embora não tenha ainda um ano, a Camelaria israelita demonstrou já que é uma eficiente arma contra os guerrilheiros árabes e a espionagem egípcia nos vastos areais do deserto do Sinai.

Tem sido igualmente grande impacto psicológico. Quem poderia imaginar que os soldados de um dos exércitos mais modernos e de maior mobilidade do mundo iriam transportar-se, através do deserto, em cima de camelos? Os árabes certamente não o imaginaram nunca.

«Quando os árabes vêem as tropas israelianas montando camelos ficam completamente chocados» — explica-nos um oficial, que não pode ser identificado por motivos de segurança. E conta-nos que nos primeiros tempos da Camelaria — uma força conjunta de beduínos árabes e de tropas regulares israelianas — este simple facto de manter os militares regulares de Israel em cima dos camelos constituiu um sério problema.

Os beduínos nasceram para aquilo. Mas os jovens judeus não distinguem um do outro os dois extremos do camelo... Antes de se habituarem ao equilíbrio especial que é necessário manter, as quedas sucediam-se com a mais perfeita regularidade.»

Posso confirmar a veracidade da observação. Convidado a acompanhar uma patrulha de quatro homens, instalei-me em cima do camelo e verifiquei, ao fim de dez minutos de experiência, que me eram necessários os dois pés e as duas mãos apenas para me manter lá no alto. Não me restava absolutamente nada para conduzir o animal — e declinei o convite.

Os camelos têm sido utilizados para a guerra do deserto desde há séculos. Mas caíram em desuso. Entretanto, quase todos os exércitos da região guardam apenas um corpo de Camelaria para as cerimónias oficiais. E, por isso mesmo, ninguém esperava que Israel fizesse semelhante experiência.

Mas não foi apenas o problema de manter os militares israelianos em cima das suas montadas que preocupou os instrutores do novo corpo do Exército. Foram muitos outros — entre os quais as aventuras amorosas entre os camelos.

Revista da Cavalaria

«Recentemente todo o nosso sistema de patrulhas foi desorganizado, até que descobrimos que era a época de reprodução dos animais. Então separámos os machos das fêmeas, e tudo voltou à normalidade» — diz-nos o mesmo oficial.

Depois, houve ainda o problema de acostumar os camelos aos tiros das armas automáticas. Na primeira experiência — conta-nos o oficial — os camelos lançaram-se a galope, espalhando a patrulha por uma enorme área.

«Levou algum tempo até que os animais se acostumaram ao som do tiro-teio mas agora é um problema resolvido.»

Os israelianos trabalham na solução de mais um problema: conseguir uma sela melhor para os camelos. As selas actuais, que são muito mais cómodas como cadeirões de sala de estar do que em cima de um camelo, são utilizadas, pelo menos, há dois séculos.

«Depois de uma missão de três dias em camelos, são necessários mais de oito dias para que os músculos retomem as suas funções sem dor. O que estamos a experimentar agora é um modelo de sela que mais parece uma cadeira de baloiço, com o assento de espuma de borracha e as costas de descanso. Esperamos ter esse problema resolvido muito em breve.»

Apesar dos problemas, o Corpo de Camelaria tem dado bons resultados militares:

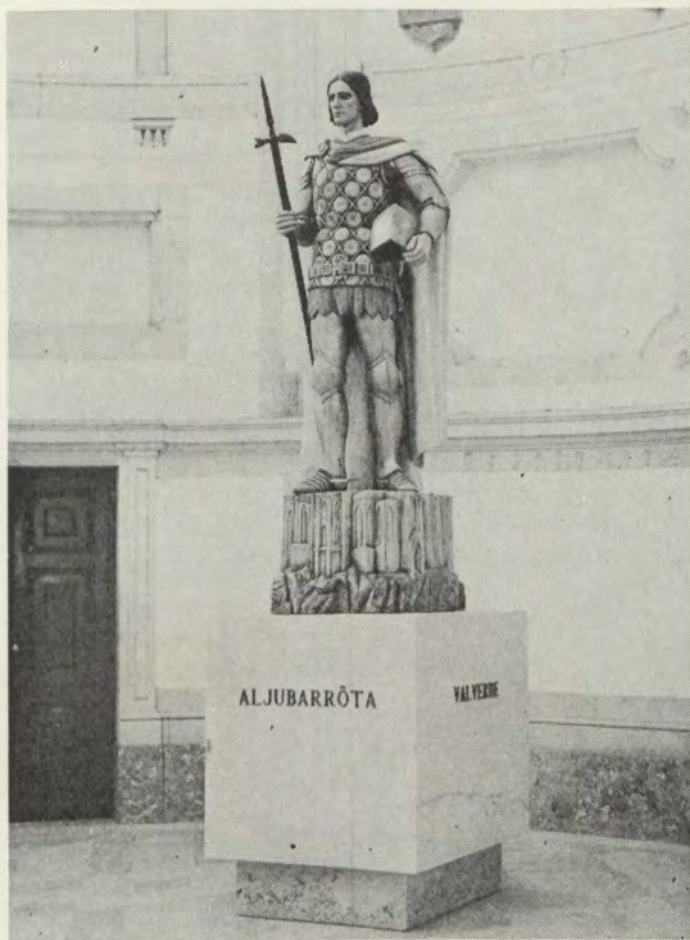
«Na maioria dos casos, as nossas patrulhas têm de enfrentar situações de segurança em que precisam de contar com o elemento surpresa.

Os carros blindados, mesmo quando equipados com pneus especiais para as dunas, têm de ser conduzidos com a utilização dos travões e das mudanças de velocidade, e ouvem-se aproximar a quilómetros de distância. Os helicópteros também são barulhentos, e ouvem-se muito antes de chegar a qualquer local. Com os camelos, as guerrilhas ignoram a presença das tropas até depois de se ter chegado junto delas.

Pode haver quem julgue que a utilização da Camelaria é um caminho retrógrado da guerra. Em nossa opinião, trata-se de um medida estratégica muito avançada.»



ESTÁTUA DE D. NUNO ÁLVARES PEREIRA



Traduzindo o sentimento de gratidão de todos os Infantes ao seu Patrono, foi, no dia 14 de Agosto de 1971 — Dia da Infantaria —, solenemente inaugurada, na Sala Elíptica da Escola Prática de Infantaria, uma Estátua de D. Nuno Álvares Pereira.

Esta cerimónia foi presidida pelo Ministro da Defesa Nacional e do Exército, General Horácio Sá Viana Rebelo, com a presença de outras altas individualidades.

A estátua, toda de madeira de cedro do Brasil, mede 1,70 m. e, pesando cerca de 300 kg., está assente numa base em mármore, oferecida pela EPI, na qual estão inscritas as batalhas em que D. Nuno tomou parte.

Por sua vez, a sua construção foi efectuada com a comparticipação de todas as Unidades de Infantaria.



